

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



A Parentalidade Tardia: os Pais, os Filhos e o Amanhã

Vanessa Nunes Neves

12322

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Aplicada

Especialidade em Psicologia Clínica

2008

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

A Parentalidade Tardia: os Pais, os Filhos e o Amanhã

Vanessa Nunes Neves

Dissertação orientada por António Pires

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Aplicada

Especialidade em Psicologia Clínica

2008

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Professor António Pires, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673 / 2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

Agradecimentos

Ao meu orientador, professor António Pires, pelo incentivo e confiança demonstrados durante todo o percurso deste projecto, desde a liberdade na escolha deste tema, até à compreensão e alento nos momentos finais de maior ansiedade.

A toda a minha família, pela motivação e força que sempre transmitiram e pela solidariedade na resolução de cada obstáculo. Ao Gonçalo e à Inês pela inspiração e criatividade que me oferecem todos os dias, à minha mãe pelo amparo nas horas de incerteza, ao meu pai(“drástico”) por insistir na importância de alargar os meus horizontes, e ao meu pai pela sua disponibilidade e paciência inesgotável.

Aos meus amigos, por me acompanharem nesta e noutras caminhadas. À Quélia, à Soraia e à Filipa, por terem sempre acreditado em mim. À Raquel, por ter estado sempre presente. À Joana, por me ter demonstrado, mais uma vez, que os pilares mais antigos não são os mais frágeis, mas sim os mais firmes.

Ao João, companheiro de secretária e de vida, pelo apoio nas horas de trabalho árduo, e, sobretudo, pela dedicação nas horas vagas...

Muito Obrigada!

“Sou eu que começo? Não sei bem o que dizer sobre mim. Não me sinto uma mulher como as outras. Por exemplo, odeio falar sobre crianças, empregadas e saldos. Tenho vontade de me suicidar quando me convidam para uma festa de anos de criança e sinto-me sempre esquisita quando uso um lenço ao pescoço. (...) Às vezes sinto-me uma mulher mascarada, como se desempenhasse um papel em sociedade só para me sentir integrada, a fazer parte do mundo.”

(Martha de Medeiros, *in* Divã)

Índice

I. Artigo de Revisão de Literatura	1
Resumo	2
<i>Abstract</i>	3
Introdução	4
A Parentalidade Tardia	6
Génese do Adiamento da Parentalidade	8
A Primípara Tardia	13
A Gravidez	15
Risco Psicológico e Adaptação à Parentalidade	16
Transição para a Parentalidade	20
Papéis Parentais	21
Comportamento Parental	22
Recursos Parentais	24
Relações Intergeracionais	26
As Angústias e o Super-Ego	27
Transmissão Intergeracional	29
Inversão de Papéis	29
Conclusão.....	32
Referências.....	35
II. Artigo Empírico	41
Resumo	42
<i>Abstract</i>	43

Introdução.....	44
Método	47
Resultados	51
Discussão.....	60
Referências	64
III. Anexos.....	69
ANEXO A: Teoria do Controlo do Ciclo de Vida	71
ANEXO B: Complicações Médicas da Gravidez Tardia	74
ANEXO C: Guião de Entrevista aos Pais	80
ANEXO D: Guião de Entrevista aos Filhos	87
ANEXO E: Termo de Consentimento Informado	93
ANEXO F: Utilizando a <i>Grounded Theory</i>	95
ANEXO G: Entrevistas	100
ANEXO H: Lista de Categorias	185
ANEXO I: Questões Suscitadas pelo Modelo Teórico	189
ANEXO J: Memorandos	192

I. Artigo de Revisão de Literatura

Resumo

Esta revisão de literatura visa ilustrar o fenómeno da parentalidade tardia na perspectiva da psicologia, assim como dos aspectos psicologizantes presentes nestas famílias e nas suas relações, numa tentativa de completar o vazio da literatura recente, que não acompanha a crescente incidência desta tendência nos países industrializados. Explorámos os factores psicológicos e ambientais que possam explicar a tomada de decisão, as motivações, as dificuldades e necessidades associadas à criação e educação de um filho com 40 anos a menos que os pais. Uma revisão de literatura sobre este fenómeno deverá abranger uma multiplicidade de variáveis, que enquadrem a parentalidade tardia no seu contexto, aprofundando as questões de base relacionadas com a gravidez e a adaptação à parentalidade, reflectindo sobre o comportamento dos pais tardios na transição para a parentalidade e insistindo na apreciação do impacto da idade parental no desenvolvimento dos filhos. Apesar da escassez de literatura sobre o impacto psicológico deste fenómeno nos membros das famílias, a grande maioria dos estudos parece relacionar o adiamento da parentalidade com alterações e mudanças do papel da mulher na sociedade, nomeadamente com o investimento na carreira, o que, concomitantemente, poderá trazer algumas incompatibilidades na conjugação de papéis diferentes, não parecendo ser, contudo, esse factor determinante para as relações intergeracionais. Há uma tendência para relacionar a idade parental com comportamentos sobre-protectores, o que, conjugado com a possibilidade de uma angústia de morte mais evidente dos filhos tardios, poderá resultar em maiores dificuldades de autonomia, separação e independência.

Palavras-chave: Parentalidade tardia, idade parental, relações intergeracionais, comportamento parental, angústia de morte.

Abstract

The present research's aim is to illustrate the psychological perspective on the delayed parenthood phenomena, as well on the psychologically predisposing aspects of the families and its relationships, in an attempt to fulfill the void left by the modern literature that does not keep up with this ever more often tendency in the industrialized nations. We have explored the psychological and environmental factors that can provide some explanation on the decision making, the motivations, the difficulties and necessities related with the nurture and education of a son 40 years younger than his parents. So it can take account of the multiple variables that provide the social layout of the delayed parenthood, a thorough literary review on this phenomenon must examine the basic issues related with pregnancy and parenthood adaptation by reflecting on the parental behavior during the transition to parenthood and stressing out the impact of the parents age on the child's development. Even though the literature fails to clarify the psychological impact of this phenomenon on the family members, the majority of studies seem to relate the parenthood postponement with the changes on the woman's role in society, namely with her career investment, which, therefore can originate incompatibilities during the conjugation of the different roles, although there are no evidences that this factor should be determinant to the intergenerational relationships. The tendency to relate parental age with over-protective behaviors, could, if associated with the possibility of death angst present in late children, aggravate the difficulties in separation, autonomy and independence.

Key-words: Delayed parenthood, parental age, intergenerational relationships, parental behavior, death angst.

Introdução

A parentalidade surge, em vários contextos e sob diversas modalidades, constituindo-se como o processo pelo qual os pais passam para se tornarem pais e a partir do qual sofrem um reestruturação psicoafectiva que lhes permite estar disponíveis para responder às necessidades (físicas, afectivas e psíquicas) do(s) seu(s) filho(s) (Bayle, 2005). A parentalidade desenha-se a partir da estrutura familiar, enquanto unidade básica da interacção social (Osorio, 2002), definindo-se, essencialmente, como uma “união mais ou menos durável e socialmente aprovada de um homem e de uma mulher e dos seus filhos” (Bayle, 2005). “Se a teorização da vinculação foi importante para a compreensão do desenvolvimento do indivíduo e da sua personalidade, também o papel da família e o seu funcionamento foi forçosamente objecto de estudo para vários autores, pois ela é o pilar necessário para um bom equilíbrio, não só pessoal mas também social” (Bayle, 2005, p. 317).

Apesar de os papéis materno e paterno se terem vindo a modificar com o tempo, a função familiar de acolhimento da criança permanece igual, como primeiro grupo que estrutura a personalidade da criança, a família deve assegurar a sua protecção, carinho, amor e responder de forma adequada às suas necessidades fundamentais. Concomitantemente, “a família vai permitir desenvolver intelectual, afectiva e socialmente a criança, a ter uma representação de si própria, a desenvolver a auto-estima, a controlar as emoções.

“Mas para isso a família precisa de ter «uma casa» (Freud, A.), ser «contentora» (Bion), um «meio facilitador» (Winnicott), para dar «uma base segura» (Bowlby), com uma mãe «suficientemente boa» que esteja numa «preocupação materna primária» (Winnicott), com bons momentos de *holding* e *handling* oferecendo, quando necessário, o «*object presentig*» para estimular a criança e de um pai presente para apoiar a mãe na sua função materna” (Bayle, 2005, p. 322).

A família de hoje está muito diferente da de outrora. Os modelos familiares entram em crise e a sua identidade não existe mais com a estrutura que lhe era característica (Bayle, 2005). As “novas parentalidades” têm estado em destaque não só por serem diferentes, mas sobretudo por poderem ser mais problemáticas do que as tradicionais (Leal, 2005). Entre a homoparentalidade, a procriação artificial sem relação sexual, ou a relação sexual sem risco de reprodução, surge uma nova tendência: desejos tardios de parentalidade. A onipotência da ciência permite que as mulheres adiem a sua primeira gravidez para depois dos 35 anos, ou que as mulheres que até já têm filhos tenham desejos “todos-poderosos e mágicos”, mesmo

durante a menopausa, “dando à criança uma responsabilidade importante e aos pais uma parentalidade desigual em relação aos outros pais” (Bayle, 2005, p. 338).

O perfil das primíparas tardias geralmente corresponde a um género de mulheres mais cultas e informadas que escolheram ter filhos mais tarde, pois compreendem que a tecnologia pode ser usada a seu favor e que não correrão riscos de impossibilidade de engravidar ou de complicações médicas sem solução. “Na actualidade urbana o período que ronda os 30 anos parece ser o mais preferencialmente escolhido para a mulher ter o 1º filho. Por esta altura já estudou, já se instalou numa carreira – aprendeu a conhecer-se.” (Correia e Leal, 1989, p. 54).

Só recentemente se começou a pensar neste fenómeno como uma preocupação em relação às futuras crianças. “Será que a criança de hoje sofre mais do que no passado, apesar de todo um bem-estar que lhe é dado” (Bayle, 2008b, p. 28)? De que maneira a diferença de idades entre a criança e os pais, o tipo de educação proporcionada e o tipo de relacionamento assumido pelo casal, estará a interferir no desenvolvimento da criança (McLanahan, 2004, in Carini, Powell e Steelman, 2006)?

Uma revisão de literatura sobre este fenómeno deverá abranger uma multiplicidade de variáveis, que enquadrem a parentalidade tardia no seu contexto, aprofundando as questões de base relacionadas com a gravidez e a adaptação à parentalidade, reflectindo sobre o comportamento dos pais tardios na transição para a parentalidade e insistindo na apreciação do impacto da idade parental no desenvolvimento dos filhos. No intuito de explorar a literatura existente sobre estes domínios numa população específica, foram consultadas várias bases de dados, nomeadamente, Ebsco, B-on, Scielo, Docweb do ISPA e SIGUL da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, com um leque de palavras-chave muito abrangente (em português, inglês e francês), de modo a contrariar os escassos resultados obtidos: novas parentalidades, parentalidade (tardia), gravidez (tardia) maternidade/paternidade (tardia), primiparidade (tardia), adiamento, pais idosos, conflito/diferença de idades, conflitos geracionais, relações intergeracionais, relações pais-filhos.

A Parentalidade Tardia

A parentalidade tardia remete-nos para um contexto familiar em que ambos os pais, com idades superiores a 35 anos, tomam a decisão de ter um filho. O conceito de parentalidade tardia está relativamente pouco explorado, em grande parte, por dois motivos: em primeiro lugar, constitui-se como um fenómeno relacionado e justificado somente a partir das mudanças sociais e culturais da actualidade, que exclui os aspectos psicológicos; em segundo, tem-se falado, desde sempre, da maternidade, em detrimento da parentalidade, como mais significativa para a educação dos filhos. Assim, e de acordo com a classificação da FIGO (Federação Internacional de Ginecologia e Obstetrícia), estamos perante uma “primípara idosa” quando uma mulher adia a sua primeira gravidez para depois dos 35 anos (Correia e Leal, 1989).

Para compreender melhor as transformações que testemunhamos actualmente na família, será útil recordar as origens, bem como a evolução desta instituição, já que a estrutura de uma família pode variar em função da época histórica, dos factores sociopolíticos, económicos ou religiosos que predominam em determinada cultura (Osorio, 2002) e a par com as mudanças na estrutura familiar, também a parentalidade se modifica ao longo do tempo (Bayle, 2005; Bradley e Corwyn, 1999).

Contrariamente ao que assistimos hoje, na idade média, a família era aberta ao exterior, ou seja, relacionava-se com membros da família alargada e com vizinhos, não sendo valorizada a privacidade. A reprodução era certa aquando da sexualidade, e esta era vista unicamente para esse fim (Bayle, 2005). O indivíduo não tinha individualidade, possuindo expressão apenas a um nível grupal, sendo a família orientada para este grupo e para a sua sobrevivência (Bayle, 2008a).

No século XVII, a família continua a ser de influência patriarcal e o parto um assunto de mulheres, no entanto, a expressão das emoções começa a desenvolver-se e cabe à parteira e à mãe criarem um clima emocional adequado para a mulher grávida (Bayle, 2005; Cruz, 1990). O olhar sobre a criança muda, bem como os sentimentos da família em relação ao cuidado deste ser, afastando-se da família numerosa para uma mais restrita, constituída por pais e filhos (Bayle, 2008a).

Só no século XVIII é que a função materna começa finalmente a ganhar estatuto, para que, um século mais tarde, sejam desenvolvidos os conceitos relacionados com a educação, a ligação precoce à criança e ainda o próprio amor materno (Leal, 1997).

No século XIX, a autoridade paterna é revalorizada mas, o pai tem agora obrigações morais, e pode ser destituído se não as cumprir (Bayle, 2005). No final do século XIX, com a introdução da família edipiana de Freud, surge a valorização da mulher e mãe enquanto feminino na «dinâmica familiar»: “Valoriza-se a diferenciação sexual, a identidade sexual separa o homem da mulher, mas também se desenvolve a diferença cultural. Aparece então o declínio da função paterna e a partilha da autoridade parental (o pai perde o direito não só de corrigir os filhos mas também de onipotência marital)” (Bayle, 2005, p. 319). A obstetrícia surge como especialidade médica dedicada à mulher, enquanto reduzida ao seu papel social da época: ser mãe (Leal, 1997). O terceiro terço do século XIX foi rico em progressos científicos e tecnológicos, diminuindo consideravelmente a mortalidade, bem como aliviando um pouco as mulheres das tarefas de gestação e amamentação. O aperfeiçoamento e comercialização dos contraceptivos hormonais e dos dispositivos intra-uterinos a partir do final dos anos 50 marca uma viragem nos papéis desempenhados pela mulher: esta passa a decidir sobre o número de gravidezes a que se expõe – ou que pretende – bem como o momento em que prefere fazê-lo (Lefaucher, 1991). Este conjunto de fenómenos põe em destaque as primeiras famílias nucleares, conhecidas na época como burguesas (Leal, 2005), bastante fechadas e com fortes laços emocionais em comparação com as famílias alargadas, com as particularidades de já ser permitida a escolha do cônjuge com fundamento em sentimentos como o amor e o afecto, surgindo a educação dos filhos como uma prioridade familiar (Bayle, 2005).

A partir de 1950 e até ao final do século XX, assiste-se a mudanças na parentalidade que revelam um curioso paradoxo: se, por um lado, assistimos à modernização das famílias e dos papéis parentais, por outro, mantém-se uma certa “concepção idealizada e mítica da família” (Leal, 2005, p. 372). Em simultâneo com os progressos científicos dedicados ao público feminino, “a mulher-mãe passa também a ser responsável por «cuidar do inconsciente e da saúde emocional dos filhos»” (Leal, 1997, p. 210). Consequentemente, se em 1950, a mulher esperava cumprir a sua intenção de ter filhos pelos 20 anos e se considerava que aos trinta seria tarde demais, já em 1970, a mulher espera pelos trinta anos para ter filhos, pois está motivada na realização de projectos profissionais e deseja “gozar” a autonomia conseguida (Macneill e Wu, 2002).

A partir dos anos 70 o pai perde o seu valor enquanto único chefe de família e partilha com a mãe a questão da parentalidade, interessando-se pela sua imagem e função social, forçando a inversão dos papéis. Na década de oitenta, a mulher de 35 anos já era considerada

uma primípara idosa, e esta idade passou a ser considerada como um marco decisivo para assumir uma mudança na história da reprodução (Macneill e Wu, 2002).

Hoje, “a ciência substitui-se ao homem” e a contracepção abre portas para um poder incrível sobre a procriação por parte das mulheres: estas decidem se podem ou querem engravidar de um determinado homem e recusar-lhe qualquer direito ou obrigá-lo a reconhecer a criança (Bayle, 2005, p. 320). A família é, de facto, revalorizada e, já que em quantidade os filhos são cada vez mais escassos, em qualidade terão que ser perfeitos (Correia e Leal, 1989), o que leva os pais, em contrapartida, a seguir modelos idealizadas e a exigirem demasiado de si próprios. A criança isenta de qualquer defeito é a perfeita e a desejada, tal como terá de ser, obrigatoriamente, a relação dos seus pais com ela (Bayle, 2005). O investimento que se faz na infância e a crescente indiferenciação dos papéis parentais parecem ser as principais transformações na família contemporânea, destronando o velho *instinto materno* (Leal, 2005).

Na intenção de compreender melhor como se chega a este fenómeno, vamos viajar pelo contexto em ele mais ocorre e tentar traçar um perfil destes pais.

Génese do Adiamento da Parentalidade

À medida que se aprofundamos a pesquisa sobre o fenómeno, os contornos da parentalidade tardia parecem ficar mais definidos, pelo menos, no que concerne à grande maioria das famílias.

O número de mães que têm o primeiro filho após os 35 anos está a crescer a uma velocidade significativa (Martin et al, 2002), mas com principal incidência nos países industrializados, onde encontramos mais facilmente métodos contraceptivos, melhores condições de acesso à educação/instrução e maior oportunidade de carreira para as mulheres (Dion, 1995; Macneill e Wu, 2002). Estas três variáveis, de contexto sócio-económico-cultural, em conjunto com o possível impacto negativo que o nascimento de uma criança pode ter na carreira da mulher, a falta de estabilidade financeira (nas idades mais jovens) ou o desejo de permanecer em liberdade o máximo de tempo possível até aceitar a responsabilidade – irreversível – de entrar na parentalidade (Carolan, 2005), são as mais constantes nas causas apontadas por diversos autores para o adiamento da parentalidade.

As mudanças sociais e culturais a que assistimos encaminham tanto as jovens mulheres como os homens para a parentalidade tardia, alargando o período de dependência instrumental e emocional dos pais e, conseqüentemente a um atraso na realização de tarefas psicossociais

que assinalam a transição para a fase adulta. O estabelecimento de objectivos e investimento a longo-prazo pode tornar-se problemático, já que as dimensões da identidade associadas ao desempenho de papéis da vida adulta só são desenvolvidas depois dos 30 anos (Coimbra e Nascimento, 2001/2002). A transição para o casamento parece desempenhar um papel importante para o planeamento da primeira gravidez, no sentido em que este ritual indica a capacidade de fazer as mudanças necessárias de status e passar para estágios futuros do ciclo de vida familiar (Lopes, Menezes, Piccinini e Santos, 2006).

Também na tentativa de melhor explicar a tendência actual para atrasar a gravidez, Charlton (2007) introduz um novo conceito a que chama “*psychological neoteny*”, com o objectivo de compreender um outro fenómeno mais abrangente: o adiamento do próprio desenvolvimento biológico. A maturação das atitudes e dos comportamentos, na opinião de Charlton (2007), está comprometida, principalmente, para os jovens adultos das sociedades modernas, já que é onde se verifica um maior e prolongado investimento na instrução académica. A crescente dificuldade em entrar no mercado de trabalho impede que os jovens encontrem condições para assegurarem o seu próprio lar e constituam novas famílias sem o suporte dos pais (Osorio, 2002). Assim, apesar de esta estadia na casa dos progenitores parecer, à primeira vista, uma condição vantajosa, esconde um atraso nas experiências-chave da vida que encaminhariam os jovens para o desenvolvimento da responsabilidade. O casamento e a parentalidade são indicadores da maturação psicológica do indivíduo, já que constituem decisões para “assentar”, característica que se opõe ao estilo de vida mais flexível dos jovens (Charlton, 2007). Ao ter um filho, os pais estão a renunciar às suas antigas vidas, em que viviam “singularmente” e egocentricamente e a tudo o que esse estilo de vida abrangia (Johnson e Shelton, 2006).

De facto, uma mulher inserida no mundo profissional, com um background educativo elevado, tem mais probabilidades de nunca se tornar mãe. Se uma mulher teve o privilégio de crescer num meio com um nível elevado de incentivo à educação e instrução, e se se encontra empregada, é bem provável que seja uma das 28% de mulheres que ainda não tiveram filhos aos 30 anos e que optarão por não ter filhos como uma decisão permanente (Macneill e Wu, 2002). O fenómeno da parentalidade tardia é, então, mais visível em populações de mulheres que ocupam cargos profissionais superiores (Altman e Kaplan, 1977; Drenovsky e Meshyock, 2000), sendo que, o factor que mais varia consoante a idade materna é a tendência para pagar por assistência extra-familiar aos filhos (Berryman, e Windridge, 1997). A valorização do trabalho tende a repetir-se pelas filhas de mães tardias, que percebem a carreira das mães como algo positivo, ou que se apercebem da insatisfação das mães-domésticas e inserem

projectos profissionais nos seus planos para o futuro, mesmo quando este investimento na carreira não tem qualquer relação com necessidades económicas (Altman e Grossman, 1977).

Para além das motivações e prioridades profissionais, outros factores de peso contribuem para o adiamento da parentalidade. Muitas vezes assumimos que a maternidade tardia é algo planeado e projectado pelas mães tardias, no entanto, ficam de fora da maior parte dos estudos as gravidezes tardias não desejadas e inevitáveis (Macneill e Wu, 2002). Podemos, então, dizer que existem, essencialmente, dois tipos diferentes de mães tardias: aquelas que devido à sua idade já não se protegem com contraceptivos e acabam por engravidar espontaneamente – que já tenham outros filhos, ou nulíparas –, e as mães que decidem adiar a primeira gravidez, iniciando, muitas das vezes, longos percursos com assistência médica, para concretizar o desejo de ser mãe. Apesar de ficar para segundo plano, ambas as parentalidades – planeada e não planeada – podem ser desejadas (Daubner, 2002; Drenovsky e Meshyock, 2000). Para consolidar esta ideia, chamo a atenção para o estudo de Windridge e Berryman (1997), no qual foram observadas 346 mulheres que engravidaram depois dos 40 anos, das quais 100 eram primíparas, concluindo que apenas 5% adiaram a gravidez por motivos profissionais, enquanto 40% das mulheres enfrentaram problemas de infertilidade.

Também a infertilidade aparece como um dos factores que explica uma grande fatia de mulheres que adiam a maternidade. De outro ponto de vista, adiar a gravidez tem como risco a diminuição da fertilidade, pelo que a natureza da relação entre estas duas variáveis não tem apenas uma direcção (Jones, 1998). Para além disto, se, em muitos casos, encontramos causas orgânicas para a infertilidade, em muitos outros a infertilidade não tem causa conhecida, levantando-se a hipótese de uma causalidade psicogénica (Bayle, 2008b; Leal e Pereira, 2005). Não se pode dizer que exista um perfil de personalidade da mulher infértil (pelo menos até hoje). Contudo, de um ponto de vista psico-dinâmico, é do consenso geral que o “sofrimento psíquico resulta frequentemente de um compromisso psíquico entre um desejo consciente, ter um filho, e desejos inconscientes contraditórios; isto faz entrar o sintoma estéril num campo mais largo de sintomas” (Faria, 1990, p. 420). Se considerarmos o desejo de parentalidade como “uma aspiração profundamente humana, ao possibilitar a transmissão da herança biológica e cultural num devir transgeracional” (Leal e Pereira, 2005, p. 154), então, a não-descendência pode significar o confronto com a própria morte. Mediante a aproximação de uma das *deadlines* mais importantes do ciclo de vida – a possibilidade de gerar vida – os pais concretizam um balanço sobre as suas vidas, relançando o desejo (tardio) de ter filhos – mesmo que não existisse anteriormente – depositando nos filhos tardios o

destino de “prolongamento e perpetuação da família e das tradições” (Leal e Pereira, 2005, p. 154).

Numa investigação sobre as intenções de reprodução de mulheres que aos trinta anos não tinham filhos, concluiu-se que a maioria das mulheres desejavam ter filhos (por oposição às que não queriam de todo) mas que iam adiando pois investir na educação e na carreira implica tempo. A decisão de adiar é comumente fundamentada com aquilo a que podemos chamar de “parentalidade consciente”, em que é esperado que os indivíduos disponham de um conjunto de recursos materiais, psicológicos e sociais antes de se tornarem pais (Leal e Pereira, 2005). Assim como, para algumas pessoas, o desejo de ter filhos é compatível com outras decisões - porque faz parte -, outras pessoas só desejam – e escolhem - ser pais depois de tudo. Nenhum destes casais sofre de algum tipo de perturbação, no entanto, não podemos garantir que nenhum deles não possa passar por dificuldades. No primeiro caso pode acontecer que, por vezes, o casal se sinta obrigado a ter filhos “a pedido” da família. No segundo, o desejo de maternidade pode ser superior ao de proximidade com o parceiro, constituindo este, apenas, um “passe” para aceder à parentalidade (Leal, 2005).

Adiar a parentalidade torna-se uma hipótese cada vez mais tentadora já que as mulheres se sentem confiantes para contornar o seu relógio biológico com a ajuda da ciência (Macneill e Wu, 2002). A doação de ovócitos é uma das opções para as mulheres que já não são férteis para conceber, no entanto, o bebé nunca estará geneticamente relacionado com a mulher (Bayle, 2008b; Davies, 1996). Uma nova estratégia em voga é o congelamento de óvulos da mulher em idade jovem. Mais tarde, poderá recorrer a fertilização *in-vitro* a partir dos mesmos. Um recente estudo norte-americano aponta a existência de uma centena de mulheres com idades próximas dos 60 anos que quiseram ser mães recorrendo à implantação de óvulos. Toda a mulher tem o direito à reprodução, mas aqui o problema é ético, uma vez que é importante encontrar limites.

Como temos visto até aqui, apesar de muitos estudos nos elucidarem sobre um perfil constante na parentalidade tardia, em que os pais valorizam a carreira em detrimento da construção de uma família, e em que a infertilidade como um obstáculo primordial para a concretização desse objectivo, muitos outros autores sugerem que a causa mais comum para este fenómeno é o simples facto de não encontrar “a pessoa certa”, estando a gravidez tardia positivamente correlacionada com a idade da mulher no primeiro casamento (Ferreira, 2002; Jones, 1998; Macneill e Wu, 2002; Drenovsky e Meshyock, 2000).

Segundo Coimbra e Nascimento (2001/2002), embora a continuidade geracional aconteça em grande parte dos casos, muitas vezes os filhos estão conscientes da herança

social a que foram expostos e podem não querer reproduzir esse padrão de investimentos dos pais nas suas vidas. Nestes casos, os pais não passaram a mensagem de que a parentalidade é uma actividade gratificante e aprazível e que, portanto, não vale a pena investir no papel parental – talvez até em prol do papel de profissional. Tal como nos elucidam Coimbra e Nascimento (2001/2002), a cultura e as relações familiares tornam-se no ponto de partida para a definição de papéis sociais e para a sua orientação em relação ao trabalho e à parentalidade, sendo a transmissão intergeracional familiarizada pela existência de laços afectivos, pelo que a natureza da vinculação pode também influenciar “o grau no qual os conteúdos da experiência se tornam significativos para a geração seguinte” (p. 102).

Num estudo com 4 mulheres primíparas tardias (Ferreira, 2002) chegou-se também à conclusão de que atrasar a gravidez não seria uma opção para estas mulheres, nem uma questão de prioridades. As dificuldades relacionais presentes nas quatro mulheres levaram Ferreira (2002) a crer que são necessários alguns anos para encontrar um parceiro com o qual é possível manter uma relação estável, adiando o casamento e, por consequência, a parentalidade. As histórias de vida destas mulheres demonstram que as dificuldades relacionais foram potenciadas pelo tipo de ligação com as suas próprias mães. Nuns casos, existe um passado marcado pela independência materna precoce, que se traduz numa emancipação da jovem mulher, para a sua própria casa e, conseqüentemente, da resolução de problemas e tomada de decisões sem ajuda de ninguém. Por outro, assistimos a mulheres com grandes dificuldades na conquista da independência e de um espaço próprio, que se acomodaram ao conforto e protecção dos pais e que, apesar de estarem conscientes dos benefícios de se terem tornado independentes mais cedo, reconhecem que são demasiado “fracas” para o fazerem (Ferreira, 2002).

A Primípara Tardia

Tendo em conta uma visão alargada da parentalidade tardia, podemos depreender que a incidência deste fenómeno recai sobre as primeiras gravidezes tardias planeadas, sendo mais pertinente debruçarmo-nos, especificamente, sobre estes casos (Drenovsky e Meshyock, 2000).

Para podermos estudar a questão da maternidade, enquanto capacidade e disponibilidade para cuidar, temos que dar igual importância ao perfil e estrutura de personalidade da mãe, pois a qualidade da maternidade varia de acordo com esta última, e não apenas com a sua idade cronológica (Zogaib, 2002, in Ferreira, 2002).

A mulher de hoje afasta-se largamente do papel passivo e castrado que Freud descreveu, constituindo o antigo «desconhecimento psíquico da própria vagina» uma ideia cada vez mais distante do que se passa na actualidade (Leal, 1997). A feminilidade da mulher contemporânea vai muito além de uma simples defesa contra a castração – cuja característica dominante era um superego frágil – e ultrapassa em grande escala a maternidade como principal vocação da mulher (Leal, 1997). Ser mãe passa a ser, hoje, uma decisão entre tantas outras – e não um objectivo de vida –, à qual a mulher poderá aderir, mas também recusar ou adiar. Ao longo da sua vida, a mulher controla e manipula o espaço e o tempo de acordo com os seus interesses e bem-estar.

No estudo de Dion (1995) foi descoberto que os aspectos positivos mais referidos pelas primíparas jovens em relação à altura escolhida para engravidar se prendiam com a saúde física, enquanto que as primíparas tardias citavam a “preparação psicológica” para sustentar a sua decisão de adiar a gravidez. Welch (1992, in Johnson e Shelton, 2006) chama a atenção para o facto de maior parte das mães tardias serem abastadas, uma vez que tiveram oportunidade de investir na carreira, e que estão em melhor condição de viver a maternidade com confiança pois são elas que escolhem quando e como se irá desenrolar este projecto. As mães que têm o primeiro filho mais tarde, apesar de mostrarem elevada expectativa e preenchimento psicológico, não revelam maior motivação parental do que as mães mais novas (Dion, 1995). Em oposição a este argumento, Carolan (2005) sustenta que a transição tardia para a parentalidade está relacionada com uma maior satisfação com a maternidade e com um maior compromisso com o papel de mãe, destacando a maturidade como grande vantagem nas experiências maternas, potenciando a sua paciência (Carolan, 2005). Contudo, na base do fenómeno de atrasar a gravidez estão os valores de família, e estes caracterizam-se por uma visão individualista do funcionamento familiar da mulher (Dion, 1995).

As mulheres que decidem ser mães mais tarde, querem que seja no momento certo, e por isso, esperam pela altura “ideal”. De acordo com a Teoria do Controlo do Ciclo de Vida (vd Anexo A), ultrapassada a barreira dos 40-45, os processos de controlo tornam-se mais adaptativos; passar a *deadline* implica uma redução de oportunidades – e.g. quando o relógio biológico é ignorado (Wrosch e Heckhausen, 1999). Cada fase de desenvolvimento do ser humano contém um conjunto de oportunidades e contratempos, reproduzindo-se de forma simétrica desde o nascimento até à morte, e atingindo o pico na idade adulta (Heckhausen, 2002).

O adiamento de um compromisso com vista a prolongar um estado privilegiado de conforto e maior vivência em casal parece ter fundamento num estudo de Belsky, Hudson e

Lane (1986), que revela que existe uma maior distinção nos papéis sociais, i. e., uma distribuição de tarefas mais tradicional quando se aproxima a parentalidade. Quanto mais acentuada a divisão tradicional das tarefas domésticas, maior o declínio das considerações positivas que as mulheres tecem acerca do casamento, principalmente quando o tradicionalismo se dissemina por todas as áreas da vida do casal. As mulheres que não auto-atribuem comportamentos femininos em comparação com aquelas que agem de uma forma estereotipada (logo, tradicional) têm tendência a considerar a vida em casal como mais desfavorável quando se aproxima a parentalidade, uma vez que esta conduz a uma alteração mais brusca de papéis.

A imagem que as mulheres têm sobre a paternidade é projectada nas concepções sobre a família, reflectindo as suas próprias vivências pessoais e experiências que marcaram a sua história familiar. Actualmente, testemunhamos uma crise no modelo patriarcal, que se traduz num cada vez mais robusto número de mulheres “chefes de família”, reconhecidas como tal por desempenharem, simultaneamente, funções de pai e de mãe. Apesar deste contexto se estender ao mundo do trabalho, e de aparecerem cada vez mais mulheres directamente relacionadas a actividades reconhecidas culturalmente como próprias dos homens, o domínio profissional continua preso a uma lógica patriarcal. Apesar de assistirmos a transformações que poderiam modificar o papel social da mulher, a conquista do espaço público, o controlo da fertilidade e a expansão da educação formal não têm trazido maior igualdade nas relações de género no interior da família, ficando apenas o desejo “romântico” sobre a figura de um pai participativo e presente – em vez do antigo “ganha-pão” (Beirão e Perucchi, 2007).

Moorehead (2006) sugere ainda uma hipótese curiosa relacionada com a imagem que os *media* projectam sobre as celebridades que facilmente engravidam aos 40 anos. Ainda segundo esta perspectiva, enquanto antigamente existia um “ganha-pão”, hoje em dia estamos perante o modelo dos dois trabalhadores, que planeiam e idealizam, por oposição ao casal de outrora, que apenas ia fazendo.

A Gravidez

A gravidez ocorre num período de 40 semanas, durante o qual a mulher estará alerta em relação ao seu interior e exterior, já que a lenta maturação e a mudança corporal a preparam, progressivamente, para receber a criança. Muitas das vezes a gravidez tardia acarreta

dificuldades para a mãe e para o pai tais como aceitar a individualidade da criança real e a abandonar a imagem de perfeição previamente construída, ou quando a gravidez psicológica não corresponde à gravidez obstétrica, ou ainda pelas próprias complicações médicas da gravidez (vd Anexo B). A gravidez tardia apresenta problemas de ordem médica e é considerada, *a priori*, como uma gravidez de risco. As complicações médicas podem surgir durante a gravidez, no momento do parto ou provocar danos no bebé.

“Ter um filho dentro de um período considerado favorável do ponto de vista físico (...) quer dizer também, em muitos casos, e para muitas mulheres preterir, optar, adiar, diferir projectos. Ter um filho num momento de baixa disponibilidade pode significar o comprometimento da relação e, portanto, do próprio projecto de maternidade.” (Correia e Leal, 1989, p. 53). Podemos imaginar que, na expectativa de poder oferecer uma vida melhor ao seu descendente, ao atrasar o projecto estes pais poderão estar mais convictos quanto ao desejo de ter um filho. A estabilidade financeira torna-os mais seguros e a experiência de vida acumulada ajuda em mais uma adaptação/mudança.

No estudo de Ferreira (2002), todas as primíparas tardias consideravam o filho uma criança muito desejada, como um motivo de orgulho para os pais, que o elogiavam pela sua “sensibilidade” em relação aos outros, pela “sociabilidade” (conseguindo relacionar-se com crianças da mesma idade e mais velhas), pelo facto de “conversar como um adulto” (os pais com a criança como se estivessem a conversar entre adultos) e ainda por ser uma criança “inteligente”. Este filho gratificante e idealizado traria algumas dificuldades para os pais, nomeadamente em lidar com o excesso de preocupação com a saúde e a dificuldade de separação (Ferreira, 2002).

No entanto, não nos podemos esquecer de que “o nascimento do projecto do bebé precede a sua própria concepção” (Bayle, 2005) e, principalmente no caso da parentalidade tardia, os pais levaram imenso tempo a projectar as suas motivações conscientes e inconscientes, tais como o amor, a descendência, a cultura, os valores, a história individual e intergeracional (Bayle, 2005). Simultaneamente, “a transição para a maternidade implica que a mãe se identifique e se reconcilie com a sua própria mãe e com a relação precoce que teve com ela” (Bayle, 2005, p. 328). Ao ter um filho, a mulher acede ao desejo inconsciente de se unir com a sua mãe, fantasiando sobre o bem-estar, ideais, oportunidades e protecção do período da simbiose. Se houve uma relação recíproca e positiva, a identificação primária será fácil, se, pelo contrário, a relação ficou marcada por identificações desvalorizantes ao imago materno, a relação será bastante complicada, dificultando “a estima de si próprio e a impressão de competência com a criança” (Bayle, 2005, p. 329).

A relação que a mãe estabelecerá com o seu filho deixa marcas para sempre na *psiqué* da criança e influencia todo o seu desenvolvimento futuro, i.e., a relação primária da criança com o objecto primário (a mãe) determina o tipo de vinculação e de investimento nos objectos futuros, sobretudo nas maternidades de risco (Bayle, 2005).

Segundo a mesma lógica, quando uma mulher adia a gravidez por ter medo de fracassar e de não saber cuidar de uma criança, pode estar a evitar a identificação com a sua própria mãe (Ferreira, 2002). Se tivermos em conta que, no passado, era comum ter muitos filhos, que o nascimento não era uma coisa planeada nem desejada e que a saúde da mulher ia ficando cada vez mais debilitada, é-nos fácil de imaginar como a percepção da figura materna se transforma em algo semelhante a uma pessoa doente (Ferreira, 2002), afastando o desejo de maternidade.

Risco Psicológico e Adaptação à Parentalidade

A grande maioria das mães “põe a mão na cabeça” na altura de ponderar os prós e contras da gravidez tardia, o que gera, na maioria das vezes, períodos críticos de ansiedade. O medo da deficiência ou do nado-morto, de não conseguir vencer a infertilidade, dos problemas durante a gravidez mas também os receios ligados à maternidade fogem um pouco dos limites das crises “normais” da grávida (Ferreira, 2002). O *stress* adicional destas crenças e preocupações, e também o facto de estar inserida numa categoria de “alto risco”, colocam a mulher grávida numa situação de maior risco psicológico e, tal como tem sido possível estudar em laboratório, a relação entre a intensidade das emoções da grávida e a performance da sua gravidez é íntima – aborto e problemas durante o parto (Mansfield, 1988).

O *stress* de que falamos é ampliado quando estamos perante a primeira gravidez, durante a qual, segundo Rato (1998, in Ferreira, 2002), aumenta a ansiedade pois são projectadas ansiedades e fantasias e se põem à prova as defesas da mulher. Justo (1990) investigou sobre os mecanismos de defesa nas mulheres grávidas e chegou à conclusão de que tanto na gravidez de risco como na gravidez normal ou até na mulher não grávida, são utilizados mecanismos de defesa diferentes. Adiciona ainda que na gravidez de risco a utilização de mecanismos de defesa que direccionam a agressividade para o objecto externo são reduzidos, e que a grávida reorganiza os seus mecanismos de maneira a anular a vivência de possíveis conflitos psicológicos, reprimindo qualquer resposta de cariz impulsivo mesmo na presença e confrontação com o risco da gravidez.

O risco psicológico, segundo Correia e Leal (1989), pode ser definido a partir do desejo da grávida, das suas fantasias e da vivência durante a gravidez. Podemos questionar-nos, então, sobre a qualidade deste projecto de maternidade: Que sentimentos surgem quando a mulher percebe que está grávida, como é vivida a ambivalência em relação ao desejo de ter ou não ter o filho, que angústias primitivas estarão ligadas à concepção? Não nos podemos esquecer que a vivência psicológica da gravidez está directamente relacionada com a construção da identidade da mulher, da forma como os aspectos ligados à separação e dependência foram organizados e se irão reflectir na vivência da sua própria gravidez e maternidade (Correia e Leal, 1989).

Nesta perspectiva, complementando a ideia de Mansfield (1988), a idade da mulher não será uma variável que por si só aumente o risco psicológico da gravidez tardia, mas sim a maneira como a percepção da sua idade poderá afectar a vivência da gravidez e da maternidade. No estudo de Carolan (2005) sobre a gravidez tardia, a maioria das mulheres sentia-se preparada para as alterações corporais que se aproximavam, mas mantinham uma certa resistência em preparar o ambiente exterior para a chegada do bebé. O receio da criança não chegar a nascer é bem real neste grupo de mulheres e repete-se imensas vezes no discurso das grávidas.

O nascimento de um filho, principalmente quando é o primeiro, implica algumas alterações nas rotinas do casal, sendo necessário um ajustamento gradual à parentalidade. Nos primeiros dias, os sentimentos em relação ao bebé são ambivalentes, e a excitação dos primeiros contactos, logo se traduz em exaustão, uma das principais queixas das mães tardias, que alegam não possuir a mesma energia de outrora (Jones, 1998). Os primeiros sentimentos relacionados com a experiência de estar com o bebé são maioritariamente negativos: choque, falta de controlo, fadiga, sofrimento, incerteza, dificuldade de alimentação e de ajustamento de ritmos (Carolan, 2005). A ambivalência na experiência maternal caracteriza-se essencialmente por sentimentos contraditórios que vão desde as recompensas, o poder, a responsabilidade, a satisfação e a independência que uma criança traz, até ao aborrecimento, trabalho árduo e sofrimento que a mesma pode gerar (Nicholson, 1998, in Johnson e Shelton, 2006). O conflito com a própria feminilidade e as manifestações somáticas serão tanto maiores quanto a gravidade do próprio conflito (Correia e Leal, 1989). A ajuda exterior pode ser ou não solicitada, mas revela-se muito útil para ajudar a mãe a cuidar do bebé (Jones, 1998), já que, subitamente, esta parece ficar sem tempo para fazer mais nada (Carolan, 2005).

A mudança de uma mulher que trabalha a tempo inteiro e que se transforma numa mãe a tempo inteiro pode ser catastrófica. As alterações no estilo de vida de uma mulher com uma

posição profissional de autoridade e responsabilidade, cujas actividades estão organizadas e estruturadas e que não prescindem (há anos) desse estilo previsível e orientado para si-própria não são sentidas com tranquilidade e podem originar reacções emocionais menos brandas (Johnson e Shelton, 2006). É ainda proposta uma alteração sobre a noção de imagem, em que a mulher se imagina confrontada com diferentes papéis sociais, que oscilam entre a solidão e a securização, e em que a dimensão social da mulher acaba por sofrer mudanças (Nouel, 1986).

As dificuldades na relação do casal podem surgir quando os pais deixam de ter tempo um para o outro, enquanto par romântico. A decisão de voltar ou não ao trabalho atormenta muitas das mulheres, que em prol de passar mais tempo com o novo ser, põem em causa o investimento profissional (Jones, 1998).

Na parentalidade tardia, os pais referem as suas preocupações em relação à mudança de hábitos e de um estilo de vida relativamente estável, a que já estão habituados, e que receiam que o novo bebé possa “manipular” de alguma forma. A acomodação à nova vida é, de facto, o mais difícil na adaptação à parentalidade, os novos pais têm dificuldade em separar-se da vida independente e preenchida de outrora para ficarem presos a um único objectivo e a uma casa, em que o espaço e tempo para os aspectos pessoais é reduzido ao mínimo (Carolan, 2005).

A perda de autonomia e de tempo é, então, um dos aspectos mais importantes e marcados no que respeita às alterações sentidas no período de transição, nomeadamente, muitas mulheres apesar de valorizarem os aspectos positivos da parentalidade, reconhecem ainda que a depressão estava a uma distância muito curta, já que esta sensação de perda (de identidade, juventude, liberdade, espontaneidade, controlo, poder, confiança, auto-estima e relação com o par) estava sempre presente (Johnson e Shelton, 2006).

Nos primeiros quatro meses as mães apresentam mais preocupações com o aspecto físico e assumem uma postura mais defensiva. Carolan (2005) explica que, quando uma mãe, que anteriormente esteve sempre ocupada, se vê apenas com uma ocupação, o seu bebé, e este não retribui, torna-se fácil prever uma situação desmoralizante, o que poderá, por sua vez, fazer germinar lacunas e falhas na auto-estima da mulher.

Ainda como consequência dos períodos de crise e ansiedade, Carolan (2005) testemunha que muitas das mães apresentam níveis de ansiedade acima do normal, muitas sentem-se angustiadas, com menos capacidade de resistir a possíveis depressões, o que torna o período de adaptação à maternidade bastante mais longo. Estas mães poderiam ter acompanhamento psicológico de maneira a transformar a inquietude em plenitude, e isto seria

viável através da partilha das mesmas experiências entre diferentes mães (Fritz e Lebovici, 1987).

Quando uma mulher adia a gravidez, na esperança de encontrar o momento certo, a pessoa certa, ou as condições ideais, não é só a concepção que está suspensa. Paralelamente ao projecto de ser mãe está a idealização de todo o seu projecto de vida e de imagens exclusivamente positivas sobre a experiência de dar à luz. Segundo este mito da “mulher perfeita”, todos os sentimentos ambivalentes ou negativos afastam a parentalidade do “natural e normal” esperado. A distância entre o idealizado e a realidade pode, muitas das vezes, constituir um problema para a adaptação à maternidade (Johnson e Shelton, 2006). O mito de que existe uma mãe perfeita atrasa o processo de adaptação das mães tardias. Enquanto estas esperam conseguir fazer tudo bem e de maneira perfeita, não se apercebem que não só não é possível, como não existe ninguém que o consiga. Perdem demasiado tempo a observar outras mães em supermercados, nos centros de saúde, nos parques, mas só quando compreendem e aceitam que é normal ter, ocasionalmente, sentimentos negativos em relação à experiência de maternidade é que iniciam verdadeiramente o processo de assimilação do papel de mãe. A acomodação das primíparas tardias ao novo papel é finalmente conseguido entre os 6 e os 8 meses, mais tarde do que em qualquer outro registo (Carolan, 2005).

Dion (1995) acrescenta que as expectativas elevadas dos pais podem ser contra-producentes na adaptação à parentalidade. A experiência de vida das mães tardias assenta numa base de controlo e de manipulação dos acontecimentos desejáveis, inconvenientes, esperados ou imprevisíveis. Este tipo de funcionamento, segundo Dion (1995), é muitas vezes fonte de *stress* nas primíparas tardias, que se deparam com uma nova realidade, que é tomar conta de uma criança, ao mesmo tempo que perdem o que era habitual, a experiência (longa) de liberdade e independência. Nesta situação, os sentimentos mais comuns nas mães tardias é de isolamento e de estar “prisioneira”, o que pode conduzir a (frequentes) quadros de depressão pós parto (Carolan, 2005).

A parentalidade tardia tem sido associada com um vasto número de vantagens como a “preparação psicológica”, estando as mulheres mais disponíveis e menos povoadas de fantasmas (Correia e Leal, 1989), pois, de um ponto de vista maturacional, conhecem-se melhor e têm uma estrutura de personalidade mais estável (Carolan, 2005). No entanto, este fundamento poderá esconder alguns dos aspectos negativos presentes neste processo. Apesar da parentalidade tardia ser vista, hoje em dia, como socialmente aceitável e sustentável ao nível do desenvolvimento, as ideologias sobre a maternidade e as altas expectativas forcem a mulher a recorrer a maneiras de ser e de agir que podem não corresponder à sua identidade,

podendo originar, como temos visto, prejuízos aos níveis pessoal, interpessoal e social (Johnson e Shelton, 2006).

A vivência de uma gravidez e, posteriormente, da maternidade/paternidade, é algo que acarreta sempre mudança de identidade, novos papéis, adaptação às mudanças corporais, psicológicas e familiares (Correia e Leal, 1989). A idade por si só tende a reinventar o *Self* dos sujeitos e, neste caso, não só como mulheres ou homens ou mães e pais, mas como mães e pais mais velhos (Carolan, 2005). Nesse caso, haverá alguma diferença entre esta “crise normal” e os conflitos enfrentados pelos pais tardios?

Transição para a Parentalidade

A parentalidade tardia é um fenómeno abrangente que afecta não só os pais, como todos os membros da família. De facto, a idade é um factor que mexe com as experiências de vida tanto dos pais como dos filhos e de todos os membros mais próximos da família. De acordo com Green, Jones, e Krauss (1980), a idade da mãe, por exemplo, influencia a qualidade da interacção com a criança, independentemente da sua raça, estatuto socioeconómico ou estado civil. Contudo, alguns autores (Garcia-Coll, Levine e Oh, 1985) demonstraram que a idade não é o único factor determinante na relação dos pais com os filhos, mas que também a menor escolaridade, o insuficiente desenvolvimento do ego e o *stress* social contribuíam, principalmente, para a – mais ou menos estimulante – interacção mãe-bebé. O apoio do marido durante a gravidez é muito importante para que o casal supere as dificuldades e complicações que possam surgir. O apoio familiar (pais, sogros, irmãos, tias) também pode contribuir para a diminuição do cansaço materno e harmonia do casal. Na educação da criança este apoio passa a ser essencial, já que o papel do pai é bastante relevante e fundamental para o crescimento saudável da criança (Ferreira, 2002).

Papéis Parentais

“Ser pai/mãe é ser agente de continuidade entre as gerações mas é também ser simultaneamente capaz de assegurar a descontinuidade, os limites e a diferença entre essas mesmas gerações. Ter filhos é transmitir heranças diversas, desde a genética, às de costumes, valores e significados mas é igualmente, num contexto de intimidade, aceitar a diferença da

individualidade.” (Canavarro, 2001, p. 17). Partindo desta ideia base, convém, também, recordar que o pai e a mãe têm responsabilidades parentais básicas (ou funções) que podem – e devem – compartilhar, para o desenvolvimento equilibrado dos filhos: sustentabilidade (física e de saúde), estimulação (para o ambiente e objectivos), suporte (das necessidades sociais e emocionais), estrutura (limites e regras consistentes) e vigilância (protecção activa) (Bradley e Corwyn, 1999).

Desde sempre atribuímos à mãe o papel prioritário de cuidado e amor incondicional pelos seus filhos, pondo o pai na “prateleira” e esquecendo de que o seu papel também é absolutamente fundamental na construção da identidade sexual da criança. De facto, a função paternal evoluiu consideravelmente – e a par com as transformações na família, como já vimos anteriormente – instaurando a cultura dos “novos pais” ou “pais-mães”, i.e., a crença de que será positivo repartir os papéis entre o pai e a mãe (Brunschwig, 2008). Outros estudos, questionam esta distribuição de papéis, defendendo que as mulheres adicionam responsabilidades ao seu papel de mãe, educadora, trabalhadora, sendo conhecidas como mulheres “chefes de família” (Beirão e Perucchi, 2007).

Hoje, o pai é tido como alguém compreensivo, dialogante, presente na vida dos filhos, partilhando e conquistando o poder (vs autoridade) com descontração e sensibilidade, que compreende a necessidade de expressar os afectos. Por contraste, nas gerações anteriores aparecia um pai prepotente que impunha a autoridade e que, estando ausente da vida dos filhos, privilegiava a disciplina, distanciando-se emocionalmente, não mostrando ser compreensivo nem dialogante (Balanche, 2003). “Para os pais e filhos da actualidade, o pai é sobretudo amor e afecto, depois educador e finalmente brincalhão. [...] Ser gerador de vida ou ganha-pão é característica que nenhuma (ou pouca) importância tem para pais e filhos de hoje, ainda que continue relevante na forma da geração dos avós definir a paternidade.” (Balanche, 2003, p. 87). Lembrando as considerações acerca das funções paternas, Winnicott (1980, in Bayle, 2005) refere que cabe ao pai apoiar a mãe na maternidade, na sua auto-estima e bem-estar, bem como na autoridade, apresentando-se como a representação da lei e da ordem, que, por sua vez, são valores incutidos pela mãe à criança. Apesar de as crianças mostrarem visões mais equilibradas sobre a importância da mãe e do pai, revelando a sua natural intuição para a complementaridade de cada um, consideram que, no global, a mãe é mais importante, ainda que o pai também o seja (Balanche, 2003).

Embora este equilíbrio pareça mais saudável para os filhos, a indiferenciação sexual que é transmitida não parece salvaguardar o sentido da humanidade: “A família de hoje, gerida pelos sentimentos, leva à confusão dos papéis do homem e da mulher, dos pais em relação aos

filhos e de uma falta de fronteiras intergeracionais” (Bayle, 2008b, p. 30). Esta “família andrógina” deixa de ter um pai e uma mãe para passar a ter dois progenitores, em que os papéis parentais são distinguidos com base no temperamento e preferências e não pelo sexo (Gomez, 2005).

Comportamento Parental

O comportamento parental, dizendo respeito aos cuidados prestados às crianças, pode sofrer alterações com a idade dos pais. Bornstein et al (1996, in Pires, 2001) identificaram quatro domínios que caracterizam as principais fontes de cuidado parental: os cuidados primários dizem respeito à satisfação das necessidades da criança, como a alimentação e a higiene; os cuidados sociais envolvem as estratégias físicas e verbais utilizadas para a expressão de sentimentos e emoções, como o embalar, o beijar, o sorrir, etc; os cuidados didáticos constituem as mesmas estratégias físicas e verbais mas no envolvimento com o meio, como o apontar, imitar, observar, etc; e, por último, é esperado que os pais invistam na imposição de regras, como algo que estrutura os limites da criança.

Tendo em conta o que o comportamento parental exige, podemos perceber que o bem-estar do bebé depende muito da idade da mãe (principalmente) e do pai e da capacidade de ambos para atender às necessidades da criança. O desenvolvimento de cada sujeito, desde que nasce até à fase adulta, envolve um conjunto indiscriminado de experiências, que, começando com a socialização promovida pelos pais, deverá passar pela busca de autonomia e independência, o exercitar de competências e capacidades, a vivência de sucessos e insucessos na escola e no trabalho, e ainda, por relacionamentos com outros sujeitos (Metsapelto e Juujarvi, 2006).

Scharf e Schulman (2006) sustentam que os pais aos 40 anos vivem no conflito entre o investimento nos seus desejos e projectos e a dedicação à família. Também os pais tardios - nesta altura por volta dos 55 anos – reinventam o seu papel na sociedade e na família, pelo que o argumento pode ser adaptado quando o mesmo autor refere três modos de interacção parental: *binding* – pais que interferem com a individuação dos filhos por serem excessivamente gratificantes e promoverem tendências regressivas, quando, na verdade, tentam reparar falhas e privações, podendo explorar a lealdade dos filhos a partir de indução de culpa –, *delegating* – os filhos são recrutados para satisfazer as necessidades dos pais, oferecendo, por exemplo, a sua própria adolescência para que os pais resolvam as suas experiências passadas e vivam situações não experimentadas na sua própria juventude –, e

expelling – os pais estão ocupados com os seus próprios problemas pelo que vêm os filhos como obstáculos na realização dos seus projectos, sendo a tendência mais geral a rejeição ou a negligência.

Num estudo sobre primiparidade tardia, Ferreira (2002) demonstrou que a idade materna influencia a maneira de lidar com o filho, já que muitas das mães tinham consciência da sua idade e salientavam que com 45 anos não pensam da mesma forma do que se tivessem 25 anos, nomeadamente, apontavam a grande diferença de idades como uma desvantagem, no sentido de haver menor compreensão entre as partes. No mesmo sentido, aparece a ideia de que a idade parental está ligada a uma orientação mais autoritária do que conformista, nomeadamente que a idade da mãe correlaciona-se positivamente com a monitorização do comportamento do filho (descobrir como a criança utiliza o tempo livre, com quem se relaciona, onde vai depois da escola, que locais frequenta à noite, como gasta o dinheiro, etc.) (Carini, Powell e Steelman, 2006). Seguindo esta ideia, podemos pensar que os pais tardios tendem a exhibir comportamentos sobre-protectores, não só por poder ser esse o modelo parental que possuem, mas também pelo receio de perder o único – ou o último – filho, sabendo que não poderão ter mais. O comportamento sobre-protector em relação aos filhos é marcadamente superior quando as mães dependeram da sua família de origem durante muito tempo e manifestaram dificuldades em se autonomizarem. Particularmente nestes casos, o filho parece ser algo extremamente gratificante e idealizado e poderá trazer algumas dificuldades na relação, como o excesso de preocupação com a saúde e a dificuldade de separação (Ferreira, 2002).

Nestes casos, em que as famílias são sobre-protectoras, é comum existir uma predominância da incitação da dependência parental, na qual um dos pais é dominante (geralmente a mãe), promovendo relações “íntimas e intensas” com os filhos, excluindo, com frequência, muitos dos contactos para além do círculo imediato familiar (Bowlby, 1984). As relações de tipo simbiótico dificultam a autonomização e promovem uma vulnerabilidade extrema (Bayle, 2008a). A consequência do isolamento social para os filhos é a tendência a serem emocionalmente imaturos e a terem maior probabilidade de sofrer de reacções fóbicas quando experimentam realizar a ambição de se transformarem em membros independentes da sociedade. Tendencialmente, estas crianças são, também, super-dependentes, distinguindo-se das outras da mesma idade por serem menos hábeis na execução de tarefas comuns, recorrendo constantemente ao auxílio materno, podendo demonstrar *vinculação com angústia*. As crianças super-dependentes provêm, geralmente, de lares estáveis, onde, contudo, estão

sujeitas a mães excessivamente protectoras, que tendem a desencorajar os filhos a aprenderem a fazer as coisas por si mesmos (Bowlby, 1984).

Nas famílias sobre-protectoras, em que as crianças vivem circunscritas ao contacto familiar e não é desenvolvido o contacto com o exterior, momentos de “socialização”, como a entrada para a escola, são mais provavelmente vividos como uma grande separação, com experiência de ansiedade. Ainda Bowlby (1984) mencionava o conceito de *fobia de escola*, quando as crianças de recusavam a ir à escola, com sentimentos de grande angústia, acompanhados de sintomas psicossomáticos (náuseas, dores abdominais, sensação de desmaio, etc.): “Geralmente, trata-se de crianças bem-comportadas, cheias de angústia e inibidas, em geral, vêm de lares estáveis, não têm experiência de longos ou repetidos afastamentos de casa e têm pais que se preocupam com o seu filho e com a sua recusa de frequentar a escola. As relações entre pais e filhos são estreitas, às vezes sufocantes” (p. 280).

Também Costa e Silva (2005) ao estudarem a qualidade da vinculação concluíram que as famílias sobre-protectoras tornam os filhos vulneráveis, frágeis e dependentes de figuras protectoras, contrapondo que quanto melhor for a qualidade do laço afectivo com os pais, melhor será a auto-estima e a adaptação aos diferentes contextos extra-familiares. Quando os laços construídos com as figuras de vinculação se caracterizam por sobre-protecção e inibição da exploração, os sujeitos tendem a sentir falta de confiança em si próprios e nos outros, bem como desvalorização pessoal e baixa capacidade de controlo emocional, “deste modo, os adolescentes sentem-se mais dependentes dos pais e mais ameaçados com a separação das figuras de vinculação” (Costa e Silva, 2005, p. 12). O mais importante no estado de angústia é, precisamente, o medo de estar só. Os estilos de vinculação insegura podem apresentar, também, alguns problemas nos relacionamentos interpessoais, intensificados pela excessiva preocupação e medo da intimidade, o que se reflecte e manifesta, geralmente, em evitamento social. Por sua vez, o desinvestimento dos outros promove uma avaliação pouco positiva da sua imagem, fomentando uma auto-estima cada vez mais baixa, dirigindo o sujeito para um ciclo vicioso de sentimento de incapacidade perante situações sociais, pela experiência afectiva de relacionamentos pouco satisfatórios e cada vez menos frequentes (Bowlby, 1984).

Recursos Parentais

Os recursos que os pais podem facultar aos seus filhos podem ser de três tipos (Carini, Powell e Steelman, 2006): económico, compreendendo o dinheiro gasto com a criança e as poupanças para o seu futuro (projectos e saúde); social, consistindo no tempo e energia

dispendida em interacção com a criança e nas redes de apoio que construíram que podem impulsionar as oportunidades da criança; e cultural, referindo-se às actividades proporcionadas pelos pais (lições de música, visita de museus, etc.).

O planeamento das acções parentais traduz-se no poder imaginar com antecedência como se irão realizar e desenrolar as interacções pais-bebé (Pires, 1990). A possibilidade de planear, em oposição a não planear, permite uma melhor adaptação aos acontecimentos bons e maus que poderão ocorrer, evitando que os pais sejam apanhados desprevenidos. Contudo, alguns pais continuam centrados em si próprios e envolvidos nas suas preocupações, pelo que não se encontram disponíveis para conhecer o filho que geraram nem para planear em função dela (Pires, 1990). A parentalidade parece acontecer como um projecto em conjunto com outros projecto, nomeadamente, profissionais e económicos (Correia, 1998). Em relação ao investimento profissional, por exemplo, sabemos que aquando do nascimento, a maioria dos homens possui emprego e tende a trabalhar mais horas, enquanto as mulheres variam no sentido oposto (Charlton, 2007).

Uma das tarefas mais difíceis da parentalidade tardia é encontrar um equilíbrio entre o investimento afectivo no novo projecto e a realização profissional. Para a mulher contemporânea é particularmente mais difícil tornar os dois projectos compatíveis com algum nível de satisfação (Correia e Leal, 1989).

Numa investigação sobre a idade parental, Carini, Powell e Steelman (2006) concluem que as crianças com mães e pais mais velhos estão em vantagem em relação aos pares cujos pais são muito jovens. Este estudo sofre um efeito de selectividade, uma vez que a parentalidade tardia é mais manifesta no caso dos pais que se diferenciam socioeconomicamente e que, por isto, possuem mais recursos numa idade mais avançada.

No mesmo sentido, outros autores acrescentam que os recursos que os pais tardios têm maior possibilidade de oferecer, em relação aos pais muito jovens, prendem-se essencialmente com investimentos económicos. Para além disto, os pais muito jovens não têm tantas experiências de vida e aprendizagens quanto os pais tardios, por isso pensa-se que os segundos estarão em melhores condições para lidar com as responsabilidades parentais. Assim, os pais tardios poderão estar mais preparados para a parentalidade pois tiveram oportunidade de gozar a juventude sem serem obrigados a sacrifícios para cuidar dos seus filhos, tomando a decisão de acordo com uma “parentalidade consciente” (Leal e Pereira, 2005). Crê-se, ainda, que os pais em idade avançada, à semelhança dos avós, poderão ter maior disponibilidade para passar tempo com os seus filhos (Carini, Powell e Steelman, 2006).

Ao analisar a rede social de apoio dos pais tardios e dos pais jovens, Baranowski e Schillmoeller (1991) concluíram que não existem diferenças significativas na sua dimensão e qualidade, ou seja, o apoio familiar percebido e a qualidade das interações entre as redes sociais estão associados positivamente com o comportamento maternal, com o grau de satisfação com a vida e com a satisfação parental tanto nos pais jovens como nos pais tardios (Baranowski e Schillmoeller, 1991). A rede de contactos sociais dos pais pode ser constituída por familiares, amigos, colegas de trabalho e vizinhos, mas só é valorizada se os pais usufruírem do apoio que a rede pode oferecer (Pires, 1990). Os pais tardios poderão ter apoio dos seus familiares, apesar do constrangimento de assumir que precisam de ajuda. Também poderão partilhar as experiências com os seus amigos, embora ainda seja raro encontrar alguém que tenha passado pelo mesmo e que possa compreender e retribuir com a sua história. Acompanhar um filho na escola e nos seus projectos e actividades também parece oferecer alguns momentos de coragem, já que os pais dos amigos e colegas deste filho serão, literalmente, de outra geração.

Contudo, e apesar de os pais tardios poderem oferecer praticamente os mesmos recursos que os pais mais jovens, com a benesse de possuírem uma bagagem cultural e económica mais pesada, a parentalidade tardia não se apresenta como uma vantagem consistente em relação a pais de outras idades – designadamente, em relação aos conflitos inter-geracionais e à rigidez/flexibilidade nas interações com as crianças. As crianças mais novas, em particular, exigem bastante atenção e investimento nas suas actividades diárias, exigindo as brincadeiras, desportos e outras actividades bastante esforço físico, energia e tempo, que os pais mais jovens poderão estar mais disponíveis para oferecer. A grande diferença de idade entre a criança e os pais tardios poderá, também, originar problemas de comunicação e entendimento (Carini, Powell e Steelman, 2006), nomeadamente na menor capacidade dos pais se colocarem “na pele” do seu filho – e vice-versa.

Relações Inter-geracionais

“A transmissão transgeracional não é apenas uma fonte de conflitos e sofrimentos. É também constitutiva da nossa personalidade. Sem ela, não existiríamos; é ela, em parte, que nos torna nós próprios. Somos feitos daquilo que os nossos pais nos transmitem e, além deles,

os nossos antepassados, e evidentemente também do que retivemos dessa herança.” (Brunschwig, 2008, p. 98).

Apesar de existir uma clara tendência clara para a repetição das «heranças geracionais», emergem sempre algumas condições que possibilitam alguma diferenciação em relação aos acontecimentos do passado. Cada nova geração tem, assim, a possibilidade de repetir ou transformar os comportamentos parentais testemunhados ao longo do desenvolvimento (Coimbra e Nascimento, 2001/2002).

O que transmitirão os pais tardios aos filhos com duas gerações de diferença?

As Angústias e o Super-Ego

O vínculo é o lugar onde o sujeito reconhece a necessidade da existência do objecto para fazer face ao sofrimento do desamparo originário. A consciência do desamparo é a consciência da própria morte, pela ausência de ligação a um objecto cuidador. A primeira função do objecto é, então, alienar a relação ao nada, ao vazio, substituindo-a pela relação ao outro. Os vínculos que se estabelecem com o objecto servem para o sujeito alienar a sua condição natural, a de estar dependente da vida e da morte sob a égide da presença ou da ausência do outro (Amaral Dias, 2008).

Qual será a relação dos filhos de pais tardios com a angústia de morte, tendo em conta que os seus pais – o seu objecto cuidador – desaparecerá mais cedo do que é comum acontecer? Hipoteticamente, podemos reflectir que a criança se sentirá muito mais vulnerável às ameaças de abandono, dilatando, desde muito cedo, a angústia de separação, sendo esta caracterizada, essencialmente, pelo medo de ser abandonado pelos pais (Bowlby, 1984).

Imaginando que os pais tardios promovem, de facto, a dependência parental na educação dos filhos e, adicionando a isso o facto de estes terem dificuldades acrescidas de separação devido à angústia de morte percebida dos pais, podemos, então, perspectivar que o adiamento das tarefas psicossociais será repetido, como já tínhamos visto, prolongando a dependência emocional e instrumental e impedindo o estabelecimento de objectivos e investimento a longo-prazo, o que adia o desempenho de papéis da vida adulta para depois dos 30 anos (Coimbra e Nascimento, 2001/2002).

A criança possui desde muito cedo uma aguda capacidade de observação, não só para o mundo físico como para o psicológico. O medo da morte (própria ou de figuras de vinculação) pode ser expresso, e geralmente a criança fá-lo a partir de comportamentos e expressão corporal, em detrimento da linguagem verbal (Aberastury, 1984). Os pais passam

várias mensagens sobre os comportamentos ideais para cada contexto e desejáveis de acordo com os seus valores. A criança internaliza os seus pais e introjecta os seus valores, construindo assim o seu superego, como uma representação interna dos pais (Eisenberg e Murphy, 1995). A emergência desta nova instância impedirá o domínio do Id sobre o Ego, promovendo transformações das pulsões primitivas (instintos) em desejos ajustados ao Ego e ao mundo externo. Decorrendo o desenvolvimento psíquico, o Ego tornar-se-ia mais frágil e o Superego mais poderoso (devido às introjecções da moralidade externa que, progressivamente, adequa ao seu próprio funcionamento, ou seja, as leis morais e sociais de censura, proibição e obrigatoriedade – o tabu e o totemismo – e a autoridade das figuras parentais consolidam-se internamente sob a forma de consciência) tornando-se mais permeável à auto-crítica e à submissão e reverência deste controlador interno (Freud, 1969).

As primeiras modificações ao superego acontecem na adolescência, quando, à estrutura básica inicial, criada desde a infância, é possível ajustar valores. Tendo em isto em conta, compreendemos que a tarefa principal da adolescência consiste em realinhar o sistema de valores, processo que exige um superego mais amadurecido. Contudo, as mudanças sociais e culturais a que assistimos hoje empurram os adolescentes para um estagnar socialmente aceitável, aquando do prolongamento da educação e formação, bem como da dependência económica familiar. Apesar de os jovens estarem numa fase em que lutam pela sua independência ao mesmo tempo que ganham novas responsabilidades, o tempo é suspenso e a fase adulta diferida para mais tarde, enquanto os valores culturais são re-externalizados do próprio *Self* e representados no ambiente envolvente, podendo ser alvo de experiências, testes, desafios, e, aceites ou rejeitados, tornando o superego mais consolidado (Settlage, 1972).

Os temas centrais que surgem na relação pais-adolescente emergem das preocupações parentais, activadas a partir das suas próprias histórias de adolescentes. A maturidade emocional, física e sexual inclui conteúdos como o sair com os amigos, a alimentação, o vestuário, etc. Em segundo lugar, surgem os temas de separação-indivuação, em que os adolescentes expressam a sua necessidade de desenvolvimento intra-psíquico e de separação dos pais. Esta fase é um desafio para todos os pais, pois se por um lado os adolescentes desejam e mostram firmemente a sua intenção de independência dos pais, pedem, simultaneamente, um novo vínculo de proximidade com estes (Scharf e Schulman, 2006). A separação dos pais, na maioria das vezes dolorosa, é necessária para o crescimento e desenvolvimento do sujeito (Figueiredo, Fleming e Paúl, 1983).

No caso dos filhos tardios, se tivermos em conta a presença constante do medo de perder os pais, pode acontecer uma renúncia aos desejos próprios e projectos, negligenciando

a vida pessoal e social, com vista a não abandonar os pais, nem desiludi-los com a ideia dessa hipótese. O medo da morte iminente referido frequentemente pelos filhos de pais tardios (Drenovsky e Meshyock, 2000) poderá manifestar-se sob comportamentos reais de ansiedade filial, numa luta activa para manter os pais sãos. A satisfação das pulsões poderia fazer perder o amor do objecto e a necessidade de castigo do super-ego: “A severidade do Supereu nem sempre reflecte a severidade da educação que a criança recebeu. Uma criança educada brandamente também pode desenvolver uma consciência moral severa; os pais excessivamente brandos e condescendentes provocariam na criança a formação de um Supereu demasiado severo, uma vez que não lhe resta outro caminho a não ser o de dirigir as suas tendências agressivas para dentro.” (Grinberg, 2000, p.71).

Transmissão Intergeracional

Sabemos que as relações intergeracionais são benéficas para todos os intervenientes e, tanto quanto o que é estudado, tanto os jovens como os idosos têm ganhos com as interacções (Kessler e Staudinger, 2007). Aparentemente, na parentalidade tardia, os pais não chegam a ter uma diferença de idades significativa – que torne essa experiência enriquecedora –, enquanto os avós serão idosos demais para essa reciprocidade. A inevitável morte dos avós em idades precoces poderá ainda contribuir bastante para a inflação da angústia de morte nestas crianças.

Os avós são muito importantes na vida dos jovens netos, nomeadamente na adolescência, altura em que a busca pela identidade impele os adolescentes a pesquisar sobre o passado, constituindo os avós uma ponte directa para as histórias e informações sobre as suas origens, tornando-as reais. O sentimento de continuidade no tempo torna o jovem adolescente mais confiante sobre o seu futuro. Os jovens que não têm avós são privados destas trocas intergeracionais, envolvidas em afecto e atenção. A falta destas relações intergeracionais resulta numa fraca consolidação dos valores culturais e históricos no *Self*. O declínio de saúde dos membros idosos de uma família é sempre, sem excepções, um factor de *stress* para toda a família. Os papéis invertem-se e os filhos passam a tomar conta dos pais, sobrando, ainda, muitas vezes, algumas tarefas para os netos. Estas responsabilidades reforçam o sentido de pertença à família mas, simultaneamente, são confrontados com a perda do suporte que o papel de avô e avó, geralmente, ofereciam. A morte dos avós pode desencadear comportamentos inesperados nos adolescentes, como só eles, na família, conseguissem expressar a violência sentida por aquela morte. Quando os avós ocupam um

papel central na vida dos jovens, a ameaça e o medo da morte parece assombrar-lhes continuamente o percurso de vida, manifestando-se, sobretudo, sob a forma de uma ansiedade antecipatória sobre as perdas que poderá enfrentar no futuro (Spira e Wall, 2006).

A Inversão de Papéis

Quando chega a meia-idade, cerca de 60% dos casais vê-se encarregue do cuidado a longo prazo de pelo menos um familiar idoso (Boyd e Treas, 1994), passando por uma nova fase das suas vidas em que, para além de cuidarem dos filhos e de investirem nas suas carreiras, vêem-se a tratar dos seus próprios pais que, agora, precisam de cuidados especiais (Brody, 1990). São apanhados no “meio” de duas gerações – cuidam dos filhos e dos pais – e investem na sua profissão (Boyd e Treas, 1994), enquanto os pais se tornam, progressivamente, dependentes e assustados por serem “um fardo”. As relações entre pais e filhos são como estradas de dois sentidos: não só os filhos providenciam apoio aos pais, como estes continuam a dar apoio aos filhos, mesmo depois de adultos (Eggebeen e Zarit, 1995).

Quando os membros idosos de uma família se tornam menos independentes, o resto da família costuma redireccionar as suas forças, alterando o estilo de vida de todo o sistema familiar. Os netos podem sentir-se culpados pela sua própria liberdade, quando assistem ao definhamento dos avós, perdendo o direito à independência e liberdade, que os jovens lutam por alcançar. Cuidar de um idoso doente tem custos para a família ao nível financeiro, emocional e de tempo dispendido – p. ex., os netos podem adiar os seus compromissos, como o casamento, por se sentirem egoístas em prosseguir com um plano que exigiria os recursos e a atenção agora necessárias pelos avós (Spira e Wall, 2006).

Na parentalidade tardia, encontramos-nos entre uma “geração sanduíche” (Zal, 1992) e uma relação de grã-parentalidade e, como sabemos, à medida que os pais envelhecem, a reciprocidade de apoio vai sendo cada vez menor (Eggebeen e Zarit, 1995). Tomar conta de uma pessoa idosa é comumente uma situação que origina grande stress, sendo responsável por afectar o estado psicológico, as relações sociais, e os tempos livres e de lazer (Paúl e Ribeiro, 2006).

Cuidar dos pais pode tornar-se num processo desgastante que rapidamente excede os recursos físicos, emocionais e financeiros do cuidador. O cuidado a longo-termo está associado com diversos tipos de consequências negativas, nomeadamente com perturbações depressivas e outros distúrbios emocionais, risco de saúde aumentado, maiores e mais

frequentes conflitos familiares e profissionais e sentimentos de perda de identidade ou de estar aprisionado ao papel de cuidador (Eggebeen e Zarit, 1995).

Ora, sabendo que os jovens vivem num período de imaturidade filial (Dellmann-Jenkins e Brittain, 2003), será que eles conseguem dar o apoio emocional tão necessário a estes pais idosos e promover o seu bem-estar (Lang e Schutze, 2002)? Será que estes pais idosos saberão dar resposta às necessidades dos seus jovens filhos (Bullock, 2005; Finley, 1998)? Será que estes mesmos jovens serão tão compreendidos como os seus grupos de pares e prosseguirão o seu percurso sem que o medo de perder os pais mais cedo do que todos os outros os atormente?

Conclusão

O conceito de parentalidade tardia está relativamente pouco explorado, em grande parte, por dois motivos: em primeiro lugar, constitui-se como um fenómeno relacionado e justificado somente a partir das mudanças sociais e culturais da actualidade, que exclui os aspectos psicológicos; em segundo, tem-se falado, desde sempre, da maternidade, em detrimento da parentalidade, como mais significativa para a educação dos filhos.

A pesquisa bibliográfica sobre este fenómeno dirigiu-nos, por várias vezes, para os factores contextuais em que a parentalidade tardia mais ocorre, auxiliando a compreensão sobre o caminho originário destas famílias. A principal incidência e prevalência da parentalidade tardia tem origem nos países industrializados, onde há fácil acesso aos métodos contraceptivos, onde a mulher tem um estatuto que lhe permite escolher entre a educação/instrução e a reprodução, onde a carreira parece ser uma ambição indispensável para cada vez mais mulheres, e, onde o desejo parental perde popularidade em comparação com os prazeres que a vida singular oferece (Carolan, 2005; Dion, 1995; Macneill e Wu, 2000).

Apesar de esta informação ser útil para construirmos uma representação (aproximada) dos pais tardios, não nos é facultada nenhuma informação sobre os aspectos psicológicos das suas motivações, decisões e, primordialmente, não existem evidências sobre os efeitos da idade avançada no desenvolvimento dos filhos.

A conclusão mais significativa relativamente à génese da parentalidade tardia prende-se com a infertilidade. Se, em muitos casos, encontramos causas orgânicas para a infertilidade, em muitos outros a infertilidade não tem causa conhecida, levantando-se a hipótese de uma causalidade psicogénica (Bayle, 2008b; Leal e Pereira, 2005). Não se pode dizer que exista um perfil de personalidade da mulher infértil (pelo menos até hoje), contudo, de um ponto de vista psico-dinâmico, é do consenso geral que o “sofrimento psíquico resulta frequentemente de um compromisso psíquico entre um desejo consciente, ter um filho, e desejos inconscientes contraditórios” (Faria, 1990, p. 420). Ora, o desejo para a parentalidade tende a ser relativamente baixo até a uma certa idade – sob a forma de um “apelo” – altura em que os sujeitos concretizam um balanço sobre as suas vidas, relançando o desejo (agora tardio) de ter filhos, como a solução para o “prolongamento e perpetuação da família e das tradições” (Leal e Pereira, 2005, p. 154). Se considerarmos o desejo de parentalidade como “uma aspiração profundamente humana, ao possibilitar a transmissão da herança biológica e cultural num

devir transgeracional” (Leal e Pereira, 2005, p. 154), então, a não-descendência pode significar o confronto com a própria morte.

Nesta perspectiva, a infertilidade é encarada como uma consequência ou manifestação de um conflito interno, enquanto que, noutras perspectivas, poderá ser vista como uma causa directa para o adiamento da parentalidade. O mesmo acontece em relação ao casamento, quando o facto de não encontrar a pessoa certa se assume como o maior obstáculo (juntamente com a infertilidade) para constituir família (Ferreira, 2002; Drenovsky e Meshyock, 2000; Jones, 1998; Macneill e Wu, 2002). Contudo, este adiamento de compromisso também poderá não ser totalmente inocente, já que, é sabido que se a família de origem transmitir um significado pouco valorativo da parentalidade, e/ou constituir em si uma experiência não positiva, é mais provável que os sujeitos sintam relutância em seguir esses mesmos caminhos (Coimbra e Nascimento, 2001/2002), exibindo, na maioria das vezes, um comportamento mais individualista (Dion, 1995).

Em relação ao risco psicológico para a grávida, nenhum estudo nos indica evidências nesse sentido, mesmo porque a decisão é tida num momento de alta disponibilidade (Correia e Leal, 1989), firmando o conceito de “parentalidade consciente”, segundo a qual os pais tentam assegurar um conjunto de recursos materiais, psicológicos e sociais antes de pensarem em ter filhos (Leal e Pereira, 2005). Contudo, e apesar de não existir risco psicológico, a adaptação tende a ser mais longa do que em qualquer outra situação, com a justificação de que as alterações de um estilo de vida previsível e orientado para o próprio se tornam mais bruscas (Johnson e Shelton, 2006).

A idade parental poderá influenciar a relação dos pais com os filhos, contudo, este factor não parece ser determinante no desenvolvimento das crianças (Garcia-Coll, Levine e Oh, 1985; Green, Jones e Krauss, 1980). A indiferenciação de papéis, por outro lado, pode ser um ponto desfavorável das “novas parentalidades” (em que a tardia está inserida), uma vez que na tentativa de dividir as tarefas e responsabilidades parentais, os papéis misturam-se, dando origem a uma “família andrógina”, em que os filhos deixam de ter dois pais, um pai e uma mãe, para passar a ter dois progenitores, diferenciando-os no temperamento e preferências (Bayle, 2008b; Gomez, 2005). A relação que reúne maior consenso é o facto de a idade parental se correlacionar positivamente com a monitorização do comportamento dos filhos (Carini, Powell e Steelman, 2006). Seguindo diferentes pistas percebemos que há uma tendência para os pais tardios exibirem comportamentos sobre-protectores (Carini, Powell e Steelman, 2008; Ferreira, 2002). O excesso de protecção promove a dependência parental e o isolamento social, o que se apresenta como nocivo para os filhos, tornando-os vulneráveis,

emocionalmente imaturos e com dificuldades acrescidas de autonomização (Bayle, 2008a; Bowlby, 1984; Costa e Silva, 2005).

As transmissões intergeracionais entre pais e filhos com grande diferença de idades poderão conter temáticas preserverantes relacionadas com a angústia de morte (Drenovsky e Meshyock, 2000), i.e., o medo da morte dos próprios pais e, por consequência, da sua própria morte, sendo também uma hipótese válida que os filhos de pais tardios se sintam mais vulneráveis às ameaças de abandono – angústia de separação (Bowlby, 1984). O medo permanente de perder os pais poderá levar à renúncia dos desejos próprios e projectos, negligenciando a vida pessoal e social (Drenovsky e Meshyock, 2000), não obstante, a satisfação das pulsões poderia fazer perder o amor do objecto e a necessidade de castigo do superego (Grinberg, 2000). Neste sentido, poderíamos pensar que o pensamento sobre a possibilidade de abandonar os pais activa a severidade do superego, remetendo o sujeito para uma autoridade interna que exige a protecção do objecto, como garantia da sobrevivência do ego. Curiosamente, se já suspeitávamos que os filhos de pais tardios inverteriam os papéis de cuidador e cuidado mais cedo do que o comum, também ficamos a saber que este processo ocorre quando os pais ainda não precisam de ajuda, como forma de os proteger (Drenovsky e Meshyock, 2000), empenhando todos os recursos nessa tarefa (Eggebeen e Zarit, 1995; Spira e Wall, 2006).

A revisão de literatura elaborada com o propósito de explorar os factores psicológicos envolvidos na parentalidade tardia foi rica especialmente no que concerne ao levantamento de novas questões, hipóteses e conexões entre temáticas, contudo, não é possível oferecer respostas exactas e descritivas, tendo em conta a escassez de literatura e de investigação sobre este tema. A actual incidência deste fenómeno pelo mundo, bem como o desconhecimento sobre os aspectos multi-facetados das relações intergeracionais entre pais e filhos tardios, induzem-nos para a necessidade de re-estudar aprofundadamente este tema.

Referências

- Amaral Dias (2008). Psycho-Pathos-Logos. Conferência não publicada.
- Aberastury, A. (1984). A percepção da morte nas crianças. In A. Aberastury (Ed.), *A percepção da morte nas crianças e outros escritos* (pp. 128-139). São Paulo: Artes Médicas.
- Altman, S. L., & Grossman, F. K. (1997). Women's career plans and maternal employment. *Psychology of Women Quarterly, 1*(4), 365-376.
- Balanche, L. (2003). Ser pai, filho e avô no Portugal de hoje: dados de investigação. In L. Balanche (Ed.), *Ser pai, hoje* (pp. 86-91). Lisboa: Presença.
- Bayle, F. (2008a). A infertilidade. In F. Bayle & S. Martinet (Eds.), *Perturbações da parentalidade* (pp. 69-80). Lisboa: Climepsi Editores.
- Bayle, F. (2008b). A parentalidade. In F. Bayle & S. Martinet (Eds.), *Perturbações da parentalidade* (pp. 25-42). Lisboa: Climepsi Editores.
- Bayle, F. (2005). A parentalidade. In I. Leal (Ed.), *Psicologia da gravidez e da parentalidade* (pp. 317-346). Lisboa: Fim de Século.
- Baranowski, M. D. & Schillmoeller, G. L. (1991). Long-term and personal adjustment of adolescent and older mothers. *Adolescence, 26*(104), 787-797.
- Belsky, J., Hudson T. & Lane, M. (1986). Sex typing and division of labor as determinants of marital change across the transition to parenthood. *Journal of Personality and Social Psychology, 50*(3), 517-522.
- Beirão, A. & Perucchi, J. (2006). Novos arranjos familiares: Paternidade, parentalidade e relações de género sob o olhar de mulheres chefes de família. *Psicologia Clínica, 19*(2), 57-69.
- Berryman, J. C., & Windridge, K. C. (1997). Maternal age and employment in pregnancy and after childbirth. *Journal of Reproductive and Infant Psychology, 15*(3), 287-302.
- Boyd, S. & Treas, J. (1994). Family care of the frail elderly: A new look at “women in the middle”. In S. Boyd (Ed.), *Perspectives in Social Gerontology* (pp. 142-147). Boston: Allyn and Bacon.

- Bowlby, J. (1984). *Trilogia Apego e Perda – Volume 2: Separação, angústia e raiva*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bullock, K. (2005). Grandfathers and the impact of raising grandchildren. *Journal of Sociology And Social Welfare*, 32(1), 43-59.
- Bradley, R. & Corwyn, R. (1999). Parenting. In L. Balter & C. Tamis-Lemonda (Eds.), *Child Psychology: A handbook of contemporary issues* (pp. 339-362), Philadelphia: Psychology Press.
- Brody, (1990). *Woman in the middle: Their parent-care years*. Springer: New York.
- Brunschwig, H. (2008). *Uma família inventa-se*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- Canavarro, M. C. (2001). *Psicologia da gravidez e da maternidade*. Coimbra: Quarteto
- Carini, R., Powell, B. & Steelman, L. (2006). Advancing age, advantaged youth: Parental age and the transmission of resources to children. *Social Forces*, 84(3), 1359-1390.
- Carolan, M. (2005). "Doing it properly": The experience of first mothering over 35 years. *Health Care for Women International*, 26, 764-787.
- Charlton, B. (2007). Psychological neoteny and delayed parenthood. *Medical Hypotheses*, 69, 237-240.
- Coimbra, L. & Nascimento, I. (2001/2002). As lições da experiência: A relação pais-filhos e a transmissão intergeracional do significado do trabalho e da parentalidade. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 17-18, 95-107.
- Correia, M. J. (1998). Sobre a maternidade. *Análise Psicológica*, XVI(3), 365-371.
- Correia, M. J. & Leal, I. (1989). Primiparidade tardia: Estudo exploratório. *Arquivos da Maternidade Alfredo da Costa*, 1, 52-55.
- Costa, R., Figueiredo, B., Pacheco, A., Marques, A., & Pais, A. (2004). Questionário de Experiência e Satisfação com o Parto (QUESP). *Psicologia, Saúde e Doenças*, 5(1), 159-187.
- Costa, M. E. & Silva, M. G. (2005). Vinculação aos pais e ansiedade em jovens adultos. *Psicologia*, XVII(2), 9-32.
- Cruz, M. (1990). Encantos e desencantos da maternidade. *Análise Psicológica*, 4(VIII), 367-370.
- Daubner, H. (2002). Maternités tardives. *Journal des Psychologues*, 198, 39-43.

- Davies, M. (2006). Delayed motherhood: Putting eggs on ice. Recuperado em Outubro de 2006, do site <http://www.ivf.net/content/page-o2253.html>
- Dellman-Jenkins, M., & Brittain, L. (2003). Young adults' attitudes toward filial responsibility and actual assistance to elderly family members. *The Journal Of Applied Gerontology*, 22(2), 214-229.
- Dion, K. K. (1995). Delayed parenthood and women's expectations about the transition to parenthood. *International Journal of Behavioral Development*, 18(2), 315-333.
- Drenovsky, C. & Meshyock, M. (2000). Young adult's perception of their relationship with parents: an exploration into the effects of late birthing. *International Social Science Review*, 75(3,4), 15-22.
- Eggebeen, D. & Zarit, S. (1995). Parent-child relationships in adulthood and old age. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting – Volume 1: Children and parenting* (pp. 119-140). Mahwah: Laurence Erlbaum.
- Eisenberg, N. & Murphy, B. (1995). Parenting and children's moral development. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting – Volume 4: Applied and practical parenting* (pp. 227-257). Mahwah: Laurence Erlbaum.
- Faria, M. C. (1990). A infertilidade: Desejo ou maldição. *Análise Psicológica*, 4(VIII), 419-423.
- Ferreira, A. (2002). Primiparidade tardia e comportamento maternal. Lisboa: ISPA.
- Figueiredo, E., Fleming, M. & Paúl, C. (1983). Psicanálise e conflito de gerações. *Análise Psicológica*, 4(III), 505-520.
- Finley, G. E. (1998). Parental age and parenting quality as perceived by late adolescents. *The Journal Of Genetic Psychology*, 159(4), 505-506.
- Freud, S. (1969). O ego e o superego (ideal do ego). *Obras completas: Vol. 19. 1923-1925 – O Ego e o Id e outros trabalhos* (pp. 41-51). Rio de Janeiro: Imago.
- Fritz, M. & Lebovici, S. (1987). Grossesse: Evolution et surveillance. nouvelles modalités. In M. Mancieux (Ed.), *Enfant et sa sante: Aspects epidemiologiques, biologiques, psychologiques et sociaux* (pp. 445-457). Paris: Doin.
- Garcia-Coll, C. T., Levine, L. & Oh, W. (1985). Determinants of mother-infant in adolescent mother. *Pediatrics*, 75, 23-29.

- Gomez, (2005). O pai. Paternidade em transição. In I. Leal (Ed.), *Psicologia da gravidez e da parentalidade* (pp. 257-286). Lisboa: Fim de Século.
- Green, V., Jones, F., & Krauss, D. (1980). Maternal responsiveness of primiparous mothers during the postpartum period: Age differences. *Pediatrics*, 65, 579-584.
- Grinberg, L. (2000). *Culpa e Depressão*. Lisboa : Climepsi Editores.
- Heckhausen, J. (2002). Developmental regulation of life-course transitions: A control theory approach. In L. Pukkinen (Eds.), *Life transitions* (pp. 257-280). Cambridge: Cambridge University.
- Johnson, S. & Shelton, N. (2006). 'I think motherhood for me was a bit like a double-edged sword': The narratives of older mothers. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 16, 316-330.
- Jones, D. (1998). Memo to mothers at work: Stop feeling guilty! *M.S.*, 9(1), 40-43.
- Justo, J. M. (1990). Gravidez e mecanismos de defesa: Um estudo introdutório. *Análise Psicológica*, VIII(4), 371-376.
- Kessler, E. & Staudinger, U. (2007). Intergenerational potential: Effects of social interaction between older adults and adolescents. *Psychology and Aging*, 22(4), 690-704.
- Lang, F. R., & Schutze, Y., (2002), Adult children's supportive behaviours and older parents' subjective well being – A developmental perspective on intergenerational relationships. *Journal of Social Issues*, 58(4), 661-680.
- Leal, I. (1997). Transformações sócio-culturais da gravidez e da maternidade: Correspondente transformação psicológica. In L. Ribeiro (Ed.), *2º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde* (pp. 201-214). Lisboa: ISPA.
- Leal, I. (2005). Novas e velhas parentalidades. In I. Leal (Ed.), *Psicologia da gravidez e da parentalidade* (pp. 363-405). Lisboa: Fim de Século.
- Leal, I. & Pereira, A. (2005). Infertilidade – Algumas considerações sobre causas e consequências. In I. Leal (Ed.), *Psicologia da gravidez e da parentalidade* (pp. 151-174). Lisboa: Fim de Século.
- Lefaucher, N. (1991). Maternidade, família e estado. In *História das mulheres no Ocidente*, Vol. 5 (pp. 479-503). Porto: Afrontamento.
- Lopes, R., Menezes, C., Piccinini C. & Santos, G. (2006). Ritual de casamento e planeamento do primeiro filho. *Psicologia em Estudo*, 11(1), 55-61.

- Macneill, L. & Wu, Z. (2002). Education, work and childbearing after age 30. *Journal of Comparative Family Studies*, 33(2), 191-213.
- Mansfield, P. K (1988). Midlife childbearing: strategies for informed decisionmaking. *Psychology of Women Quarterly*, 12, 445-460.
- Martin, J. A., Hamilton, B. E., Ventura, S. J., Menacker, F. & Park, M. M. (2002). Births: Final data for 2000. *National Vital Statistics Report*, 50(5).
- Metsapelto, R. & Juujarvi, P. (2006). Parental knowledge and family atmosphere in relation to children's socioemotional behaviour. In L. Pulkkinen, J. Kaprio, R. Rose (Eds.), *Socioemotional Development and health from adolescence to adulthood* (pp. 209-227). Cambridge: Cambridge University Press.
- Moorehead, C. (2006). Woman delay motherhood despite risks. Recuperado em Setembro de 2007, do site <http://www.fims.uwo.ca/newmedia2006/default.asp?id=295>
- Nouel, J. (1986). Grossesses dans le déroulement de l'existence de la femme moderne. In J. Clerget (Ed.), *Fantasmies et Masques de Grossesse* (pp. 180-183). Lyon: Presses Univ Lyon.
- Osorio, L. (2002). *Casais e Famílias: Uma visão contemporânea*. Artes Médicas: Porto Alegre.
- Paúl, C. & Ribeiro, O. (2006). Demência de Alzheimer e cônjuges cuidadores: homens em perspectiva. *Psychologica*, 42, 71-81.
- Pires, A. (2001). Parentalidade em risco. Lisboa: ISPA.
- Pires, A. (1990). Determinantes do comportamento parental. *Análise Psicológica*, VIII(4), 445-452.
- Scharf, M. & Schulman, S. (2006). Intergenerational transmission of experiences in adolescence. The challenges in parenting adolescents. In O. Mayseless (Ed.), *Parenting representations: Theory, research and clinical implications*, (pp. 319-351). Cambridge: Cambridge University Press.
- Settlage, C. (1972). Cultural values and the superego in late adolescence. In R. Eissler (Ed.), *Psychoanalytic study of the child*, Vol. 27 (pp.74-92). New York: New York Times Books.

- Spira, M. & Wall, J. (2006). Issues in multigenerational families: Adolescents' perceptions of grandparents' declining health. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 23(4), 390-406.
- Wrosch, C. & Heckhausen, J. (1999). Control processes before and after passing a developmental deadline: Activation and deactivation of intimate relationship goals. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77(2), 415-427.
- Zal, H. M. (1992). *A geração sanduíche*. Lisboa: Difusão Cultural.

II. Artigo Empírico

Resumo

Nesta investigação, estudou-se a parentalidade tardia na tentativa de completar o vazio da literatura recente, que não acompanha a crescente tendência do aumento deste fenómeno nos países industrializados. Explorámos os factores psicológicos e ambientais que possam explicar a tomada de decisão, as motivações, as dificuldades e necessidades associadas à criação e educação de um filho com 40 anos a menos que os pais. Entrevistámos quatro mães, quatro filhos e uma prima e encontramos características comuns nestas famílias, nomeadamente, que a parentalidade tardia ocorre essencialmente por duas vias: como um “acidente”/“surpresa”, ou de forma planeada, em que houve decisão de adiar (casamento tardio). Os pais tardios tendem a exhibir comportamentos sobre-protectores, promovendo a dependência parental e o isolamento social, contribuindo, a longo-prazo, para sentimentos de “não-pertença” face a contextos extra-familiares e a situações sociais e relacionais. Os filhos de pais tardios tendem a introjectar a angústia de morte dos pais, tornando-se mais vulneráveis às ameaças de abandono, e, para se defenderem da angústia de separação, vão construindo um superego severo, auto-punitivo, que se manifesta sob o medo de desiludir, de chatear e de evitar sobrecarregar os pais, expresso num discurso hiper-moralizador e disciplinado. A ansiedade filial pronuncia-se desde muito cedo – mesmo quando os pais ainda não precisam de ajuda – como manifestação do receio de perder os pais precocemente, obrigando os sujeitos a inverter os papéis e a assumir como suas responsabilidades que outrora foram dos seus pais.

Palavras-chave: Parentalidade tardia, sobre-protecção, angústia de morte, superego severo, ansiedade filial.

Abstract

In the current investigation, we approach the delayed parenthood phenomenon in an attempt to fulfill the void left by the modern literature that does not keep up with this ever more often tendency in the industrialized nations. We have explored the psychological and environmental factors that can provide some explanation on the decision making, the motivations, the difficulties and necessities related with the nurture and education of a son 40 years younger than his parents. For that matter we interviewed four mothers, four sons and one cousin and we came across similar characteristics between these families, namely, the fact that the delayed parenthood derives from one of two circumstances: from an “accident”/ “surprise”, or in the form of a planned way, in which there was a decision to postpone (delayed marriage). These parents tend to show over-protective behaviors, promoting the parental dependence and the social isolation and, on a long-term, contributing to the rise of a sense of “not belonging” in social and relational context and in the extra-familiar milieu. The sons of these late parents tend to introject the parents’ death angst, becoming more vulnerable to the threats of abandonment, which, in order to defend themselves from the separation anxiety, results in the rise of a severe and punitive super-ego that manifests itself in the fear of upsetting and letting down the parents, in an attempt to avoid overloading the parents and through a hyper-moralizing and disciplined speech. The filial anxiety expresses itself since early childhood – even when the parents don’t need help – as a manifestation of the fear of losing the parents before time, forcing the individuals to reverse the roles and to assume as their own the responsibilities that once belonged to the parents.

Key-words: Delayed parenthood, over-protection, severe superego, death angst, filial anxiety.

Introdução

“A maternidade é um processo que ultrapassa a gravidez. É um projecto a longo prazo, quase que nos atreveríamos a dizer um projecto para toda a vida” (Canavarro, 2001, p. 19). O impacto do tempo, da cultura e da forma como a sociedade olha para a maternidade tornam esta experiência única para cada mulher. Actualmente podemos verificar que o que marca esta diferença na mãe moderna, ocidental e de classe média é, efectivamente, a possibilidade de opção (Canavarro, 2001).

O fenómeno da parentalidade tardia tem crescido significativamente, principalmente nos países industrializados, onde encontramos métodos contraceptivos eficazes disponíveis, maior facilidade no acesso à educação/instrução, e oportunidades de carreira para as mulheres (Dion, 1995). O número de mães que têm o primeiro filho após os 40 anos está a crescer a uma velocidade significativa (Martin et al, 2002), e é mais evidente nas mulheres que ocupam cargos profissionais superiores (Altman e Kaplan, 1977; Berryman e Windridge, 1997). Existem dois tipos diferentes de mães: aquelas que devido à sua idade já não se protegem com contraceptivos e acabam por engravidar espontaneamente, e as mães que iniciam um percurso com assistência médica, para concretizar o desejo de ser mãe. Apesar de ficar para segundo plano, este tipo de gravidez é planeada e desejada (Daubner, 2002).

É possível identificar os principais factores associados a esta nova tendência, como sendo o impacto negativo que o nascimento de uma criança pode ter na carreira da mulher, a falta de estabilidade financeira ou o desejo de permanecer em liberdade o maior tempo que for possível até aceitar a responsabilidade irreversível de entrar na paternidade. As mães que têm o primeiro filho mais tarde, apesar de mostrarem elevada expectativa e preenchimento psicológico, não revelam maior motivação parental do que as mães mais novas; O fenómeno de atrasar a gravidez está relacionado com os valores de família, e com uma visão individualista do seu funcionamento (Dion, 1995). É ainda proposta uma alteração sobre a noção de imagem, em que a mulher se imagina confrontada com diferentes papéis sociais, que oscilam entre a solidão e a securização, e a dimensão social da mulher acaba por sofrer mudanças (Nouel, 1986).

As mulheres que decidem ser mães mais tarde, querem que seja no momento certo, e por isso, esperam pela “altura ideal”. Ultrapassada a barreira dos 40-45, os processos de controlo tornam-se mais adaptativos; passar a *deadline* implica uma redução de oportunidades – e.g. quando o relógio biológico é ignorado (Wrosch e Heckhausen, 1999). Ser mãe mais

tarde está relacionado com uma maior satisfação com a maternidade e com um maior compromisso com o papel de mãe. De acordo com várias mães, a maturidade ajuda nas experiências maternas e oferece-lhes mais paciência (Carolan, 2005).

A gravidez tardia apresenta, ainda, problemas de ordem médica, nomeadamente por constituir-se como uma gravidez de risco (há maior probabilidade de a mulher abortar no final da gravidez). À futura mãe com 40 anos estão normalmente associados problemas prévios de saúde, como diabetes, hipertensão, etc., que contribuem com complicações adicionais para a gravidez. Estes bebés apresentam, também, maior probabilidade de desenvolver doenças congénitas (como o Síndrome de Down) (www.babycentre.co.uk, 2006; Mansfield, 1988). Apesar de uma profissão em si não ser um factor de risco de prematuridade, há certas categorias profissionais que apresentam uma maior pré-disposição (profissões relacionadas com o comércio, médico-social, operários especializados, pessoal dos serviços) (Mamelle, 1986). Como consequência, as mães apresentam níveis de ansiedade acima do normal, muitas sentem-se angustiadas, com menos capacidade de resistir a possíveis depressões, o que torna o período de adaptação à maternidade bastante mais longo (Carolan, 2005). Estas mães deveriam ter acompanhamento psicológico de maneira a transformar a inquietude em plenitude, e isto era viável através da partilha das mesmas experiências entre diferentes mães (Fritz e Lebovici, 1987).

Quando uma mulher adia a sua primeira gravidez, a distância de idades entre a sua geração e a do seu filho pode tornar-se conflituosa (Zimmerman, 2000). As mulheres aos 50 anos passam por uma nova fase das suas vidas em que, para além de cuidarem dos filhos e de investirem nas suas carreiras, vêm-se a tratar dos seus próprios pais que, agora, precisam de cuidados especiais (Brody, 1990). Se transportarmos esta situação para a tendência actual, podemos visualizar um jovem de 20 anos, a estudar, a trabalhar para sustentar a casa e a cuidar dos pais, quando, eventualmente, este jovem ainda precisaria que fossem os pais a cuidar dele. Os jovens vivem num período de imaturidade filial (Dellmann-Jenkins e Brittain, 2003), será que eles conseguem dar o apoio emocional tão necessário a estes pais idosos e promover o seu bem-estar (Lang e Schutze, 2002)? Será que estes pais idosos saberão dar resposta às necessidades dos seus jovens filhos (Bullock, 2005; Finley, 1998)? Será que estes mesmos jovens serão tão compreendidos como os seus grupos de pares e prosseguirão o seu percurso sem que o medo de perder os pais mais cedo do que todos os outros os atormente? Tal como afirma Leal (2005), apesar de termos mudado de uma noção de “família moral” para “família relacional”, esta adaptação continua a ser muito imperfeita.

O assunto está a ser negligenciado. A maior parte das investigações são actuais, mas focam-se apenas no fenómeno da mãe grávida, e ainda não existe informação suficiente que nos permita melhorar a intervenção terapêutica em termos práticos, nem na compreensão do sofrimento desta população. Este trabalho tem como objectivo explorar a realidade destas famílias, procurando compreender a natureza das dificuldades e necessidades que possam eventualmente existir. Um conhecimento mais profundo sobre estes casos permitirá ajudar outras tantas famílias que, como consequência dos tempos modernos, optam por ter filhos mais tarde.

Método

Participantes

Os participantes que compõem este estudo são três mães, três filhos e uma prima. As mães entrevistadas situam-se em faixas etárias diferentes, encontrando-se as três em décadas distintas, nomeadamente, 46, 54 e 62. Destas mães, só uma enfrentou a parentalidade a caminho dos 35 anos (aos 34), porém, em todos os casos se tratava do primeiro filho. Os filhos entrevistados são todos jovens adultos, duas das quais do sexo feminino e um do sexo masculino, com as respectivas idades: 22, 23 e 27 anos. Por último, foi entrevistada uma prima de um dos jovens adultos, com a idade de 31 anos. Estas famílias representam estatutos socio-económicos médio-baixo, médio e médio-alto.

Instrumentos

Os instrumentos de recolha de dados utilizados são dois guiões de entrevista com questões abrangentes sobre o tema central (vd Anexos C e D), um dirigido aos pais e outro relativo aos filhos. É proposto aos sujeitos que falem sobre as suas experiências com base numa pergunta inicial (“Conte-me como foi ser mãe/ser pai”), que lhes permite responder livremente, constituindo o investigador um mero orientador.

Estes guiões foram construídos pelo entrevistador, baseados no instrumento de medida de Preocupações Parentais (Algarvio e Leal, 2004), no Questionário A.A.R.P. (Avaliação das Atitudes e Representações Parentais) de Alvarez (2001), na entrevista utilizada por Dion (1995) no seu estudo sobre gravidez tardia, no QUESP (Questionário de Experiência e Satisfação com o Parto) (Costa, Figueiredo, Pacheco, Marques e Pais, 2004), na versão portuguesa do Maternal Adjustment and Maternal Attitudes (MAMA) (Figueiredo, Mendonça & Sousa, 2004), no Questionário de Avaliação de Sobrecarga para Cuidadores Informais (Garrett, Martins e Ribeiro, 2003), na técnica desenvolvida para a Avaliação do Feminino/Materno (Leal, Matos e Ribeiro, 2000), no estudo de Avaliação da Representação da Vinculação e da Percepção da Qualidade de Relação Actual Pais-Adolescente (Machado,

Silva e Soares, 1996), na Escala de Atitudes Sobre a Gravidez e a Maternidade (Paúl e Xavier, 1996) e, por fim, na Escala Mother-Father-Peer (Santos, Silva e Sousa 1995).

O guião de entrevista aos Pais (vd Anexo C) é constituído por treze grupos, e, dentro de cada grupo existe um número variável de questões. Assim, no primeiro grupo são recolhidos os “Dados Demográficos” (idade, ocupação/profissão, background académico, estado civil); no segundo abordam-se as “Motivações Pessoais para se Ter Filhos” (cinco perguntas); no terceiro questiona-se sobre as “Atitudes e/ou Representações Sobre Quando se Deve Ter Filhos” (seis perguntas); no quarto percebemos quais as “Representações Sobre o Feminino e o Materno” (oito perguntas); no quinto explora-se a experiência da “Gravidez, Parto e Adaptação à Maternidade/Paternidade” (três perguntas com sub-itens); no sexto recorda-se o “Desenvolvimento da Criança” (três perguntas com sub-itens); no sétimo concentramo-nos na “Adaptação Escolar e Primeiras Amizades” (dez perguntas); no oitavo reflecte-se sobre as “Relações de Vinculação com a Mãe e com o Pai” (nove perguntas); no nono descobrimos a “Adolescência e Primeiros Passos Independentes” (doze perguntas); no décimo tenta-se chegar à “Relação Actual” (dez perguntas); no décimo primeiro investigam-se as “Práticas Educativas” (sete perguntas); e por fim, no décimo segundo decifra-se o “Funcionamento da Família” (cinco perguntas) e o “Funcionamento da Família dos Pais” (onze perguntas) no décimo terceiro.

O guião de entrevista aos Filhos (vd Anexo D) é simétrico ao anterior, tendo sofrido apenas algumas adaptações. Nomeadamente a supressão total do grupo V, a eliminação de uma questão do grupo IX e a introdução de uma pergunta no grupo X.

No final da entrevista, os sujeitos são questionados sobre os eventuais temas em falta e é-lhes perguntado se existem alguns comentários adicionais que desejam partilhar com o entrevistador.

Procedimento

Os participantes foram escolhidos através de uma amostragem por conveniência. Foram contactados informalmente e mostraram-se disponíveis para participar no estudo, ficando desde logo informados que se preservaria o anonimato. No primeiro encontro, os participantes foram esclarecidos em relação à natureza do estudo, a sua participação foi detalhadamente esclarecida, o Termo de Consentimento Informado (vd Anexo E) foi lido e assinado e marcámos a data dos segundos encontros. As entrevistas foram gravadas com o

consentimento dos participantes, com o consentimento dos participantes, enquanto o entrevistador apenas tomou algumas notas. A entrevista era semi-estruturada, promovendo uma maior flexibilidade de conteúdos dos participantes, que eram levados pelo entrevistador a falar das suas experiências enquanto pais.

Análise dos Dados

Esta investigação privilegia um método de natureza qualitativa, a *Grounded Theory* (vd Anexo F), a partir do qual se pretende identificar a problemática central do fenómeno em estudo, no intuito de formular novos modelos explicativos, promovendo a reflexão e exercitando a relação entre conceitos abstractos originados na análise cuidada dos dados (Pires, 2001).

Os primeiros dados obtidos, relativos à amostra inicial, foram analisados à luz do método da comparação constante antes de a recolha estar totalmente concluída. A análise dos primeiros dados começou, então, com a codificação de cada incidente (ideia ou acontecimento). A codificação foi feita linha a linha, reflectindo e atribuindo um nome que representava um fenómeno em causa (“este incidente é sobre quê?”, “que categoria este incidente indica?”). Inicialmente, a transcrição integral das entrevistas foi o método privilegiado, sendo, posteriormente, após alguma prática na recolha de dados, adoptado o método de tirar notas de entrevista – imediatamente após o encontro – a partir das palavras-chave escritas pelo entrevistador (vd Anexo G). Primeiramente, a partir de uma codificação aberta, ou seja, a anotação de categorias na margem do texto, foi possível uma maior reflexão sobre os incidentes, pelo que as propriedades de cada categoria começaram a surgir. Simultaneamente, os incidentes foram sempre sendo comparados, bem como as entrevistas entre si. Sempre que a codificação nos fizesse aperceber de relações hipotéticas com outras categorias, ou nos lembrássemos de conceitos teóricos relevantes para levantar novas hipóteses, o processo era parado e escrevia-se um memorando (vd Anexo H), i.e., ideias ou teorizações sobre as categorias e as suas relações, diferenças ou semelhanças. Num segundo momento, a partir de uma Codificação Axial, fizemos as primeiras tentativas para descobrir o problema social básico inerente à problemática em estudo, bem como o modo como este era “resolvido” pelos participantes. As categorias já formadas foram analisadas comparativamente com os novos dados obtidos, sendo possível confrontá-los directamente com a teoria, no intuito de tentar identificar as categorias mais significativas, organizando e

reduzindo a lista geral de categorias (vd Anexo I). A partir de uma certa altura, já possuíamos categorias e propriedades que explicavam por si só o fenómeno em estudo, pelo que as categorias e propriedades irrelevantes foram postas de lado. A delimitação da teoria foi possível fazendo uma codificação selectiva, em que o investigador se limitou a codificar os aspectos que pertencem à categoria central e às categorias associadas de modo significativo. Este procedimento permitiu examinar as condições e consequências do fenómeno em estudo, constituindo o paradigma de análise para o desenvolvimento da teoria. Chegados à fase em que obtemos um número mais reduzido de categorias e de maior abstracção, em conjugação com a saturação das categorias, estávamos prontos para formular a teoria. Com o auxílio do *sorting*, processo a partir do qual agrupamos as categorias por similitude e ordenamos os memorandos numa sequência que melhor explique as relações entre os conceitos, decidimos como estruturar os resultados obtidos de modo a comunicá-los propiciamente. Por último, a teoria é escrita, com base no modelo teórico construído pelo investigador, não esquecendo a utilidade do confronto com a literatura recente, que permitiu um cruzamento dos dados com teorias já existentes, que confirmaram as relações detectadas entre alguns conceitos e evidenciaram a inovação desta investigação em novas áreas (Caliri, Cassiani e Pelá, 1996; Dick, 2005; Glaser e Strauss, 1967; Pires, 2001).

Resultados

O conceito de parentalidade tardia está associado a nascimentos que ocorrem após os trinta e cinco anos, sendo a idade da mãe normalmente mais tida em consideração do que a idade do pai para a classificação de maternidade idosa. Este fenómeno, comumente visto como uma consequência das mudanças sociais e culturais, ocorre maioritariamente em duas situações que ilustram caminhos e escolhas diferentes. Por um lado, a parentalidade tardia acontece como um “acidente” ou uma “surpresa”, em famílias que já têm filhos mais velhos e que não esperavam nem planeavam ter mais descendentes, sendo a causa mais referida a fraca precaução anti-concepcional. Por outro lado, nos casos em que a parentalidade é planeada, confrontamo-nos com a questão da decisão consciente de um adiamento, que vai para além das justificações demográficas e sociais que têm caracterizado o fenómeno. A decisão de adiar cruza-se muitas vezes com o casamento tardio, aparecendo como consequência deste novo compromisso, o desejo de vivenciar a vida a dois e desfrutar desta o máximo que for possível. Em relação ao que foi possível apurar, e se, por um lado, as mães tardias referem o casamento tardio como a razão principal para não terem engravidado mais cedo, por outro lado, o adiamento deste compromisso não é uma justificação por si só, uma vez que se questionarmos o porquê desse fenómeno, traçamos um caminho em que estas mulheres não procuravam essas relações de solidez – e de dependência – receando repetir o modelo que testemunharam enquanto crianças.

Apesar de os casos poderem variar, põe-se a hipótese de que as parentalidades planeadas partilhem de um lar desequilibrado, promovendo em excesso, ou em defeito, a dependência parental. Este lar desequilibrado é constituído, em regra, por dois pais de perfil complementar, ou seja, um pai autoritário e uma mãe submissa ou o inverso, i.e., uma mãe autoritária e um pai submisso. Em qualquer um dos casos, parece haver uma transmissão intergeracional de um significado pouco positivo da parentalidade, como actividade pouco gratificante por comparação às actividades profissionais.

Relativamente às mães tardias, para além de possuírem representações distorcidas do conceito de família, com relações francamente díspares com cada um dos pais, as mulheres oriundas destas famílias de origem tendem a apresentar, também, uma representação débil sobre o feminino e o materno, podendo justificar as suas opções de vida com o desejo de igualdade de direitos, assumindo-se como verdadeiras mulheres, em relação à sua natureza,

destacando-se das mulheres dependentes e submissas da história da humanidade. O desejo de ruptura com uma experiência em primeiro grau deixa estas mulheres, contudo, sem modelo para seguir, optando pela cópia de um gênero de estereótipo de mulher moderna, com uma aparência assexuada e uma identidade muito próxima da masculina. O adiamento de um compromisso que as possa remeter para um papel de dependência financeira ou emocional é a alternativa mais fácil e cômoda, evitando um confronto com assuntos pouco resolvidos.

As mulheres que decidiram adiar a gravidez apostando em si, no lazer, ou na carreira, tendem a associar menos a feminilidade à gravidez, distinguindo um estado do outro como independentes, defendendo que uma mulher é sempre mulher mesmo que não tenha filhos – talvez pela proximidade real a essa situação (*deadline*). As mulheres que repetem o modelo parental mais perto do “tradicional”, não entrando em ruptura com este e reproduzindo a diferenciação de papéis sociais marcada no seu comportamento conjugal, optam por um estilo mais antiquado do que o comum para sua geração e têm tendência a considerar que uma mulher se sente mais feminina quando está grávida.

Na gravidez tardia acontece, muitas vezes, a necessidade de intervenção com tratamentos de fertilidade, uma vez que as mulheres depois dos 35 anos já entraram numa idade em que estão menos férteis. Paralelamente, aumentam os casos em que a futura mãe é informada de que a sua infertilidade não é orgânica, restando apenas uma justificação – a psicológica. Vários autores da área da psicologia já se debruçaram sobre as causas e as consequências da infertilidade e, não sendo contudo possível afirmar que existe um perfil de personalidade da mulher infértil, tem ocorrido com alguma frequência nos estudos um consenso em relação ao sofrimento psíquico resultante do compromisso entre o desejo consciente de ter um filho e desejos inconscientes contraditórios, o que nos ajuda a compreender melhor as motivações, posturas e escolhas das mães tardias.

Quanto mais tarde surge o chamado “apelo da maternidade”, mais faz sentido a explicação sobre a correlação positiva entre o desejo tardio e o confronto com a própria morte, cujo filho funcionaria como uma continuidade histórica de descendência, imortalizando a existência dos próprios pais. O confronto com a angústia de morte parece ser decisivo na decisão de ter ou não ter filhos, numa altura em que, principalmente as mulheres, concretizam um balanço sobre as suas vidas, mediante a aproximação de uma das “*deadlines*” mais importantes do ciclo de vida – a possibilidade de gerar vida.

Independentemente do contexto em que é gerado o filho tardio, é possível encontrar pontos comuns nas relações entre pais e filhos. Embora a continuidade geracional aconteça em grande parte dos casos, muitas vezes os filhos estão conscientes da herança social a que

foram expostos e podem não querer reproduzir esse padrão de investimentos dos pais nas suas vidas. A procura de formas distintas de comportamento mostra o desejo (de mudança) que os sujeitos possuem de proporcionar aos seus descendentes experiências diferentes daquelas vividas por si na família de origem. Paradoxalmente, nem tudo parece explicar-se pela contraposição e, de acordo com o que é possível constatar a partir dos dados dos participantes desta investigação, o estilo de família sobre-protectora é tendencialmente repetido pelos pais tardios, não só por ser, na maioria dos casos, esse o modelo que possuem das suas famílias de origem, mas porque, o confronto com a impossibilidade de ter mais filhos agrava o medo de perder o único (ou o último) que têm.

A família é, assim, tida como o elemento prioritário na vida das pessoas e a maior e única rede social de apoio – família sobre-protectora –, de modo a que as relações de amizade, bem como as actividades de lazer, só são bem-vistas se praticadas entre a família. A fraca ligação com outras pessoas para além dos membros da família, leva-nos a crer que os filhos – destes pais extremamente protectores – recebem a participação em actividades fora de casa, fomentando, gradualmente, a dependência parental e o isolamento social – caracterizado pelo contacto privilegiado com os familiares, em que os pais passam a mensagem de que é aceitável (e um comportamento exemplar), negligenciar o contacto com o exterior, como se se tratasse de algo perigoso, pouco digno, ou censurável.

O comportamento sobre-protector em relação aos filhos é marcadamente superior quando as mães dependeram da sua família de origem durante muito tempo e manifestaram dificuldades em se autonomizarem. Particularmente nestes casos, o filho parece ser algo extremamente gratificante e idealizado e poderá trazer algumas dificuldades na relação, como o excesso de preocupação com a saúde e a dificuldade de separação. Por consequência, uma das características fundamentais que marca a família sobre-protectora é a preocupação excessiva com a saúde dos filhos e com o que lhes poderá acontecer que não esteja dentro do seu controlo, como a morte súbita em bebés até 1 ano. Muitos pais acabam por ter comportamentos desadequados, como passar noites acordados para se certificarem que o bebé respira, ou obrigar a criança a dormir no quarto dos pais até uma idade avançada. O excesso de preocupação dos pais poderá estar, também, relacionado com desafios persistentes relacionados com problemas de fertilidade enfrentados pelo casal, principalmente quando sofreram abortos durante esse percurso.

Nas famílias sobre-protectoras, em que as crianças vivem circunscritas ao contacto familiar e não é desenvolvido o contacto com o exterior, momentos de “socialização”, como a entrada para a escola, são mais provavelmente vividos como uma grande separação, com

experiência de ansiedade. O isolamento social parece explicar a dificuldade de adaptação a um lugar e a um contexto a que a criança nunca foi exposta: um grupo de crianças com a mesma idade e, simultaneamente, uma rotina que não contém nenhum elemento familiar. Os sujeitos reconhecem que os sentimentos negativos associados à entrada na escola se relacionam com a privação de contacto com outras crianças durante a infância e com o facto de terem passado demasiado tempo apenas com a mãe, e de não terem interagido tanto com outras crianças.

A “des-adaptação” escolar pode surgir, nestas famílias, como manifestação do sentimento de não-pertença – percepção clara de ser diferente dos pares e dificuldade em integrar-se ou sentir-se integrado num contexto que não seja o familiar – caracterizando-se, essencialmente, por uma adaptação resistente e relações escassas e insatisfatórias. Este sentimento de “desenquadramento” poderá ter origem em problemas relacionados com a identidade dos filhos de pais tardios. Apesar de esta ideia não ser consistente, parece haver uma tendência para a estereotipia de comportamentos, bem como da aparência física, como uma estratégia dos jovens filhos de pais tardios se sentirem mais próximos da sua “geração”, copiando o estilo de roupas e objectos banais das tendências da época, sendo, por vezes, visível, a ausência de características pessoais que individualizam o sujeito. Ainda podemos perceber que, no caso das raparigas, particularmente, há uma tendência para a escolha de um estilo mais assexuado – camuflam as formas femininas, optam por roupas “básicas”, não usam acessórios femininos – quer pela indiferenciação dos sexos, quer pela recusa em assumir uma posição e postura femininas. Muitas destas raparigas têm em comum a preferência por amigos no masculino, desde a infância, assim como escassos relacionamentos que excedam a amizade e o companheirismo com os sujeitos do sexo oposto. O caminho de identificação sexual percorrido por estas jovens parece colocar, novamente, a hipótese de que a imagem maternal não é tida como uma fonte de feminilidade. Na verdade, muitas das mães, como já vimos, confessam mesmo ter sido em jovens o que vulgarmente chamamos de “Maria-Rapaz”, manifestando uma clara preferência pelas brincadeiras dos amigos rapazes e, sentindo-se de parte, mais tarde, das suas amigas que fantasiam com o vestido de noiva e com o enxoval.

Nas famílias em que os pais preservam uma aparência jovem e a idade real não coincide com a idade percebida, eles próprios apercebem-se de que se comportam de maneira diferente aos indivíduos da sua faixa etária e reconhecem que talvez por isso os filhos não sintam que eles são mais velhos. Quando os pais não se tentam aproximar da geração dos filhos, revelando uma aparência e interesses mais consistentes com a sua idade real, são os filhos que tentam esta aproximação, adaptando a sua “identidade geracional”. Confundir os

pais com os avós é uma situação que ocasionalmente ocorre nestas famílias, contudo, gera maior problema quando os filhos ainda estão na infância e são demasiado novos para compreender o porquê de isso acontecer. Mais tarde, a situação parece ser pacífica e bem aceite.

Para a identidade dos jovens contribui, também, a intensidade de intimidade e proximidade que mantêm com os pais. A distância e a diferença – inevitáveis – entre as gerações começam a notar-se mais marcadamente a partir da adolescência, fase em que se dá um “*crash*” ideológico entre as duas gerações. Este momento é caracterizado pela desidealização dos pais e pelo aparecimento dos primeiros conflitos de ideias entre pais e filhos. Novamente, quanto mais adaptados à sua faixa etária estiverem – pais e filhos –, mais distantes estarão da outra geração. A compreensão e a tolerância parecem ser a maior salvaguarda nestas famílias.

Os temas mais referidos por pais e filhos como constante tema de conflito são a religião (e a tendência dos pais para que os filhos encarem a actividade religiosa como parte da rotina diária), as tarefas domésticas, a atitude perante a vida e as regras e os limites sobre saídas (é o tema em que há maior distância e incompreensão, mesmo nas famílias mais democráticas), muitos filhos queixam-se ainda das sugestões desadequadas sobre actividades que os seus pais julgam saber escolher, e, por fim, os planos em família desenquadrados dos interesses dos filhos.

Quando os filhos se referem aos pais mais novos dos seus pares, ou do seu imaginário, geralmente atribuem características que apreciam da sua própria personalidade ou geração, como a flexibilidade, tolerância e “modernidade”. Estes atributos buscam na similitude uma possibilidade de maior proximidade com os progenitores tardios, e talvez desta maneira se possa explicar que sejam os mais valorizados, indo ao encontro do desejo de atenuar a distância e diferença sentida pelo peso de duas gerações de intervalo. Muitos dos pais tardios são recorrentemente caracterizados como “antigos”, conservadores, impertinentes, exagerados e resistentes em compreender outras perspectivas, no entanto, é curioso constatar que, os próprios pais consideram que uma das grandes vantagens da parentalidade tardia é ter mais paciência. Nos casos em que os pais têm actividades que os obrigam a estar constantemente actualizados, a distância já não parece constituir um obstáculo tão grande.

A expressão mais registada pelos filhos de pais tardios caracteriza-se pela timidez e reservas em estabelecer relações fora da família. A “timidez” várias vezes referida pelos jovens relaciona-se com sentimentos de ansiedade e incapacidade face a situações sociais e relações interpessoais (menos frequentes e menos satisfatórias), atrasando a aquisição de

competências relacionais e promovendo um certo nível de imaturidade emocional. Os pais que protegem os filhos em excesso tendem a promover a timidez das crianças, particularmente, nos contextos estranhos ao familiar. A dependência parental é, portanto, maior, pelo que o sujeito não se autonomiza o suficiente para confiar e arriscar num ambiente estranho e a timidez floresce pela adolescência fora. Em fases adultas, percebemos que estes sujeitos preferiram caminhos profissionais em que o contacto com outros indivíduos é diminuto, sendo a informática um exemplo das escolhas possíveis de evitamento, promovendo o isolamento social, gerando um ciclo vicioso de acção-reacção.

A par com o isolamento social, a família sobre-protectora promove, como já vimos, a dependência parental, incitando ao alargamento do período de dependência instrumental e emocional em relação à família de origem, fazendo-se valer, da importância que a família deverá ter na vida do sujeito. O facto de alguns destes princípios e valores terem sido apropriados pelos próprios sujeitos, explica melhor a adesão ao estilo de vida que mantêm no presente (objectivos pessoais, profissionais, relacionais, etc.) e a culpa que sentem em separar-se dos pais, na procura de uma vida um pouco mais autónoma. Os jovens tendem a ficar, também por estas razões, até mais tarde na casa dos pais, prolongando a fase da adolescência e, conseqüentemente, adiando um conjunto de tarefas psicossociais que assinalam a transição para a fase adulta, alterando a forma como os jovens perspectivam e planeiam o futuro.

Uma das características que une os pais tardios é a angústia de morte, i.e., a constatação de que estão a envelhecer está presente no dia-a-dia, tão significativa nos momentos em que se deparam com a juventude dos seus filhos, bem como na própria decisão tardia de se tornarem pais. Os filhos de pais tardios crescem a ouvir desabafos dos seus pais em relação à diferença de idades que os separa. Podemos interpretar estes desabafos como uma estratégia para lidar com esta questão, dando a conhecer, desde cedo, aos filhos da distância de idades que existe entre ambos. Na verdade, quando uma mãe se queixa de ser velhota para carregar o seu filho de 6 anos ao colo para o banho passa essa mensagem, mas é ingénuo pensar que a interpretação da criança não vai para além disto. Quando uma criança ouve a sua mãe rindo com as amigas, comparando a entrada do filho na universidade com a sua entrada para um lar, podemos imaginar o que a criança vai sentir. Os desabafos dos pais são introjectados pela criança, dilatando a sua angústia de separação. A criança passa a estar muito mais sensível às ameaças de abandono dos pais.

Para se defenderem da angústia de separação vivida na relação com os pais, os filhos vão construindo um superego severo, auto-punitivo, que não permite quaisquer tentativas de

afastamento – i.e. independência – dos pais. O superego assume-se como um ideal do eu, formado na infância, com base nas introjecções dos desejos e fantasias dos pais em relação à criança. O medo de desiludir, de chatear, e de evitar sobrecarregar só são entendidos quando temos medo de perder alguém, caso contrário e, regra geral, todos os filhos exigem a total disponibilidade, atenção e compreensão dos pais.

Durante o diálogo com os filhos de pais tardios, são visíveis expressões e discursos que reconheceríamos em pais de filhos esbanjadores, no entanto, são os próprios sujeitos que se punem pelo que fazem, dizem ou pensam, com discursos hiper-moralizadores que seriam adequados se fossem eles os pais e/ou se tivessem um comportamento pecaminoso.

Nestas famílias, a dependência dos pais é tão forte que o superego dos filhos se encarrega de os punir, mesmo quando estes não cometem erros ou excessos. As regras e limites parecem estar implícitas ao próprio sujeito, já que este justifica as suas acções baseando-se nos mesmos princípios familiares. Estas regras e limites são, na maioria, consideradas como razoáveis e compreendidas na perfeição pelo sujeito, como se houvesse uma introjecção da disciplina, tornando-se difícil estabelecer as barreiras entre o que é para eles aceitável ou excessivo. Na prática, isto significa que, mesmo nas famílias cujo estilo predominante não é o autoritário, os sujeitos sentem a ausência de castigo como algo extremamente repressor, sendo eles próprios responsabilizados por todos os seus actos, louváveis ou punitivos. A necessidade de uma punição exterior conseguiria atenuar a culpa, pois esta estaria finalmente do lado de fora.

A ansiedade de separação pode, então, ser visível em filhos de pais tardios, como consequência deste processo de introjecção da angústia de morte, sendo caracterizada essencialmente pelo medo de abandonar e de ser abandonado pelos pais. Em criança, o receio maior é o de ser abandonado e, portanto, a ansiedade concentra-se nos momentos de maior ausência parental ou em alterações da rotina, nas quais os pais não estão envolvidos – como a entrada para a escola.

Uma das lacunas da parentalidade tardia que contribui para a consolidação da angústia de morte nos filhos de pais tardios parece ser a fraca transmissão intergeracional, já que os avós ou morrem cedo demais, ou sofrem de doenças que não lhes permitem contribuir para relações recíprocas. Os netos guardam apenas vagas memórias dos avós com quem tiveram a sorte de conviver – muitas das vezes os avós morrem antes de estes nascerem – e, apesar de existir transmissão intergeracional, esta fica-se, geralmente, pela infância, não havendo possibilidade para grandes trocas.

Quando os filhos são mais crescidos e se aproxima a necessidade natural de se afastarem dos pais, emergem vários sentimentos relacionados com a culpa, entre os quais a impossibilidade de os poder (conseguir) desiludir. Esta atitude expressa a dificuldade que os jovens geralmente sentem em separar-se dos pais, mas, no caso da parentalidade tardia, agravada pela culpa e receio de abandoná-los.

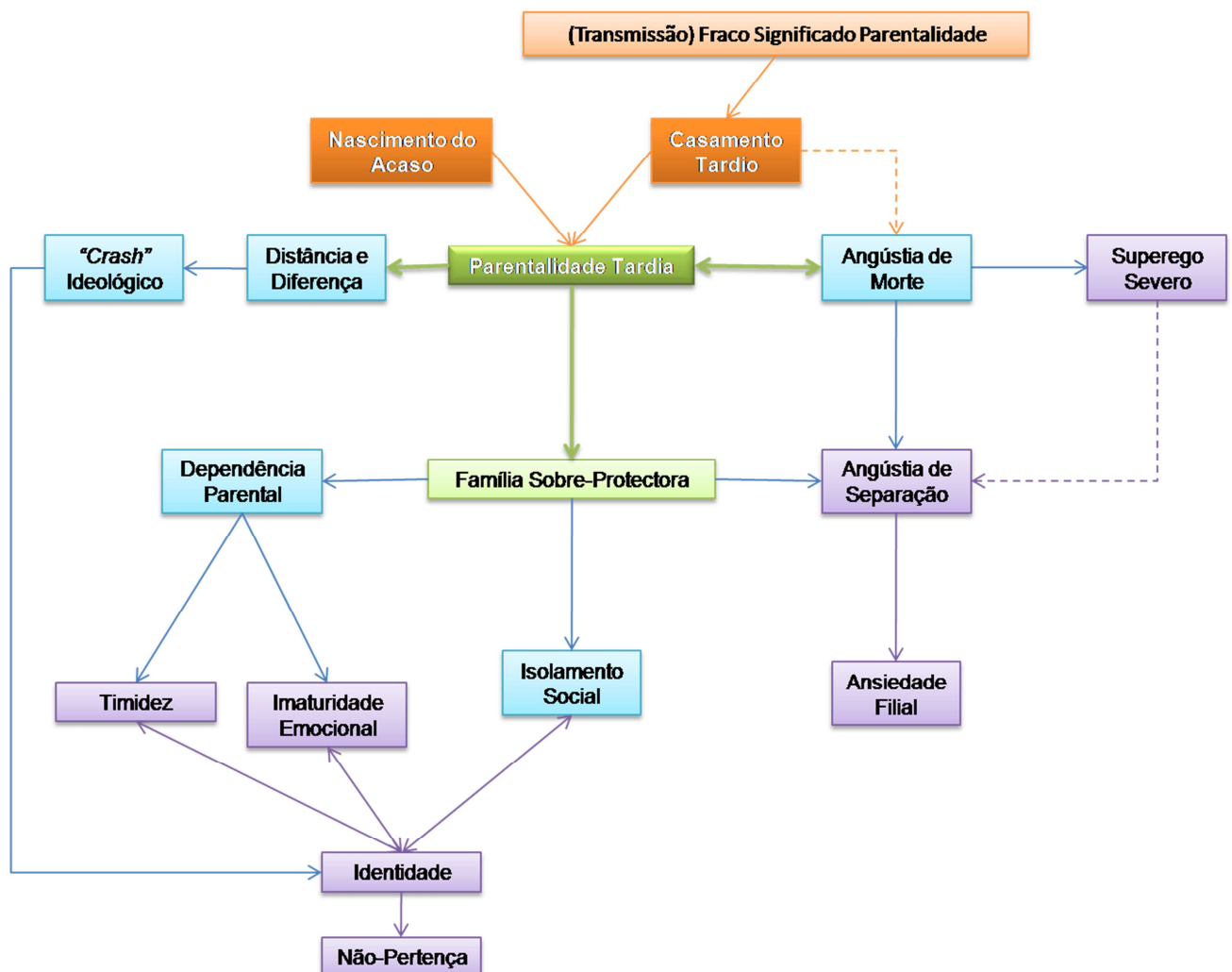
A repressão aparece como o modo do comportamento dos filhos com maior dificuldade em comunicar – honestamente – com os pais. Segundo estes, o melhor a fazer é nunca dizer o que se pensa ou sente, quando isso é contrário às ideologias dos pais. Os direitos que os sujeitos suspeitam poder ter não são reivindicados, nem existe espaço para manifestar ideias diferentes das dos pais. Ainda que confessem que acabam por perder com isso, estes indivíduos chegam a evitar confrontar-se com os pais, aceitando tudo só para não entrar em conflito. Os sentimentos de injustiça ou de desvantagem em relação aos pais podem ser pensados mas nunca são partilhados com os pais. Esta repressão não é completamente eficaz e, por vezes, estes indivíduos acabam por “explodir” num contexto desadequado, acabando por nunca se chatearem pelas “razões certas”. Para além disto, a culpa invade os sujeitos aquando destes ataques, aos seus olhos injustificáveis e completamente ingratos para os pais.

Com o passar do tempo, a ansiedade de separação começa a ser manifestada em preocupações reais com a saúde dos pais, evitando desta maneira que algo lhes aconteça e os possa separar. A ansiedade filial será tanto maior quanto o nível de dependência parental e simbiose vivida na relação com os pais e, também, com os problemas de saúde que, inevitavelmente, começam a ocorrer.

A inversão dos papéis acontece quando os filhos assumem como suas tarefas que outrora foram responsabilidade dos seus pais. Ainda que vejam algumas destas tarefas como ordens, os indivíduos conseguem relacionar estas responsabilidades com o facto de os pais estarem a envelhecer. O aspecto mais visível desta inversão é a luta contra os efeitos do tempo e as preocupações constantes com a saúde. A dificuldade de pensar sobre a aproximação da morte inibe a possibilidade de criar algum plano (*coping*) para quando isso acontecer, quer nos indivíduos mais dependentes do apoio dos pais, quer nos mais autónomos. Nos indivíduos mais dependentes e no caso de haver simbiose na relação com algum dos pais, a separação é praticamente impossível de ser pensada. Nestes casos, as separações são vividas como um abandono gravíssimo, provocando um desamparo tão grande que equivale à dissolução do próprio *Self* – a dependência exacerbada de um espelho familiar faz com que a ausência deste reflexo faça desaparecer, também, o sujeito. Por oposição, alguns sujeitos elaboram uma boa

estratégia de *coping* para lidar com a situação de forma “natural”, mostrando capacidade para falar sobre isso e conseguindo ver um futuro “para além” dos pais.

Quando questionados sobre a sua vez de formar família, os filhos de pais tardios têm uma opinião consensual: não querem repetir a parentalidade tardia. Apesar de compreenderem os factores que levam os pais a adiarem a parentalidade, consideram injusto para os filhos, assumindo que não será uma opção assim tão vantajosa para os mesmos. As raparigas tendem a idealizar a gravidez por volta dos 28 anos, ou 30 no máximo, e todas elas referem o desejo de ter pelo menos dois filhos. Independentemente do que realmente chegam a concretizar, o simples desejo de fazer de forma diferente elucida-nos sobre o desejo de mudança em relação à sua própria situação. Muitos gostavam de ter tido pais mais novos - ou irmãos para partilhar o “fardo” de ser um pouco diferente dos pares - apontando como principal problema o facto de não poderem contar por tanto tempo como gostariam com o apoio dos pais já velhotes. Apesar de desejarem fazer de forma diferente, os filhos de pais tardios também possuem uma fraca representação do significado da parentalidade, em prol da carreira, à semelhança dos seus pais.



Discussão

De acordo com os dados desta investigação, a parentalidade tardia ocorre, essencialmente, por duas vias: como um “acidente”/“surpresa”, ou, por outro lado, de forma planeada, em que houve decisão de adiar. Também outros autores já tinham constatado que, relativamente ao primeiro caso, estamos perante mães que, devido à sua idade, já não se protegem com contraceptivos, acabando por engravidar (nulíparas ou múltíparas) (Daubner, 2002; Drenovsky e Meshyock, 2002; Ferreira 2002), enquanto que, no segundo caso, as mães ou casais que decidem adiar a parentalidade para uma fase mais tardia das suas vidas, procuram estar mais perto do que alguns autores chamam de “parentalidade consciente” (Leal e Pereira, 2005), que corresponde à aquisição de recursos em vários níveis antes de transitar para a parentalidade.

A origem da parentalidade tardia é, como a maioria dos fenómenos de natureza humana, determinada por uma multi-diversidade de variáveis. De acordo com a literatura, dentro dos factores mais significativos para o adiamento da parentalidade – acesso a contraceptivos, investimento na carreira, alargamento da dependência parental (Dion, 1995; Macneill e Wu, 2002; Coimbra e Nascimento, 2001/2002) – destacamos o adiamento do compromisso (e/ou do casamento) (Drenovsky e Meshyock, 2002; Ferreira 2002), como o mais relevante e popular entre os pais tardios. Esta escolha serve o propósito de ilustrar que o adiamento não constitui uma simples causa em si, pois, à luz dos resultados obtidos, este factor conduziu-nos ao aspecto psicologizante da génese da parentalidade tardia. Mediante o que foi possível observar, todas as mães tardias possuíam representações débeis do conceito de família, pelas suas próprias experiências no seio familiar. Como alguns autores referem, as dificuldades relacionais – que estão na origem do atraso no estabelecimento de um compromisso com outrem – parecem ser potenciadas pela qualidade de relação com os pais, podendo até relacionar-se intimamente com o nível de independência materna (Ferreira, 2002). Simultaneamente, na grande maioria dos casos, observámos que a família de origem dos pais tardios não tinha passado mensagens positivas da parentalidade, como sendo uma actividade gratificante e aprazível. Tal como Coimbra e Nascimento (2001/2002) referem, nestas circunstâncias, a mensagem veiculada é a de que não valerá assim tanto a pena investir no papel parental, sendo mais provável que os sujeitos dirijam a sua atenção para outros interesses (por exemplo, profissionais). Outro factor com que nos deparámos aquando da investigação dos aspectos psicológicos do adiamento da parentalidade foi a infertilidade. A

maioria das mulheres deste estudo mostrou uma nova postura da mulher contemporânea, representada essencialmente por ser competente e auto-suficiente, que luta pela igualdade dos direitos, apresentando, contudo, uma imagem masculinizada. De facto, como foi possível observar, a relação entre o feminino e o materno parecia estar desvalorizada nestas mulheres, o que vai de encontro ao que Leal (1997) refere, acerca de a maternidade já não ser, na actualidade, a principal vocação da mulher. Tendo em conta os resultados obtidos, a postura destas mães sobre os papéis sexuais, bem como as experiências familiares (referidas acima), considerámos a possibilidade de existir uma estreita relação destas variáveis com os casos de infertilidade psicogénea (em que não existe causa orgânica conhecida), nos quais não parece existir uma forte motivação para constituir família até à altura da decisão (tardia). Esta ideia solidificou-se quando verificámos que já vários autores conceptualizavam a infertilidade psicogénea como um conflito interno entre o desejo consciente de ter filhos e o desejo inconsciente de não ter (Bayle, 2008a; Faria, 1990; Leal e Pereira, 2005) e que o conflito com a própria feminilidade e as manifestações somáticas eram tanto maiores quanto a gravidade do próprio conflito (Correia e Leal, 1989). Assim, aprofundámos esta questão, interpretando as motivações para a tomada de decisão tardia, bem como a fase específica escolhida. O apelo à parentalidade surgiu espontaneamente na maioria das mães, numa altura concretizavam um balanço sobre as suas vidas, após a conquista de outros patamares (subjectivamente prioritários). A idade com que estes casais decidiram ter filhos aproximava-se bastante daquilo a que Wrosch e Heckhausen (1999) conceptualizam como uma das *deadlines* mais importantes do ciclo de vida (a possibilidade de gerar vida), o que nos encaminha – principalmente nos casos em que não existia motivação prévia para a parentalidade – para a evidência de existir um confronto com a própria morte, como Leal e Pereira (2005) sustentam, tornando-se o desejo de descendência a motivação fundamental para estes casais terem filhos.

Independentemente da história de origem dos pais tardios, constatámos que existem semelhanças em relação ao funcionamento destas famílias, bem como no estilo de relações entre pais e filhos. Esta investigação permitiu vislumbrar um comportamento predominantemente sobre-protector, corroborando a evidência que Carini, Powell e Steelman (2006) sustentam, de que a idade materna se correlaciona positivamente com a monitorização do comportamento dos filhos. Concomitantemente, o comportamento sobre-protector dos pais tardios neste estudo abrangia um incitamento à dependência parental, potenciado por um isolamento social, implicando directamente dificuldades na capacidade de autonomização, características que Bowlby (1984) já tinha identificado deste padrão comportamental. Desta forma, o comportamento e postura dos filhos tardios reflectiram uma “timidez caracterial”,

reconhecida pelos próprios como o padrão de relacionamento comum nas suas ações e relações, anunciando uma possível fragilidade e vulnerabilidade – típica, segundo Costa e Silva (2005) de sujeitos com menos confiança em si próprios e nos outros, com índices elevados de desvalorização pessoal e baixo controlo emocional. Nesta investigação, os filhos tardios revelaram-se ansiosos e ameaçados com a possibilidade de ficarem sós, estando também mais vulneráveis à possibilidade de abandono dos pais – fragilidade que Costa e Silva (2005) atribuem como mais incidente em filhos sobre-protegidos. Se “ser tímido é ter medo das pessoas, especialmente daquelas que por algum motivo constituem uma ameaça no plano emocional” (Zimbardo, 1982, p. 23), podemos depreender que o sujeito tímido será, tendencialmente, mais imaturo e terá maiores dificuldades em adaptar-se a contextos sociais não-familiares. A par com este encadeamento de ideias, surge a hipótese de este sentimento de “desenquadramento” estar relacionado, também, com alguns problemas de identidade enfrentados pelos filhos de pais tardios. Se, por um lado, foi visível uma aproximação à geração dos progenitores (identidade geracional), por outro, verificámos uma tendência para a estereotipia, afigurada pela ausência de características singulares que individualizassem o sujeito. Atribuímos, ainda, à indiferenciação sexual dos papéis existente na relação conjugal dos pais, a responsabilidade pela criação de uma “família andrógina”, conceptualizada por alguns autores (Bayle, 2008b; Gomez, 2005) como a confusão e indistinção dos papéis sociais e parentais de cada progenitor, o que, pensamos, trará inevitavelmente consequências para os filhos, nomeadamente nas raparigas, nas quais foi possível observar uma preferência por um estilo mais assexuado.

A distância e diferença entre gerações parece acentuar-se por volta da adolescência, altura em que se dá um “*crash*” ideológico. Os filhos de pais tardios caracterizaram os pais mais velhos como “antigos”, conservadores, impertinentes, exagerados e resistentes em compreender outras perspectivas e, imaginavam os pais mais novos como sujeitos mais flexíveis, tolerantes e “modernos” – tal como eles esperavam ser um dia. Existindo menor compreensão entre as partes, a grande diferença de idades entre pais e filhos origina, frequentemente, problemas de comunicação e entendimento, como Carini, Powell e Steelman (2006) já tinham referido no seu estudo, nomeadamente, no que diz respeito à capacidade dos pais se colocarem na “pele” dos filhos – e vice-versa. A distância e diferença entre pais e filhos pode ser percebida desde muito cedo pelos filhos tardios, constituindo os desabafos dos pais sobre a diferença de idades um sinal a que as crianças são sensíveis. Aberastury (2006) alerta-nos, ainda, para o facto de a criança possuir uma capacidade aguda de observação, não só para o mundo físico como para o psicológico. A introjecção da angústia

de morte presente nos pais tardios aumenta a permeabilidade das crianças, desde cedo, às ameaças de abandono. Ao internalizar os pais e introjectar os seus valores, as crianças constroem o superego, como uma representação interna dos pais (Eisenberg e Murphy, 1995). Nos casos observados, o superego parece remeter a criança para um regime de auto-punição e consciência moral severa, cujos valores dão protagonismo à relação de dependência vivida com os pais, não permitindo quaisquer tentativas de afastamento – a dupla independência (da criança face aos pais e do Ego face ao Superego) revela-se uma tarefa impossível. O isolamento social proporcionado, inicialmente, pelos pais tardios passa ser defendido, mais tarde, pelos filhos como um princípio apropriado por estes, que os leva a renunciar aos próprios desejos e projectos, negligenciando a vida pessoal e social, com vista a não abandonar os pais (o cessar da individualização e o reforçar da dependência tornam-se ego-sintónicos). O superego severo manifestou-se, nos filhos tardios desta investigação, sob o medo de desiludir, de chatear e pelo evitar sobrecarregar os pais; e expressa-se num discurso hiper-moralizador e disciplinado.

O medo da morte iminente revelado pelos filhos tardios nesta investigação e, também, já referido como uma preocupação frequente e constante dos jovens por Drenovsky e Meshyock (2000), tornou-se manifesto pela experiência diária de ansiedade filial, conceito que compreende comportamentos de preocupação e lutas activas para manter os pais sãos – e vivos. Mesmo quando os pais não precisam de ajuda, os sujeitos sentem-se obrigados a inverter os papéis e a assumir como suas responsabilidades que outrora foram dos seus pais. A ansiedade filial mostrou-se tanto maior quanto o nível de dependência parental vivida na relação com os pais. Da mesma maneira, quanto maior a simbiose vivida com os pais (geralmente com a mãe), mais difícil se tornava pensar na separação e na aproximação da morte como um acontecimento natural, e não como uma ameaça (constante) à vida do próprio sujeito. De acordo com Eggebeen e Zarit (1995) o cuidado a longo-termo dos pais pode representar um processo desgastante que rapidamente excede os recursos físicos, emocionais e financeiros dos filhos, estando associado com diversos tipos de consequências negativas, nomeadamente com perturbações depressivas e outros distúrbios emocionais, risco de saúde aumentado, maiores e mais frequentes conflitos familiares e profissionais e sentimentos de perda de identidade ou de estar aprisionado ao papel de cuidador. Talvez relacionado com estes factores se justifique que nenhum dos filhos de pais tardios, deste estudo, deseje repetir a parentalidade tardia.

Este estudo apresenta, contudo, limitações de ordem metodológica, nomeadamente, no reduzido número de participantes que compõem os dados e que não permitem solidificar a

representatividade do universo das famílias que atrasam a parentalidade. As hipóteses teóricas lançadas permanecem ao nível de suposições, podendo explicar o comportamento de algumas famílias mas não de todas. Convém, no entanto, sublinhar, que o método utilizado pretendia fazer surgir um modelo explicativo para aquele fenómeno e não ter como objectivo comprovar a sua validade. A falta de literatura e de estudos empíricos sobre este tema também pressagiaram dificuldades na compreensão das relações entre conceitos, por não estarem fundamentadas em sítio algum.

Os estudos empíricos sobre os efeitos da parentalidade tardia na família deveriam ser incentivados, pois imaginamos que para além do que conseguimos detectar com esta investigação, acreditamos que existe, ainda, muito a desvendar. As novas investigações deverão incluir não só as mães e os filhos, como também os pais, de forma a que a abordagem e interpretação sejam mais completas. Sugerimos, ainda, que o fenómeno possa ser avaliado em diferentes fases e, portanto, a investigação deverá cobrir diferentes fases/idades da parentalidade tardia. Por fim, não poderia deixar de lembrar a incidência e a prevalência deste fenómeno na nossa sociedade, ampliando o sentido de estudarmos estas famílias, identificando as suas dificuldades e necessidades, de forma a ajudá-las mais eficazmente, num futuro que nos é próximo.

Referências

- Aberastury, A. (1984). A percepção da morte nas crianças. In A. Aberastury (Ed.), *A percepção da morte nas crianças e outros escritos* (pp. 128-139). São Paulo: Artes Médicas.
- Algarvio, S., & Leal, I. (2004). Preocupações parentais: Validação de um instrumento de medida. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 5(1), 145-158.
- Altman, S. L., & Grossman, F. K. (1997). Women's career plans and maternal employment. *Psychology of Women Quarterly*, 1(4), 365-376.
- Alvarez, M. (2001). *Feminino e materno: Um estudo exploratório*. Lisboa: ISPA.
- BabyCentre: recuperado em 22 de Outubro de 2006, do site www.babycentre.co.uk/pregnancy/antenatalhealth/ageandpregnancy/#2
- Bayle, F. (2008a). A infertilidade. In F. Bayle & S. Martinet (Eds.), *Perturbações da parentalidade* (pp. 69-80). Lisboa: Climepsi Editores.
- Bayle, F. (2008b). A parentalidade. In F. Bayle & S. Martinet (Eds.), *Perturbações da parentalidade* (pp. 25-42). Lisboa: Climepsi Editores.
- Berryman, J. C., & Windridge, K. C. (1997). Maternal age and employment in pregnancy and after childbirth. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 15(3), 287-302.
- Bowlby, (1984). *Trilogia Apego e Perda – Volume 2: Separação, angústia e raiva*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bullock, K. (2005). Grandfathers and the impact of raising grandchildren. *Journal of Sociology and Social Welfare*, 32(1), 43-59.
- Canavarro, M. C. (2001). *Psicologia da gravidez e da maternidade*. Coimbra: Quarteto
- Carini, R., Powell, B. & Steelman, L. (2006). Advancing age, advantaged youth: Parental age and the transmission of resources to children. *Social Forces*, 84(3), 1359-1390.
- Carolan, M. (2005). "Doing it properly": The experience of first mothering over 35 years. *Health Care For Women International*, 26, 764-787.
- Caliri, M., Cassiani, S. e Pelá, N. (1996). A teoria fundamentada nos dados como abordagem da pesquisa interpretativa. Recuperado, em Novembro de 2008, do site www.scielo.br/pdf/rlae/v4n3/v4n3a07.pdf

- Coimbra, L. & Nascimento, I. (2001/2002). As lições da experiência: A relação pais-filhos e a transmissão intergeracional do significado do trabalho e da parentalidade. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 17-18, 95-107.
- Correia, M. J. & Leal, I. (1989). Primiparidade tardia: Estudo exploratório. *Arquivos da Maternidade Alfredo da Costa*, 1, 52-55.
- Costa, M. E. & Silva, M. G. (2005). Vinculação aos pais e ansiedade em jovens adultos. *Psicologia*, XVII(2), 9-32.
- Costa, R., Figueiredo, B., Pacheco, A., Marques, A., & Pais, A. (2004). Questionário de Experiência e Satisfação com o Parto (QUESP). *Psicologia, Saúde e Doenças*, 5(1), 159-187.
- Daubner, H. (2002). Maternités tardives. *Journal des Psychologues*, 198, 39-43.
- Dellman-Jenkins, M., & Brittain, L. (2003). Young adults' attitudes toward filial responsibility and actual assistance to elderly family members. *The Journal Of Applied Gerontology*, 22(2), 214-229.
- Dick, B. (2002). Grounded theory: A thumbnail sketch. Recuperado, em Novembro de 2008, do site www.scu.edu.au/schools/gcm/ar/arp/grounded.html
- Dion, K. K. (1995). Delayed parenthood and women's expectations about the transition to parenthood. *International Journal of Behavioral Development*, 18(2), 315-333.
- Drenovsky, C. & Meshyock, M. (2000). Young adult's perception of their relationship with parents: An exploration into the effects of late birth timing. *International Social Science Review*, 75(3,4), 15-22.
- Eggebeen, D. & Zarit, S. (1995). Parent-child relationships in adulthood and old age. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting – Volume 1: Children and parenting* (pp. 119-140). Mahwah: Laurence Erlbaum.
- Eisenberg, N. & Murphy, B. (1995). Parenting and children's moral development. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting – Volume 4: Applied and practical parenting* (pp. 227-257). Mahwah: Laurence Erlbaum.
- Faria, M. C. (1990). A infertilidade: Desejo ou maldição. *Análise Psicológica*, 4(VIII), 419-423.
- Ferreira, A. (2002). Primiparidade tardia e comportamento maternal. Lisboa: ISPA.

- Figueiredo, B., Mendonça, M., & Sousa, R. (2004). Versão portuguesa do Maternal Adjustment and Maternal Attitudes (MAMA). *Psicologia, Saúde e Doenças*, 5(1), 31-51.
- Finley, G. E. (1998). Parental age and parenting quality as perceived by late adolescents. *The Journal Of Genetic Psychology*, 159(4), 505-506.
- Fritz, M. & Lebovici, S. (1987). Grossesse : Evolution et surveillance. nouvelles modalites. In M. Mancieux (Ed.), *Enfant et sa sante: Aspects epidemiologiques, biologiques, psychologiques et sociaux* (pp. 445-457). Paris: Doin.
- Garrett, C., Martins, T., & Ribeiro, J. (2003). Estudo de validação do Questionário de Avaliação de Sobrecarga para Cuidadores Informais. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 4(1), 131-148.
- Glaser, B & Strauss, A. (1967). *The discovery of grounded theory*. New York: Aldene de Gruyter.
- Gomez, (2005). O pai. Paternidade em transição. In I. Leal (Ed.), *Psicologia da gravidez e da parentalidade* (pp. 257-286). Lisboa: Fim de Século.
- Lang, F. R., & Schutze, Y., (2002), Adult children's supportive behaviours and older parents' subjective well being – A developmental perspective on intergenerational relationships. *Journal of Social Issues*, 58 (4), 661-680
- Leal, I. (1997). Transformações sócio-culturais da gravidez e da maternidade: Correspondente transformação psicológica. In L. Ribeiro (Ed.), *2º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde* (pp. 201-214). Lisboa: ISPA.
- Leal, I & Pereira, A. (2005). Infertilidade – Algumas considerações sobre causas e consequências. In I. Leal (Ed.), *Psicologia da gravidez e da parentalidade* (pp.151-174). Lisboa: Fim de Século.
- Leal, I. (2005). Novas e velhas parentalidades. In I. Leal (Ed.), *Psicologia da gravidez e da parentalidade* (pp. 363-405). Lisboa: Fim de Século.
- Leal, I., Matos, I., & Ribeiro, J. (2000). Validação preliminar de uma técnica de avaliação de feminino/materno. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 1(1), 60-77.
- Machado, G., Silva, C., & Soares, F. (1996). Avaliação da representação da vinculação e da percepção da qualidade de relação actual pais-adolescente. In L. Almeida (Ed.), *Avaliação psicológica: Formas e contextos, vol. IV* (pp. 539-557). Braga: APPORT.

- Mamelle, N. (1986). Grossesses et ses composantes medicales, psychologiques et sociales. In J. Clerget (Ed.), *Fantasmies et masques de grossesse*, (pp. 184-188). Lyon: Presses Univ Lyon.
- Mansfield, P. K (1988). Midlife childbearing: strategies for informed decisionmaking. *Psychology of Women Quarterly*, 12, 445-460
- Martin, J. A., Hamilton, B. E., Ventura, S. J., Menacker, F. & Park, M. M. (2002). Births: Final data for 2000. *National Vital Statistics Report 50 (5)*.
- Nouel, J. (1986). Grossesses dans le deroulement de l'existence de la femme moderne. In J. Clerget (Ed.), *Fantasmies et masques de grossesse* (pp. 180-183). Lyon: Presses Univ Lyon.
- Paúl, C., & Xavier, R. (1996). Construção e validação de uma escala de atitudes sobre a gravidez e a maternidade. In L. Almeida (Ed.), *Avaliação psicológica: Formas e contextos, vol. IV* (pp. 419-424). Braga: APPORT.
- Pires, A. (2001). *Crianças (e pais) Em Risco*. Lisboa: ISPA
- Santos, P., Silva, A., & Sousa, A. (1995). A escala Mother-Father-Peer. In L. Almeida (Ed.), *Provas psicológicas em Portugal* (pp. 257-269). Braga: APPORT.
- Wrosch, C., & Heckhausen, J. (1999). Control processes before and after passing a developmental deadline: Activation e deactivation of intimate relationship goals. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77(2), 415-427.
- Zimbardo, P. (1982). *Timidez*. Lisboa: Edições 70.
- Zimerman, G. I. (2000). *Velhice – Aspectos biopsicossociais*. Porto Alegre: Artes Médicas.

III. Anexos

ANEXO A: Teoria do Controlo do Ciclo de Vida

Teoria do Controlo do Ciclo de Vida

De acordo com a Teoria do Controlo do Ciclo de Vida, o controlo primário - adaptação do mundo às necessidades e desejos do sujeito - apresenta uma supremacia funcional na regulação do comportamento durante o curso da vida, enquanto o controlo secundário, por sua vez, remete para estratégias (protecção dos recursos internos) que servem para otimizar os recursos motivacionais do controlo primário (Heckhausen, & Schulz, 1999).

Ambos os tipos de controlo acompanham-se durante a maior parte do ciclo de vida e começam a separar-se aquando do envelhecimento, a partir do qual o controlo passa a ser, exclusivamente, secundário, e o controlo primário sofre um grande declínio. Se, aos 50 anos, um sujeito atinge o pico máximo em termos de sucesso profissional e de desenvolvimento da sua família, a partir desta altura, os papéis sociais começam a reduzir-se e o relógio biológico a deteriorar-se (Heckhausen, & Schulz, 1999).

Segundo o modelo “Action-Phase of Developmental Regulation”, os limites biológicos representam o ponto de viragem para atingir um objectivo específico, já que as oportunidades para o conseguir passam de ricas e favoráveis para pobres e desfavoráveis – ou até impossíveis (Heckhausen, & Wrosch, 1999). A meta para a concretização da maternidade é um dos limites biológicos mais importantes no ciclo de vida da mulher, já que, para além de a fertilidade diminuir a partir desse limite, os riscos de uma possível gravidez nesta altura estão deveras ampliados. De acordo com o estudo de Heckhausen, Fleeson & Wrosch (2001), as mulheres que chegam à menopausa sem ter filhos passam a utilizar maioritariamente o controlo secundário e a compensação para se distanciarem desse projecto, activando medidas protectoras do *Self* – investimento em outros projectos (não-familiares), tendo em vista os amigos, o lazer e a auto-gratificação. Por contraste, as mulheres na pré-menopausa tendem a referir planos e projectos futuros maioritariamente relacionados com a família, utilizando mais o controlo primário e a selecção, o que demonstra um maior compromisso com as responsabilidades maternas. As mulheres que passam este limite biológico sem cumprir a tarefa da maternidade estão, tendencialmente, em maior risco de experienciar sintomas depressivos.

- Heckhausen, J. (2002). Developmental regulation of life-course transitions: A control theory approach. In L. Pukkinen (Eds.), *Life transitions* (pp. 257-280). Cambridge: Cambridge University.
- Heckhausen, J., Fleeson, W. & Wrosch, C. (2001). Developmental regulation before and after a developmental deadline: The sample case of “biological clock” for childbearing. *Psychology and Aging, 16* (3), 400-413.
- Heckhausen, J., & Schulz, R. (1999). A life-span theory of control. *Psychological Review, 102*, 284-304.
- Heckhausen, J. & Wrosch, C. (1999). Control processes before and after passing a developmental deadline: Activation and deactivation of intimate relationship goals. *Journal of Personality and Social Psychology, 77*(2), 415-427.

ANEXO B: Complicações Médicas da Gravidez Tardia

Complicações Médicas da Gravidez Tardia

A gravidez tardia apresenta problemas de ordem médica e é considerada, *a priori*, como uma gravidez de risco. Recentemente começou a achar-se relevante não só a idade da mulher mas também a do homem na origem dos problemas relacionados com o feto. As complicações médicas podem surgir durante a gravidez, no momento do parto ou provocar danos no bebé.

Um dos problemas mais frequentes da gravidez tardia é o aumento da probabilidade de hemorragias pré e pós parto em mulheres que vão ter o primeiro filho depois dos 40 anos (Viana et al, 2008; Chan & Lao, 1999; Kisly, Lorenz & Prysak, 1995). Algumas mulheres têm hemorragias ligeiras sem que daí resulte um aborto espontâneo. Nestes casos, a hemorragia está geralmente relacionada com a implantação da placenta, o sistema de apoio do feto. Ainda assim, quando a grávida sangra em excesso e tem câibras há grande probabilidade de estar a ocorrer um aborto espontâneo. Nas mulheres mais velhas a hemorragia ocorre com mais frequência em fases mais avançadas da gravidez e está relacionada com a eventualidade de uma placenta prévia. Esta complicação ocorre quando a placenta (que alimenta o feto) cobre total ou parcialmente o colo do útero. A mulher detecta este problema pela hemorragia e, quando esta é abundante, o médico sugere uma cesariana ainda que o bebé não tenha chegado ao termo do tempo. Quando a hemorragia é mais ligeira e a obstrução do útero é parcial, a mulher pode ser aconselhada a repouso na cama e hospitalização até o bebé ter maturidade suficiente. Se o sangramento for acompanhado por dores intensas e mal-estar, é mais provável ser um quadro de *abruptio placentae*, durante o qual a placenta se separa total ou parcialmente da parede uterina antes do nascimento do bebé, sendo fundamental o parto imediato (Davies, 2006; Abu-Heija, Abukteish & Jallad, 2000; Berkovitz et al, 1996; Berendes, Cnattingius & Forman, 1993).

Apesar de uma profissão em si não ser um factor de risco de prematuridade, há certas categorias profissionais que apresentam uma maior pré-disposição pelos níveis de ansiedade gerados (profissões relacionadas com o comércio, médico-social, operários especializados, pessoal dos serviços) (Mamelle, 1986), ocorrendo com maior frequência entre as mães tardias (Haas, Petru e Scholz, 1999; Armon et al, 1996; Davies, 2006; Kisly, Lorenz & Prysak, 1995; Algert, March & Roberts, 1994; Berendes, Cnattingius & Forman, 1993).

Em geral, os médicos só provocam o parto em circunstâncias especiais, nomeadamente se a data prevista já foi ultrapassada há muito, se existe uma doença de alto risco (como a diabetes) e o bebé se encontra em perigo, ou ainda se o saco amniótico se rompeu cedo demais e existe risco de infecção. A cesariana pode também ser uma opção no caso de o feto

estar em sofrimento (compressão do cordão umbilical) ou a placenta deixar de fornecer ao bebé oxigénio e nutrientes em quantidade suficiente ou obstruir a entrada do útero (placenta prévia). Depois dos 40 anos, a mulher tem maior probabilidade de sofrer de problemas durante o parto que obriguem a intervenções como o parto provocado ou a cesariana (Detrito et al, 1998; Chan & Lao, 1999; Haas, Petru e Scholz, 1999; Cadili, Camemi & Murgia, 1997; Armon et al, 1996; Lagrew, Morgan & Nakamoto, 1996; Albers, Krulewitch & Lydon-Rochelle, 1995; Kisly, Lorenz & Prysak, 1995; Algert, March & Roberts, 1994; Adashek et al, 1993; Balic et al, 1993; Edge & Laros, 1993).

Quando uma mulher deseja engravidar, fantasia frequentemente com um bebé são e sem problemas. A partir dos 40 anos, existe um grande receio entre as mães de que algo não corra bem com o bebé. De facto, 30% dos bebés de mães tardias acabam por não chegar a nascer (Davies, 2006; Haas, Petru e Scholz, 1999; Cadili, Camemi & Murgia, 1997; Berendes, Cnattingius & Forman, 1993).

Para além deste risco, os bebés que nascem de mães mais velhas apresentam maior probabilidade de desenvolver doenças congénitas (Davies, 2006; Haas, Petru & Scholz, 1999; Mansfield, 1988). O termo congénito significa que o defeito está presente desde a nascença e, no geral, resultam de um desenvolvimento defeituoso durante a gravidez, apesar de também estar relacionado com factores hereditários (genéticos ou cromossómicos). Os defeitos congénitos podem afectar qualquer órgão e muitas vezes são defeitos múltiplos que podem variar entre pequenas alterações da forma até estados incompatíveis com a vida (responsáveis pelos abortos espontâneos do início da gravidez).

A síndrome de Down, por exemplo, é uma anomalia na constituição genética do óvulo ou do espermatozóide. Os bebés afectados sofrem, em diferentes graus, de atraso mental e têm várias características físicas particulares que os distinguem (rosto pequeno e largo, olhos oblíquos, dedos curtos, prega única nas palmas das mãos, ocasionalmente malformações cardíacas e susceptibilidade às infecções respiratórias). Segundo Davies (2006), 1 em cada 100 bebés nasce com Síndrome de Down, em mães com mais de 40 anos.

No caso do lábio leporino e da fenda palatina, a tendência é hereditária, e o defeito tem origem na paragem do desenvolvimento da boca e do nariz durante a formação do feto.

O defeito congénito conhecido como espinha bífida varia de gravidade consoante o local da lesão e da sua extensão. As fibras da espinhal-medula estão expostas pois os tecidos que a rodeiam não se desenvolveram devidamente. Assim, uma criança tanto pode sofrer de uma paralisia muscular de membros como perder o controlo dos intestinos e da bexiga.

À futura mãe com 40 anos estão, também, normalmente, associados problemas de saúde já existentes que trazem complicações adicionais à gravidez. Acontece, por exemplo, a necessidade de maior cautela e prevenção, no caso da hipertensão (Viana et al, 2008; Davies, 2006; Chan & Lao, 1999; Algert, March & Roberts, 1994) - que é responsável pelo aumento do risco da morte perinatal, do atraso do crescimento fetal e morte intra-uterina (Mansfield, 1988) -, da diabetes gestacional (Dulitzki et al, 1998; Berkovitz et al, 1996; Clark et al, 1996; Lagrew, Morgan & Nakamoto, 1996; Kisly, Lorenz & Prysak, 1995) - cujos estudos indicam aumentar o risco de morbidade materna e perinatal (Mansfield, 1988) -, e da pré-eclampsia (Abu-Heija, Abukteish & Jallad, 2000; Haas, Petru e Scholz, 1999; Chetrit et al, 1998; Berkovitz et al, 1996; Clark et al, 1996; Clark et al, 1996; Lagrew, Morgan & Nakamoto, 1996; Kisly, Lorenz & Prysak, 1995).

O diagnóstico pré-natal torna-se pertinente na maternidade tardia, já que é necessário avaliar com cautela os antecedentes da futura mãe. Na verdade, mesmo na menopausa o útero está em condições de desenvolver uma gravidez, contudo, existem muitos riscos acrescidos em relação à mulher. O diagnóstico pré-natal permite detectar cromossomopatias ou alterações genéticas (Távora, 2007). Também seria importante que os pais pudessem ser esclarecidos acerca dos riscos que, tanto a mãe como o bebé correm ao adiar a concepção, bem como a possibilidade de ocorrerem deficiências congénitas ou mesmo mortes intra-uterinas (Davies, 1996). Não há motivos para desaconselhar uma pessoa a ter um filho, esta tem é de estar segura dos riscos que pode correr (Távora, 2007), o que é uma grande ajuda para conter sentimentos de culpabilidade e desconforto.

Abu-Heija, A., Abukteish, F. & Jallad, M. (2000). Maternal and perinatal outcome of pregnancies after the age of 45. *Journal of Obstetrics and Gynaecology Research*, 26(1), 27-30.

Adashek, J., Lopez-Zeno, J., Minogue, J., Peaceman, A. & Socol, M. (1993). Factors contributing to the increased cesarean birth rate in older parturient woman. *American Journal of Obstetrics & Gynecology*, 169(4), 936-940.

Albers, L., Krulewitch, C. & Lydon-Rochelle, M. (1995). Maternal age and labor complications in healthy primigravidas at term. *Journal of Nurse-Midwifery*, 40(1), 4-12.

Algert, C., March, L. & Roberts, C. (1994). Delayed childbearing – are there any risks? *Medical Journal*, 160(9), 539-544.

- Armon, Y., Dollberg, S., Gale, R., Seidman, D. & Stevenson, D. (1996). Adverse perinatal outcome in the older primípara. *Journal of Perinatology*, 16(2), 93-97.
- Balic, J., Merlak, I., Mikulandra, F., Perisa, M. & Stojnic, E. (1993). Pregnancy and delivery in woman aged 35 years and over. *Zentralblatt fur Gynakologie*, 115(4), 171-176.
- Berkowitz, G., Berkowitz, R., Bianco, A., Lapinski, R., Lynch, L. & Stone, J. (1996). Pregnancy outcome at age 40 and older. *Journal of Obstetrics & Gynecology*, 87(6), 917-922.
- Berendes, H., Cnattingius, S. & Forman, M. (1993). Do delayed childbearers face increased risks of adverse pregnancy outcomes after the first birth? *Journal of Obstetrics & Gynecology*, 81(4), 512-516.
- Cadili, G., Camemi, V. & Murgia, P. (1997). La gravidanza ed il parto dopo i 40 anni. *Minerva Ginecológica*, 49(9), 377-381.
- Chan, B. & Lao, T. (1999). Influence of parity on the obstetric performance of mothers aged 40 and above. *Human Reproduction*, 14(3), 833-837.
- Chetrit, A., Dulitzki, M., Mashiach, S., Schiff, E. & Seidman, D. (1998). Effect of very advanced maternal age on pregnancy outcome and rate of cesarean delivery. *Obstetrics & Gynaecology*, 92(6), 935-939.
- Clark, S., Didly, G., Flowers, G., Jackson, G., Oshiro, B., & Varner, M. (1996). Very advanced maternal age: pregnancy after age 45. *American Journal of Obstetrics & Gynecology*, 175(3), 668-674.
- Davies, M. (2006). Delayed motherhood: putting eggs on ice. Recuperado em Outubro de 2006, do site <http://www.ivf.net/content/page-o2253.html>
- Edge, V. & Laros, R. (1993). Pregnancy outcome in nulliparous woman aged 35 or older. *American Journal of Obstetrics & Gynecology*, 168(6), 1881-1884.
- Haas, J., Petru, E. & Scholz, H. (1999). Do primiparas aged 40 years or older carry an increased obstetric risk? *Preventive Medicine*, 29(4), 263-266.
- Krisly, A., Lorenz, R. & Prysak, M. (1995). Pregnancy outcome in nulliparous woman 35 years and older. *Journal of Obstetrics & Gynecology*, 85(1), 65-70.

Lagrew, D., Lagrew, N., Morgan, M. & Nakamoto, K. (1996). Advanced maternal age: perinatal outcome when controlling for physician selection. *Journal of Perinatology*, 16(4), 256-260.

Viana, W. (2008). Gravidez de alto risco em paciente após os 40 anos de idade: relato de caso. Recuperado em Fevereiro de 2008, do site <http://www.assago.com.br/congresso/docs/08.doc>

ANEXO C: Guião de Entrevista aos Pais

I. Dados Demográficos

Idade

Ocupação/Profissão

Background Académico

Estado Civil

II. Motivações Pessoais para se Ter Filhos

- 1) Sempre desejou ser mãe?
- 2) Na sua opinião, quais são as razões mais importantes para se ter um filho?
- 3) Considera que as pessoas têm filhos para se satisfazerem o seu próprio desejo? Para se sentirem realizadas?
- 4) Que tipo de motivações terá uma pessoa que não queira ter filhos?
- 5) Poderá ser por se sentirem realizadas noutros aspectos das suas vidas?

III. Atitudes e/ou Representações Sobre Quando se Deve Ter Filhos

- 1) A sua gravidez /a gravidez da sua mulher foi planeada?
- 2) Se sim, que factores contribuíram para tomar essa decisão nessa altura específica?
- 3) Na sua opinião, existem vantagens em ter o primeiro filho mais tarde? Quais?
- 4) Acha que as pessoas só devem ter filhos quando têm condições emocionais, económicas e sociais?
- 5) Considera que os sujeitos que têm filhos mais cedo estão preparados para os ter?
- 6) Quando decidiu engravidar, estava consciente dos riscos de uma gravidez tardia?

IV. Representações Sobre o Feminino e o Materno

- 1) Para ser feminina uma mulher precisa de ter filhos? Ou uma coisa não implica a outra?
- 2) Acha que a gravidez pode trazer limitações sociais à mulher? E ao homem?
- 3) No seu entender, a gravidez é um acontecimento dispensável? Ou será que a gravidez é um momento único que nenhuma mulher devia perder?
- 4) Acha que a vocação da mulher é ser mãe?
- 5) A maternidade é igual à paternidade?
- 6) Durante a gravidez sentiu-se feminina? /Durante a gravidez sentiu a sua companheira mais feminina?

7) Alguma vez tratou o seu companheiro como filho? /Alguma vez sentiu que a sua companheira o tivesse tratado como um filho?

8) Voltou a trabalhar depois do seu filho nascer?

V. Gravidez, Parto e Adaptação à Maternidade/Paternidade

1) Durante a gravidez,

- i. Como se sentia em relação à sua aparência física/ à aparência física da sua companheira?
- ii. Lembra-se de ter tido /da sua companheira ter tido queixas físicas?
- iii. Existiu tensão entre si e o seu companheiro/sua companheira?
- iv. Lembra-se de ter desejado ter relações sexuais?
- v. Preocupou-se com a ideia de poder vir a não ser uma boa mãe/um bom pai?

2) Como foi experienciado o parto?

- i. Sentiu-se segura (o) com os cuidados e as condições disponibilizadas?
- ii. Estava mais relaxada (o) ou preocupada (o)?
- iii. Teve o suporte do seu companheiro? Foi útil? /Teve oportunidade de dar suporte à sua companheira? Foi útil?
- iv. O trabalho de parto decorreu de acordo com as suas expectativas?

3) Após o nascimento,

- i. Como se sentiu ao cuidar do seu bebé?
- ii. Como foram vividos os primeiros tempos como mãe/pai?
- iii. Sente que a adaptação ao novo papel de mãe /pai (e às funções a desempenhar) foi rápida, ou foi mais longa do que esperava?
- iv. Alguma vez se sentiu triste ou incompetente no seu novo papel?
- v. Como considera que o seu companheiro /a sua companheira se adaptou à paternidade /maternidade?
- vi. Alguma vez imaginou como teria sido se fosse mais nova /mais novo?

VI. Desenvolvimento da Criança

1) Como descreve os primeiros anos de vida do seu filho?

- i. Era uma criança alegre?
- ii. Chorava muito?
- iii. Gritava muito?
- iv. Dormia bem? Tinha pesadelos?
- v. Tinha dores? Doenças?
- vi. Tinha muitos medos?
- vii. Era irrequieta?
- viii. Era obediente?
- ix. Era mandona e exigente?
- x. Era muito dependente?
- xi. Era sociável?

2) O seu desenvolvimento decorreu normalmente?

3) Na sua rede social mais íntima (amigos e família) existiam crianças para brincar com o seu filho?

VII. Adaptação Escolar e Primeiras Amizades

1) O seu filho frequentou algum jardim-de-infância? Se sim, como se adaptou?

2) Lembra-se do primeiro dia de escola do seu filho? Estava presente?

3) A entrada para a escola foi vivida como algo bom ou como angustiante?

4) Sentiu o seu filho orgulhoso com as novas aprendizagens escolares? Passou por algum percalço?

5) Ele era confiante? Estabelecia relações com os colegas com facilidade?

6) O seu filho costumava falar da escola e dos amigos?

7) Conhecia os amigos do seu filho?

8) Como se sentia o seu filho quando a mãe ou o pai iam à escola? Orgulhoso? Com vergonha?

9) Os pais dos colegas de escola do seu filho eram, no geral, mais novos?

10) Alguma vez o seu filho a/o questionou sobre isso?

VIII. Relações de Vinculação com a Mãe e com o Pai

1) Como era a relação entre si e o seu filho?

2) Qual das palavras caracteriza melhor a relação com o seu filho: independência ou protecção? Porquê?

3) O seu filho era mais apegado à mãe ou ao pai? E hoje, é mais próximo de quem?

- 4) Alguma vez sentiu que a diferença de idades interferia de alguma forma na educação do seu filho?
- 5) Até que ponto imagina que o seu filho se sentia admirado por si?
- 6) Acha que a sua relação influenciou o desenvolvimento pessoal do seu filho? Consegue exemplificar o impacto de alguma experiência em particular no desenvolvimento da sua personalidade?
- 7) Alguma vez, num momento de maior ansiedade, evitou relacionar-se com o seu filho?
- 8) Alguma vez sentiu os limites do respeito serem quebrados?
- 9) Alguma vez sentiu que os papéis familiares estavam invertidos? (por exemplo, ser o filho a cuidar ou a zangar-se com um dos pais)

IX. Adolescência e Primeiros Passos Independentes

- 1) A adolescência foi um período difícil na relação com o seu filho?
- 2) Temeu por algum momento não conseguir educá-lo?
- 3) O seu filho queixava-se das regras familiares?
- 4) Sente que cedeu a demasiados caprichos? Ou orgulha-se de ter seguido sempre os seus princípios?
- 5) O seu filho sentia-se em desvantagem em relação aos amigos?
- 6) Alguma vez se sentiu demasiado velha /o para compreender e acompanhar a educação do seu filho?
- 7) Alguma vez ele a /o acusou de ser demasiado velha /o para o compreender?
- 8) A partir de que idade o seu filho passou a arrumar o próprio quarto? E a ajudar nas tarefas domésticas?
- 9) Ficava muito preocupada /o quando o seu filho chegava mais tarde do que o habitual?
- 10) Costumavam fazer as refeições em família? O seu filho tinha autorização para faltar?
- 11) Como se sentia quando o seu filho mostrava ser responsável e independente? Qual era a sua reacção quando ele reivindicava o direito à privacidade da sua vida?

X. Relação Actual

- 1) Como é que se relaciona actualmente com o seu filho?
- 2) Costuma estar com o seu filho? Com que frequência?

- 3) Costuma pedir ajuda ao seu filho? Em que circunstâncias?
- 4) Sente que ele deixa de fazer algumas coisas para estar consigo?
- 5) Alguma vez o seu filho se queixou de como era difícil cuidar de toda a gente?
- 6) Sente-se mais próximo do seu filho quando ele cuida de si?
- 7) Costuma mostrar gratidão e reconhecer o trabalho do seu filho?
- 8) Alguma vez sentiu que o seu filho estava realmente cansado e esgotado?

XI. Práticas Educativas

- 1) Quais os princípios mais importantes que utilizou para a educação do seu filho?
- 2) Dava mais importância à recompensa ou ao castigo?
- 3) Costumava felicitar o seu filho por ser obediente?
- 4) Sente que o seu filho foi difícil de educar?
- 5) As regras eram negociadas entre os pais? Os filhos nunca entraram nas negociações?
- 6) O que acontecia quando eram quebradas as regras? Discutiam muito?
- 7) Se tivesse que educar outro filho, mudava alguma coisa na sua atitude?
- 8) Acha que tem sido uma boa mãe /um bom pai?

XII. Funcionamento da Família

- 1) Como caracteriza a sua família?
- 2) Costumavam estar de acordo em relação à educação do seu filho?
- 3) A disciplina, o amor e a atenção podem ser dados por ambos os pais? Ou acha que a mãe e o pai têm responsabilidades diferentes?
- 4) Costumam discutir? Costumavam discutir no passado?
- 5) Todos os pais referem preocupações em relação aos seus filhos. Que tipo de preocupações a /o afligiam mais? (comida, dores, dormir, medos, sujar, birras, desobediência, etc.)

XIII. Funcionamento da Família dos Pais

- 1) Qual é a diferença de idades entre si e os seus pais?
- 2) Lembra-se da educação que os seus pais lhe deram?
- 3) Reflicta um pouco e diga-me em que aspectos acha que é melhor que eles, e nos que não é assim tão diferente.
- 4) Acha que a sua mãe foi uma boa mãe? E o seu pai?

- 5) A sua mãe compreendia os seus problemas? E o seu pai?
- 6) A sua mãe fazia-lhe mimos? E o seu pai?
- 7) Sentia-se admirado pela sua mãe? E pelo seu pai?
- 8) Com qual dos seus progenitores se sentia mais próxima /o? Porquê?
- 9) Na opinião dos seus pais, o pai não é importante para ajudar a criar um filho? E na sua?
- 10) Quais as principais mudanças, na sua relação com eles, entre a infância e a fase de adulto?
- 11) Que tipo de experiências do contexto familiar marcaram mais a sua personalidade?

Existe algum comentário adicional que deseje partilhar?

ANEXO D: Guião de Entrevista aos Filhos

I. Dados Demográficos

Idade

Ocupação/Profissão

Background Académico

Estado Civil

II. Motivações Pessoais para se Ter Filhos

- 1) Gostaria de ter filhos?
- 2) Na sua opinião, quais são as razões mais importantes para se ter um filho?
- 3) Considera que as pessoas têm filhos para se satisfazerem o seu próprio desejo?
Para se sentirem realizadas?
- 4) Que tipo de motivações terá uma pessoa que não queira ter filhos?
- 5) Poderá ser por se sentirem realizadas noutros aspectos das suas vidas?

III. Atitudes e/ou Representações Sobre Quando se Deve Ter Filhos

- 1) Recorda-se dos seus pais contarem histórias sobre o seu nascimento?
- 2) No seu imaginário, porque é que nasceu nessa altura e não noutra?
- 3) Na sua opinião, existem vantagens em ter o primeiro filho mais tarde? Quais?
- 4) Acha que as pessoas só devem ter filhos quando têm condições emocionais, económicas e sociais?
- 5) Considera que os sujeitos que têm filhos mais cedo estão preparados para os ter?
- 6) Sabe quais os riscos associados a uma gravidez tardia?

IV. Representações Sobre o Feminino e o Materno

- 1) Para ser feminina uma mulher precisa de ter filhos? Ou uma coisa não implica a outra?
- 2) Acha que a gravidez pode trazer limitações sociais à mulher? E ao homem?
- 3) No seu entender, a gravidez é um acontecimento dispensável? Ou será que a gravidez é um momento único que nenhuma mulher devia perder?
- 4) Acha que a vocação da mulher é ser mãe?
- 5) A maternidade é igual à paternidade?
- 6) Acha que durante a gravidez a mulher fica mais ou menos feminina?
- 7) Alguma vez sentiu que o seu pai era tratado como mais um filho da sua mãe?

8) Sabe se os seus pais voltaram a trabalhar depois de nascer?

V. Desenvolvimento da Criança

- 1) Como descreve os seus primeiros anos de vida?
 - i. Lembra-se de ser uma criança alegre?
 - ii. Chorava muito?
 - iii. Gritava muito?
 - iv. Dormia bem? Tinha pesadelos?
 - v. Tinha dores? Doenças?
 - vi. Tinha muitos medos?
 - vii. Era uma criança irrequieta?
 - viii. Era obediente?
 - ix. Alguma vez a acusaram de ser uma criança mandona e exigente?
 - x. Costumava andar mais sozinha/o ou mais acompanhada/o?
 - xi. Era uma criança sociável?
- 2) Lembra-se de algum problema ou doença mais grave durante o seu desenvolvimento?
- 3) Na sua rede social mais íntima (amigos e família) existiam crianças para brincar consigo?

VI. Adaptação Escolar e Primeiras Amizades

- 1) Frequentou algum jardim-de-infância? Se sim, como se adaptou?
- 2) Lembra-se do seu primeiro dia de escola? Algum dos seus pais estava presente?
- 3) A entrada para a escola foi vivida como algo bom ou como angustiante?
- 4) Sentiu-se orgulhoso com as novas aprendizagens escolares? Passou por algum percalço?
- 5) Era confiante? Estabelecia relações com os colegas com facilidade?
- 6) Costumava falar, em casa, da escola e dos amigos?
- 7) Os seus pais conheciam os seus amigos?
- 8) Como se sentia quando a mãe ou o pai iam à escola? Orgulhoso? Com vergonha?
- 9) Os pais dos seus colegas de escola eram, no geral, mais novos?
- 10) Alguma vez questionou os seus pais sobre isso?

VII. Relações de Vinculação com a Mãe e com o Pai

- 1) Como era a relação entre si e os seus pais?
- 2) Qual das palavras caracteriza melhor a relação com os seus pais: independência ou protecção? Porquê?
- 3) Era mais apegado à mãe ou ao pai? E hoje, é mais próximo de quem?
- 4) Alguma vez sentiu que a diferença de idades interferia de alguma forma na maneira como era educado?
- 5) Até que ponto imagina se sentia admirado pelos seus pais?
- 6) Acha que a relação com os seus pais influenciou o seu desenvolvimento pessoal? Consegue exemplificar o impacto de alguma experiência em particular no desenvolvimento da sua personalidade?
- 7) Alguma vez, num momento de maior ansiedade, evitou relacionar-se com os seus pais?
- 8) Alguma vez sentiu os limites do respeito serem quebrados?
- 9) Alguma vez sentiu que os papéis familiares estavam invertidos? (por exemplo, ser o filho a cuidar ou a zangar-se com um dos pais)

VIII. Adolescência e Primeiros Passos Independentes

- 1) A adolescência foi um período difícil na relação com os seus pais?
- 2) Queixava-se das regras familiares?
- 3) Sente que teve direito aos seus caprichos? Ou os seus pais não costumavam ceder?
- 4) Sentia-se em desvantagem em relação aos seus amigos?
- 5) Alguma sentiu que os seus pais eram demasiado velhos para o compreenderem?
- 6) Alguma vez acusou os seus pais de serem demasiado velhos para o compreenderem?
- 7) A partir de que idade passou a arrumar o próprio quarto? E a ajudar nas tarefas domésticas?
- 8) Os seus pais ficavam muito preocupados quando chegava a casa mais tarde do que o habitual?
- 9) Costumavam fazer as refeições em família? Tinha autorização para faltar?
- 10) Como se sentiam os seus pais quando mostrava ser responsável e independente? Quais eram as suas reacções quando reivindicava o direito à privacidade da sua vida?

IX. Relação Actual

- 1) Como é que se relaciona actualmente com os seus pais?

- 2) Costuma estar com os seus pais? Com que frequência?
- 3) Os seus pais costumam pedir-lhe ajuda? Em que circunstâncias?
- 4) Deixa de fazer algumas coisas para estar com eles?
- 5) Alguma vez se queixou de como era difícil cuidar de toda a gente?
- 6) Sente-se mais próximo dos seus pais quando cuida deles?
- 7) Os seus pais costumam mostrar gratidão e reconhecer o seu trabalho?
- 8) Alguma vez se sentiu realmente cansado e esgotado?

X. Práticas Educativas

- 1) Na sua opinião, quais os princípios mais importantes para os seus pais na sua educação?
- 2) Davam mais importância à recompensa ou ao castigo?
- 3) Costumava ser felicitado/a por ser obediente?
- 4) Considera ter sido uma criança difícil de educar?
- 5) As regras eram negociadas entre os seus pais? Deixavam-no entrar nas negociações?
- 6) O que acontecia quando eram quebradas as regras? Discutiam muito?
- 7) Quando for a sua vez de educar um filho, o que pensa que vai ser diferente? E igual?
- 8) Acha que os seus pais têm sido bons pais?

XI. Funcionamento da Família

- 1) Como caracteriza a sua família?
- 2) Os seus pais costumavam estar de acordo em relação à sua educação?
- 3) A disciplina, o amor e a atenção podiam ser dados por ambos os pais? Ou sentia que a mãe e o pai tinham responsabilidades diferentes?
- 4) Os seus pais costumavam discutir no passado? E hoje?
- 5) Com que tipo de preocupações os seus pais se afligiam mais? (comida, dores, dormir, medos, sujar, birras, desobediência, etc.)

XII. Funcionamento da Família dos Pais

- 1) Qual é a diferença de idades entre os seus pais e os seus avós?
- 2) Lembra-se de ouvir falar da educação que os seus avós deram aos seus pais?

- 3) Reflecta um pouco e diga-me quais os aspectos em que eles se costumavam mais comparar.
- 4) Acha que os seus avós foram bons pais?
- 5) Acha que os seus avós são pessoas compreensivas?
- 6) Os seus avós faziam-lhe mimos? E aos seus pais?
- 7) Sentia que os seus pais eram admirados pelos seus avós?
- 8) Com qual dos seus avós se sente mais próxima /o? Porquê?
- 9) Na opinião dos seus avós, o pai não é importante para ajudar a criar um filho? E na sua?
- 10) Que importância tiveram os seus avós no seu crescimento?
- 11) Que tipo de experiências com os seus avós marcaram mais a sua personalidade?

Existe algum comentário adicional que deseje partilhar?

ANEXO E: Termo de Consentimento Informado

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, , certifico que concordo em participar voluntariamente na investigação científica que se encontra a efectuar no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica, no Instituto Superior de Psicologia Aplicada – Lisboa.

A investigação, assim como a minha participação, foi-me definida e inteiramente explicada por

Tive oportunidade de formular questões que achei oportunas, as quais me foram respondidas satisfatoriamente.

Percebo que os procedimentos desta investigação não têm qualquer risco. Sou livre de responder às questões desta investigação e posso, a qualquer altura, retirar o meu consentimento, terminando assim, a minha participação na investigação sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo para a minha pessoa.

___/___/___

(participante)

___/___/___

(investigador)

ANEXO F: Utilizando a *Grounded Theory*

Utilizando a *Grounded Theory*

Palavras-chave: interaccionismo simbólico, amostragem teórica, lógica indutiva, teorias, contexto da descoberta, ajustamento, relevância, funcionalidade, transcendência, comparação constante, incidentes, categorias, propriedades, hipóteses, saturação teórica, categoria central, processo social básico, codificação aberta, memorando, codificação selectiva.

1.Origens

A origem da *Grounded Theory* remete-nos para a Sociologia e para a necessidade de estudar fenómenos sociais ou psicossociais. Foi pensada como um método capaz de analisar aqueles dados considerados parasitas ou não relevantes por outros estudos quantitativos. A mais-valia da utilização deste método seria a ideia base do “**interaccionismo simbólico**”, já que a interpretação subjectiva dos significados e das relações se mostrava tão ou mais pertinente do que a quantificação objectiva do mesmo fenómeno.

A *Grounded Theory* nasce num contexto construtivista, onde se cruzam múltiplas realidades, interacções e influências entre sujeito e objecto. Prefere-se o meio natural e o investigador participa no estudo como mais um instrumento de pesquisa.

2.Princípios

A **amostragem teórica** é emergente e intencional. O número total de participantes, que serão contributos pertinentes para o estudo, não está definido no início da investigação. Assim, apenas temos definida uma população inicial relacionada com a problemática central, e só após a recolha, codificação e análise dos dados o investigador decidirá que grupo estudará a seguir. A análise dos dados deriva de uma **lógica indutiva**, ou seja, partindo de um caso em particular para a sua generalização, na procura de teorias e leis universais.

As **teorias** são interpretações subjectivas baseadas nos dados. As interpretações só são possíveis porque a *Grounded Theory* privilegia o **contexto da descoberta**, no qual o investigador não tem uma hipótese definida à partida mas apenas uma questão geral de partida. Para uma teoria ser válida e consistente, tem de possuir características como o

ajustamento (a relação entre as categorias e aquilo que é observado é aplicada com facilidade), a **relevância** (os aspectos estudados são importantes para a compreensão do fenómeno), a **funcionalidade** (a teoria explica adequadamente o fenómeno em estudo) e a **transcendência** (o fenómeno mantém-se mas a teoria vai sendo modificada ao analisar novos dados). O objectivo de uma teoria é descrever os processos, compreender a influência de várias condições nesses processos, entender o fenómeno em estudo como em constante evolução, dando conta das acções/interacções que contribuem para essa evolução (o porquê e o como de mudar, não mudar ou regredir).

3. Vantagens da *Grounded Theory*

Na *Grounded Theory* opera-se ao nível da confirmação de conceitos. Isto significa que embora a lógica de base seja a análise comparativa, não se pretende replicar um fenómeno e provar a sua evidência, mas sim elaborar a relação entre conceitos.

A generalização de uma teoria a outros contextos expande possibilidades na explicação e aplicação a outros contextos.

Também na análise dos dados, o propósito comparativo é utilizado a favor da investigação, sendo que são postas de lado as propriedades gerais comuns em diferentes unidades.

O objectivo central da *Grounded Theory* é gerar uma ou várias teorias. A análise comparativa de um único caso pode servir para fazer surgir um conceito ou propriedade conceptual, sem necessidade de selecção de amostragem exacta e descrições exaustivas.

Quando se procura gerar novas teorias, categorias e hipóteses, não podemos codificar todos os dados de uma vez. Pelo contrário, é suposto comparar-se semelhanças e diferenças entre as categorias que vão aparecendo. O método da **comparação constante** aparece assim como o mais indicado para este tipo de estudo, pois permite gerar uma teoria integrada, consistente e plausível através da saturação teórica.

4. Constituintes do método

Através da comparação constante de muitos grupos o investigador depara-se com várias semelhanças e diferenças. Estas serão agrupadas em categorias e suas respectivas propriedades. Sendo um **incidente** uma frase, ideia ou acontecimento interpretado pelo

investigador, a **categoria** será o elemento abstracto da teoria e as **propriedades** as características/atributos dessa categoria.

As categorias não são construídas previamente, surgem dos dados, dos incidentes. Estas categorias emergentes devem ser exploradas ao máximo, atingindo a maior diversidade possível das suas propriedades. As categorias devem ser analíticas (generalizáveis) e sensíveis (o conceito em termos de experiência).

Para formular **hipóteses**, teremos que analisar as relações entre conceitos ou categorias, perceber quais as origens e até que ponto podem ser generalizáveis. As hipóteses são constantemente verificadas pelo investigador através da comparação de grupos e testadas ao longo do curso da investigação.

A **amostragem teórica** é um duplo veículo da metodologia na medida em que contem a possibilidade de expandir o desenvolvimento das teorias emergentes. A partir do grupo inicial, o investigador decide onde será pertinente recolher novos dados, sempre com o objectivo de proporcionar novas categorias ou propriedades.

A **saturação teórica** das categorias encontradas (quando não são encontradas mais propriedades para uma categoria) indica-nos a altura de parar de procurar novos grupos.

A **categoria central** refere-se àquela que deveria explicar grande parte da variação existente no fenómeno em estudo, devendo por isso ser saturada completamente. Num estudo existe apenas uma categoria central e só as categorias que se relacionam com essa serão incluídas na teoria. Geralmente a categoria central traduz-se no principal problema ou preocupação das pessoas envolvidas, sendo visível num padrão de comportamento - a maneira como agem para resolver esses problemas/preocupações.

O que o investigador poderá observar será qual o **processo social básico** utilizado por determinada pessoa para lidar com a sua preocupação. Que adaptações, mudanças, crescimentos ou regressões foram vividas por aquela pessoa, até que ponto esses mecanismos funcionaram e que consequências trouxeram.

5. Utilizando o método

A análise dos dados começa com a codificação de cada incidente (ideia ou acontecimento). A codificação é feita linha a linha, reflectindo e atribuindo um nome que represente um fenómeno em causa (“que categoria este incidente indica?”).

A primeira regra básica consiste em comparar os incidentes anteriores com o que se está a codificar. Esta **codificação aberta**, ou seja, a anotação da categoria na margem do texto (e a

comparação constante) permite uma maior reflexão sobre os incidentes, pelo que as propriedades de cada categoria começam a surgir.

A segunda regra básica deve ser usada quando uma categoria é codificada três ou quatro vezes e sugere que o investigador escreva um **memorando**, i.e., ideias ou teorizações sobre as categorias e as suas relações, diferenças ou semelhanças.

Cada incidente serve exclusivamente para uma categoria. Com o avançar da análise dos incidentes, começa-se a comparar os incidentes e as propriedades das categorias. A partir de uma certa altura, já possuímos categorias e propriedades que explicam por si só o fenómeno em estudo, pelo que as categorias e propriedades irrelevantes são postas de lado. A delimitação da teoria é possível quando da **codificação selectiva**, na qual o investigador se limita a codificar os aspectos que pertencem à categoria central e às categorias associadas de modo significativo.

Por fim, juntamos todos os memorandos sobre uma categoria e sintetizamos. Categoria a categoria construímos a nossa teoria.

Pires, A. (2001). *Crianças (e pais) em risco*. Lisboa: ISPA

ANEXO G: Entrevistas

Entrevista nº 1**Família Ribeiro | Barreiro, Setúbal****Alexandra (filha), 22 anos****Gestora Cultural****Licenciatura em Ciências da Comunicação****Solteira****Mãe: 66 anos****Pai: 67 anos**

Alexandra aparenta ser uma jovem adulta comum aos jovens adultos da população, embora se note alguma banalidade exagerada na maneira como se veste – como se quisesse passar despercebida – não destacando, nem “enfeitando” alguma parte do corpo com acessórios femininos ou, pelo menos, minimamente “vistosos”. Alexandra fala pouco, mas é simpática. Pede à mãe para sair com o carro (que é seu, assim como a gasolina paga por si) e diz que volta antes do pai chegar, porque ele não gosta.

Identificação ao Masculino

Introjecção Disciplina

Sabendo que o tema central desta entrevista será a parentalidade tardia, o que me consegues dizer que, à partida, sentes que é diferente quando se tem pais mais velhos?

A principal diferença é, sem dúvida, nas regras e obrigações. A adolescência foi, definitivamente, a pior fase. Por exemplo, eu nunca saio de casa sem dizer, nem é dizer, é pedir, para ir aqui ou ali. Outra das piores coisas é a religião. Eu vou à missa com eles todos os Domingos, porque eles querem!!

Superego Severo

“Crash” Ideológico

Mas eles não sabem que não queres ir?

Eles sabem que eu não acredito em nada. Mas se a minha mãe soubesse metade do que eu penso... eles fazem questão que eu vá, e eu tenho de ir.

Tabu

Estilo Autoritário

(...) Para além disso... os meus pais dão muita importância à família.

Como assim?

Família Sobre Protectora

Eles vieram do interior e na terrinha é tudo família. Quando vieram para cá também não conheciam ninguém para além da família, mas não faziam muito por isso. Mas a

Isolamento Social

- Fraco Incentivo Cultural/Escolar *família do meu pai é bem mais fechada do que a da minha mãe. Da parte do meu pai são quase todos iletrados. Da minha mãe já não.*
- Dá-me exemplos.
- Investimento Cultural/Escolar *Olha, por exemplo, os pais da minha mãe incentivavam os filhos a ir à escola e só depois é que ajudavam.*
- E na família do teu pai era ao contrário?
- Era!*
- E o trabalho era no campo?
- Fraco Incentivo Cultural/Escolar *Sim! Eram uns escravos dos pais. Mesmo assim, a família do meu pai é muito mais orgulhosa.*
- (...)
- Voltando à questão da família... os teus pais, se não tinham muitos amigos, provavelmente não conheciam pessoas com crianças da tua idade para brincar contigo...
- Isolamento Social *Pois, ao contrário de vocês, os meus pais não tinham amigos que tivessem filhos pequenos e para além disso também era o facto de não terem muitos amigos. Era mais a família.*
- Família SobreProtectora *Então com quem é que brincavas com quem eras pequena?*
- Identificação ao Masculino *Com o meu primo mais novo.*
- Andavam na creche?*
- Ama-Mãe *Não. Ele estava na ama na casa ao lado e eu estava com a minha mãe. Por isso estávamos sempre juntos.*
- E do que é que te lembras mais, assim mais antigo?*
- Família SobreProtectora *(...) Dos passeios ao fim-de-semana com meu pai e o meu primo.*
- Onde é que iam?*
- Fraco Incentivo Cultural/Escolar *O meu pai levava-nos sempre, todos os fim-de-semana para um sítio ao pé do rio. Ele bebia uma cerveja e nós sandes de courato. Era tão bom!!*
- E a mãe, não ia?*
- Não.*
- Porquê?*
- Papéis Sociais Diferentes *Ficava em casa a arrumar e a limpar.*
- A sério?*
- “Crash” Ideológico *Sim, nunca concordei. Ela tem uma “pancada” com as arrumações e limpezas!*
- Lembras-te de como eras em criança?*

<i>Era mais para o caladinho, MUUUUITO tímida... como hoje.</i>	Timidez
Então e da entrada para a escola, lembras-te?	
<i>A entrada para a escola foi TERRÍVEL! Parecia que tinha caído para lá de pára-quebras! Fartei-me de chorar, não queria nada ir! É que vocês já tinham andado na creche, mas eu nunca tinha estado num sítio assim. Foi... assustador.</i>	Des-Adaptação Escolar Ansiedade de Separação
Não eras uma criança muito sociável?	
<i>Era, após 10 minutos já estava a fazer uma amiga. Ainda hoje somos amigas. Mas aquilo tudo foi muito assustador.</i>	Ansiedade de Separação
Sem ser com os colegas da escola, não tinhas contacto com outras crianças, para além do teu primo?	
<i>Costumava brincar com uns miúdos nas traseiras da minha casa (vizinhos).</i>	
Lembras-te das primeiras aprendizagens? Sentias-te orgulhosa?	
<i>De aprender a escrever sim, mas do picotado detestava. Lembro-me de ter levado palmadas por causa de não fazer bem o picotado!</i>	
E sem contar com essas palmadas, o resto do percurso escolar sempre correu bem, ou sofreste algum percalço?	Equilíbrio Escolar
<i>Tive explicação na quarta-classe para preparar a entrada no 5º ano.</i>	
Quem é que sugeriu?	
<i>A professora. E “palavra de professora é lei”.</i>	Investimento Cultural/Ecolar
Para quem principalmente?	
<i>Para a minha mãe!</i>	
Lembras-te de falar da escola e dos amigos quando chegavas a casa?	
<i>Não, acho que não falava. Só a partir do 5º ano é que passei a falar mais.</i>	Des-Adaptação Escolar
Os teus pais não perguntavam pela escola, ou como corriam os dias na escola e com os amigos?	
<i>Não.</i>	
Mas ouviam?	Fraco Incentivo Cultural/Ecolar
<i>Ouviam. Mas não se interessavam muito, não perguntavam. Só queriam saber se estava tudo bem, e se estivesse, pronto.</i>	
Como é que te sentias quando os teus pais iam à escola?	
<i>(...) Sem problema. A minha mãe até me ia buscar todos os dias. Sei é que, pelo que me contam, porque eu não me lembro muito bem, que eu me irritava muito mas era quando ia na rua ou a algum sítio e as pessoas que nos conheciam pela primeira vez diziam ou perguntavam se era a minha avó!</i>	Família SobreProtectora Pais-Avós

Mas compreendias na altura porque é que isso acontecia?

Pais-Avós

Sim. Mas ficava chateada, bolas, era a minha mãe, porque é que estavam a dizer que era a minha avó!? Hoje já não me faz impressão. A senhora do café ainda hoje pergunta pela avó, a brincar com a situação. Muitas pessoas fazem esse engano e às vezes é engraçado como ficam encavacadas. Mas eu já não me importo.

Quando entraste na adolescência, muita coisa mudou? Isto é, para além das alterações próprias da adolescência, houve muitas alterações na relação com os teus pais?

Tabu

Muitas não. Mas não havia cá conversas.

Não costumavam conversar sobre a entrada na adolescência, ou sobre outros assuntos mais ou menos íntimos?

Nada.

Nem em brincadeira? (exemplo: favolas, maminhas, pêlos)

Não, não. Quer dizer, o resto da minha família fazia um bocado isso. Mas os meus pais nunca.

Então, porque é que no início dizias que a adolescência tinha sido o período mais difícil?

Distância e
Diferença

Sim foi. Porque foi nesta fase (15/16 anos) que se notou a maior diferença. O meu pai porque era extremamente forreta (apesar de eu ser um bocadinho igual). Mas com a minha mãe notou-se bem o conflito de ideias. Por exemplo, o conflito maior que tenho com eles é com o facto de eles não gozarem a vida. Guardam, guardam, guardam e não aproveitam a vida. Para eles é trabalhar para comer! Para além disso, a questão da religião também sempre me fez muita impressão.

“Crash” Ideológico

Nunca reivindicaste os teus direitos, enquanto adolescente?

Repressão

Não gosto de estar chateada e por isso evito chatear-me, mesmo sabendo que posso estar a perder com isso.

O que é que custa mais perder?

Explosão

Custa muito ficar com as coisas cá dentro. Às vezes tenho uns ataques de fúria com eles e acabo por dizer algumas coisas. Por exemplo, por coisas pequenas desatino, mas já estou tão cheia!

Como é que os teus pais reagiam aos ataques de fúria da adolescência?

Eh! Também não eram ataques de fúria!

Só estou a usar a expressão que utilizaste... (!)

<i>(...) Eu não tinha ataques destes na adolescência. Retraía tudo. Acho que retraía mas não dava conta.</i>	Repressão
Lembras-te de quando começaste a ter mais essas explosões?	
<i>(...) Deve ter começado quando me separei dos meus colegas da primária. Éramos 15 e andávamos sempre juntos, desde a primária. Até ao 9º ano. Depois foi cada um para a sua escola, para o seu agrupamento. Nessa altura passei por alguns momentos de desespero. Sentia muita ansiedade, muitas vezes. (...) Foi horrível.</i>	Ansiedade de Separação
Passar por tudo outra vez?	
<i>(...) Eu acho... que foi como uma repetição da primária! É! É isso mesmo! Completamente agonizante! O pior era ter de explicar tudo outra vez... aos novos colegas do secundário e depois da faculdade. Blá blá blá, não sou igual a vocês... não posso fazer o mesmo que vocês fazem...</i>	Ansiedade de Separação
As regras, não é? E apesar de não concordares com elas, não era possível negociar algumas?	Não-Pertença
<i>Nunca entrei nas negociações. Só entrava em negociação com alguma coisa que já soubesse que podia ganhar. Por exemplo, se for sair com a minha prima, podia chegar um bocadinho mais tarde.</i>	Estilo Autoritário Família Sobreprotectora
Costumavas ser felicitada por seres obediente?	
<i>A obediência estava implícita, fazia parte. Recebi algumas palmadas da minha mãe por não fazer o que ela dizia. O meu pai só me bateu uma vez. E foi uma coisa tão estúpida! Ele disse para eu ir lavar as mãos, e eu disse que não ia, que elas cheiravam bem. E embirrei que não ia. Ele deu-me uma palmada. E depois aconteceu uma coisa vergonhosa... que é melhor não contar...</i>	Introjecção Disciplina Rallete com Palmada
Assim tão vergonhosa?	
<i>Sim! Fiz xixi pelas pernas abaixo!</i>	
Para além das palmadas, recebias algum outro tipo de castigo?	
<i>Não.</i>	Ausência de Castigo
E de recompensa?	
<i>Ahah!</i>	
Então, que outros princípios te lembras de os teus pais utilizarem na tua educação?	
<i>(...) A comparação. A minha mãe estava sempre a comparar-me com os outros. “Vês o não sei quantos?” Era agonizante! Odiava!</i>	Comparação “Pedagógica”
Achas que foste uma criança difícil de educar?	

- Desejo de Mudança *Não, nem pensar. Às vezes tinha vontade que os meus pais conhecessem alguns dos meus amigos.*
- Já que raramente quebravas as regras – se alguma vez aconteceu – lembraste da reacção dos teus pais?
- Ralhete Silencioso *Na maioria das vezes chateavam-se um bocado só. O meu pai às vezes ainda faz o tratamento do silêncio. Eu detesto. Não consigo ficar chateada com ninguém!*
- Ansiedade Separação *Prefiro que eles me chateiem logo tudo do que aquilo!*
- SuperEgo Severo *E quando tiveres um filho... vais ser parecida com eles ou diferente?*
- Igual nalgumas coisas, como na obediência, mas mais moderada. Mas vou ser diferente nas saídas negociáveis (ninguém merece!), na questão da igreja (não vou!) e no castigo. Não hei-de tocar com um dedo no meu filho, mas ele fica sem tv, livros, nada. Em relação ao carro, talvez seja como eles.*
- Educar Forma Diferente *Então e já sabes se gostavas de ter filhos?*
- Fraco Desejo Parentalidade *Acho que sim, mas ainda está em consideração.*
- E se tiveres filhos, achas que vais ser mãe tardia, como a tua mãe?*
- Fazer Forma Diferente *Não.*
- Na tua opinião, quais são as razões mais importantes para se ter um filho?*
- Dividir algo físico com alguém que amas...*
- Motivação Parental *Deixar a tua marca na terra...*
- Transmitir o teu amor por alguém...*
- Achas que as pessoas têm filhos para satisfazerem o seu próprio desejo, para se sentirem realizadas?*
- Sim.*
- Que tipo de motivações achas que têm as mulheres que não querem ter filhos?*
- Feminino e Materno *Não sei. Talvez por acharem que um filho pode atrapalhar ou ser incompatível com outros objectivos, como viajar ou investir na carreira.*
- Para ti, uma mulher tem de ter filhos para ser feminina?*
- Uma coisa não implica a outra. Nisso sou como a minha mãe. Ela diz-me sempre “faz o que te faz feliz”. Na minha família é tudo casado, não há juntos. Mas a minha mãe diz-me sempre, “para que é que te vais casar, se te vais divorciar?”. Ela é muito aberta nessas coisas.*
- Porque é que a tua mãe casou tão tarde?*
- Casamento Tardio *Para tomar conta dos pais dela até que eles morressem.*
- E porque é que achas que ela tomou essa decisão?*

<i>Porque a minha mãe amava profundamente os pais dela. Sente-se um carinho enorme quando ela fala dos pais.</i>	Simbiose
Lembras-te dos teus pais te contarem histórias sobre o teu nascimento?	
<i>Não. E só tenho uma fotografia da minha mãe grávida! Mas oiço muitas histórias depois de ter nascido. Os meus pais estão sempre a contar que eu chorava muuuuuuito! Os vizinhos chamavam-me a chorona!</i>	Bebé Chorão
No teu imaginário, está claro que nasceste nesta altura por causa da história da tua mãe?	
<i>Eu por acaso não tenho a certeza se era para nascer. Nunca cheguei a perguntar à minha mãe se eles queriam mesmo ter-me ou se foi por acaso. Quer dizer, eu sei que eles queriam ter-me depois de saberem que a minha mãe estava grávida... mas não sei se isso era suposto ter acontecido. Até porque depois a minha mãe sabia que era uma gravidez de risco, mas quis à mesma. E nunca foi ao médico.</i>	Nascimento do Acaso
??	
<i>Foi só ao médico dela, de família.</i>	
Sabes quais são os riscos associados à gravidez de risco?	Riscos Gravidez Tardia (ignorância)
<i>Não.</i>	
Achas que existem vantagens em ter o primeiro filho mais tarde?	Desejo Mudança
<i>Não!</i>	
Mesmo que a sociedade de hoje empurre os pais para esse adiamento, já que está economicamente mais difícil conseguir estabilidade?	
<i>Hoje em dia talvez as pessoas esperem mais pelas tais condições mas eu continuo a achar que é super injusto para os filhos e pelo menos eu não fazia isso! Ou pelo menos, tinha dois filhos! Eu por acaso tive uma família coesa que sempre me apoiou para não sentir diferenças. E tinha o meu primo, que para mim era como um irmão. Mas em outras famílias pode não acontecer o mesmo. Eu, mesmo assim, acho que não tive assim muito azar.</i>	Fazer Forma Diferente Desejar Irmãos
Achas que os pais que têm os filhos mais cedo estão preparados para os ter?	Não-Pertença
<i>É subjectivo. Se for desejado, sim. Se for acidente já é mais complicado. É subjectivo. Há pais mais novos com muita maturidade e outros mais velhos que não prestam para nada e que nem deviam ter filhos.</i>	Identificação ao Masculino
O que é que caracteriza mais a relação com os teus pais: independência ou protecção?	
<i>Protecção. Sem dúvida.</i>	Família SobreProtectora

Porquê?

Porque sou uma menina da mamã e do papá.

És, ou eras, mais apegada à mãe ou ao pai?

É difícil dizer. Depende dos assuntos. Com um choco com umas coisas, com outro com outras. Mas talvez com a minha mãe.

Alguma vez sentiste que a diferença de idades interferia de alguma forma na maneira como eras educada?

Sim. Se tivesse pais mais novos teria tido outra educação. Sentia diferença quando tinha aniversários ou ia brincar a casa de amigas, mas principalmente a nível material. Eles tinham muita coisa e pediam muita coisa. Eu nunca pedia nada.

Comparação Pares

Estilo Autoritário

Lembro-me de haver uns balões lindos no Santo António, mas eu não podia pedir. Por exemplo, na minha família não há prendas de anos nem de natal. A minha mãe ainda pergunta se eu quero alguma coisa ou se preciso. O meu pai, quando lhe

Distância e Diferença

perguntam o que é que me deu, responde que já me dá comida e de vestir todo o ano.

Sentes-te e sentias-te em criança admirada pelos teus pais?

Sim. A minha mãe admira que eu saiba coisas que às vezes não interessam para nada, porque faz-lhe confusão como é que eu sei coisas para além da escola, que não aprendi lá. O meu pai aprecia o conhecimento prático para resolver os assuntos de casa. E não entende a necessidade de comprar livros.

Inversão de Papéis

Distância e Diferença

Quando tiveres filhos vais cultivar esse gosto por livros? E ao fim-de-semana, vais levá-lo a passear onde?

Educar Forma Diferente

Quando for mãe, provavelmente vou levar o meu filho a museus...

(...)

É tão triste... eu lembro-me de ver as minhas fichas das notas, sabes? Por trimestre? E em todas, todas, na parte das observações vinha escrito “a Alexandra tem de ler mais livros nas férias para estimular a criatividade”. Mas eu não tinha livros! Ninguém mos comprava!

Fraco Incentivo Cultural/Escolar

Alguma vez sentiste que os papéis familiares estavam invertidos?

Inversão de Papéis

Em relação à saúde do meu pai. Às vezes apetece-me bater-lhe, ralho com ele. Ele tem Parkinson, mas não quer ir ao neurologista porque a médica dele diz que são artroses, apesar de eu já ter ido lá com ele e explicar-lhe que as minhas tias e a

Ansiedade Filial

Ansiedade de Separação

minha avó também têm. Tenho muito medo por ele e por mim! O que mais assusta é o sangue espesso. A minha avó também tinha e volta e meia tinha ataques em que parecia que ia morrer. Assusta porque não tens controlo nenhum.

Ansiedade de Separação

Já alguma vez pensaste no que pode acontecer se o teu pai morrer?

Não sei. (...) Receio mas não sei o que acontecerá. (...) Se fosse a minha mãe era um descontrolo para os dois.

Simbiose

Mas ficavas a tomar conta do teu pai?

Sim. Mas ele passava fome! Que ele tem gostos muito esquisitos e eu não tenho paciência como a minha mãe!

Eu acho que, no fundo, eles estão a poupar este dinheiro todo para irem para um lar.

Morte: "Coping"

Já te falaram sobre isso?

Não. Mas eu desconfio. Eles sabem como é impossível fazer o que a minha mãe fez. Se um deles morresse, não era capaz de pôr o outro no lar. Tinha de trabalhar para dar conta da casa, senão... Com os dois é que é impossível.

Desejo Mudança

Inversão Papéis

Pensas nisto muitas vezes?

Não.

Mas tens medo.

Ansiedade de Separação

Tenho.

(...)

Os teus pais costumam mostrar gratidão e reconhecer o que fazes por eles?

Sim.

Alguma vez te sentiste realmente esgotada e cansada?

Inversão Papéis

Às vezes.

E apesar disso, sentes-te mais perto deles quando tens de cuidar das coisas deles?

Sim.

Os teus pais costumam pedir-te ajuda?

Não. Costumam dar-me ordens!

Deixas de fazer outras coisas para estares com eles?

Em princípio não, mas já aconteceu ter de escolher. Tinha de os levar de carro para o terreno e não os podia deixar a pé, não é?

Inversão Papéis

Os teus pais costumam estar de acordo em relação à tua educação?

Sim.

A disciplina, o amor e a atenção são dados por ambos os pais, ou eles têm funções diferentes?

A mãe não trabalhava por isso era a educadora, a disciplinadora. Ambos davam amor. E o meu pai dava-me atenção ao fim-de-semana – era o descanso da mãe!

Responsabilidades Parentais Diferentes

Os teus pais costumam ou costumavam discutir?

Nada de especial, só sobre coisas banais.

E no geral, achas que têm sido bons pais?

Sim.

Lembras-te a partir de que idade passaste a arrumar o teu quarto e a ajudar nas tarefas domésticas?

Desde sempre!

Os teus pais ficavam preocupados quando chegavas mais tarde do que o habitual a casa?

Sim! No outro dia estava com a minha prima e distrai-me. Já era 1h! Estava no semáforo e a minha mãe a ligar! Fiz a subida à pressa e quando cheguei já estava toda preocupada.

Introjecção
Disciplina

Costumavas fazer as refeições em família? Tinhas autorização para faltar?

Família
Sobre Protectora

Sim, sempre. Não faltava, principalmente se fosse em casa de outras pessoas. A minha mãe não gosta que eu esteja em casa de outras pessoas. Só da família. Dormir fora simplesmente não acontecia. Nem pedia porque sabia qual era a resposta.

Estilo Autoritário

Achas que o facto de seres um bocadinho mais retraída e introvertida pode estar relacionado com as restrições a que sempre estiveste sujeita?

Sim. E ter amigos mais velhos também. Eu sentia que aos 15 tinha mentalidade de 20.

Idade Real VS Idade
Percepcionada

Sentes-te triste, às vezes, por não poder fazer determinadas coisas?

“Crash” Ideológico

Introjecção
Disciplina

Às vezes. Quando era mais nova sentia-me muito chateada porque queria ir à discoteca. Agora já percebi que não gosto de discotecas! Estou a viver um outro conflito interior. Estou há muito tempo a dizer que quero ir viver sozinha e desejo isso. Mas nestas férias fiquei aqui um mês sozinha em casa e apercebi-me que não gosto. Mas pude deixar a cama por fazer durante uma semana inteira!

Superego Severo

Ansiedade de
Separação

Nos outros dias fazes sempre?

Quando vou trabalhar é a minha mãe que faz. Ela faz tudo. Se eu não arrumar a roupa que ela passou a ferro em 10 minutos, quando volto ao quarto, ela já arrumou tudo nas gavetas.

Mãe Faz-Tudo

Gostavas de ter mais privacidade?

Simbiose

Sim. Não há nada que eu tenha no meu quarto que a minha mãe não conheça.

E se quisesses guardar um segredo?

Era impossível guardar segredos.

Sem pormenores, Alexandra confessou que em toda a sua vida nunca chegou a viver uma relação amorosa com alguém, nem experienciou algum tipo de “proximidade”. Segundo a sua perspectiva, não vale a pena estar a envolver-se com pessoas que não interessam e que, para além disso, ela confia muito na primeira impressão para saber se há possibilidade de vir a gostar de uma pessoa ou não. Fica um sentimento mágico no ar de que há-de aparecer um dia alguém perfeito – resta saber se ela descobrirá que o encontrou, uma vez que só assim se permite envolver...

Entrevista nº 1b

Família Ribeiro | Barreiro, Setúbal

Continuação da Entrevista - Alexandra (Via Email)

Achas que a gravidez pode trazer limitações sociais à mulher? E ao homem?

Penso que sim, mais à mulher do que ao homem, uma vez que desde o principio da é ela a principal provedora (sem falar a nível financeiro). A gravidez pode restringir a interação social e mesmo a carreira da mulher e penso que o mesmo se aplica ao homem, mas num grau inferior. Como em tudo na vida, existem exceções. Dependendo do planeamento e fase da vida em que o “casal” se encontra penso que estas limitações podem ser superadas, se é que chegam a existir.

No teu entender, a gravidez é um acontecimento dispensável? Ou será que a gravidez é um momento único que nenhuma mulher devia perder?

Neste momento da minha vida, encaro a gravidez como um momento que quero viver, apesar de isto estar condicionado por acontecimentos futuros e obviamente pelo encontro de alguém “significativo” com quem viverei e partilharei este momento...

A maternidade é igual à paternidade?

Tendo uma ligação muito forte com ambos os meus pais é difícil distanciar um papel do outro, pelo menos no meu caso. No entanto, em geral penso que a maternidade é o estabelecimento de um laço muito mais profundo e duradouro do que a paternidade, apesar de serem as duas essenciais.

Sabes se os teus pais voltaram a trabalhar depois de nasceres?

Sim, voltaram.

Alguma vez sentiste que o teu pai era tratado como mais um filho da tua mãe?

Lembro-me que por vezes era confundido por filho da minha mãe, pois aparenta ser mais novo do que ela, apesar de serem da mesma idade, mas acabavam sempre por ser episódios engraçados.

Lembra-se de quem estava contigo no primeiro dia de escola? Algum dos teus pais estava presente?

Era a minha mãe que estava comigo no meu primeiro dia de escola.

Fraco Desejo
Parentalidade

Simbiose

Pais-Avós

Responsabilidades
Parentais Diferentes

Na adolescência, sentes que tiveste direito aos teus caprichos? Ou os teus pais não costumavam ceder?

Nunca fui muito caprichosa, e mesmo quando queria algo restringia-me de pedir o que queria por não querer sobrecarregar os meus pais, mas quando pedia se fosse algo possível o meu desejo era normalmente concretizado.

Superego Severo

Costumavas sentir-te em desvantagem em relação aos teus amigos? Exemplos.

Só senti alguma desvantagem na adolescência quando chegou a fase das saídas com os amigos, para discotecas bares e etc.

“Crash” Ideológico

Achas que a relação com os teus pais influenciou o teu desenvolvimento pessoal? Consegues exemplificar o impacto de alguma experiência em particular no desenvolvimento da tua personalidade?

Influenciou bastante, mas não me lembro de nenhuma situação muito marcante.

Lembras-te bem dos teus avós?

Lembro-me bem da minha avó paterna e lembro-me um pouco do meu avô paterno. Os meus avós maternos faleceram alguns anos antes de eu nascer.

Fraca Transmissão Intergeracional

Qual é a diferença de idades entre os teus pais e os teus avós?

O meu avô materno tinha 43 anos quando a minha mãe nasceu e a minha avó tinha 37. A minha avó paterna tinha 27 quando o meu pai nasceu e o meu avô tinha 25.

Lembras-te de ouvir falar da educação que os teus avós deram aos teus pais?

Sim, ainda hoje e dia falamos nisso e comparamos como que acontece na actualidade uma espécie de «no meu tempo...».

Comparação “Pedagógica”

Reflecte um pouco e diz-me quais os aspectos em que eles se costumavam mais comparar.

Principalmente no que diz respeito aos deveres, tal como os meus pais também eu deveria ajudar em tudo o que pudesse.

Introjecção Disciplina

Achas que os teus avós foram bons pais?

Sim. Principalmente os meus avós maternos.

Achas que os teus avós são pessoas compreensivas? (Ou eram)

Acho que os meus avós maternos eram pessoas muito compreensivas e avançadas para a sua idade, já os meus avós paternos nunca me pareceram pessoas compreensivas.

Os teus avós faziam-te mimos? E aos teus pais?

Os meus pais faziam-me mimos, os meus avós não.

Sentias que os teus pais eram admirados pelos teus avós?

- Fraca Transmissão Intergeracional** *No que diz respeito aos meus avós maternos não sei, uma vez que não convivi com eles, mas pelo que outros elementos da família me dizem era. Quanto aos meus avós paternos penso que sim.*
- Com qual dos teus avós te sentias mais próxima? Porquê?
- Nenhum, convivi pouco com os meus avos paternos, pois o meu avô faleceu quando eu era muito nova e a minha avó não era dada a afectos. Apesar de poder parecer estranho sempre me senti mais ligada aos meus avós maternos, pois sempre ouvi histórias sobre eles e sinto o carinho que todas as pessoas sentiam por eles, pelo que transmitiram à minha mãe e aos meus tios.*
- Na opinião dos teus avós, o pai não é importante para ajudar a criar um filho? E na tua?
- Não faço ideia, a minha avó paterna não partilhava opiniões comigo. Eu penso que sim, todos nós precisamos de carinho e estímulos não só da nossa mãe. O pai é uma parte fundamental da nossa vida.*
- Responsabilidades Parentais Diferentes**
- Que importância tiveram os teus avós no teu crescimento?
- À excepção das histórias que sempre ouvi sobre os meus avós maternos e que penso que ajudaram a definir quem sou em alguns sentidos, pouca ou quase nenhuma.*
- Que tipo de experiências com os teus avós marcaram mais a tua personalidade?
- Não me recordo de nenhuma.*
- Já tiraste a limpo a história de teres nascido do acaso?
- Não. Nunca me passou pela cabeça...*
- Gostavas de ter tido irmãos? Pediste alguma vez?
- Desejar Irmãos** *Gostava muito. Não me lembro de ter pedido, lembro-me de ter perguntado porque é que não tinha irmãos.*
- A tua mãe teve-te de parto normal?
- Cesariana** *Não, teve-me de cesariana porque era um parto de risco.*
- Que apoio recibes actualmente dos teus pais?
- Dependência Parental** *Bem, vivo com os meus pais, são eles que pagam as minhas contas. Têm um papel fundamental na minha vida, pois sempre fui ensinada que a família está em primeiro lugar e isso ficou na mente...*

Entrevista nº2**Família Martins | Mem-Martins, Sintra, Lisboa****Ana Luísa (filha), 23 anos****Estudante de Farmácia****Solteira****Mãe: 66 anos****Pai: 66 anos****2 irmãos mais velhos**

Ana Luísa preferiu conversar num café perto do local onde estuda, chegando cerca de 45 minutos depois da hora combinada. A sua aparência reflecte algo sombrio, quer pela escolha de roupa escura, quer pelas olheiras e a postura curvada. Durante a entrevista mostra alguma hesitação e ansiedade, nunca fixando os olhos da entrevistadora enquanto fala. Expliquei os objectivos do estudo e Ana Luísa assinou o termo de consentimento informado depois de o ler.

Que idade tinham os teus pais quando nasceste?

Tinham 43...

Tens ideia de porque é que os teus pais decidiram adiar a parentalidade?

Bem, eles não adiaram mesmo porque eu tenho 2 irmãos mais velhos e o mais velho deles os dois já tem 38.

É uma grande diferença...

É... e então eu, disseram-me há pouco tempo que eu tinha sido um acidente...

Nascimento do Acaso

Não era suposto haver um terceiro filho... e depois tenho o meu irmão do meio que tem agora 30. Os meus tios todos, toda a gente, têm só dois filhos e eu sou a única que tem três.

Não-Pertença

Sentiste-te mesmo como um acidente...?

Aaa... ya! Quando eu era pequena eu até achava piada, mas depois disseram-me mesmo “Foi um acidente, mas não faz mal, não te preocupes”... eu: “está bem...”

Nascimento do Acaso

Mas depois de eles saberem, decidiram que queriam ter mais uma filha...

Sim.

E como é que te sentes em relação ao facto de teres pais um bocadinho mais velhos que os teus colegas?

- Comparação Pares *Pah, hmmm, a parte de eles serem mais velhos que os dos meus colegas, nem me incomoda muito, a comparação não me incomoda muito. O que me incomoda é eles serem velhotes já. Serem mais chatos, serem rezingões,... serem pouco... não é*
- Distância e Diferença *compreensivos, porque eles quando querem são compreensivos... mas põem sempre mais entraves, 'tás a ver?*
- Distância e Diferença *E quais é que achas que seriam as vantagens de ter pais mais novos?*
- Comparação Pares *Pah, eu no fundo, no fundo, no fundo... eu não acho que haja alguma vantagem... não há é a desvantagem de serem, pronto, um bocadinho conservadores, mais tacanhos,... mas nunca me faltou nada e eles deixam-me sair à vontade, até me deixam sair mais do que algumas colegas minhas que têm pais mais novos. Mas sempre com aquela resmunguice do costume, não é?*
- Distância e Diferença *Não estou a ver vantagens... só se eles saíssem mais comigo...*
- Como?
- Proximidade e Similitude *Tenho amigos meus que os pais saem com eles à noite... mas esses foram pais adolescentes, não é? É outro extremo...*
- Proximidade e Similitude *Pois, aí a distância é muito curta.*
- Proximidade e Similitude *Mas ya, vantagens, vantagens...*
- Distância e Diferença *Achas que pelo facto de eles serem mais próximos, se entendem melhor?*
- Distância e Diferença *Ya, há cenas que sim. Por exemplo, nem é o problema de eles serem mais velhos, quer dizer... se calhar é! Por exemplo, eu estou a conduzir, e o meu pai vai ao meu lado e se eu passo dos 100 é o fim do mundo, aquilo é gravíssimo, “és muito agressiva a conduzir e ainda tens um acidente!” Se calhar se fosse uma pessoa nova a andar a 100, não tinha nada de espectacular... eles tendem um bocado a exagerar as coisas que são normais.*
- Papéis Sociais Diferentes *E não “encalham” contigo por andares de carro?*
- Comparação Pares *Ya, ya, ya, ya. Houve uma altura em que sempre que eu saia ele me dizia a mesma coisa: “olha, tu vai com cuidado!”*
- Comparação Pares *Achas que a maternidade é igual à paternidade? Ou que os pais têm responsabilidades diferentes?*
- Papéis Sociais Diferentes *Pah não. Quer dizer... se eu olhasse só para o meu caso dizia que não. Porque a minha mãe é que limpa, a minha mãe é que cozinha, o meu pai, pronto, não faz nada. É daqueles pais mesmo à antiga. E eu sei que os pais das minhas colegas já partilham mais ou menos as tarefas, mas explicar isso ao meu pai... ou mesmo à minha mãe...*

E em relação à atenção, ao amor e ao afecto?

Isso é igual...

E a disciplina?

Pah, a disciplina sou eu basicamente que a faço.

Introjecção da Disciplina

A sério? Porquê?

É verdade. Por exemplo, eu saio à noite e eles ficam chateadíssimos. Quando chego eles dizem-me qualquer coisa e depois vão dormir e no dia a seguir já não se passa nada, a sério. Porque não tenho nenhuma consequência se chegar a casa à hora que eles dizem ou chegar muito depois do que eles dizem, ‘tás a ver?’

Ralhete
Argumentativo

Ausência de Castigo

Sentes que precisavas de um castigo?

Eu às vezes acho que era preciso porque às vezes e por exemplo no verão, eu chego a casa todos os dias às tantas, mesmo sabendo que é contra a vontade deles. E eles ficam preocupados e não sei quê mas também não fazem nada!

Superego Severo

Já alguma vez deixaste de sair para ficar com eles?

Já. Eu às vezes faço isso. Não muitas vezes, mas já. Porque... principalmente a minha mãe... porque a minha mãe é um bocadinho menos resmungona que eu meu pai. E mete-me um bocadinho mais de pena que o meu pai.

Ansiedade Separação

Simbiose

E eles costumam pedir-te ajuda para fazeres algumas tarefas ou recados?

Sim, para levá-los a sítios, ya. Mas por exemplo, a minha mãe – mas isto não deve ter a ver com a idade, deve ser mesmo dela – “Mãe hoje vou-te ajudar a fazer o almoço” e ela “Não. Vai-te embora, não fazes nada. Tu não sabes nada.” E ela sabe que eu sei, ‘tás a ver? Porque eu estive 5 meses lá na Holanda e fazia a minha comida e não morria à fome. Ela nesse tipo de cenas não quer mesmo ajuda. Mas depois tipo levo-os às compras, ao médico,...

Inversão de
Papéis

Inversão de Papéis

Sentes-te mais próxima deles, quando fazes isso?

Pah, ya, ya. É sempre um tempo em que estamos só nós e podemos falar sobre coisas que normalmente não falamos.

Sempre pudeste falar sobre tudo o que querias?

Não, não. Tipo, há cenas que não falo mesmo. Por exemplo, o meu irmão mais velho teve há pouco tempo uma namorada e a minha mãe não a quis conhecer. E ele queria combinar irem jantar e tudo. E ela dizia que não, e a gente “porquê?” e ela “porque não quero!” E ficámos sem perceber porquê... dessas coisas nunca lhes falei. Namorados e essas coisas, nunca lhes falei. Tabacos e beber, também não. Às

Tabu

Tabu *vezes, quando tive problemas com as notas, também nunca lhes disse nada, esperava sempre por poder resolver a situação.*

Ansiedade Separação *Não sentias que eles te davam abertura e confiança para falares de certas coisas? Quando era mais nova, no secundário, não dizia porque tinha medo da reacção deles. Agora eu não lhes digo nada porque eu já sei que eles vão ficar hiper-mega desiludidos e eu não sou capaz de os ver assim bué tristes. Por exemplo, a minha mãe no outro dia descobriu um maço de tabaco no bolso do meu irmão, e ele já tem quase 30 anos. E ela ficou tão triste, tão triste, tão triste, tão triste, tão triste, tão triste, que eu não sou capaz de contar que fumo. O meu irmão mais velho, já tem 40 anos e nunca fumou à frente dos meus pais! É um bocadinho complicado, mas pronto... E é por isso, não é por ter medo que eles fiquem chateados, é por saber que eles ficam desiludidos e tristes. No fundo eles deram-nos tudo o que a gente precisou, nunca nos faltou nada e nós agora andamos a gastar o dinheiro deles em tabaco e bebidas...*

Superego Severo

Sentes-te um bocado culpada, não é?

Ansiedade Separação *Também. Também, um bocado. E, pronto, tenho um bocado mais de medo que eles fiquem desiludidos do que chateados.*

Como é que achas que seria se tu fosses filha única?

Aeee... não sei. Mas era tudo completamente diferente. A maior parte dos meus traços de personalidade – eu acho – vêm dos meus irmãos e não dos meus pais.

Identificação ao Masculino *Identificas-te muito com eles?*

Sim. Desde pequenina faço tudo com eles. Via os programas que eles viam, oiço a música que eles ouvem, leio os livros que eles lêem.

Mas eles são muito mais velhos do que tu...

Sim, mas eu era a irmãzinha pequenina, era como o ursinho de peluche deles.

Não te fazia confusão que eles fossem mais velhos e vissem coisas mais para a idade deles?

Não.

Eles provavelmente não viam desenhos animados contigo...

Ah, mas isso eu tinha o meu tempinho para ver os meus desenhos animados. Mas eu também gostava mesmo bué dos filmes... tipo ficheiros secretos.

Mas ya, se eu fosse filha única, provavelmente era estranho...

A atenção era focada em ti...

Sim e provavelmente eles eram mais.....

Preocupados?

Sim, preocupados. Mesmo mais. Txi, sei lá.

Eles distinguem-te não só pelo facto de seres mais nova, mas também por seres rapariga, enquanto os teus irmãos são rapazes?

Hmmm... não.

O que é que achas que caracteriza melhor a relação que tens com os teus pais: independência ou protecção?

Epah... (...) não sei, acho que é um bocado das duas, porque eu tenho muita independência mas às vezes levo com cada dose de preocupação...

Independência

Família
SobreProtectora

Mas esforças-te para te autonomizares?

Ya. E até há coisas que até o meu irmão mais velho me diz que eu tenho que fazer.

Que é mostrar que sou responsável, e que não vai acontecer nada...

Até que idade é que ele morou convosco?

Ah, ele morou menos tempo que eu. Ele morou até ir para a faculdade, aí aos 17, 18.

O meu outro irmão ainda vive lá. Pronto, tem 29 e nunca saiu. Estudou cá em Lisboa.

Achas que ele só sai quando casar?

Não. Eu acho que ele não vai aguentar tanto tempo. Acho que quando ele tiver dinheiro para comprar a casa dele que vai bazar e eu também.

Independência

Tu vais querer ter filhos?

Sim! Eventualmente, se encontrar a pessoa certa... acho que sim, que não me importava. Mas!! Se houver oportunidade para isso, vou ser uma mãe mais nova do que a minha mãe foi!

Fraco Desejo
Parentalidade

Fazer Forma
Diferente

Por volta de que idade?

Entre os 28 e os 35. A partir dos 35 já acho que é muita puxado. Não é que eu tenha tido grandes problemas... mas se calhar agora cada vez nota-se mais. Quer dizer, cada vez nota-se menos, cada vez há mais pais a fazer isso. Mas é esquisito. Eu não acho que é assim uma coisa tão boa para uma criança ter os pais assim.

Achas que apesar de terem mais recursos e maior segurança económica...

Sim, é sempre diferente, é sempre diferente.

... Que os pais quando são mais novos podem dar outro tipo de coisas?

Sim porque são mais próximos, porque percebem melhor as coisas, o que se passa realmente connosco. Está bem que os meus pais não têm assim grande problema, são mais velhos mas, felizmente ainda são um bocado compreensivos, mas...

Proximidade e
Similitude

E saudáveis?

Também. A minha mãe é incrivelmente saudável, não está doente tipo... nunca?! O meu pai tem um bocado a mania das doenças e toma 50 comprimidos por dia mas eu tenho impressão que ele não precisa de metade daquilo. Em termos de doença nunca se passou assim nada de grave com eles.

Não tens receio que algum dia aconteça?

Ansiedade Filial

Tenho um bocado. E... faz-me um bocado de confusão pensar nisso... tipo... que eles já não vão para novos e qualquer dia estão com uma doença marada qualquer. Isso faz-me um bocadinho de confusão, ya. Mas depois também penso que, na minha família morreu tudo tipo buéda velhinho. E foi tudo a dormir, tipo na paz, com um ataque cardíaco ou assim. E foi tudo muita velhinho tipo para lá de 80. Tanto da família da minha mãe como do meu pai. Por isso estou com aquela fé e esperança que vai correr tudo bem...

Morte: Coping

Claro... pensas nisso de vez em quando?

Ansiedade
Separação

Às vezes penso. E então quando a minha última avó – que era da parte da minha mãe – morreu, foi mesmo uma cena assim hardcore.

Porquê?

Porque além de ter sido a última e a que me lembro melhor. Era com quem me dava melhor, quem eu via mais vezes.

Foi há quanto tempo?

Angústia de Morte

Foi em 98 acho eu. Um bocado antes da expo. E foi um bocado esquisito também. A minha mãe ficou mesmo muito, muito abalada mesmo. E depois a partir daí, ainda era novinha não é, e como as coisas andaram tão esquisitas lá em casa durante tanto tempo... comecei a aperceber-me que as pessoas não duram para sempre... e

Ansiedade Separação

que um dia eventualmente vamos todos morrer e agora morreu a mãe da minha mãe e um dia vai morrer a minha mãe, mas pronto. Isso na altura fazia-me muita impressão, e até chorava e coiso, mas agora, pronto, já encaro a coisa de uma forma mais “natural”. Mas faz-me um bocado de confusão na mesma.

Não sentes que precisas ter ainda apoio dos teus pais?

Dependência
Parental

Ah, ya. Se eles me quiserem ajudar, estão à vontade! O meu pai até diz, “se um dia quiseres abrir uma farmácia, o pai ajuda!”

Tal como os teus irmãos tiveram... Com certeza que os teus pais gostariam de te acompanhar pela vida fora, e conhecer os teus filhos...

Ya, a minha mãe devia gostar de ficar com um bebezinho em casa. E eu não me importava. Aliás, já está na altura de ela ter netinhos! O meu irmão já tem 40 anos e ainda não teve filhos! Se calhar se eles tivessem uma nova coisinha com que se preocupar desligavam-se mais de mim e do meu irmão. Epah, às vezes são cenas mesmo parvas! “Este fim-de-semana vamos todos a Fátima!”

Família
SobreProtectora

“Crash” Ideológico

Que mais coisas é que os teus pais vos “obrigam” a fazer? Tipo ir à missa, ou assim...

Eles não obrigam, eles dizem que nós devíamos ir. Numa conversa ao jantar sobre isso, eu e o meu irmão ficamos a olhar para eles sem saber se eles estão a brincar ou a falar a sério. E eles estão mesmo a falar a sério! Vá, essas da missa não vale a pena, porque, lá está, eles são os dois religiosos, mas nós os três saímos mesmo ao contrário. Mas por exemplo, às vezes metem-se com aquelas conversas “ah, vocês deviam fazer desporto! E deviam andar a cavalo!” e nós “mas vamos andar a cavalo p’rá onde?” e “deviam jogar ténis...” ... Mas jogar ténis? Coisas assim mesmo disparatadas... tipo... o que é que eles dizem mais? ... Essa de Fátima foi fantástica... depois tipo... o meu pai principalmente, tem uma cena que eu odeio mesmo. Ele está-se sempre a queixar “nunca te vejo a estudar” e eu não estudo em casa porque não consigo, mas estudo na faculdade, na biblioteca, no café e noutros sítios e digo-lhe “pai, já te expliquei...”

“Crash” Ideológico

E depois, “esses teus amigos, nem sei quem são,... e esses teus amigos” e eu digo-lhe “então, eu apresento-tos, trago-os cá todos, vamos beber café... e ele diz “ah, não os quero conhecer”. E eu penso, então mas queixas-te que não os conheces e não os queres conhecer? E vem-me sempre com essa conversa. É esquisito, ‘tás a ver? Há coisas que não fazem mesmo qualquer sentido. Por exemplo, acontecia às vezes, no Verão, eu sair à noite. E o meu pai ficava acordado à minha espera, e quem costumava fazer isso era a minha mãe... e o meu pai, não sei porquê, lembrou-se de fazer isso agora há pouco tempo. E eu chegava a casa, sentava-me a ver o mail. E era sempre assim. Ele vinha, chegava à porta, mandava uma ou duas postas de pescada e ia-se embora. Sempre. Eu não respondia, não precisava sequer de olhar para ele. Porque ele dizia, demorava para aí um minuto a dizer o que tinha a dizer, e ir-se embora.

Distância e Diferença

Ralhete Argumentativo

E ele ficava acordado, só para dizer qualquer coisa, e ir dormir?

E ir dormir. Porque ele sente necessidade de me dizer qualquer coisa, de me dar um raspanete qualquer, mesmo que não seja efectivo, que não faça absolutamente nada!

Ausência de Castigo

Porque no dia a seguir já está tudo bem, eu vou sair outra vez, se ele quiser, dá-me o raspanete outra vez, mas no dia a seguir vai acontecer tudo de novo. Pronto, e...

Superego Severo

pah, e eu não sei se a culpa é só minha, ou se eles também têm a sua cota parte no processo.

Eles nunca te deram um castigo?

Ausência de Castigo

Não. Essa é outra. As minhas colegas, no básico faziam asneiras e ficavam sem sair e ir a festas de anos durante um mês, ou sem ver televisão durante um mês... e eu nada. Nem nunca me bateram. Ah! Já me lembro. A internet, quando ainda era daquela por telefone. Houve uma vez, por causa da internet, tal como acontece a toda a gente, veio uma conta buéda grande. E o meu pai tirou-me o cabo e fiquei de castigo para aí um mês. Mas não teve grande efeito porque passado um mês estávamos a pôr netcabo para ele não pagar outra conta daquelas! Portanto, não foi propriamente um castigo!

Introjecção
Disciplina

E recompensas? Recordas-te de receberes recompensas, por seres obediente, por seres educada...?

Recompensas, recompensas com esse nome...

Elogios, por exemplo?

Ah, isso ya! A minha mãe ficou mesmo em altas quando eu vim lá da Holanda e viu o meu relatório e a nota, e o email lá da minha supervisora, ... ficou mesmo orgulhosa...

És mais apegada à tua mãe ou ao teu pai?

Identificação ao
Masculino

À minha mãe. Porque eu sou buéda parecida com o meu pai. Somos os dois buéda teimosos, mesmo teimosos, teimosos, teimosos. Mesmo torcidos, 'tás a ver? E quando temos uma convicção ninguém nos manda a baixo. O problema é que ao ser assim, eu e o meu pai temos convicções completamente diferentes e andamos sempre às turras, mas já desde pequena que é assim. É claro que também temos momentos em que a gente tá bem e não discute, mas discuto muito mais com o meu pai do que com a minha mãe. Com a minha mãe é tudo muito mais calmo, e pronto e tal...

Simbiose

Lembras-te do teu primeiro dia de aulas?

Lembro... (ri) ya.

Os teus pais foram contigo?

Ya.

Os dois?

Incentivo
Cultural/Escolar

Sim. Lembro-me buéda bem porque... tenho fotografias e tudo.

Fizeste muitos amigos na escola?

Sim. Tinha buéda amigos na escola, mas agora já não falo com eles.

Mas tinhas facilidade em falar com eles... ou eras um bocadinho mais tímida?

Ya. Na primária tinha mais facilidade. Depois cheguei ao básico e fiquei mesmo... tímida (!)... Depois no secundário já falava um bocadinho mais e tal...

Timidez

Porque é que achas que isso aconteceu?

Epah não faço a mínima ideia mesmo. Mas foi mesmo esquisito.

Sentiste-te intimidada com alguma coisa?

É possível que tenha sido uma coisa assim inconsciente... porque... a minha mãe,... Ansiedade Separação

Eu estava numa escola primária e a minha mãe estava lá. Mas nunca foi minha professora. Mas ter a minha mãe na minha escola... ali, ali, naquela sala... era fixe porque tinha sempre aquela confiança...

Aquela segurança?

Aquela segurança... e não sei quê. Depois fui para o básico e foi a primeira vez que isso deixou de acontecer. Pode ter sido por aí... mas é uma cena inconsciente, 'tás a ver? Ansiedade Separação

A tua mãe era professora de quê?

Era, professora de primária.

E o teu pai?

O meu pai era bancário.

Já deixaram de trabalhar há muito tempo?

Sim, primeiro foi a minha mãe e depois o meu pai. A minha mãe foi para aí há 10 anos. Não sei, eu perco um bocado a noção do tempo. O meu pai foi para aí 3 anos depois.

De qualquer maneira ainda passaste muito tempo com eles em casa?

Sim e mesmo quando eles trabalhavam... a minha mãe sendo professora de primária – eles só dão aulas ou de manhã ou de tarde. A minha mãe tinha de manhã e passava a tarde toda comigo.

Simbiose

Fazias festas de anos em casa com os teus amigos?

Sim, cheguei a fazer algumas vezes. Eu não achava muita piada a fazer a festa propriamente dita, com os pratinhos e os copinhos... preferia ir ao cinema, e não sei quê. Cheguei a fazer uma ou duas em casa, ainda.

Identificação ao Masculino

Costumavas falar da escola e dos teus amigos aos teus pais?

Ya, ya... era a loucura. Falava mais do que agora.

Passaste por algum percalço durante o teu percurso escolar?

Percalço, percalço, tipo chumbar, nunca. Mas tive umas situações mais complicadas. Por exemplo, matemática do 12º ano... foi mesmo Muito complicado para passar. E depois o meu irmão... o mais velho não estava cá, e o mais novo também não percebe nada de matemática. Não conseguia explicar-me aquelas coisas. E depois explicava a maneira dele e eu continuava sem perceber nada à mesma. ... Depois tive outro percalço no ano a seguir a esse. Fui para um curso, mas não gostei desse curso, e mudei de curso. Logo nesse ano. E pronto, foi um ano em que eu não fazia absolutamente nada. Só ia lá às práticas de laboratório porque achava imensa piada àquilo.

Não eram equivalentes, nenhuma das cadeiras?

Era possível que fosse, mas eu só fiz uma. No primeiro semestre. E depois estava tão revoltada com aquilo que só ia às práticas porque gostava mesmo daquilo. E as pessoas olhavam e pensavam “mas de onde é que esta veio?” porque eu não ia às teóricas, só ia às práticas. E estava a pagar propinas.

Qual é o nome do teu curso mesmo?

Farmácia.

Como é que foi a tua adolescência? Na relação com os teus pais e assim...

...

Foi um período fácil, difícil...?

Pah, não houve assim... pah, havia mais aquela cena de... .. eu começar a esticar a corda ‘tás a ver? Que foi quando eu comecei a sair mais, tipo... a sair à noite e não sei quê. Assim regularmente... foi há 5 anos quando eu estava nesse curso. Tinha 18 anos. Foi quando eu comecei a sair mais. Nesse ano eu ainda só saía uma vez por semana. Inventava que não sei quem fazia anos. No ano a seguir é que comecei a sair mesmo mais. Agora já não aguento sair assim até tão tarde todos os dias. Não quero pensar que estou a ficar velha e responsável! Mas ya, foi p’raí aos 19 anos... o que até é cedo tendo os pais que eu supostamente teria... mais rígidos... o meu irmão ainda foi mais cedo.

Mas nunca te sentiste em desvantagem em relação aos teus amigos?

... não.

Alguma vez pensaste que os teus pais eram demasiado velhos para te compreenderem?

Equilíbrio Escolar

Introjecção
Disciplina

Comparação
Pares

<i>Ya, ya. Tipo... Isso continuo ainda a pensar agora que... não é por compreenderem é... quer dizer,... é. No fundo é.</i>	Distância e Diferença
Já os acusaste disso, alguma vez?	
<i>Directamente não. Nem tinha coragem de fazer isso. Mas às vezes digo “mas vocês estão a ficar malucos”, não é que estão a ficar velhos, “mas o que é isso?” e não sei quê... também não gostava que me fizessem isso.</i>	Superego Severo
Alguma vez confundiram os teus pais com os teus avós?	
<i>Ya! Mas buéda poucas vezes porque felizmente eles não têm um aspecto assim tãaaoo velhote mas...</i>	Pais-Avós
Têm um aspecto jovem?	
<i>Agora já não tanto mas houve para aí uma ou duas vezes que pensavam que eram os meus avós. E eu ficava chateada, porque ainda por cima eram colegas meus. Às vezes viam-me na rua a passar com eles e no dia a seguir diziam-me “ontem vi-te com os teus avós”... e eu “ah, como é que me viste com os meus avós se os meus avós já morreram?”</i>	
Com que idade é que isso aconteceu mais, lembras-te?	
<i>Foi uma vez no secundário, e outra no básico.</i>	
Como é que te sentias quando os teus pais iam à escola?	
<i>Pah, houve uma altura da minha vida que eu tive um bocadinho de vergonha. Mas depois quando comecei a perceber que era bué estúpido eu estar com vergonha... passou-me. Era quando eu era mesmo chavala, tipo praí no 9º ou no 10º... mas depois também curtia a cena de eles irem à reunião de pais e de serem mais velhos... Eles iam os dois?</i>	Vergonha
<i>Os dois os dois não iam sempre. Ia mais a minha mãe, porque também era professora. E era fixe porque eles impunham respeito aos outros pais! Por isso ya, até tinha orgulho deles serem mais velhos!</i>	Orgulho
Quando for a tua vez de educar um filho, no que é que vais ser igual aos teus pais e no que é que vais ser diferente?	
<i>Aaa... pah. Eu espero ser diferente. Espero mesmo ser diferente. Mas isso também depende muito da idade com que eu tiver os filhos. E vou tentar ter mais... porque também é complicado... .. Não sei. Os meus pais até foram bons pais.</i>	Educar Forma Diferente
Claro, ninguém está a dizer o contrário. Mas todas as pessoas conseguem enumerar algumas coisas em que gostavam de ser diferentes na sua vez de educar um filho...	Fazer Forma Diferente

- Educar Forma Diferente *Eu gostaria de... o chatear, o refilar, e o resmungar, um bocadinho menos. Porque eles são muito refilões. Eu gostaria de ser um bocadinho mais calma e pronto, mais compreensiva com os meus filhos do que eles foram comigo.*
- SuperEgo Severo *O que se calhar até não tem assim tanto mal... porque se calhar é por causa disso que eu sou assim uma pessoa organizada e faço as coisas bem-feitas e bla bla bla... se calhar é por causa disso. Mas de qualquer das maneiras se calhar não é por ai.*
- Educar Forma Diferente *Porque com mais tolerância, as coisas também correm bem.*
- Qual era a diferença de idades entre os teus avós e os teus pais, lembras-te?
- Então, espera... ... 26... sim, a mãe da minha mãe tinha 26 quando ela nasceu. Os meus paternos também deve ter sido à volta disso. Também devem ter sido novinhos porque eles viviam lá na aldeia por trás das pedras, e tinham filhos mais cedo e...*
- Que importância tiveram os teus avós no teu crescimento?
- Bom. Lá está, pronto. À conta de eu ter nascido tão tarde, os meus avós, mal eu nasci, começaram a morrer os meus avós todos uns a seguir aos outros. E, a minha avó paterna e o meu avô materno só tenho assim uns flashes deles vivos. Por isso não tiveram assim grande coiso. A minha avó materna foi um bocado mais importante. Porque ela viveu mais tempo e ela tentou muito que eu fosse à catequese, e que fizesse a primeira comunhão... e eu fiz... para ela ficar assim buéda contente... Mas a minha avó foi importante porque foi ela que me ensinou a ser boazinha 'tás a ver? Porque os meus irmãos e os meus pais, eles não são bonzinhos, são pessoas normais! A minha avó era mesmo boazinha, era mesmo um anjinho e eu fiquei com aquela cena de ser boazinha à conta dela. Portanto acho que, ya, a minha avó materna foi um bocado importante.*
- Angústia Morte *Marcou-te.*
- Sim.*
- Achas que eles foram bons pais?
- Acho que sim, ya, ya, ya.*
- Tens ideia de eles serem pessoas compreensivas?
- Do lado do meu pai acho que não era bem assim. Porque, acho que o meu avô, pelas coisas que eu oiço do meu avô, acho que ele era tipo um ditador. E então eu acho que é por causa disso que o meu pai é assim um bocado ____ E eu também herdei um bocado essa cena. E... da parte da minha mãe, ya, ya, o meu avô também era, pelo menos das coisas que contavam dele, era bué bonzinho.*
- Eles costumam dar exemplos da educação que receberam dos teus avós?

Não, os exemplos que eles usam são dos meus irmãos.

Comparação Pedagógica

Aborrece-te que eles façam comparações?

Ya, às vezes. Irrita-me um bocado... mas é naquela.

Achas que para ser feminina uma mulher precisa de ter filhos?

Não, não, não. Epah, é mais um dos pontos, mas não.

Feminino e Materno

Achas que, portanto, a vocação da mulher não é ser mãe?

Não... não... não! Assim como a vocação do homem também não é ser pai. Quer dizer, lá está. O nosso dever para com a natureza é reproduzir-nos. Nesse sentido sim, nós somos seres humanos...

Fraco Desejo
Parentalidade

Mas é um acontecimento dispensável?

Opah, eu acho que não ia gostar de morrer sem deixar um descendente. Ou um marco qualquer. Não ia gostar. Gostava de deixar descendentes, e explicar aos meus filhos como é que foi a minha vida, para eles viverem as coisas e para tirarem as coisas más. Só naquele sentido da evolução da humanidade! Mas... não sei... é complicado esse assunto!

Fraco Desejo
Parentalidade

Durante a gravidez a mulher fica mais ou menos feminina?

Sei lá... há umas que se nota que estão na boa, mas há outras que apesar de estarem contentes por irem ter um filho não se sentem bem com aquela barriga toda. Não sei como é que vai ser comigo.

Achas que a gravidez pode trazer limitações sociais à mulher?

Não devia mas acredito que aconteça, principalmente nos meios mais tacanhos.

Acho que na cidade não acontece, espero.

Vais querer morar na cidade?

Na cidade e no campo ao mesmo tempo, tipo Coimbra. Perto do campo e da cidade.

Em Mem-Martins nem pensar. Já estou farta daquilo. Toda a minha vida ali ali ali.

Não achas que vais sentir um certo receio em sair de casa, uma vez que vais ser a última a sair, e vais deixar os teus pais sozinhos?

Por mim, não tenho receio nenhum. Estive 5 meses fora de casa e foi mesmo... fixe.

Independência

Agora por eles, ya. Mas quer dizer eles também já estão habituados a estar sozinhos.

Não o dia todo, porque pelo menos à noite estamos lá todos para jantar. Mas acho que não vou ter receio por eles, só se eles já forem mesmo velhinhos e já tivessem uma doença qualquer... ai tinha que ir lá jantar todos os dias. Ia ficar um bocadinho receosa por eles. Por mim não.

Inversão dos Papéis

Entrevista nº3**Família Rebelo | Moita, Setúbal****Maria (mãe), 54 anos****Professora do Ensino Secundário de Inglês e Alemão****Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas****Casada****Filha: 17 anos****Marido: 50 anos**

Idade Real VS
Idade Percepcionada

Maria prefere conversar em casa do que em qualquer outro sítio. Vou ter à sua residência, na Moita, onde mora há 20 anos, desde que foi colocada na escola da localidade. A sua casa aparenta grande conforto e modernidade, equipada com aparelhos electrónicos recentes e decoração actual. Maria tem um aspecto jovem e cuidado, aparentando ser mais nova do que é na realidade. Mostra-se disponível, simpática mas hesitante. Fala muito e muito rápido, manifestando alguma ansiedade. Leva-me até ao escritório (onde se encontrava a trabalhar) e fecha a porta, apesar de não se encontrar mais ninguém em casa. Apresento o tema da dissertação e o método de investigação e Maria assina o termo de consentimento informado antes de iniciarmos a entrevista.

(...) Podemos começar por saber a sua idade?

54, nasci em 1954, também.

(interrompe para abrir a janela – “está a ficar abafado, não está?”)

Bom, desculpe, tenho 54, sim.

É professora...

Sim, de inglês e alemão, do ensino secundário.

Com que idade teve o primeiro filho?

Tive uma filha (única) aos 37.

E o pai, tinha que idade?

Tinha 33, é mais novo 4 anos.

Que idade tem agora a filha?

17.

Agora vamos conversar um bocadinho. Vou querer saber primeiro o porquê, e depois então depois sobre como foi. O que foi mais importante na decisão de adiar? Ou se houve uma decisão...

Pois, não houve, não.

Primeiro de tudo não houve decisão de adiar, nunca. Até casar. Casei com 34 anos.

Casamento Tardio

E, só depois de ter casado – podia ter engravidado logo -, mas achei que ainda precisava de um tempo para conhecer melhor o meu marido. Conhecer melhor isto é, para vivermos juntos – sim, porque nós só vivíamos juntos há um ano - e acima de tudo porque ainda não tinha sentido aquele apelo da maternidade, se é que isso existe, não é? É capaz de ter sido, porque a certa altura eu senti mesmo que queria ser mãe. Eu desde sempre que gostei de crianças, desde miúda. Mas ao contrário das minhas amigas de infância, eu nunca tive aquele sonho de casar, e ter x filhos e de ir vestida de noiva, e de fazer enxoval, nunca. Eu até devo confessar que durante a adolescência me martirizava esta ideia, porque eu achava que era diferente de todas as minhas amigas. Eu nunca liguei nada a isso.

Decisão de Adiar

Desejo Maternidade Tardio

Identificação ao Masculino

Há ainda pessoas que pensam que a vocação da mulher é ser mãe.

Pois, e eu não.

Feminino e Materno

Não pensa nada disso não é?

Eu tive alguns namorados mas nunca me deu para isso. Agora, como eu sou uma pessoa que reflecto muito as coisas, acho que, provavelmente, este meu posicionamento, inicialmente irreflectido e depois mais elaborado, se deve ao mau exemplo que eu tive em casa. O meu pai dava-se muito mal com a minha mãe. E, portanto, a família para mim era assim uma coisa meio desagradável.

Ausência Desejo Maternidade

Lar Desequilibrado

Que diferença de idade tem dos seus pais?

A minha mãe teve-me com 28 anos e o meu pai tinha menos quatro – curiosamente igual a mim. Foi normal para aquela época. Davam-se mal porque o meu pai era autoritário e tinha outros relacionamentos fora do casamento e, pronto, achava que era normal.

Estilo Autoritário

Sempre morou cá?

Moro cá há 20 anos, mas eu sou do norte. Mas a minha mãe é de cá desta terra. Mas há uns anos fui colocada nesta escola. Nesse ano ainda vivia perto de Lisboa mas depois vim para aqui. Portanto, eu morei em Guimarães até aos 17 anos. O curso que eu queria só havia em Lisboa e em Coimbra e aqui sempre tinha os tios e os avós.

Independência Precoce

Mas os seus pais ficaram a morar em Guimarães?

A minha mãe casou com o meu pai lá e ainda hoje lá vivem. A família principal é de lá. O meu pai já morreu. Portanto, separaram-se, ao fim de 25 anos saiu de casa, acho que devia ter saído antes. E eu penso que talvez tenha sido isso. Eu não sei, mas acho que é uma razão assim de peso.

É... a imagem da família estava um pouco distorcida por causa da imagem que tinha do relacionamento dos seus pais, e pensar que poderia dar algo parecido aos seus próprios filhos...

Eu acho que é capaz de ser isso porque nós, os filhos,... eu lembro-me que não tinha gosto por estar em casa, era muito maria-razapaz. O ambiente era mau quando o meu pai estava em casa. Quando não estava, a minha mãe também vivia muito à sombra dele, era dona de casa, e gostava muito do meu pai e então muito preocupada dizia “O que é que o papá vai dizer? O papá não deixa... E se o papá não gosta?”

Portanto, o papá era o papão. Até nos batia e tudo.

Quantos eram?

2. Tenho um rapaz, um irmão mais novo, 3 anos. Então foi essa a história. Não houve decisão de adiar a não ser depois de casar. Casei foi tarde. Mas não estou arrependida. Aconteceu tudo naturalmente.

O seu irmão também casou tarde?

Não, ele tem 51 e o meu sobrinho tem 20, por isso já não foi assim tão tarde.

A idade em que casou foi parecida...

Sim, sim, mas ele teve o filho mais cedo. Eu tive aos 37!

E depois... quando engravidou, como é que tudo correu? Lembra-se de ter pessoas para a apoiar? A sua mãe era próxima?

A minha mãe era muito próxima. Depois de a minha filha nascer ela esteve cá a passar uns tempos, a ajudar, a apoiar e... A dar-me a ajuda que necessitava, porque eu com 37 anos não precisava de outro tipo de apoio não é, de orientação. Porque sabia, não é. Nunca houve muitas crianças na nossa família, a família é pequena.

Mas havia uma prima que tinha um miúdo mais velho. Portanto, não acompanhei a gravidez da minha prima mas acompanhei-o depois de nascer. Tinha contacto com ele e... em termos de acompanhamento por parte da minha mãe não foi necessário.

Depois é que passei um bocado mal. Tive problemas por causa do leite, inflamações.

E não teve mais nenhuns problemas durante a gravidez?

Tive uma gravidez ótima!

Mas estava alerta dos riscos?	Riscos Gravidez Tardia (conhecimento)
<i>Ah. Sim, e fiz os exames todos e tudo.</i>	
<i>E tive um parto normal! Correu tudo muito bem. Ninguém acreditava que eu tinha 37 anos.</i>	Parto Normal Idade Real VS Idade Percepcionada
A sério?	
<i>Sim, correu tudo óptimo.</i>	
E o seu marido, foi um bom companheiro?	Falta Apoio Marido
<i>Foi.</i>	
Lembra-se como se sentia durante a gravidez, em relação à sua imagem e aparência?	
<i>Sentia-me muitíssimo bem. Gostei muito. Tudo normal. Tinha tempo que hoje eu acho que não há para relaxar um pouco. Punha música clássica, acalmava. A minha filha era muito calma.</i>	Gravidez Tranquila Bebé Sossegado
Como é que era a sua filha em bebé?	
<i>As pessoas achavam que ela não era normal porque não chorava.</i>	
Lembra-se de posteriormente ela ter tido medos? Na altura dos medos?	Jardim-de-Infância
<i>Tinha. Tinha esses medos todos normais. Tinha pesadelos, a partir dos 4 anos.</i>	
<i>Andou no infantário aos 2 anos e meio. Até lá estive numa ama. Eu inscrevi-a logo, mas não tinha vaga. Então como conhecia a senhora e era de confiança, acabei por deixá-la com ela. Eu acho que é normal, ela convivia com outros miúdos, e eles falavam entre si dos papões. Eu nunca falei! E então de noite acordávamos e eu é que me levantava que o meu marido nunca teve muita paciência para isso. Porque tinha-se que ter paciência, não é ficar 5 minutos e vir embora. Senão ela chamava logo a seguir. Era preciso ficar, com calma, assim, aconchegá-la ao peito. Contava histórias sobre golfinhos...</i>	Ama Falta Apoio Marido
Com que idade?	
<i>3, 4 anos. Era pequenina. Era tudo normal. Ela foi uma miúda sempre muito normal.</i>	
Como é que era a maneira dela?	
<i>Tinha dias... sobretudo era uma miúda obediente e educada. Mas também fez as suas coisas, atirar coisas para o chão... Dessas vezes dei-lhe uma palmada e ela não voltava a fazer. Raramente fazia, mas cheguei a dar. Nunca houve problemas de maior.</i>	Superego Severo Ralhete com Palmada
E para além da palmada, o que é que costumava usar mais para a educar?	
<i>Conversava e explicava sempre porque é que não se faz. Eu sou adepta da transparência, na comunicação! Odeio deixar ficar coisas por explicar! Na maior</i>	Ralhete Argumentativo

parte das vezes conseguia fazer ver porque é que não se faz. Por exemplo, houve uma fase no infantário, a partir do infantário, elas mordiam-se, há uma fase de morder. Eu lia muita coisa, mas não sabia tudo e então essa do morder, desconhecia. E mesmo a educadora dizia que era normal. E então a minha filha diz “ela mordeu e eu também mordi”. E eu dizia “oh filha isso não se faz!”. Quer dizer, eu não sei se fazia bem ou mal, não sei o que dizem os livros. E eu sou adepta do “não faças aos outros aquilo que não gostas que te façam a ti”. E muito honestamente sinto que fiz bem com a minha filha. Lembro-me bem destas coisas porque foram acontecendo, não foi só quando era pequenina, aos 7 anos ainda acontecia. Hoje chama-se bullying não é? Eles escolhem um alvo e depois batem. Mas mudam. Uma vez por outra era a minha filha. E ela depois fazia o mesmo, porque ela era igual aos outros. Era e é.

Timidez

E eu dizia-lhe para ela dizer “Mas porque é que estás a fazer isso? Vai fazer isso a outros!”, mas ela dizia “eu não consigo!”. Ela é um bocado tímida. Eu também sou, mas agora já tenho um à-vontade diferente. Quando estou à-vontade abro-me por completo. A minha filha era assim, mas eu tentei dar-lhe ferramentas para isso. Lembra-se dos seus pais fazerem isto com isso? Que práticas educativas utilizavam mais frequentemente?

Estilo Autoritário

Práticas educativas do meu pai eram mais des-educativas. A minha mãe já não. No fundo eu analiso isto assim o nosso ambiente: eu dava-me mal com o meu pai, nunca.... Eu era uma menina normal, tinha e tenho os meus defeitos, o meu feitio – talvez seja parecida com o meu pai. Mas eu era muito boa de educar – o meu irmão já não, era terrível – mas eu era sossegadinha. Diziam-me para eu ir para ali eu ia, em pequenina. E por isso tinha dificuldade em perceber, em aceitar, a rigidez do meu pai para comigo.

Porque não explicava...?

Estilo Autoritário

Nem porque sim nem porque não. Nem dava azo a que pudéssemos perguntar porquê, fosse o que fosse. Nós calávamo-nos e apenas obedecíamos. Ora isto era o pior que se podia fazer. A minha mãe, por trás, é que era o nosso grande apoio, sempre foi. É claro que o meu pai utilizava aquele cliché que muitos homens utilizam, que é “pois, eles estão assim porque tu os educaste assim!”

Ela é que era a educadora, não é?

Ele não.

Eles não costumavam estar de acordo?

<i>Pois não. Aliás a minha mãe nem tinha ordem de falar.</i>	Estilo Autoritário
<i>Percebe, era assim. Era muito submissa. Não lhe valeu de nada. Ela gostava muito do meu pai e achava que...</i>	
<i>A minha mãe tem um feitio bom de mais. É uma pessoa muito contemporizadora. Ela anula-se a si própria para ver os outros bem. E por natureza, fez isso com o meu pai. Só que o meu pai não soube respeitar. Enquanto pessoa não lhe deu espaço. No fundo, eu considero que nós crescemos num meio desequilibrado. Apesar de a minha mãe tentar fazer o equilíbrio. Como o meu pai era muito intransigente, a minha mãe tinha que contrariar... até no que ele dizia, em certa medida. É uma coisa que não se deve fazer. Não se deve crescer assim. Não é na frente um do outro, mas vir por trás... ela percebia que não estava bem o que ele dizia!</i>	Lar Desequilibrado
<i>E com o seu marido, costumam estar de acordo?</i>	
<i>Neste momento, eu e o meu marido não nos damos lá muito bem. Já estamos juntos há 20 anos. Isto não entra na entrevista, esta parte, mas é importante...</i>	Relação Conjugal Desequilibrada
<i>Para contextualizar.</i>	
<i>Sim.</i>	
<i>É assim, nós os dois enquanto pessoas crescemos a ritmos completamente diferentes. Enquanto casal. E portanto há uma disparidade muito grande entre nós. E também, o meu marido, enquanto a minha filha era mais pequenina, esteve sempre... sobretudo bebé, esteve sempre presente. A partir do momento em que ela começou a crescer, ele já... quando ela queria “oh pai, anda brincar” (porque eu também estava ocupada no escritório e dizia “vai brincar com o pai”, e ele não trabalhava em casa, por isso tinha o fim-de-semana livre)... achava egoísmo, “agora não que vou ver um filme”... e a miúda ia brincar sozinha para o parque. Ela dizia, “oh pai vamos ao parque”, e ele “agora não, tenho que ir fazer não sei o quê”.</i>	Relação Conjugal Desequilibrada
<i>Ele não gostava muito de brincar?</i>	Falta Apoio Marido
<i>Era. Não tinha muita paciência. Tinha umas vezes, outras não tinha. Isso também é normal. É normal. Porque nós também temos uma vida profissional preenchida, mas temos de ter paciência para os filhos. Ele acha que eu exagero, mas lá está, é mais um dos pontos em que não estamos em concordância. Do meu ponto de vista é assim: enquanto a miúda era manobrável, era criancinha, bebé e tal, vinha ter connosco... agora quando ela começou com as suas exigências de brincadeira, ele já não... quando ela não fazia aquilo que lhe dava jeito, ele começou a dizer “ah, agora não”.</i>	Relação Conjugal Desequilibrada

- Falta Apoio Marido *Eu neste aspecto sempre fui eu que a acompanhei aos médicos... ele também não podia, trabalha fora do local. Mas por exemplo, aos fins-de-semana, ela adoecia e eu metia-me no carro e ia até ao hospital e perguntava-lhe se ele vinha comigo e ele respondia: “então, para que é que eu vou? Já vais tu!”.*
- Responsabilidades Parentais Diferentes *Acha que ele pensa que os pais têm responsabilidades diferentes?*
Eu não acho que é tanto assim, acho que ele é mais comodista e assim. É mais isso. Eu estou a perguntar isto porque me lembrei dos seus pais, não é, e de como, claramente, eles tinham dois papéis distintos.
- Papéis Sociais Diferentes *Ah sim, não é bem o caso, pronto.*
Mas gostava que tivesse sido um pouco diferente, e que ambos partilhassem responsabilidades semelhantes?
Com os meus pais?
Não, com o seu marido.
- Desejo Igualdade Parental *É claro que gostava. E conversei isso muitas vezes e depois desisti, porque não valia a pena.*
E a sua filha? É mais apegada a quem?
- Simbiose *A mim.*
Agora... de uns tempos para cá... eu sempre procurei não deixar transparecer estes desentendimentos, para o bem dela. Mas é claro que ela percebe e então quando cresce ainda percebe mais. E agora, de há uns tempos para cá, ela começou a ralar com o pai.
- Relação Conjugal Desequilibrada *Foi?*
- Responsabilidades Parentais Diferentes *É verdade. “E porque tu não ajudas nada a mãe!” e estás sempre a discutir com a mãe!; e não tens razão nenhuma!”*
- Desejo Mudança *E, isto não é bom. Eu tenho a certeza que ela gostaria de ter tido um pai diferente, mas paciência. Gosta na mesma do pai, claro.*
- Equilíbrio Escolar *E acho que... mesmo durante o percurso escolar, ela foi sempre muito equilibrada, portanto isto é muito bom.*
É sinal de que ela se está a desenvolver bem, apesar deste senão.
Mas também, há muitas contrariedades na vida, e esta é uma. É isso que eu tento fazer passar.
Porque uma coisa é o meu relacionamento com o pai, outra coisa...
Mas ela percebe que é entre vocês os dois, que não tem a ver com ela?
Exacto, exacto.

E em relação a ela, procuramos que não haja desentendimento. Mas, eu é que tomo as rédeas da casa, e na educação da miúda, desde sempre.

Mãe Auto-Suficiente

Desde sempre?

Aaa... desde sempre...

Lembra-se do primeiro dia de escola dela?

Lembro-me, perfeitamente, perfeitamente.

O meu marido nunca pôs, ... mas eu também não pus! Nunca pus em hipótese ele faltar ao trabalho para ir à escola... e ele, também não. Eu nunca pus porque... ia eu!

Falta Apoio Marido

Então e no primeiro dia de aulas lembra-se do comportamento da sua filha? Estava tímida como é, agora?

Ela não estava muito tímida porque ela foi com os outros meninos do infantário.

Bom, ela estava, e perguntava então como é que vai ser a sala? E queria saber.

Então não foi uma mudança muito brusca?

Não, não, não foi.

Ela passou por algum percalço, durante o percurso escolar?

Equilíbrio Escolar

Não.

E agora está...?

Está no 12º.

Lembra-se se ela, em mais nova, estabelecia amizades com facilidade? Passou por alguns problemas?

Não, nunca teve problemas.

Conhecia os amigos dela?

Sim. E conheço ainda. Vêm cá a casa, e ela vai dormir a casa delas...

Na praia, também este ano nos encontramos.

Por acaso foi com dois amigos rapazes, que ela tem muitos amigos rapazes.

Identificação ao Masculino

Que engraçado.

É. São assim como irmãos.

Eu também tinha.

De infância?

Sim. O primeiro amigo que eu tive na vida foi com 5 anos e era um rapaz. E ainda hoje nos falamos.

As amizades de infância são muito importantes...

É. E eu sempre disse à minha filha que as amigas são muito importantes. E realmente é muito bom. É preciso saber que temos muitos conhecidos, mas amigos não, amigos são poucos.

Ela costumava falar dos amigos em casa?

Timidez

Falar não faz muito o género dela. Há miúdos que contam tudo e fazem queixinhas. Ela não é assim. Ela só falava, ao fim de 2 ou 3 dias, ou até uma semana, é que contava um acontecimento marcante. Mas não era por nenhum motivo em especial, ela é mesmo assim.... É.... É... distraída.

O pai também é assim distraído. São assim um bocado cabeças no ar.

Ela gostava que a mãe fosse lá à escola?

Gostava, gostava. E também gostava muito de estar na escola. E gostava muito de estar no infantário. Queria sempre ficar a brincar mais um bocadinho. E ela até andou no ATL enquanto andava no ciclo. No 5º ano estava lá sempre. No 6º ano começou a deixar de ir. Dizia que já não gostava muito. Ela e uma amiga. Portanto, andou no ATL até aos 11 anos e meio... portanto ela gostava mesmo. Ah, e tinha, ela não tem dificuldade em fazer amigos. Ainda no outro dia foi para a festa do avante e conheceu não sei quantas pessoas... está naquela fase!

Quando era mais nova, lembra-se de ela alguma vez ter questionado ou reparado que os pais dos colegas eram mais novos?

Não. Não. Nunca perguntou nada. Nunca questionou, nunca achou estranho. Nunca surgiu esta conversa. E eu expliquei-lhe, quando ela começou a perceber e ela achava normal. Ela também diz que “oh mãe, eu nem acredito na idade que tens! Nem os meus amigos!” Portanto, talvez seja por isso. E eu brincava muito com ela, e dançávamos e corríamos! Também deve ser por causa do nosso espírito.

Eram muito jovens não eram?

Pois. Ela não notou nada. Nunca ninguém fez essa conversa com ela.

Eu pergunto isto porque tenho visto noutros casos em como as crianças se zangavam quando confundiam os próprios pais com os avós...

Ah, pois. Que engraçado. Pois, porque a aparência conta muito e a maneira de ser.

Pois, eu penso que dever ter a ver com isso, a minha filha não, não.

Nunca ninguém me confundiu com a avó da minha filha.

Se tivesse de escolher uma destas palavras – independência ou protecção – qual é que escolheria para caracterizar melhor a relação com a sua filha?

Idade Real VS
Idade Percepcionada

Idade Real VS
Idade Percepcionada

Tenho dificuldade em responder. Se eu racionalizar eu escolho independência, porque efectivamente, eu sei que é o melhor para ela. Mas também vou mentir se não disser que a protejo. E agora? É difícil.

Lembra-se de como reagiu quando a sua filha fez as primeiras tentativas de independência? E reivindicou os seus direitos?

Sim, reagi maaaal. Mal, isto é, mal comigo mesma. Para mim foi um choque.

Resistência à
Independência

Com que idade?

Foi pelos 14 anos. Também coincidiu com o pior ano de rendimento escolar. Ela passou, mas as notas baixaram muito.

Pois, é natural.

Ela começou a querer ficar mais sozinha, a fechar a porta do quarto. Mas conversava na mesma comigo. Contava-me à mesma as coisas dos rapazes.

Sempre contou?

Sim, ainda hoje.

Aliás, eu sempre me preocupei desde pequenina para que ela me contasse tudo.

Simbiose

Tudo, tudo. Não há assuntos que não possamos falar. Às vezes até noto que eu piso um bocadinho o risco, sou um bocado afoita. E ela fica assim “mãe, não, não é preciso...!”

Eu sempre falei muito com ela e ela comigo, mas custou-me esta parte.

Nesta altura ela está outra vez muito metida com ela. E ela diz “oh mãe, tu própria disseste que era mesmo assim, que era da adolescência!” E eu digo “mas custa-me, filha, parece-me que me estás a afastar...” E ela “oh maaãe...!” e abraça-me e dá-me beijinhos...

Resistência à
Independência

Agora já passaram uns meses já me estou a adaptar, mas custa-me muito.

Resistência à
Independência

Porque eu sou muito espevitada e despachada, mas também sou muito carinhosa.

Esse afecto acho que é muito importante.

A sua mãe também lhe dava muitos abraços e mimosinhos.

Sim, dava, dava. O meu pai já não. A minha mãe compensou. E eu saio à minha mãe...

A sua filha reivindicou os seus direitos, ou lutou contra algumas regras familiares?

Contestação
Regras Familiares

Sim, sim. Sobretudo relacionado com a arrumação dos espaços comuns. E os horários, porque ela já sai à noite – só aos fins-de-semana agora, e nem sempre. Só nas interrupções dos períodos e nas férias. Eu comecei por impor uma hora X, e ela a princípio dizia que sim e muito rapidamente começou a perguntar e porque não

mais um bocadinho? Ela é reivindicativa, e umas vezes eu cedo, mas não cedo facilmente. É preciso muita, muita conversa. Mas cumpre. Uma vez ou outra pisa o risco.

E o que é que acontece? Leva o tal raspanete?

Rallete e Castigo

E o castigo, fica sem sair! E quando a coisa é grave p'ró meu ponto de vista, fica mesmo sem sair. Não interessa o que é. Já aconteceu uma vez, pelo menos. E ela chorou muito... e depois passou.

Mas, de qualquer maneira as regras podem ser negociadas, ou não?

Estilo Democrático

Negociamos sempre. Umás vezes eu cedo um bocadinho, outras vezes acho que já é demais.

Acha que já é capricho?

“Crash” Ideológico

Não é capricho, é tarde! Eu acredito que ela não faz nada de mal, acredito. Eu penso assim, se eu for muito permissiva com ela agora.... Qualquer dia não tenho mão nela.

Nunca teve medo de não conseguir educá-la?

Não, não. Às vezes pensava, “como é que vai ser, na adolescência?” e depois rapidamente deixava de pensar. Não valia a pena sofrer por antecipação.

Nunca receou que a distância entre si e a sua filha fosse demasiado grande para a conseguir compreender?

Ausência Distância e Diferença

Não, não. Se calhar porque lido com adolescentes, há 30 anos. E há 20 anos que são só miúdos do secundário. Talvez por isso nunca tive problemas em me relacionar, não. Aliás, há muitos anos, com umas colegas, ainda a ministra não falava disto, abrimos o gabinete de apoio ao aluno, na escola. E temos protocolos com os centros de saúde, com o instituto da droga e da toxicodependência e fazemos acções de formação e sessões de esclarecimento e nós próprias distribuimos preservativos, e fazemos atendimentos aos alunos...

Ausência Distância e Diferença

Por isso tenho facilidade, nunca pensei que isso fosse um problema para a minha filha. O que eu pensei honestamente foi “ainda bem que eu tenho uma filha é mais ou menos certinha”, porque se ela fosse como daqueles filhos, que se ouve dizer, que batem com a porta e que saem de casa, desaparecem... o que é que eu faria?

Ela nunca se comparou aos outros colegas?

Ela diz muitas vezes: “tu tens muita sorte em ter uma filha como eu!”, e eu respondo-lhe “olha se calhar tenho, mas tu também tens sorte em ter uma mãe como eu, porque te ajudei a crescer assim, porque se tu fosses como os miúdos de quem

falas, tu não eras feliz, porque tu no fundo tens tudo!”. Há sempre, em todos os lares estas discussões, eu acho que é saudável.

Actualmente não vê qualquer problema, mas e quando esteve grávida, nunca ponderou o facto de ir ter uma distância grande da sua filha?

Sim, pensei nisso mas isso é inevitável, pronto. O que eu pensei foi assim: oxalá eu viva muito tempo para a acompanhar o mais possível. Depois, provavelmente, não vou poder ajudá-la muito com os filhos... quando chegar à altura logo se vê.

Angústia Morte

Acha que os filhos de pais tardios não temem que os seus pais envelheçam mais rápido do que os outros?

Acho. Eu acho que sim. Esse é capaz de ser o único grande problema. Eu, por exemplo, tenho 54, e tenho ainda a minha mãe, ainda que agora esteja muito doente, mas tive-a até aos 82 anos dela. E a minha filha, provavelmente, não vai ter... pronto... o que é que se há-de fazer?

Angústia Morte

Estava a pensar agora na questão da inversão dos papéis. Já deve ter ouvido falar na tal “geração sanduíche” em que os sujeitos chegam a uma certa idade em que têm filhos para cuidar, mas que os seus pais também começam a precisar de alguns cuidados. A tendência deste fenómeno é eliminar o efeito da “geração sanduíche”, pois os sujeitos ainda não têm filhos, mas começam a prestar alguns cuidados aos pais...

Por acaso nunca tinha pensado nisso. Eu penso é que, a minha geração não vai ter a mesma sorte que por exemplo a geração da minha mãe tem tido. Porque mal ou bem, os idosos actualmente ainda têm esse apoio. E eu acho que da maneira como a sociedade agora está, os idosos são assim como um alvo a abater. Os filhos não vão ter muitas hipóteses de tratar dos pais... primeiro que arranjem um emprego, depois vão ter situações de trabalho precárias durante muitos anos, sabe-se lá quando é que podem formar família, e também não podem cuidar dos pais porque não têm meios!!!

Inversão de Papéis

Angústia Morte

Hum-hum...

E levá-los ao médico, nem sei se podem! Nem sei se podem! Porque, faltar ao emprego não se pode, cada vez mais as pessoas estão absolvidas pela profissão, neste mundo de globalização com as características que tem.

E os próprios filhos, vão esperar por um momento bom, para ter filhos, não é?

É é. Eu não esperei. Isso para mim... comigo não foi premeditado... olhe, não lhe sei dizer porque é que foi!

Quase que teve para não ter filhos, não é?

Foi, foi ,foi ,foi. Eu tive muito poucas relações, muito poucos namorados. E aquelas que tive, não deram para pensar no futuro! No construir a família! Só, quando conheci o meu marido, aos 33 anos é que começou a conjecturar. Portanto, foi aquela pessoa, calhou.

Eu não lhe sei dizer, eu vim para Lisboa estudar, e tive de me tornar independente.

Mas tive condições, a minha família em termos económicos... proporcionaram-me tudo de bom. Tinha refeições, roupa lavada, tudo, eu só estudava. Mas, ao 17 anos, vinda da província, sem nunca sair de casa, para Lisboa, foi um choque. Eu tive de me desvenenhar. E tornei-me independente, eu nem era nada independente, era

COMPLETAMENTE dependente da minha mãe! A minha mãe é que fazia tudo é que tratava de tudo... tínhamos uma empregada doméstica em casa... até nos abria a cama! Esta senhora é que está a tomar conta da minha mãe lá em casa. Portanto, tive que me tornar independente, e eu gostei! Tornei-me esperta, espevitada,

autónoma! E sempre fui assim muito preocupada com os direitos das pessoas, e com a defesa dos direitos das mulheres. É a minha maneira de ser! Vá-se lá saber se era por causa do meu pai, que nos espezinhava, não sei, também não estou interessada.

O que sei é que sou assim, por natureza. O que eu sei é que a história de me juntar a alguém e ser dependente dele me fazia uma certa confusão. Isto nunca foi pensado, nem elaborado, percebe?

A mim parece-me que tem uma ideia muito clara.

É capaz de ser isso...

Era como se “só de pensar que...”

É verdade! É, é.

Antes de mais queria ser independente...

É, é. Nós vivemos em conjunto mas temos a nossa singularidade. E às vezes isso não acontecia. Talvez por isso as outras relações não resultaram. E esta resultou... durante uns anos. Agora está diferente.

Vou perguntar-lhe uma coisa que estava para perguntar há bocado... a sua filha anda na mesma escola que a Maria?

Anda. Não gostou nada quando foi para a minha escola. “Pois, porque depois toda a gente vai estar lá a vigiar-me, tu conheces toda a gente!” Mas ela depois deu-se bem, aquilo correu bem.

As acções que tem desenvolvido na escola, têm beneficiado a sua filha? Leva-a a conhecer coisas novas, outros sítios (museus, biblioteca)? Utiliza essa informação na sua educação?

Sim, tem sido útil. Já tenho saído com ela, mas não tanto como gostaria, honestamente, por falta de tempo da minha parte. Mas ela gosta.

Investimento Cultural/Escolar

Prioridades Profissionais

Fazem esses passeios ao fim-de-semana?

Sim, sim. De vez em quando.

O pai não costumava sair com ela ao fim-de-semana já que estava disponível?

Aaa... às vezes. Mas a impulsionadora sou eu. O meu marido é mais passivo, mais preguiçoso e caseiro.

Responsabilidades Parentais Diferentes

Alguma vez sentiu que estava a tratar o seu marido como mais um filho?

Ah, sim sim! Eu às vezes digo que tenho mais um filho! Os homens ajudam,... a por a mesa, a por e tirar a loiça da máquina. Mas, isso cada vez mais é insuficiente. Não há iniciativa. É do género de muitos maridos, não é só o meu.

Marido Como Um Filho

Perguntei isto pois foi a sensação que me deu, quando contou as discussões da sua filha com o pai...

Pois, pois.

Estilo Autoritário

Ela também é assim espevitada, e luta pelos direitos das pessoas?

Não é tanto. Mas eu com a idade dela também era assim. Isso ganha-se. É mais com as coisas dela, muito despachada.

Ela, alguma vez, conversou sobre o futuro e constituir família? Se há-de casar, se há-de ter filhos...?

Já, já. Agora que me falou nisso, há bocado omiti uma coisa importante. Ela quando fala disso diz “eu quero-me casar mais cedo do que tu!”

Fazer Forma Diferente

Hum-hum..

Lá para os 28... eu acho bem... e quer ter pelo menos 2 filhos. Porque ela tem muita pena de não ter tido irmãos.

Desejar Irmãos

Eu não pude ter mais filhos. Porque houve um problema, uma morte na família, que me deixou com uma depressão muito grande. Eu tive-a aos 37. E eu andei a fazer tratamento com anti-depressivos e ansiolíticos durante 2 anos.

Depressão

Logo a seguir?

Sim. Logo a seguir não. Aos 39 morreu a pessoa. Ele tinha 39, ia fazer 40. E eu tinha pensado ai depois de uns 2 anos engravidar de novo. Mas esta minha prima, adoeceu, teve cancro da mama e depois melhorou, depois de ser operada, mas

Angústia Morte

aquilo... e foi ai que eu pensei: eu devia ter tido a minha filha mais cedo. “E se me acontece a mim, como é que a minha filha...?” o filho dela tinha 5 anos, morreu no mês em que fazia 6. E foi ai que eu pela primeira vez pensei nisso.

E o filho ficou com o pai?

Ficou. Mas entretanto o pai também morreu.

Este miúdo tem agora 20 anos e está mal... desde há muitos anos que está mal e é muito difícil ajudá-lo, ele rejeita tudo. Depois teve uma madrasta, que também não foi bom...

Torna-se difícil de confiar nas pessoas...

É. E então nós temos tentado tudo. Ele teve o apoio de uma pedopsiquiatra mas... faltou outras coisas... faltou o apoio do pai. Mas também coitado do pai...

Estava destroçado...

Mas também não era aquele modelo de pai...

E então na sequência da morte desta prima, ai já tinha 40. Um mês depois dos 40 eu fui ao médico para começar a fazer tratamento. E só ao fim de 2 anos é que acabei o tratamento. Porque depois tem de se fazer o desmame... e nessa altura depois já nem pensar em ter um filho... tinha muito medo e... não estava bem!

Claro...

Quem tem uma depressão grande, nunca mais recupera. Eu tinha um sono profundíssimo. Deitava-me, independentemente da hora que fosse, se eu precisasse de dormir, eu dormia. Desde que tive a depressão nunca mais fiquei bem.

Depressão

Foi só isso que ficou alterado?

Depois fiquei com mais dificuldade em me auto-controlar... depois vai-se reconquistando isso... mas também pelo facto de já ter 40 anos... é tudo junto. Aos 49 entrei na menopausa... isso então é que desorientou tudo!

Mas vamos a reaprender a lidar com as coisas... não é?

Entrevista nº3b

Família Rebelo | Moita, Setúbal

Continuação da Entrevista - Maria (Via Email)

É crente? Costuma ir à Igreja?

Considero-me agnóstica. Não costumo ir à Igreja; só vou em situações excepcionais: casamentos, baptizados...

Incentiva a sua família a ir à Igreja? Baptizou a sua filha?

Não incentivo a família a ir à Igreja, mas tive que baptizar a minha filha quando ela fez a Primeira Comunhão, na sequência da sua inscrição na Catequese, a seu pedido.

Qual foi o máximo de tempo que ficou longe da sua filha? Como se sentiu? Fora essa vez, quantas vezes mais ela já esteve fora de casa?

Uma semana. Senti saudades, mas fiquei tranquila, pois sabia que ela estava bem.

Desde essa altura, ela já esteve fora de casa várias vezes (bastantes).

Família
SobreProtectora

O que seria diferente se tivesse tido a Camila mais cedo?

Teria tido mais tempo para ela, porque agora, talvez de há quatro anos para cá, devido às obrigações profissionais, passo dias inteiros fora de casa e ainda tenho que trabalhar à noite e aos fins-de-semana.

Prioridades
Profissionais

Quais os atributos dos pais mais novos?

Penso que os pais mais novos procuram fazer com que os filhos sejam autónomos e independentes desde muito cedo e, muitas vezes, consideram-se como os seus irmãos mais velhos.

Proximidade e
Similitude

Quais os atributos dos pais tardios?

Os pais tardios talvez tendam a ser mais pacientes e tolerantes com os filhos, mas, por outro lado, também mais protectores e preocupados com a sua segurança e o seu futuro.

Família
SobreProtectora

Gostaria de ter tido mais filhos?

Sim, gostaria de ter tido, pelo menos, mais um filho.

Tarde Outro Filho

Recorreu a tratamentos de fertilidade?

Não; não foi necessário.

Qual o papel dos avós da Camila no seu crescimento? E actualmente?

- Os avós, pelo facto de viverem longe, não estiveram presentes na vida quotidiana da Cristiana. No entanto, sempre tem havido uma ligação muito forte entre ela e, sobretudo, as avós; dão-se muito bem e a Cristiana adora-as. O meu pai morreu quando ela tinha 5 anos e com o meu sogro, pelo facto de ter um feitio difícil, ela não tem muita intimidade.*
- Fraca Transmissão Intergeracional**
- Considera a Camila uma pessoa responsável? E consciente?*
- Sim, é uma jovem bastante responsável e consciente.*
- Superego Severo**
- Como foi experienciado o parto?*
- O parto correu muito bem e foi relativamente rápido. A sensação de ter a minha filha recém nascida logo sobre o meu peito foi única e indescritível!*
- Após o nascimento, como foram vividos os primeiros tempos como mãe?*
- Sentia-me nas nuvens, com uma bebé tão meiga e calminha. O único problema foi que tive o peito encaroçado durante os primeiros dois meses, mas aguentei, sempre a amamentar (porque o meu leite era muito bom e eu sabia que fazia muito bem à minha filha) e quando o problema passou, esqueci-o rapidamente.*
- Bebé Sossegado**
- Sente que a adaptação ao novo papel de mãe (e às funções a desempenhar) foi rápida, ou foi mais longa do que esperava?*
- Foi rápida e fácil. Interiorizei naturalmente que a minha vida iria mudar e adaptei-me bem. É claro que, nos momentos de maior trabalho, desorientava-me um pouco, pelo facto de já não poder dispor de todo o tempo necessário só para mim, ou melhor, para a minha profissão, mas aprendi a organizar-me de acordo com a nova realidade.*
- Adaptação Rápida**
- Prioridades Profissionais**
- Na sua opinião, quais são as razões mais importantes para se ter um filho?*
- A razão mais importante é adorar crianças e sentir necessidade de ter um (ou mais) nosso, com quem partilhamos a vida.*
- Que tipo de motivações terá uma pessoa que não queira ter filhos?*
- Acho que uma pessoa assim nunca deve ter sentido a necessidade de ter filhos, por um lado; por outro, também pode dar mais importância à carreira, por exemplo. Pode acontecer ainda que pondere muito os prós e os contras de trazer uma criança ao mundo, tão cheio de problemas e insegurança. Pode também sentir que não tem condições económicas suficientes para proporcionar aos filhos um estilo de vida que considera adequado.*

Entrevista nº4**Família Ferreira | Torres Vedras, Lisboa****Túlia (mãe), 46 anos****Administrativa****Casada****Filho: 6 anos****Marido: 46 anos**

Que idade é que tinha quando nasceu o seu filho?

40, mas já tinha estado grávida aos 38.

Só tem um filho?

Sim.

Então e o que é que aconteceu aos 38 anos?

Portanto eu tive dificuldade em engravidar. Eu já casei tarde... casei aos... 36. O meu marido é que já tem um filho com 19 anos. Tinha dificuldade em engravidar, e tive que fazer medicação e tudo. Numa das consultas vi que o embrião estava morto. Depois tive que fazer raspagem, aquela coisa toda. E depois tive que fazer novos tratamentos e demorou mais tempo a engravidar outra vez.

Casamento Tardio

Aborto

Fertilidade

Mais uma pequena luta?

Uma luta um bocado complicada! Porque eu não fazia ovulação e todos os meses tinha que tomar umas injeções na barriga.

Fertilidade

De qualquer maneira também só começou a pensar engravidar depois de casar, antes disso, não, não foi?

Não, não. Não tinha uma relação... e pronto, foi por isso que a decisão foi mais demorada...

Casamento Tardio

Quer dizer que a decisão não foi adiada porque quis, mas sim atrasada?

Exacto, exacto... E depois, essa gravidez foi uma gravidez que foi tudo impecável, sem problema nenhum.

Gravidez Tranquila

Foi?

Foi. Só aos 7 meses é que num casamento, no Alentejo, estava muito calor e comecei a ter contracções. E tive que ficar um mês de baixa, de repouso. Depois correu tudo bem.

Mas estava alerta para os riscos que podia correr?

- Riscos Gravidez Tardia (conhecimento) Cesariana *Sim, até estava a ser acompanhada em Lisboa. O meu médico já era lá, e ele é que me passou para as consultas de fertilidade. E foi sempre ele que me seguiu, e foi ele que fez o parto, e foi de cesariana.*
Diga-me uma coisa, sempre desejou ser mãe?
Sim.
- Motivação Parental *E quais acha que são as motivações das mulheres que não querem ser mães?*
Eu como sempre quis, sempre foi um objectivo, e sentia-me triste se não fosse.
Era uma questão de realização?
- Fertilidade *Era. E acho que compensa, tudo o que... por tudo o que passei, porque passei bastante durante esse período... a ansiedade, os próprios tratamentos, apesar disso tudo, compensa.*
Acha que as pessoas que decidem não ter filhos, sentem que esta é uma decisão como todas as outras? E que se sentem realizadas a outros níveis?
Sim, acho que elas se sentem realizadas a outros níveis da vida, profissionalmente, ou assim. Arranjam outros objectivos, ou assim. Eu só não tive mais, porque achei que já não podia, nem devia.
- Tarde Outro Filho *Gostava de ter tido mais?*
- Falta Apoio Marido *Aaa... gostava de ter tido mais, mas a idade já era muito avançada e o meu marido também tem uma vida muito ocupada e não me ajuda, e os meus pais são velhos, também...*
O que é que faz?
Sou administrativa.
E o seu marido?
É encarregado de uma exploração agrícola e tem, pronto, também a agricultura dele e...
- Falta Apoio Marido *Está muito ocupado?*
Está!
Qual é a diferença de idades entre a Túlia e os seus pais?
São trinta anos. Já tive aos 40, ele já tinha 70 e a minha mãe é uma pessoa muito doente. E não pode pegar numa criança, não pode... e a minha sogra é mais nova, mas neste momento está numa cadeirinha de rodas. Por isso neste momento tenho pouco apoio,... e tenho que dar apoio, a eles! Por isso, depois não pensei, como o meu marido já tinha o outro filho...
Mora cá o outro filho?

Não, é assim, nas férias está sempre connosco. E até agora há pouco tempo, passava todos os fim-de-semana connosco, para poder ir para as noitadas e não sei quê.

Lembra-se de como se sentia com a sua aparência física durante a gravidez?

Ai, adorei estar grávida!

Acha que se sentia mais feminina por estar grávida ou o contrário?

Feminino e Materno

Talvez mais feminina... tinha um barrigão daqueles...

A sério?

Eu tinha barriga, mas só barriga, não tinha cintura.

Que engraçado... Acha que a maternidade é igual à paternidade?

Responsabilidades
Parentais Diferentes

É assim, pela experiência que eu tenho minha e do meu marido é diferente. Ele gost muito do filho mas,... pronto,... é raro pô-lo à escola. Ele começou este ano a escola primária. E hoje, por acaso, foi o primeiro dia que ele foi pô-lo à escola.

Falta Apoio Marido

Ainda nem se quer tinha lá ido.

Andou no jardim-de-infância?

Andou no jardim-de-infância. E ele é mais apegado a mim.

Jardim-de-Infância

É mais apegado a si?

É. É. Apesar de gostar muito do pai... vai a correr até lá ao fundo “pai! Pai!”

Gosta à mesma dele, não é?

Gosta, gosta, mas tem uma relação muito mais próxima comigo.

E acha que isso se deve a quê?

Ao facto de ele passar mais tempo comigo.

O pai não costuma brincar com ele?

Brinca, brinca, com ele. Mas é capaz de chegar, por exemplo, às 10h da noite... e ao fim-de-semana trabalha também, por isso não tem disponibilidade.

Prioridades
Profissionais

Como é que foi o primeiro dia de escola?

Ele ia muito excitado porque ia ter a primeira reunião da sua vida, como ele disse “Mãe, vou ter a primeira reunião da minha vida!”

Engraçado!

Depois, o segundo foi assim-assim, e o terceiro já foi complicado.

Des-Adaptação Escolar

Então?

Porque, é assim, ele anda numa escola que é aqui perto de casa, mas aquilo pertence a um outro agrupamento e ele não está propriamente na escola... havia a escola primária desse agrupamento, mas a escola tornou-se insuficiente e então eles

fizeram ao lado uns pavilhões, e ele está nesses ditos pavilhões, que por sua vez vão almoçar à escola secundária.

Sim, sim...

Então têm acesso à escola secundária por um portão. O portão é aberto à hora de almoço. Fora isso estão separados. E ele estava com medo que se esquecessem dele, na parte dos grandes!

Des-Adaptação
Escolar

Na parte dos grandes... é que é uma grande diferença de idades, não é?

Houve um dia que ele até vomitou.

Ficou muito ansioso...

Ficou, mas ele é muito nervoso. É.

E então, pronto, mas agora está mais... já percebeu que as coisas funcionam de maneira diferente do que aquilo que ele estava a pensar.

Ele fala muito da escola cá em casa?

Fala fala.

E dos amigos? Já fez muitos?

Sim, já tem muitos. Eu acho que ele se está a integrar bem.

E da integração no jardim-de-infância, lembra-se?

Lembro-me. O primeiro ano foi aos 2 anos, porque eu estive sempre em casa até ele fazer 2 anos, e ele esteve sempre comigo, portanto daí a tal ligação. O primeiro ano foi muito complicado, dos 2 aos 3. Aos 3 anos ele foi chamado para outra creche, a creche do povo, que ele adorou. E como foram 6 miúdos da outra creche para esta nova, a integração foi ótima. E a educadora também foi ótima, e as auxiliares impecáveis. E ele adorou estar na creche, e tem saudades de lá ir.

Simbiose

Ansiedade Separação

A sério? Ainda fala disso?

Ainda a semana passada íamos ali, e ele diz “olha mãe, vai ali o autocarro da creche do povo!” e eu pergunto-lhe “ainda tens saudades do auto-carro?” e ele diz “eu tenho saudades é da creche!”

Des-Adaptação
Escolar

Foi uma mudança radical. Porque ele sentia-se seguro na creche e agora na escola é diferente.

É um salto muito grande, não é?

É. É uma mudança muito grande.

Ele já aprendeu alguma coisa na escola?

Já, já... (exemplos).

Pede-lhe ajuda a fazer os trabalhos?

Sim, quer sempre que eu esteja por perto para ver se está a fazer bem.

Simbiose

Há pouco falou-me que ele era um pouco ansioso... desde pequeno?

Mas isso eu também sou e acho que lhe transmito um bocado essa ansiedade.

Como é que ele era em bebé? Chorava muito? Era mais calminho?

Era um bebé calmo. Aliás, até nas fotos se via que ele era um bebé...

Bebé Sossegado

E dormia bem?

Dormia.

Lembra-se se ele tinha medos?

Não,... agora como vê o canal panda e às vezes há desenhos mais agressivos diz que tem medo de ir até ao quarto. E eu digo-lhe “mas tens alguma coisa que ter medo?

Acendes a luz e vais ao quarto, não há cá monstros em casa, não há nada! Tens medo de quê?”

E ele acredita?

Acredita. E, nem de noite é assim de acordar. Dorme a noite toda sozinho. Só uma vez ou outra. É capaz de me chamar uma vez por noite mas é para o tapar, ou porque caiu o boneco...

Ele é uma criança mais obediente, ou mais para o mandão?

Agora anda um bocadinho mais rebelde. No sábado, andava só “oh mãe, estás muito mandona!”

Como é que ele se sente quando vai à escola? Ou quando ia ao jardim-de-infância?

Contente?

Sim, sim.

Ele nunca perguntou, ou sentiu que a Túlia era um pouquinho mais velha que os outros pais?

Não, não. De manhã ele gosta muito que eu entre mesmo até lá dentro e que vá até à porta dar os beijinhos.

Ansiedade Separação

O pai não costuma acompanhá-lo?

Falta Apoio Marido

Não, porque ele entra às 8h, e ele entra às 9h.

Ele nunca perguntou ao pai porque é que não ia com ele até à escola?

Não, é que ele está tão habituado que seja eu que...

Simbiose

Acha que eu seu filho vai ser assim mais independente, ou vai sentir-se mais para o protegido?

Aaa... Protegido, mas por culpa minha!

Família
SobreProtectora

Então?

É porque eu estou sempre com medo que lhe aconteça alguma coisa. “Oh filho olha que tu caís, oh filho olha aquilo!”. O meu marido até se chateia comigo e diz “Pois, fazes do miúdo um maricas!” Porque ele chega e fica assim muito envergonhado...

Estilo Autoritário

Mesmo quando andava na creche, é engraçado, ele dava-se com todos - ele era dos últimos a entrar na creche, porque eu entrava no trabalho às 10h, e os outros pais

Timidez

entravam todos mais cedo – e ele chegava lá e ficava a ver onde havia de pousar... e conhecia bem os amigos, não é?

Tinha que conhecer bem o terreno?

Sim, e estudar, e só depois pisar...

E acha que foi mesmo culpa sua?

Talvez seja um bocadinho.

Simbiose

Relaciona isso com o sofrimento que passou para ter o seu filho?

Família
Sobre Protectora

Sim, e é só aquele! Às vezes dizem-me “Epá, faltam-te mais 3 ou 4 para veres como é que era!”

Quando estava grávida lembra-se de reflectir sobre se iria ser uma boa mãe? Ou se o facto de ser mais velha poder trazer algum obstáculo?

Às vezes falo com a minha prima, que é um ano mais velha do que eu, e este ano o filho dela entrou para a faculdade... e quer dizer “O teu entra para a faculdade, e o meu entra para a primária!” Pronto, só nesse aspecto é que eu penso.

Desabafos

Sentia que, antes de entrar na creche, que existiam crianças na sua rede social para brincar com o seu filho?

Ele era quase a mascote do grupo de amigos. Mesmo na praia, ele era o mais novinho deles. Aliás, quando eu estava grávida, ele nasceu a 27 de Agosto, eu estive na praia até 25 de Agosto.

Ena pá!

Como estava de baixa... no mês de Julho estive em casa, no mês de Agosto o médico já me permitiu sair. E então eu ia para a praia, sentava na cadeirinha e as miúdas vinham todas “olha, ainda não fizemos festinhas hoje ao Afonso!”. Então vinham todas fazer festinhas na barriga. Quando o Afonso nasceu era a mascote, toda a gente queria agarrar na cadeirinha do Afonso.

E crianças mais da idade do Afonso, não havia?

Não, já ía tudo nos segundo! Eheh! Ele sempre foi o mais novinho.

Mas ele não se sente mal com isso?

Não! Não! Não! Não!

Até gosta, não?

De ser o centro das atenções não é? É o ai Jesus das primas e do tio. O meu irmão também mora aqui no prédio e ele tem uma grande referência no tio. É tio e padrinho. Dá-lhe muito apoio. Vem cá muitas vezes brincar com ele...

Família
Sobre Protectora

É uma figura importante para o Afonso?

É, é, é. É quase mais que o pai. Brinca com ele quase mais que o pai. Porque também tem mais tempo disponível.

Falta Apoio Marido

É muito bom que ele tenha o tio, já que não tem o pai...

(Ausenta-se um pouco)

E quando o Afonso se porta mal?

Quando o Afonso se porta mal às vezes tenho que recorrer à psicologia da palmada! E ao castigo!

Ralhete e Palmada

Qual é o castigo?

O pior castigo que eu lhe dou é não ver o panda. Não ver televisão porque ele adora televisão. Ele brinca muito sozinho. É capaz de estar horas na construção de legos ou mesmo entretido com um bonequinho. Mas... E às vezes estou na cozinha e até me esqueço que ele está... e chamo-o, e ele “que é mãe?”, “ah pronto filho é só para saber se estás aí!”

Isolamento Social

Que engraçado...

Porque há miudos que não, não sabem estar sozinhos, e ele não. Ele sabe brincar sozinho e sabe estar...

Costumava mostrar-lhe que ele tinha que ser obediente e recompensá-lo por isso?

Ah, sim, sim, sim. Ele é muito teimoso. Tem a quem sair! Ainda na sexta-feira, ele não sabia andar de bicicleta sem rodinhas, e ele diz “mãe, hoje não vou para cima sem aprender a andar de bicicleta”.

E aprendeu?

E aprendeu sozinho.

A Túlia e o marido costumam estar de acordo em relação às normas e regras?

Sim.

Acha que os pais têm responsabilidades diferentes? Ou papéis diferentes?

No meu caso são. Na escola vejo que há pais mais participativos do que o meu. Mas também é por causa do horário de trabalho...

Responsabilidades
Parentais Diferentes

E aqui em casa? Também é a Túlia que trata de tudo?

Sim. Ele é muito ausente mesmo.

Falta Apoio Marido

Quais são as preocupações mais frequentes em relação ao Afonso?

Em termos de comida não tenho grande preocupação. É mais em termos de saúde.

Família
SobreProtectora

Sou uma pessoa muito ansiosa. Estou sempre com medo que ele esteja doente. Até ele ter 1 ano e tal tinha um pavor que ele tivesse o síndrome de morte súbita.

Porque é que achava que isso ia acontecer?

Família
SobreProtectora

Não sei! Não sei! Tinha um pavor! Uma coisa!

Então estava sempre a levantar-se, para ver se estava tudo bem?

Levantava-me N vezes e espreitava do berço e ficava a ver se a roupa mexia... e ele tinha uma respiração muito calma! Tinha mesmo um pavor...

Ele dormia no seu quarto?

Simbiose

Sim, no berço. Só mudou para o quarto dele aos 3 anos.

Toda a gente me dizia “tu vais ver quando o quiseres mudar depois ele não fica lá!”

E eu dizia, deixem lá, que quando for para mudar, ele vai. E ele quando viu o quarto ficou encantado. Os móveis, as coisas todas... “oh mãe, o meu quarto nunca mais está pronto?” É engraçado porque ele nem gosta de ir para a nossa cama.

Ai é?

Às vezes ao fim-de-semana quando o pai cá está, gosta de ir um bocadinho para lá connosco mas não é muito tempo.

Ele não pede aos pais que fiquem na cama dele até adormecer?

Gosta muito que o pai vá ler a história. Essa parte é do pai. Mas depois vai-se embora e ele fica. Mas quando já é tarde não há tempo para histórias.

E o que é que o pai faz mais com o Afonso?

Falta Apoio Marido

Pouco mais! (ri) Só se for ao domingo à tarde. De resto, pouco mais.

Já alguma vez evitou que o Afonso participasse numa actividade extra-escolar, por recear que ele se magoasse?

Não.

E ele costuma dormir em casa de outras pessoas?

Sim, sim.

A sério? Sem problema?

Sim, por acaso até me surpreendeu. Porque a primeira vez foi para a casa de um primo. A segunda vez foi para a casa de um colega de escola. E eu pensei, bem, daqui a bocado tenho que ir lá buscá-lo!

E ficou acordada?

Não,aaa, eles moravam aqui perto. Fui lá pô-lo sábado à tarde, foi logo brincar. Fui-me embora. No outro dia quando lá cheguei nem me fez grande festa, estava na maior. Nunca pensei que ele ficasse assim tão bem. Já voltou a ficar na casa desta minha prima, nas férias, porque a creche já não o recebia... E eu estava um bocado receosa, e ia buscá-lo ao final do dia, e ele “oh mãe, deixa-me ficar cá hoje!” e eu pensava, olha, boa, nunca pensei que ele fosse assim, o que me surpreende, como era tão chegado a mim...! Mas ainda bem que é assim.

Simbiose

Faz por isso?

A que ele fique...

Ele é bem-disposto não é?

É, é. Muito dramáaaaatico...

Como é que acha que vai ser quando o Afonso crescer?

Não sei.

Conhecendo o Afonso... acha que ele vai ficar mais rebelde,...?

Talvez mais rebelde.

O que é que teme mais da adolescência?

O que todos os pais temem, a droga.

Acha que ele pode ficar vulnerável, ou que é capaz de dizer que não?

Tenho receio. Acho que todos temos. Eles por vezes surpreendem-nos.

Na adolescência, principalmente, os pais deixam de ser ídolos, para passar a ser rivais.

Eu no sábado já era a mandona!

Como é que se vai sentir quando ele pedir mais privacidade?

Vai ser complicado... Temos que os deixar seguir um bocado o caminho deles.

Acha que vai conseguir?

Tenho que conseguir!

Alguma vez pensou, agora e quando engravidou, que o seu filho poderia sentir a falta do apoio dos pais, começando ele a assumir esse papel?

Nunca pensei. Nunca pensei. Eu por acaso andei numa fase. Ele pediu-me agora muito uma irmã. Aliás, ele fez anos agora em Agosto, e morde a vela, etc., e pede o desejo, e depois diz “mãe, sabes qual foi o desejo que eu pedi?”, e ele diz “foi uma mana!”. E eu digo-lhe “oh filho, mas a mãe já te explicou que a mãe já é um bocadinho velhota...” Porque ele está farto de pedir ao pai para ir comprar outra sementinha e pergunta “porque é que ele não comprou logo duas da outra vez?!” E

Desejar Irmãos

Desabafos

eu respondo-lhe “oh filho sei lá onde é que o pai comprou a sementinha, se calhar foi lá para Lisboa, ou lá para o Colombo!” “E não podemos ir ao Colombo comprar outra mãe? Eu queria tanto uma mana, eu tratava-a tão bem!” Agora um dia destes disse-me assim: “Oh mãe, estive a pensar, não te preocupes se não puderes ter a minha mana, depois tens os meus filhos!”

A sério?

“Queres dois rapazes e uma rapariga? Ou duas raparigas e um rapaz? Ah, mas tu estás ansiosa por seres avó dos meus filhos não estás?” Estou, filho, estou! “Vais dar muitos miminhos aos meus filhos?” Vou filho, vou! Então, dou-te a ti, porque é que não hei-de dar aos teus filhos?

Não sei o que é que isto...

Não relacionou com nada? Quando falou primeiro da irmã pensei que provavelmente ele se sentisse sozinho e quisesse ter crianças da sua idade para brincar...

Ele antes dizia “já tenho um mano grande”, mas agora diz que quer um mano para pegar.

Ele sempre foi o mais pequenino?

Desejar Irmãos

Pois. E depois começou a ver as mães dos colegas, inclusive as educadoras da creche, a terem bebés. E ele gosta mesmo de crianças, e sente falta...

Desabafos

Eu às vezes já tenho dito... “bem quando ele tiver a entrar para a faculdade, estou eu a ir para o lar!” Já tenho dito isto. Mas ainda não reflecti a sério. São aquelas coisas que saem.

O que tende a acontecer é que os filhos comecem a tomar conta dos pais, mais cedo do que é comum. Se bem que, as pessoas, hoje em dia, também duram mais tempo. O que, por outro lado, também pode significar, que precisem de cuidados...

Durante mais tempo... por acaso ele agora sentiu um bocado... eu tive um problema e fui operada em Julho, tinha um tumor na carótida, e ele sentiu um bocado...

Ansiedade Separação

Viu-a no hospital?

Viu. E estava sempre “oh, mãe, oh mãe!”. E ainda ontem eu estava a dar-lhe banho e ele pergunta “oh mãe, ainda te dói?”, e eu respondo-lhe que não me dói é só uma impressão. E ele ficou assim um bocado...

Assim, com receio?

Sim. Pois.

Não sei até que ponto é que ele tem noção de que pode perder a mãe.

Ansiedade Separação

Por acaso nessa altura ele ficou com o pai. Mas ele sentiu este abanão.

Era muito importante que reforçasse o facto de estar tudo bem agora...

E aliás e no dia que voltei do hospital, fiz questão de o ir buscar à escola, para mostrar que estava tudo bem.

Na sua família, lembra-se se eles achavam que o pai era importante na educação de um filho?

Aliás, eu tenho uma relação melhor com o meu pai do que com a minha mãe.

Desde sempre?

Desde sempre.

Não gosta muito da sua mãe?

Gosto, mas ela tem um feitio um bocado autoritário.

Estilo Autoritário

Ela era esquisita mas ele também era uma pessoa muito ocupada. Sempre trabalhou por conta própria e,... mas... aos fins-de-semana estava em casa. Mas eu sabia que podia contar com ele. E tenho uma ligação maior com ele do que...

Prioridades
Profissionais

Costumavam passear?

Sim.

E a sua mãe também ia?

Sim.

O que é que acha que ficou na educação que os seus pais lhe deram?

A minha mãe não consegue mostrar afecto, não consegue mostrar que gosta. Eu chego ao pé do meu pai e dou-lhe um beijinho. Ela nunca nos habituou a isto.

Lar Desequilibrado

Não consegue expressar.

Não consegue expressar. É uma pessoa que não consegue... mas em relação ao Afonso é diferente. Mas em relação a nós...

Não se lembra..

Não.

E o meu pai é diferente. Era uma pessoa mais meiga... Pronto, e eu em relação ao meu filho não tenho nada a ver com a educação que ela me deu.

Ela não utilizava o castigo?

Ui!

Era em demasia?

Era. E a palmada.

O seu pai não lhe batia?

- Lar Desequilibrado *O meu pai só me bateu uma vez. (ri) Mas ela era muito ríspida. Era uma pessoa muito nervosa, e transmitia... se for hoje a dizer diz que não, mas era. Ainda hoje é uma pessoa de trato difícil e eu dou-me melhor com ele do que com ela.*
 As pessoas às vezes acham que os filhos não se apercebem e exageram...
Ela não aceita... não aceita isso. Essas situações..
 Já tentou falar com ela?
Ela é a dona da razão, ela é que sabe!
 O que é que ela fazia?
- Papéis Sociais Diferentes *Era doméstica! Agora tem 76, faz 77. Naquele tempo, as mulheres era raro trabalharem.*
 São daqui de perto?
São de uma aldeia perto. Só vivemos cá em Torres há 16 anos.
 E ainda não teve que ir cuidar dos seus pais?
É assim, cuidar a tempo inteiro não. Mas tenho que lhes dar muito apoio. Ele era uma pessoa super activa e agora tem estado com uma depressão e tem sido complicado. Tem-se isolado muito. E tenho sido eu que tenho andado com ele em médico, exames e tudo.
- Depressão *Ele tem-se relacionado bem com a sua mãe?*
- Lar Desequilibrado *Devido ao feitio dela, ela tem um feitio muito especial... agora ele já faz assim (encolhe os ombros). E então tem sido complicado. Ela sempre foi uma pessoa que ou era doente ou fazia-se doente. Para chamar a atenção. Sempre com depressões e aquelas coisas todas. Às vezes ela estava mesmo doente e nós nem valorizávamos. Porque é natural. Todos os dias havia drama. Ainda hoje chega aqui “ai, não dormi nada, dói-me a ponta do pé, dói-me a ponta do cabelo, etc.” Tem sempre que haver alguma coisa, só assim é que ela está feliz e pronto.*
 Lembra-se de ser assim desde sempre?
Desde sempre.
 Como é que o seu pai lidava com isso?
- Lar Desequilibrado *Nós tentávamos passar à frente. Desde sempre que ela foi assim. Ela já não me pegava ao colo porque não podia pegar-me ao colo. Eu lembro-me disso.*
 Memória muito antiga...
Ela tinha 30 anos quando eu nasci. Aos 37 foi operada à barriga e a partir daí começou a fazer a menopausa e também foi uma altura complicada. Mas de qualquer das maneiras sempre foi assim uma pessoa que não se levantava porque

“ai a minha cabeça, ai a minha perna, ai...” E ele era uma pessoa super activa que saia para trabalhar e fazia obras e...

Alguma vez relacionou o facto de a sua imagem do casal e da família ser um pouco distorcida com o facto de ter casado mais tarde?

Não, não. As situações é que se tornaram...

Casamento Tardio

Era para ter casado mais cedo?

Tive uma relação mas depois acabou. Mas acho que isso não teve influência. Acho que não teve a ver com isso.

Acha que algum tipo de vivência em particular do contexto familiar que tenha marcado a sua personalidade?

É assim, eu acho que hoje sou uma pessoa nervosa, devido a ter vivido certas situações com ela, embora ela não admita. Porque ela era assim, porque tem de ser assim. Mas porquê? Porque tem de ser assim.

Estilo Autoritário

Nunca deu explicação?

Não.

E hoje, com o Afonso, costuma dar-lhe explicações quando ele faz asneiras?

Ralhete Argumentativo

Portanto nós aprendemos com os erros dos outros também não é? Ela às vezes já diz “se ele fosse meu filho já tinha levado não sei mais o quê!”

E isso irrita-a?

Claro!

É tudo à base da força. Eu sinto-os tão pequeninos e indefesos que por vezes não consigo reagir em relação a eles... ou bater-lhes ou castigá-los mais, eles também não fazem por mal... eles têm que aprender. Acho que ganham mais através das palavras.

Ralhete Argumentativo

Acha que tinha ganho mais se houvesse mais conversa?

Muito mais!

Quando é que saiu de casa?

Dependência Parental

Eu sai antes de casar. Ainda estive 4 anos antes de casar, sozinha.

Nunca saiu para estudar?

Não. Não. Porque fui estúpida.

Então?

Palavra! Porque eu concorri a uma escola primária, passei, mas não tive entrada, só havia 75 vagas. Mas nesse ano tinha aberto uma escola em Odivelas, nos bons-

dias, eu fiz exame, ainda estou para responder aos papéis até hoje, nunca mais lá pus os pés.

E porquê?

Ansiedade Separação

Talvez por um bocado de medo, de insegurança, de tudo.

Em arriscar?

Em arriscar.

E arrepende-se hoje?

Talvez. Porque naquele tempo as coisas eram mais fáceis do que são hoje para colocações e não sei quê. Há 20 e tal anos.

Fica o testemunho, para não deixar fazer o Afonso fazer o mesmo.

Exactamente.

Quais acha que são as vantagens da parentalidade tardia?

Paciência

Não sei, talvez termos mais paciência... aaa... tempo não, por acaso eu tenho mais tempo porque estou num part-time mas não tem nada a ver... aaa... de resto não sei. Não sei mais nada.

Não acha que acha mais nenhuma vantagem?

Angústia Morte

Porque... por outro lado era preciso fazer coisas e eu já não me sinto com forças para tal.

Como por exemplo?

Até às vezes para andar com ele ao colo!

(rimos)

Essa seria então das maiores desvantagens?

Sim!

Mais alguma?

Fraca Transmissão Intergeneracional

É não ter apoio da parte dos avós. Há pessoas com 70 anos que ainda são válidas, mas não é o meu caso.

O Afonso gosta de estar com os avós?

Gosta. Com a paterna não tem grande relação, porque ela mora longe.

Qual seria a maior diferença se tivesse tido filhos mais nova?

Acho que não há diferenças.

Se pudesse escolher, teria sido mãe mais nova?

Tarde Outro Filho

Por enquanto está tudo bem, mas até para tentar uma segunda gravidez... já não foi possível. O meu marido até estava esperançado que viessem dois logo.

A sério?

Como foi através de tratamento...

Fertilidade

Pois... Lembra-se de mais alguma coisa ou história que gostasse de contar?

Não...

Entrevista (Notas) nº5**Família Pereira | Barreiro, Setúbal****Fernando (filho), 27 anos****Estudante Engenharia Multimédia****Solteiro****Mãe: 62 anos****Pai: Falecido**

Fernando mostra grande disponibilidade para se encontrar comigo e prefere, sem rodeios, fazê-lo fora de casa, onde se sente mais à vontade para falar de si. Contudo, no dia combinado, esquece-se do compromisso e só aparece depois de lhe ligar. Fernando aparece pouco depois do telefonema, no café perto da sua casa onde combinámos. A sua aparência física dá-nos ideia de um sujeito com cerca de 30 anos, como a falta de algum cabelo e um pouco de peso a mais, contudo, exibindo um vestuário mais apropriado para a faixa dos 20.

Adopção

Fernando explica que não sabe bem o que há-de dizer e escolhe deixar claras as situações que não se relacionam com a parentalidade tardia, mas que são acontecimentos que marcam e dão sentido à sua vida. Partilha, de início que é adoptado e que o seu pai morreu quando este tinha 14 anos – mas que talvez não seja interessante falar sobre isso (como que estabelecendo limites).

Depressão

Antes de explicar ao Fernando no que consistia a investigação, para que pudéssemos assinar o termo de consentimento informado, este ainda adianta que já andou em vários psicólogos. *“Já fui a um psicólogo. A vários! A sério? sim. Em grande parte por causa da minha relação com a minha mãe. E do meu pai.”* Desde a morte do pai, Fernando confessa que a presença de psiquiatras e psicólogos na sua vida deixou de ser uma coisa estranha. Conta, com alguma relutância, que a primeira vez foi a um psiquiatra, tendo sido medicado durante 2 anos. Da segunda vez, também a um psiquiatra, e a abordagem foi semelhante. Fernando só obteve a devida compreensão quando, aos 18 anos, conheceu um psicólogo. Mais tarde, por razões académicas, residiu dois anos em Inglaterra, onde conheceu um outro psicólogo, que, segundo ele, lhe *“ensinou muita coisa”* e quem o ajudou realmente. Quanto ao porquê, Fernando acrescenta *“eu achava que ela não estava lá para mim. Mas eu também não estava lá para ela...”*

Investimento
Cultural/Escolar

Em relação à parentalidade tardia, quando questionado sobre o que sente ser diferente quando se tem pais mais velhos, Fernando não tem dúvidas e explica que é a preocupação que tem com a mãe e com a sua saúde, “*os anos não vão para trás, vão para a frente*”. Fernando tem amigos mais velhos que não têm esse género de preocupações que ele tem de ter porque a mãe é mais velha. Conta episódios em que se zanga com a mãe por esta se recusar a ir ao médico. Segundo este, a mãe quer morrer aos 79 – diz isto várias vezes a brincar, justificando que é uma idade mais que boa e que já não vai cá estar a fazer nada. Isto revolta-o bastante, principalmente quando faz contas e percebe o tempo que falta. Custa-lhe pensar que poderá não ter recursos para ajudar a mãe quando esta precisar, mas neste momento, preocupa-o mais pensar que não tem como sair de casa... quanto ao precisar da mãe mais tarde, sente que esta não é a questão principal, mas sim, o facto de não ter mais família. Fernando sente que desde muito cedo que a mãe foi abandonada pela família e que por isso não tem vontade de reaproximar-se destes.

Ansiedade Filial

Ansiedade Separação

Apesar de reconhecer estas limitações como inerentes à parentalidade tardia, Fernando ressalva que aprendeu a retirar as boas vivências e a guardar experiências de qualidade superior, relacionadas com uma maior maturidade dos pais. Orgulha-se de possuir um conhecimento e sensibilidade para as artes mais profundo do que os seus pares e que isso se deve ao que os pais lhe transmitiram, por serem mais experientes (aos 35 do que aos 20). A única situação em que Fernando sente distância é nas discussões sobre política com a sua mãe. “*A minha mãe não é muito frente, a minha mãe é completamente de esquerda! E eu sou de direita!*” A mãe é de esquerda (“*mas não é comunista!*”) e ele apoia a direita, pelo que nunca conseguem chegar a um consenso. Da mesma maneira, também nunca resolvem quaisquer outras discussões. A discussão de um dia, não passa para o próximo e, assim que passa o dia, está tudo bem, como se nada tivesse acontecido.

Orgulho

Distância e Diferença

Apesar de não haver assuntos *tabu*, e de se poder falar sobre tudo em casa, isto só acontecia com a mãe. “*O meu primeiro preservativo foi a minha mãe que me deu!*” Quando o pai era vivo, Fernando nunca conversava com o este. “*Não tinha uma relação muito próxima com o meu pai. Éramos distantes.*” Considerava-o um ser estranho, falso, que usava uma máscara quando saía à rua (em que era divertido, sociável e adorado) e que a tirava ao chegar a casa, tornando-se no oposto (sentado no sofá a ver televisão, calado como uma múmia). Como não falava, raramente discutia, mas quando o fazia, não havia grande hipótese, pois o pai “*tinha sempre*

Estilo Autoritário

razão”. Não era costume bater-lhe, mas das vezes que aconteceu, era porque estava mesmo furioso e valeu-lhe uma boa tarefa (de cair da cadeira abaixo). O pai era muito diferente da mãe... até porque, a mãe é igual a ela própria. E se Fernando admira isso na maioria das vezes, irrita-se com algumas outras situações. Olívia tem grande dificuldade em pedir ajuda ao filho e espera que ele faça tarefas (domésticas, por exemplo) por ele mesmo e, quando isto não acontece, Olívia faz sozinha e depois queixa-se por tê-lo feito. Fernando queixa-se também de uma invasão de privacidade crescente, que o faz desejar cada vez mais sair de casa. Conta que Olívia chega a fazer-lhe a cama, depois de Fernando a ter feito, pois, segundo ela, não estava bem feita.

Simbiose

Mãe Faz-Tudo

Em relação a ter irmãos, Fernando tem ideia de ter desejado mas nunca foi uma coisa muito intensa, pois desde muito cedo que soube que não podia ter. Aos 2 anos soube que era adoptado e que por isso dificilmente isso aconteceria outra vez. Por associação livre, Fernando adiciona que foi desejado e planeado e que isso só pode fazer muita diferença.

Timidez

Fernando confessa ter sido muito tímido desde sempre e que isso o acompanha até hoje, apesar de já conseguir disfarçar os aspectos que acha que o denunciam mais, como não conseguir olhar bem para os olhos das pessoas. *“Por isso é que gosto tanto do trabalho que faço. Não envolve pessoas.”*

Dependência Parental

A viagem para Inglaterra foi uma aventura em vários sentidos. O objectivo era tirar o curso de direito, mas desde cedo que este plano se viu comprometido. Fernando confessa que em Inglaterra teve acesso, como nunca tinha tido, a álcool e drogas, e que gastou dinheiro a mais a consumir em excesso. Nesta altura, torna a valorizar o psicólogo inglês por tê-lo reencaminhado. Hoje, Fernando está no 2º ano de um curso superior ligado à área que sempre preferiu, a informática. Enquanto estuda, vai fazendo alguns trabalhos de montagens de computadores, mas ambiciona algo melhor para breve.

Simbiose

A relação com a mãe piorou bastante depois de Fernando ter vindo de Inglaterra. Segundo este, a mãe já tinha planos para a sua viagem, que se relacionavam mais com a realização pessoal da própria, do que propriamente com os interesses do filho. Fernando imagina que Olívia queria muito que ele tivesse aproveitado Inglaterra e que tivesse concluído lá um curso superior, pois este era o sonho dela e da sua juventude.

Em relação ao contacto com avós, Fernando apenas se lembra de um avô, que o ensinou a ensinar sobre as coisas – quando se é religioso, a relação de causa-efeito passa a estar explicada com milagres, mas como este avô era ateu, punha o jovem a pensar sobre a origem das coisas. Hoje, Fernando é “*universalmente agnóstico*”.

Fraca Transmissão
Intergeracional

Ainda tem alguns amigos de infância, um dos quais está nas mesmíssimas condições que Fernando. Conta que era demasiado tímido para ter amigas raparigas, mas que hoje já vai tendo algumas, e até namora há 3 anos. Não frequentou jardim-de-infância, mas teve ama. Entrou na pré-escola com 3 anos e ficou nesse mesmo colégio a fazer o ensino primário. O ensino básico (5º ao 9º) foi “*horrível(!)*”, pois ele sentia-se protegido no colégio e quando passou para a outra escola, isso simplesmente deixou de acontecer. Fernando erra um dos mais baixinhos e gordinhos e estava constantemente a ser alvo de pancadaria e de pequenos furtos. Só no último ano conseguiu dar troco, pela primeira vez, relacionando isso com o facto de estar a expulsar a raiva que sentia pela morte do seu pai. No ensino secundário foi diferente, e para se assegurar disso, no primeiro dia de aulas, foi ele próprio a dar uma sova noutro rapaz que se estava a meter com o seu amigo de infância.

Timidez

Ama

Des-Adaptação
Escolar

Segundo Fernando, os pais têm papéis completamente diferentes na educação dos filhos. Ser pai é muito mais difícil, pois pelo que vê, ser mãe parece ser instintivo, enquanto ser pai, tem de ser aprendido com muito esforço. No seu imaginário, nem no futuro os homens saberão decentemente o que é ser um pai. É por isso que receia muito ser pai, principalmente de raparigas. Apesar de terem papéis distintos, os pais devem sempre partilhar as responsabilidades e tarefas relacionadas com os filhos – e até pensa que foi assim que aconteceu com os seus pais.

Papéis Sociais
Diferentes

Fernando sente que entre si e a sua mãe existe uma relação de muito maior protecção do que de independência, porque ele ainda é muito pouco independente e ela protege-o muito.

Família
SobreProtectora

Dependência
Parental

Entrevista nº 6**Família Pereira | Barreiro, Setúbal****Olívia (mãe), 62 anos****Viúva****Filho: 27 anos****Marido: morreu com anos**

Eu fui mãe aos 34 anos, na minha altura era considerado tardio, hoje já não é. Toda a gente da minha idade já tinha filhos crescidos porque casavam aos 20 e poucos, e portanto, dois anos e pouco depois - já havia alguns com casas e já tinham algumas coisas – tinham, normalmente, filhos.

Comparação
com Pares

Adopção

Eu, com 34 anos, é que adoptei o meu filho. Portanto, eu fui uma mãe de sábado para segunda. É que me telefonaram sábado ao 12h, do Lar de Protecção à Mãe Solteira, e na segunda-feira fui buscar o bebé, que tinha 3 dias, exactamente.

Adaptação Difícil à
Maternidade

Portanto, venho de uma família, em que não havia bebés, portanto, era tudo gente mais velha. Da parte do meu marido, existia, de facto, já filhos, porque os meus cunhados sempre tiveram filhos dentro da idade normal... para aquela altura!

Comparação
com Pares

E portanto, foi quando realmente o meu filho nasceu. É claro que isto para mim foi complicado e foi... como é que eu hei-de explicar isto...? Eu fiquei em casa, sem protecção nenhuma, portanto, de maternidade, na medida em que não havia naquela altura... tive que meter licença sem vencimento e fiquei 3 meses em casa... de maternidade normal... fazendo fraldas, porque não havia descartáveis. Eram fraldas em pano porque quando começaram a aparecer as fraldas de papel eram tão caras, tão caras, tão caras, que eram para ir ao médico e ir para férias. Porque eu tinha um nível de vida, naquela altura, que não era considerado baixo, pelo contrário, era considerado alto. Mas achava que era um desperdício de dinheiro. E porque as fraldas de pano eram mais saudáveis. E então, foi uma fase terrível da minha vida.

Papéis Sociais
Diferentes

Portanto, porque fiquei em casa com um bebé, com os biberões e as fraldas. O meu marido continuou a trabalhar e era uma pessoa que não tinha hora para chegar, embora ao fim-de-semana, sempre ajudava!

Recursos
Económicos

Adaptação Difícil à
Maternidade

Responsabilidades
Parentais Diferentes

(Toca o telefone)

Pronto, foi uma mudança radical de vida, pronto, não há dúvida nenhuma. Estive 10 anos casada, em que saía às horas que me apetecia, viajava sempre com o meu marido... O meu marido tinha imenso trabalho fora para fazer... e eu acompanhava-o! À sexta-feira se quisesse ir directamente do serviço passar o fim-de-semana fora, pois íamos! Não tínhamos qualquer problema sobre isso! Nem de dar satisfações a ninguém!

Funcionamento Individualista

Com que idade é que decidiu ter o filho?

Pronto, a minha vida foi sempre um bocado... complicada. Porque eu estive sempre um problema fisiológico um bocado complicado, porque tinha um mau funcionamento da hipófise. As glândulas foram sempre um bocado tabu. Até hoje. Naquela altura ainda mais. É um bocado hereditário, a minha mãe também esteve 10 anos sem ter filhos, e depois engravidou de mim. Exactamente porque eu tinha este problema, a minha mãe levou-me logo ao ginecologista, tinha eu 15 anos. Em princípio, tinha tudo normal. Mas depois começaram a rarear os períodos. Passava meses sem ter, depois aparecia. Nunca foi assim uma coisa regular. E entretanto, a ginecologista, cá, mandou-me para o professor Neves e Castro. Bom, eu passei por uma série deles! Fiz uma data de inseminações artificiais... fui a precursora das inseminações artificiais! No hospital de Santa Maria, Curry Cabral e, para rematar o bolo com a ginja em cima, estive 6 meses na Inglaterra, em tratamento. Aí é que eu encontrei, através do hospital britânico, que me indicaram aquele médico. Era um novo. Na altura, da minha idade. Com 20 e tal anos. Trinta e pouco! Extraordinário. E que me disse, que o meu problema na altura já seria mais psicológico, do que propriamente físico, que achava que a hipófise já não tinha problema nenhum, e que eu descontraísse. Eu voltei para Portugal e a minha descontração foi realmente inscrever-me na...

Fertilidade

Feminino e Materno

Ficou um pouquinho descontente com a resposta, não?

Não, não fiquei, portanto. Pelo menos não tinha problema algum. E, de facto, isso veio realmente a verificar-se quando adoptei o meu filho. Apareceu a menstruação e nunca me faltou até nove anos depois, até ter engravidado... na pior altura da minha vida... porque tinha um tumor na tiróide. Tinha ido fazer um exame ao IPO em que era preciso tomar um copo com um líquido radioactivo, em que tive que assinar um documento, em que tive de dizer, que não estava nem grávida, nem a amamentar. E como tinha-me faltado já o período, mas o meu médico mandou-me fazer análises, mas deu-me negativo, por duas vezes, eu assinei aquele termo de responsabilidade.

Resumindo e concluindo, eu faço o exame. A minha empregada que estava na minha casa desde que me casei, começa-me a dizer “está muito magra!” Mas magra já eu sou, porque normalmente não tenho barriga, não tenho estômago, não tenho nada! Mas ao fim do dia, estava um pouco de barriga inchada. Mas não me doía a cabeça nem nada. Mas ela tanto me chateou, que fui aqui a uma farmácia, de uma amiga minha e disse-lhe “eu já fiz análises de laboratório e deu-me negativo, mas a minha empregada está farta de me chatear, por isso...!” E eu fiz, uma duas três vezes, e deu positivo! Ela aconselhou-me a marcar uma ecografia, e eu marquei.

Tarde Outro Filho

Não houve um único médico que dissesse para ir para a frente com aquilo, porque não havia ainda aquelas histórias de fazer análises ao líquido amniótico.

Que idade é que tinha na altura?

Tinha 42 anos.

E nenhum médico assumiu ...?

Aborto

Nada! Foi um objector de consciência é que me provocou o parto, portanto.

Mas em relação à maternidade tardia, a única coisa de que eu tenho pena, quer dizer, é que eu sou uma pessoa um bocado para a frente do normal das pessoas.

Idade Real VS Idade Percepcionada

Noto das pessoas da minha idade, convivo com elas, e não tem nada a ver! Porque eu também tenho dores, também tenho reumático, e não sei o quê! Estão sempre a falar do mesmo...

Que idade é que tem hoje?

Idade Real VS Idade Percepcionada

62. Isso até não interessa, mas eu também preciso de deitar conversa fora. Também me faz falta um certo convívio. Mas, de uma maneira geral, eu não tenho nada a ver com aquelas pessoas.

Qual é a sua profissão?

Eu fui relações públicas, montes de anos, portanto, na segurança social. Não cheguei a acabar o meu curso, que era engenharia química, e eu nunca gostei. Sou muito mais para letras do que para ciências.

Angústia de Morte

Mas como eu ia a dizer, a única coisa que eu lamento, é não ser um bocadinho mais nova. Não é uma questão de mentalidade. Acompanho perfeitamente o meu filho, nas músicas que ele gosta, isso não me incomoda nada, nas conversas que temos, nas questões políticas, sobre os americanos... às vezes também temos as nossas coisas, na medida em que ele é escorpião e eu aquário. Mas pronto, não me sinto velha de

Proximidade e Similitude

Idade Real VS Idade Percepcionada

cabeça. Mas gostava de ser mais nova, em idade, para... (bom, nunca se sabe quem vai primeiro, não é?) ...talvez com aquela ideia de poder ainda acompanhar um

<p><i>bocadinho o futuro do meu filho. É a única coisa de que eu tenho pena, porque acho que já não tenho... as pessoas com a idade tornam-se egoístas e comodistas, e eu já estou habituada... gosto muito de pintar, de ler, e assim... gosto muito de sair quando quero e me apetece e, portanto, não me estou a ver em casa a tomar conta de netinhos. Não sou pessoa para isso. Não sou, pronto! Também não chateio ninguém nem avós paternos, nem maternos...</i></p>	Angústia de Morte
<p>Nunca pediu ajuda à família?</p>	Funcionamento Individualista
<p><i>Nunca! Nunca! Até porque os meus pais de início foram sempre contra a adopção. Eu sou filha única. O meu sogro já não existia e a minha sogra vivia um bocadinho afastada de mim. E já havia outros netos, que já existiam, e moravam todos no mesmo prédio. E ela coordenava aquilo tudo! E eu achava aquilo... (abana a cabeça) Até porque eu sou um bocado contra essa história dos avós. Os avós são muito bons, como o pediatra do meu filho dizia, “isto não há nada que chegue a uma boa empregada, em casa, nem muito nova nem muito velha, e que os avós apenas, só de quando em vez, em horas descontraídas, a servir de polícias”! E eu, na verdade, acho que foi a melhor maneira de educar o meu filho.</i></p>	Feminino e Materno
<p>O seu filho dá-se bem com os avós, de um lado e de outro?</p>	Ama/Empregada
<p><i>Eles já não existem. Isso é uma coisa que eu também tenho pena, porque eu também não conheci os meus avós.</i></p>	Frac Transmissão Intergeracional
<p>Então, que idade tinha a sua mãe quando a Olívia nasceu?</p>	
<p><i>A minha mãe casou muito nova. Tinha 18 anos, mas já não tinha nem o pai nem a mãe. E o meu pai a mesma coisa. O casamento dá-se precisamente nesta altura. Ambos eram os mais novos dos irmãos, tendo 20 anos de diferença para os irmãos a seguir. E ficaram sem pais quase na mesma altura, daí o casamento.</i></p>	Representação Negativa Casamento
<p><i>E a minha mãe acabou por me ter aos 28 anos. E eu já não os conheci. Mas tive uma tia-avó, da parte da minha mãe que era uma mulher espantosa. Não sei se a minha avó ou qualquer avô me educaria como aquela criatura! Uma mulher jovem de cabeça, uma mulher que, já naquela altura, conhecia o mundo inteiro, porque não tiveram filhos. E o marido era da marinha mercante. Ela acompanhava-o para todo o lado. Portanto, conheceu o mundo inteiro. E todas as noites vinha para minha casa e passava ali o serão...</i></p>	Funcionamento Individualista
<p>Contava-lhe as histórias das viagens?</p>	Funcionamento Individualista
<p><i>Tudo! Daí eu ter a mania das viagens!</i></p>	

Sei lá, desde o tricô, o presépio, ... o meu pai não acreditava em nada disso! Acreditava no Homem e mais nada! Mas ela, com aquele jeitinho... e ele fazia aquilo por mim e não por acreditar.

E que tipo de conversas é que ele tinha?

Aaa, o meu pai acreditava no Homem. E tinha o nome mais insólito que se podia imaginar. Note-se. O nome próprio era Jesus. Era um bom homem. Note-se que há muitos bons homens no mundo. Mas o meu pai tinha um grande conhecimento da vida, não só através da própria vida em si, era um homem que sabia Esperanto. Era um homem que lidava e falava com N pessoas pelo mundo inteiro, a mesma linguagem. E tinha um Galema que era uma coisa que ele construiu e através daquilo, ele ligava para sintonizar uma série de postos no mundo, com pessoas que falavam o esperanto. Isto deu-lhe realmente um conhecimento, uma endurance...

Identificação
ao Masculino

Uma maior perspectiva, não é? Alargada?

Completamente.

Mas a sua mãe não era assim...

Família Sobre-
Protectora

Não. A minha mãe era conservadora, muito centrada em mim, não sei se no bom, se no mau sentido... porque eu também fui uma miúda muito difícil de criar, sempre com muitas doenças infantis, não comia nada, na altura não havia as vacinas que há hoje.

Ela, provavelmente, achava que você era muito vulnerável, não?

Família Sobre-
Protectora

Muito vulnerável e então tinha um excesso de protecção em relação a mim, que me sufocava, cansava... eu tinha necessidade de espaço!

Não lhe dava espaço?

Muito, muito, muito pouco! E foi de tal maneira, que eu fui para uma escola técnica estudar, depois da 4ª classe. Quando eu devia ter frequentado o liceu cá em Setúbal. E porque eu demoraria a chegar a casa e era muito bonito e não sei quê... acabei por não ir. “Agora, vais estudar para Lisboa, e está o assunto arrumado!” E eu tive que dar o Grito do Ipiranga, porque, na verdade, era assim uma coisa...

Independência
Precoce

E foi para Lisboa...

Sim, porque o contacto com Lisboa, aqui, foi sempre muito intenso. Era o nascer, as compras na Baixa, os médicos... aliás, eu acho que o Barreiro sempre perdeu um bocado devido ao transporte muito directo que sempre teve com Lisboa.

Sempre morou cá?

Eu sempre morei cá. Tive casa arrendada antes de casar, em Lisboa. Mas foi por pouco tempo. Mas acabámos por optar por viver aqui. Vivemos cá. No fim, não via assim tanto os meus pais. Era mesma coisa do que se morasse em Lisboa. Com a vinda do meu filho, entretanto, foi muito interessante a vivência com o meu pai. De tal maneira marcante, até hoje, - ele tinha 8 anos quando o meu pai faleceu -, e foi muito marcante. Porque o meu pai era uma pessoa com muita paciência, gostava muito de conversar. E não há criança nenhuma que não goste que tenham atenção com ela. E ele realmente era muito próximo. E o meu filho tem muitas lembranças, muito gratas, do meu pai, que o marcaram até hoje.

Independência
Precoce

Fraca Transmissão
Intergeracional

Eu dá-me a ideia de que ele foi um bocado levado pela minha mãe, na altura de eu adoptar. Mas depois aquilo virou logo, assim que viram o bebé e tudo mais! Ficaram cativados. Aquilo foi ultrapassado. Basicamente é isto. O meu filho apareceu numa altura muito complicada da minha vida por causa do acidente do meu marido. Morreu há 13 anos. Saiu às 9h para a fábrica, caiu-lhe um camião em cima, e fiquei com o meu filho com 14 anos, em que ele não tinha família da minha parte, e da parte do meu marido, os irmãos, praticamente... não estávamos realmente muito... e não telefonavam – porque lhes fazia impressão marcarem o número do irmão, e por muito que eu dissesse que para além do irmão, era também da cunhada e do sobrinho, enfim... não apareciam. Como em todas as famílias. E que os amigos, aqueles amigos entre aspas, também desapareceram todos. E eu vi-me com um miúdo de 14 anos, numa idade complicada, com uma perda enorme, em que só me podia fiar numa coisa: em tudo aquilo que o pai lhe dera até à idade dos 14 anos, em conversa, em valores, em tudo! Porque estava quase na idade de começar a sair, e mais que não fosse ir ao clube barreirense beber um café, e que entrasse em casa às 11h da noite. E que eu não poderia nunca ver com quem é que ele andava, ou deixava de andar. Porque o meu marido sempre disse aos sobrinhos, que à sexta-feira à noite ia dar uma volta e ia ver com quem é que eles estavam. E eu não tinha ninguém que me fizesse isso. E então, só podia apostar na cabeça dele. Foi um miúdo... é, é uma pessoa inteligente. Até ao 12º ano. Sempre teve notas fantásticas sem pegar num livro. A partir daí, primeiro quis ir para a Católica. E eu disse: “Queres ir para a católica porquê? Para pareceres um betinho? Candidata-te a uma faculdade normal!”

Isolamento Social

Responsabilidades
Parentais Diferentes

Equilíbrio Escolar

Mas ele queria ir para a Católica porquê?

Desnorteamento
Escolar

Por causa do Direito. Queria ir para a Polícia Judiciária. Porque os cursos de Direito na Católica tinham mais saída, melhor preparação,... Se tinha não sei. Claro que não entrou, porque a gente não meteu cunha àquela padrelhada toda, e eu disse “não contes comigo, porque eu não vou pôr cunha nenhuma! Portanto, não vais entrar!” Depois ainda estive na estatal. Depois foi para Inglaterra, também em Direito. Tirou dois, faltava um. Depois já não era aquilo, voltou para Portugal. Inscreveu-se no exército, para tirar Psicologia Criminal. Dois anos, também não acabou. E o ano passado, inscreveu-se na faculdade para tirar informática e aquela coisa multimédia...

Porque é que acha que ele demorou tanto tempo a encontrar um caminho?

Eu penso que o meu filho perdeu-se um bocado quando foi da altura do pai.

Portanto, ele teve um bom apoio psicológico, mas eu acho que falhei nessa altura.

Recursos
Económicos
Papéis Sociais
Diferentes

Porque eu tive uma noção de insegurança total. Desapareceram os amigos, desapareceu a família... antes disso desapareceu o meu marido, que era a pedra basilar desta casa a nível económico. E eu já estava reformada. Fui reformada em Março de 95 e o pai morreu em Maio de 95. E eu penso que nessa altura não consegui muito bem chegar a ele. Não é fácil explicar essa situação de perda assim de um momento para o outro e...

A própria Olívia precisava de espaço para compreender, quanto mais... depois ser capaz de...

De qualquer maneira culpo-me a mim. Eu culpo-me, eu culpo-me. Eu como adulta, devia ter tido outra postura. Portanto, devia se calhar... eu nunca vi o meu filho chorar. Eu sei que ele chorou, mas eu nunca vi. E ele não suportava sequer que eu chorasse. E eu acho que chorar faz falta. E... e se eu sei, ele tinha ido pela orelha à capela, onde o pai estava. E ele não quis ir e não foi. Portanto, tudo isso, aaa, ele entrou em negação. Ele não reage como eu. Tenho tido situações fortíssimas na minha vida e normalmente eu sou, naquela altura, eu sou de uma frieza de raciocínio espantosa. Depois caio.

Quando o meu marido morreu, perto da fábrica, em Vendas Novas, eu nesse dia tinha ido com o Fernando, para Lisboa, fazer uns testes de orientação profissional. Era dirigido por um psicólogo e um enfermeiro. Cheguei a casa por volta da 1h da tarde e toca o telefone. Disse ao Fernando “vai lá atender, pode ser o teu pai.” O miúdo vem e disse “quem quer que seja, ligou e desligou.” Mas houve ali qualquer coisa, logo, e senti-me mal. Daí a pouco tocam-me à campainha, e eu disse

“Mau...!” Quando eu vou perguntar quem é, era a secretária e um outro engenheiro que trabalhava lá na fábrica. E eu não sei o tempo que demorou a chegar o elevador, foi assim uma coisa...! Quando eles entraram, não foi preciso dizer mais nada. O acidente tinha sido às 10h da manhã e eles tentaram entrar em contacto comigo – mas eu tinha ido para Lisboa nessa manhã. Não havia telemóveis nessa altura – graças a Deus – e então... acabei por ir para Vendas Novas.

(...)

E hoje não percebe como é que resolveu tudo assim...

Mas isto tem sido tudo assim na minha vida. Quando é preciso assim coisas malucas, a Olívia avança e depois... e pela primeira vez na vida, andei com um anti-depressivo, o Prozac. Porque depois caí de tal maneira, porque tinha tanta coisa para tratar, tanta coisa para mexer,... E foi aí nesta fase que eu acho que faltei um bocado ao meu filho. Porque acho que, tinha cá a Maria João, em casa, mas não era eu, a minha empregada não sou eu, eu é que sou a mãe. Na minha cabeça, o que andava a fazer não era para mim, era para o meu filho. Mas penso que não lhe consegui transmitir isso. Estou convencida que não por conversas que, às vezes, temos.

Depressão

Ele sentiu a sua falta?

Sentiu a minha falta e culpa-me, ainda hoje.

Que sequelas, por assim dizer, é que acha que marcaram, ou que ainda são visíveis, hoje, no seu filho?

Para já, a falta da figura masculina. Um pai faz imensa falta. Quer dizer, se eu quisesse fazer de homem e de mulher, não posso. Sou mulher, não sou homem! Penso que o meu filho teria outra trajectória. Até a nível escolar. Por segurança, que tudo isto vem de insegurança... que ele foi adquirindo pela falta do pai.

Responsabilidades
Parentais Diferentes

Quer dizer, nesta altura, para além do Fernando ter perdido o pai, perdeu também um bocado a mãe, não é? Porque se a mãe estava insegura, passava também essa insegurança para o filho... deve ter sido uma altura complicada...

Sim, grandes revoltas, pontapés nas portas! Enfim! Aquelas coisas que eu percebia mas não podia tolerar, não é?

Qual foi o período mais complicado no crescimento do seu filho?

Foi esse.

Pois, a adolescência, por si só é complicada, não é?

- Dependência Parental *Uma adolescência que, inclusive, esticou. Que hoje em dia não é normal. São adultos, mas já são adultos. É uma coisa que vai ter nome futuramente...
Tendem a chamar de uma fase emergente...*
- Investimento Cultural/Escolar *Ah é? Isto é uma... e cada vez estica mais. E o facto de ele ter ido para Inglaterra, eu penso que foi uma boa experiência de vida.
Acha que ele cresceu com essa experiência?*
- Imaturidade Emocional *Cresceu. Cresceu um bocado. E depois regrediu, outra vez. Mas aí faltava-lhe um bocado resolver a parte emocional. Porque ele é um miúdo de paixões. Mas não quer dizer que passe a namoro. Até determinada altura foi assim. Sofria muito com as paixões. Sentava-se ao meu colo e chorava, e eu falava com ele e não sei quê.*
- Proximidade e Similitude *Entretanto, aquilo ia passando, até que... penso até, já dura há 4 anos este namoro. Mas eu acho que eles são completamente diferentes, mas nem sempre as pessoas diferentes se dão pior, ou menos diferentes se dão melhor. Portanto, não me meto nisso. Gosto muito da rapariga, não conheço os familiares, mas, segundo o meu filho, gostam muito dele, mas não tenho, assim, convívio com os familiares. Porque sei que têm uma casa em Pegões, e ao fim-de-semana quando podia proporcionar-se as pessoas encontrar-se, não é possível.
Eu tinha uma família muito grande, da parte do meu pai. O grande problema, como disse... a irmã antes dele tinha mais 20 anos. Para além disso, a outra ainda tinha mais. E casaram muito jovens com militares. Portanto, os meus primos direitos eram futuros candidatos para serem meus pais. Portanto, os filhos deles, por sua vez, é que são da minha idade, mas já é outra geração.
Nunca teve miúdos na família, para brincarem com o seu filho?
Tinha! Da parte da minha cunhada. Íamos de férias... nesse aspecto, a nível de família da parte do pai, os miúdos brincavam com o meu filho. Há um irmão do meu marido que é uma pessoa fantástica. Tem uma mulher horrível. E que transmitiu isto um bocado ao filhos, e esses é que, em determinada altura, foram horríveis com o meu filho. Inclusive, no dia do funeral do pai, meteram-no na rua, lá de casa, por ele ser adoptado e não ser filho.
Eu estava a perguntar isto porque como as suas amigas, como tiveram filhos mais cedo, não se juntavam todos...
Não. Mas é engraçado. Porque ainda há pessoas amigas, que vivem aqui, e que embora um bocadinho mais velhas – porque tiveram, talvez, filhos um bocadinho mais tarde – continuam a ser aqueles amigos que cresceram com o Fernando.*

Conhece mais pessoas na sua situação?

Adopção?

Sim, quer dizer, adopção, e que tiveram o primeiro filho mais tarde.

Não, assim mais tarde não. Mas adopção, conheço.

Costumava sair em família, aos fins-de-semana?

Sim, saíamos. Íamos a casa de pessoas, e tínhamos um grande convívio.

Lembra-se dos passeios com o Fernando?

Ah, sim. A Lisboa, íamos mostrar coisas para o Alentejo, para o Norte, pronto... ía a maior parte do caminho a dormir na parte de trás do carro, e só quando chegava ao sítio, é que via as coisas. Isso fazíamos muito, e gostávamos. E às vezes, até combinávamos com os meus cunhados, até para os miúdos todos irem. A única pessoa assim mais chegada, e que nunca perdeu o meu filho, nem o meu filho a perdeu a ela, foi a Rita. Foi sempre uma ligação muito grande. Porque lá está, a minha cunhada foi sempre uma pessoa muito inconstante, mas muito afectiva. E é a tia que o meu filho mais adora. E ela também transmitiu isso para os filhos. Por isso é que ele ainda se dá tão bem com a Rita. Para o bem e para o mal. Porque ela ouve-o, tenta ouvir o que ele acha. E o que ele acha sobre as pessoas é um RX autêntico. Eu tenho imenso orgulho no meu filho porque é extremamente honesto, é uma pessoa que tem a noção dos valores, é um miúdo que não é de marcas nem de manias. O que lhe interessa realmente são as relações das pessoas, os valores que transmitem, ... É um bocadinho conservador, mas não é muito! (Para eu achar conservador, imagine!) É um bocadinho conservador em relação a mim.

Envolvimento
Social e
Ambiental

Orgulho

Esperava que ele fosse um bocadinho ainda “mais para a frente”?

Esperava! Sim! Mas ele tem coisas de homem velho! Eu às vezes digo-lhe “nem o teu pai fazia essas coisas se fosse vivo!”

Idade Real VS Idade
Percepcionada

Ele era mais apegado a si ou ao pai?

Era mais comigo.

Porque estava mais tempo consigo?

Para já, estava mais tempo comigo. E depois, há sempre aquela história dos pais. Eu era muito permissiva, cá em casa. Se o pai dizia ou o chamava a atenção, às vezes, era um bocado exagerado. Na altura, eu não dizia coisa nenhuma, mas no quarto nós falávamos sobre o assunto. Mas no outro dia, até porque o pai é que o levava à escola, de carro, lá se entendiam. Não sei se hoje o relacionamento deles seria tão bom.

Estilo Permissivo

Acha que eles chocavam um bocado?

O meu marido tinha uma necessidade imensa de se evidenciar. Era um homem presente, mas tinha essa necessidade. Pela lata que tinha, porque era uma pessoa extremamente bem-disposta, era uma casa cheia. Não a minha, mas a dos outros. E não sei se hoje, dada a maneira de ser do meu filho, não haveria ali um choquezinho entre eles. Porque se o meu marido continuasse com aquelas descontrações todas dele, que estou convencido que era nato nele, e de certo, continuaria, se ele achava correcto o excesso de conservadorismo que o Fernando tem.

Superego Severo

O pai e a mãe tinham responsabilidades diferentes na educação do Fernando?

Adopção

Não. Eu penso que nós nesse aspecto... não havia esse tipo de coisas. No entanto, o meu filho quando fez 3 anos, estávamos no dia de ano novo, e ele estava sentado a comer a papa dele quando pergunta “oh mãe, eu quando era bebé estava dentro da tua barriga?” Foi a primeira pergunta que ele fez. E eu pensei “agora vou-lhe responder à letra”, “Não filho, quando eras bebé não estavas na barriga da mãe.” E ele disse “está bem” e continuou a comer... aaa, como era feriado, tive atenção de ver o comportamento dele durante o dia. Se brincava normalmente,... entretanto vieram cá os primos, e teve um comportamento perfeitamente normal. Bom, isto passou, e uma vez na praia, ele virou-se – porque até o meu filho ter uma certa idade nós não saíamos de avião, aos 7 anos – e perguntou “oh mãe, tu é que és a minha mãe, não és?” E isto durou um mês, foi até à exaustão! A partir daí as perguntas começaram a surgir naturalmente, e foram respondidas... e depois deixou de fazer. Com 16 anos pergunta-me “oh mãe, tens aí alguma fotografia da outra senhora?” E eu assim, “qual outra senhora?”, e eu não estava a perceber nada. E eu disse-lhe “tu sabes onde estão as coisas, não?”

Durante esse período, não houve conversas sobre esse assunto?

Não, ele não pôs mais questão. Quer dizer, houve a explicação de como a mãe era, de como as coisas se tinham passado, em relação à mãe dele, que era a mãe biológica, tudo isso já tinha sido explicado. Depois houve um vácuo assim de uns anos, em que não questionou coisíssima nenhuma.

Não falava?

Ele não falava, e eu também não ia falar do assunto uma vez que as coisas já estavam explicadas. Quer dizer, as dúvidas, as questões, eu não ia nunca procurar o meu filho e dizer “olha lá, tens mais dúvidas sobre isto?”, não ia mexer no assunto, porque achei que a coisa estava muito explicada.

Como é que era o Fernando na escola?

Era muito bom aluno. Interagia muito bem com todas as crianças sem quaisquer complexos. Houve uma altura que, mas não foi na primária, foi já para aí no 6º ou 7º ano, tinha um bocado de complexos por ser gordinho.

Timidez

Ele contava aos amigos que era adoptado?

Sim.

Ele andou na creche?

Não, entrou com 3 anos para a infantil. O meu guru sempre disse “Aos 3 anos, rua! Nada de colégios com mais de 5 horas, mesmo que tenha 2 horas para almoço, ou que durmam da parte da tarde!”

Ele gostava quando a Olívia ia à escola?

Bom, quer dizer, eu ia, quando ficava em casa, levá-lo ou buscá-lo. Embora, aquilo tivesse uma carrinha. Na altura, às 6ªs feiras era eu que tinha sempre de ir, porque o pai estava fora, e nem sempre poderia comparecer. E acho que ele gostava. E depois porque os tios acabavam por ir também, porque os primos estudavam no mesmo colégio – mas mais à frente. Era simpático, no fundo, acabava por lá andar a família.

Ele nunca se comparou aos outros miúdos? Nunca perguntou porque é que os pais eram relativamente mais velhos, do que os pais dos outros colegas?

Não. Talvez por ver o pai sempre muito bem-disposto, com uma aparência muito jovem. Pronto, nós nunca funcionámos em função da nossa idade, mas sim da nossa cabeça. E como nos sentíamos. E isso talvez não fizesse ele pensar muito na diferença de idades dos pais dos outros em relação a nós. Nunca foi questão que ele pusesse.

Idade Real VS Idade Percepcionada

Ausência de Distância e Diferença

A distância de idades nunca interferiu na educação?

Nunca senti isso, pelo menos nunca me atirou isso à cara.

Nunca disse, na adolescência, que era demasiado velha para compreendê-lo?

Não!

A Olívia sempre o tentou compreender?

O meu filho nesse aspecto é pessoa para chegar aqui e sentar-se e falar comigo e não falar com a namorada sobre determinadas coisas. E eu digo “mas que raio tenho eu a ver com essas coisas? Fala com a tua namorada!” Porque há que também que cortar, sacudir um bocado, cortar um bocado o cordão umbilical. Mas

- Simbiose *ele diz “oh, mãe, sabes que a Sandra às vezes não me entende muito bem. E há coisas que eu falo contigo, que tu me entendes muito melhor!”*
- Continua a falar muito consigo?
É verdade.
- Sente que havia alguns assuntos tabu e que ele preferia não falar, ou que a Olívia tenha tentado falar com ele, para esclarecer algumas coisas? Ou sempre falaram sobre tudo?
- Simbiose *Tudo, quer dizer, o meu filho anda nu à minha frente, como eu ando nua à frente dele. Portanto, está tudo dito. Cá em casa, sempre funcionou assim.*
- O que é que caracteriza melhor a sua relação com o seu filho, independência ou protecção?
- Dependência Parental *Um pouco das duas. Embora, eu tenha pena de o meu filho não ser um bocado como eu sou, independente. Só que aqui falta também a componente económica. Aqui tem Recursos Económicos *um bocado de peso, porque tem arranjado alguns trabalhos para fazer, mas não dá aquela independência económica que lhe dê para o seu espaço, a sua casa, para eu estar na minha e ele na dele.**
- Mas ele ainda mora aqui consigo?
- Dependência Parental *Ainda mora aqui.*
- Mas não me falou numa casa no Lavradio?
- Independência *A namorada é que tem casa no Lavradio. E depois tem uma casa de família, em Pegões. E isso não lhe dá aquela independência que ele já poderia ter e que eu gostava que tivesse. Porque eu já a tinha na idade dele. Portanto, o seu espaço, para ele fazer o que quisesse e lhe apetecesse, não é? Porque eu sei que isso é muito importante para ele. Sozinho ou acompanhado. E para toda a gente. Acho que se Funcionamento Individualista *vive muito melhor, pensam melhor e decidem melhor.**
- Acha que as pessoas, antes de mais, devem ser independentes e só depois é que se devem relacionar com alguém?
- Não,...*
- Porque uma relação tem sempre uma dose de dependência não é?
- Tem, tem, sempre. Para já. E quer queiramos quer não, tem sempre que se dar explicações. Se sais, “Para onde é que foste? De onde é que vieste?” Eu não faço essas perguntas ao meu filho.*
- Estilo Permissivo *O que é que é diferente na educação que deu ao seu filho, em relação à educação que os seus pais lhe deram a si?*

Em tudo.

Em tudo diferente?

Em tudo, eu acho muito diferente. Eu sempre me senti um peixe fora de água neste país.

O meu pai era ___ e dizia “eu não percebo, ando eu a meter-me em coisas para melhorar a vida desta miúda e ela não se sente bem neste país!” Eu não me sinto bem aqui, ainda hoje não me sinto.

Se pudesse estava onde?

Ai, num sítio com cabeças mais abertas. E a coisa que mais me aflige é a mesquinhez, a tacanhez, o óbvio de “ah, eu não discuto isso, isso é para os políticos!” Estou absolutamente consciente que uma pessoa se sente mais realizada se tiver alguém com quem possa falar.

Não tem amigos mais novos?

Eu gosto bem mais dos amigos mais novos. Os amigos do meu filho são óptimos. Bem, de uma maneira geral. E aí, sou o meu pai tal e qual. E agora eu entendo, à distância, o que eu não entendia. O meu pai chegava cá a casa e dizia-me “tive hoje uma conversa tão interessante” e eu dizia “faço ideia, com gente da tua idade, deve ter sido muito gira!” e ele dizia “lá estás tu! Hás-de chegar lá! Mas por acaso não foi com ninguém da minha idade! Têm os mesmos problemas do que eu. Foi com gente mais nova. Olha, com os filhos desses! Que são da tua idade, e que eu gosto de conversar!”

Idade Real VS Idade
Percepcionada

No outro dia, fui dar comigo a pensar nisto, porque aprende-se muito com gente nova, muito mesmo. É mais interessante. Não sou apologista da geração rasca. Acho que não. Há gente nova com muito valor.

Identificação ao
Masculino

Que idade é que sente que tem de cabeça?

Se calhar, nem tenho a idade da menopausa.

Idade Real VS Idade
Percepcionada

Que tipo de experiências do contexto familiar é que acha que marcaram mais a sua personalidade?

Foi o meu pai, é um grande marco na minha vida.

Identificação ao
Masculino

E a sua mãe, pelo inverso?

Por acaso tenho muita pena de ter sido assim, mas irritava-me!

Não tinha privacidade?

Invadia!

Não dava para ter segredos?

Eu tinha, sabia mantê-los, sabia calar a boca. Porque também o relacionamento não era assim tão aberto, porque a minha mãe não tem o à vontade que eu tenho com o meu filho, não é?

E se tivesse que esconder algo no seu quarto, por exemplo?

Era difícil.

Saberia sempre...

Era. Eu lembro-me de ter um diário, que tinha em casa de uma amiga e estava fechado à chave. Portanto, está a ver...

Era uma pessoa um bocado complicada... talvez se... eu compreendo a minha mãe, ela foi a única irmã filha criada ali a pão-de-ló. Também muito em casa, talvez até a mais submissa das três irmãs. Fazia uma grande diferença de idade delas. Foi quase filha única. E ficou sem pai e mãe no espaço de um mês.

O que é que a sua mãe fazia?

A minha mãe era dona de casa, nunca trabalhou. A minha mãe teve um casamento que eu acho que foi a pior coisa que lhe poderia ter acontecido na vida. O meu pai não era o amor da vida dela. Tive sempre essa sensação. Um bocado estranho e nunca tive ninguém para trocar ideias nesse sentido. Acho que meu pai adorava a minha mãe, mas esse sentimento... não era o mesmo. E isso nós notamos.

Representação
Negativa Casamento

Não gostava assim tanto do seu pai como gostava dos seus princípios e ideias... ela provavelmente ia à igreja, não é?

Não, vivíamos perto da igreja e o padre ia lá jantar todos os dias, mas o meu pai não se convencia. Era tempestade todos os dias!

Os seus pais costumavam discutir?

Não. Era muito raro. Havia uma discussão, uma troca de palavras, uns desencontros.

O seu pai permitia que expressassem as opiniões?

Ah, sim! Nesse aspecto, sim. Se tinha todos os dias o padre lá em casa a discutir com ele, quer dizer! A partir daí...! Às tantas já não conseguiam viver um sem o outro, ele e o padre! Era uma coisa...! Era uma guitarrinha! Devíamos ser os únicos onde ninguém ia à igreja!

E a Olívia, ía à igreja?

Eu ía! Achava piada àquilo! Era giro! E o meu pai também não ligava nenhuma... "queres ir vai!" Mas ele teve uma grande pena quando me baptizaram às escondidas.

Estilo Democrático

Mas como eu ia a dizer, a minha mãe foi para o casamento como alguém com 18 anos pode ser. Porque o meu pai costumava ir almoçar e jantar quando os meus avós eram vivos, porque estes davam-se com os pais dele. Quando os meus avós morreram, a minha tia mais velha ficava de sentinela enquanto ela dava de comer ao namorado, o que era uma situação insustentável. O meu primo passa por lá, um dia, à hora de almoço e diz “você têm que casar hoje”. Porque eles já tinham posto os papéis para se casarem, ainda o meu avô era vivo, e os papéis têm prazo curto, senão teria de se fazer novos. E ele diz “eu já trago aqui tudo e o melhor é formalizarem já a situação”. A minha mãe conforme estava – e o meu pai vem – e casam. Isto é uma coisa dramática para qualquer pessoa. Até para mim é ainda hoje, quer dizer, só de pensar! Acho que a minha mãe nunca se libertou disto. Ela não pode ter sido uma pessoa completamente feliz. Para já, a diferença de ideias, tinha opiniões muito diferentes, mas não tão arrojadas como as do meu pai.

Fica sempre a sensação de não poder escolher, não é? Sabe se ela queria, ou se sempre quis ter filhos?

Representação
Negativa Casamento

Lar Desequilibrado

Não tenho ideia, nunca falámos sobre isso.

E a Olívia, o que achava? Sempre achou que ía ter?

Não, eu achava que nunca ia casar. Queria viver junta, o meu marido dizia que eu era maluca, e eu dizia “o que cair em cima de mim, cai em cima de ti, ninguém tem nada a ver com isso e acho que nos devíamos juntar.”

Funcionamento
Individualista

Chegou a juntar-se?

Não. Ele tanto insistiu que eu tive que casar. Fui de amarelo. Marquei o jantar do meu casamento como um jantar de confraternização de uma firma, num restaurante chinês que era da berra na altura, que era o Dragão d'Ouro, que era na Avenida de Roma. Depois foi até às 5h da manhã...

Representação
Negativa Casamento

Foi uma festa!

E pronto, foi assim.

Estava-me a dizer que nem sempre estive com predisposição para ter filhos.

Fraco Desejo
Parentalidade

Não, porque eu quando comecei a ver que não conseguia engravidar, era uma coisa que me passava um bocado ao lado.

Mas pensava isso em nova, não era? Mas depois...

Se tivesse, tinha, se não tivesse, não tinha. Mas depois com o passar do tempo, havia ali um certo desejo, porque havia ali uma falta, porque éramos só nós os dois, embora nos déssemos bem. Bem e nos complementássemos, muito bem.

Desejo Maternidade
Tardio

Lembra-se de quanto tempo depois de ter casado é que começou a sentir isso?

Não sei, não sei, não posso precisar.

Uns meses, uns anos...?

Foram anos, porque eu não queria casar e ter logo filhos. Aí a partir dos 30.

Que motivação acha que as mulheres que não querem ter filhos têm?

Pode vir da educação ou de vivências com os pais, por exemplo. O que os rodeia, ou a vida, como está. Para adquirir determinados objectivos, pessoais, profissionais, etc. E os filhos por vezes acabam por ser um empecilho, na “mente delas”. Pronto, são valores, é uma questão de educação e uma opção de vida. Sei que, de início, não senti falta. Talvez, porque me senti independente, e finalmente me sentisse bem. O meu marido não era uma pessoa, a qual eu tivesse que lhe telefonar a avisar das coisas. E eu não tinha aquela necessidade de ter mais alguém.

Estava feliz assim?

Estava!

O que também é comum ouvir-se, é que quando se tem o primeiro filho, a mudança é muito maior quando os casais se habituam a estar mais tempo sozinhos, em comparação àqueles que casam e têm logo filhos.

É, é, mas é tão agradável, é tão bom. Mas quando se trata de uma adopção, penso que a responsabilidade é maior, porque eu fui buscar o filho a alguém. Não íamos jantar fora, íamos antes almoçar. Nunca deixei o meu filho em casa de ninguém. Deixei de sair para onde saía, passei a ter férias cá, porque passei a ir para um sítio mais ameno. Até ele ter idade para viajar. Eu tinha deixado de viajar, mas o meu marido continuou, em serviço.

Acha que para ser feminina uma mulher precisa de ter filhos, ou uma coisa não implica a outra?

Não, não tem nada a ver.

Como é que se sentiu quando estava grávida? Em termos de aparência física...

Ah, eu não posso muito dizer isso porque, como eu digo, eu nem notava aquela gravidez de 5 meses. Há pessoas que têm logo um barrigão, eu era uma tábua. Não tinha nada, mas penso que é coisa que não me chatearia muito.

Não?

A alteração do corpo?

Há pouco, no início, estava-me a contar que o Fernando apareceu de sábado para segunda-feira...

Fui mãe de sábado para segunda-feira! Porque a madre telefonou-me, para minha casa a dizer que tinha nascido um bebé muito bonito, blá blá blá. E perguntou “quer menino ou menina?” e eu nem especifiquei. E a madre então diz “ah, então é um rapaz”.

Há quanto tempo já estava à espera? Ou tinha contactado...?

Pouco tempo.

Adaptação Difícil
à Maternidade

Quando pensa que irá ter netos?

Não faço ideia, eu acho que a Sandra tem muita pena de não ter já a vida dela, quer dizer, não propriamente casada, mas viverem juntos. Até porque o meu filho vai fazer 28 e ela fez 30. Porque ela trabalha na santa casa da misericórdia. Tem a vida organizada e o meu filho ainda não tem. Mas ela já sabia que ele não tinha, quando começaram a namorar. Agora não sei, e às vezes...

Dependência
Parental

E a informática é uma área fácil de começar a trabalhar...

Eu penso que sim. Eu tenho um casal, um bom amigo que está nessa área, que poderá dar-lhe uma ajuda.

Alguma vez sentiu que os papéis estivessem invertidos, em relação ao seu filho? Isto é, que ele sentisse necessidade de cuidar da Olívia em algum aspecto... levá-la ao médico, ou assim...?

O meu filho veio herdar do meu marido a hipocondria. E então, se eu estiver com dor-de-cabeça, não posso dizer que me dói a cabeça porque quer logo que eu vá ao hospital e se calhar ir na ambulância. Que era o melhor que eu devia fazer! Só para dar uma ideia, eu fui operada à tiróide, o médico disse que eu era nova e que tinha de tirar a glândula. E o meu marido nunca soube!

Ansiedade Filial

A Olívia nunca lhe disse?

Não, não porque ele começava a ter sintomas também! Quer dizer, e já me bastava a doença! O meu filho não é tanto, mas foi buscar estes aspectos do pai.

Sente que ele se preocupa consigo?

Ansiedade Filial

Ah, muito.

Desde sempre?

Desde sempre. É um miúdo preocupado.

Ansiedade de Separação

Acha que ele sente ou receia que lhe aconteça alguma coisa, à Olívia, mais cedo do que aos pais dos amigos que ele tem?

Sim, sim.

Da mesma maneira como a Olívia já me disse que receia não o acompanhar?

Angústia de Morte *Sim, eu acho que é recíproco, isso. Não fui eu que lhe transmiti isso, penso que não. Eu penso é que já existiu uma perda muito grande, e que ele tem receio que aconteça outra, sendo ele ainda novo. Eu penso que é mais isso. Para além, sem vaidade nenhuma, de saber, que ele gosta muito de mim!*

Ele tem pena de não ter tido mais irmãos?

Nunca falou nisso, não. Eu às vezes é que lhe digo, “a tua mãe biológica se calhar teve mais filhos, és capaz de ter irmãos. Era tão giro tu conheceres!” e ele responde “quero lá eu saber disso!”

Ele está-se a defender?

É. “Quero lá eu saber disso”. E eu digo, não penses que eu me sinto minimizada, ou uma segunda mãe ou assim, porque se quiseres conhecê-la nós tratamos disso, não há problema. “Quero lá eu saber disso”

Não liga muito ao assunto, não é?

Ele no fundo pensa que isto era capaz de mexer comigo. Eu acho que é um bocado por aí.

Para a proteger, não é?

Pois, mas não, ele está enganado. Eu gostava muito que ele soubesse.

Por alguma razão especial, ou...?

Não, eu acho que as pessoas devem ter direito a isso. Até por uma questão de saúde, repare. Eu não tenho nenhum elemento da história familiar do meu filho.

Antecedentes, não é?

Não tenho nada. Até por uma questão, pronto... não é estar a pensar o pior, mas...

Mas ficou sempre com curiosidade?

Se fosse eu tinha, nem que eu fosse sorrateira...

Lá espreitar?

Exacto, para ver como era. Claro que tinha. Acho que era pessoa para ir ver. E tenho dito isto ao Fernando. Mas acho que ele tem medo de me desapontar. E o facto de eu ser viva ainda, o trave.

Superego Severo Há algum outro acontecimento ou história que gostasse de partilhar?

Não, não me recordo de nada. Mas de qualquer das formas tenho aqui um álbum de fotografias para lhe mostrar...

Entrevista (notas) n°7**Família Ribeiro | Barreiro, Setúbal****Mónica (prima), 31 anos****Profissão****Solteira****Mãe: 60 anos****Pai: Falecido**

Mónica tem 31 anos, tem um emprego seguro mas permanece em casa da mãe. O seu pai faleceu quando tinha 17 anos e, sendo esta a única filha desta família, valoriza bastante a relação com a sua mãe. Afirma que esta parece viver em sua função, arrumando, lavando e cozinhando para que ela não tenha que se preocupar com isso quando chega do trabalho.

Dependência
Parental

Mãe Faz-Tudo

Para Mónica, os pais de Alexandra sempre foram excessivamente protectores com ela desde que nasceu, mesmo para com os membros da família. Contudo, atribui à Alexandra uma certa culpa por se acomodar à situação, não só por não fazer nada para mudar o excesso de zelo, mas por chegar a utilizar os pais como desculpa para evitar situações sociais para as quais não se sente segura. Alexandra é, na sua opinião, uma pessoa com uma auto-estima muito baixa que não se consegue relacionar com os outros de forma mais íntima pois não imagina que alguém possa gostar dela, quando nem ela se admira.

Família Sobre-
ProtectoraDependência
Parental

Timidez

Não-Pertença
Sub-Auto-Estima

Descreve momentos de grande cumplicidade de Alexandra com a sua mãe e confessa que tem alguma inveja da sua proximidade, contudo, revela que sempre considerou a sua tia uma mulher manipuladora – levando Alexandra a fazer o que ela quer (ou não quer) a partir de gestos subtis.

Simbiose

Em relação ao que poderá ter de comum com outros jovens filhos de pais mais velhos, Mónica confirma que serão as preocupações com a saúde dos pais. Não é suposto alguém da idade de Alexandra estar a poupar para a sua reforma, contudo, a sua prima fá-lo. Para além desta situação, muitas outras caracterizam o modo de estar de Alexandra e, segundo conta Mónica, esta sente-se constantemente incompreendida pelos pares, por não passarem pelo mesmo e não compreenderem a necessidade de pensar atempadamente nestas coisas. Alexandra tem perfeita noção que os pais irão envelhecer mais cedo do que “era suposto” e por isso prepara-se para

Ansiedade Filial

Comparação
com Pares

Superego Severo
 Ansiedade Separação
 Dependência Parental

isso, dia após dia. Como se estivesse à espera de um dia de chuva, sabendo que um dia iria chover, mas passando todos os dias de sol a lamentar-se e a olhar pela janela, não saindo de casa para não se molhar. Mónica acrescenta que apesar de Alexandra viver em função do dia em que os pais morrerem, ela nunca estará preparada para isso.

Idade Real VS Idade Percepcionada
 Imaturidade Emocional

Talvez por sentir todas estas responsabilidades como suas, Mónica ache que Alexandra cresceu rápido demais. Paradoxalmente, observa a prima a fazer, actualmente, descobertas que caracteriza de típicas para alguém com 16 anos. Alexandra atrasou o seu crescimento e está em constante défice, com experiências por viver.

Dependência Parental
 Superego Severo

Mónica acredita que, esta dificuldade não será só culpa dos pais pois Alexandra recusa-se a sair da sua “zona de conforto”. Os pais são, na sua opinião, bastante “castradores”, impedindo-a, desde cedo, de desfrutar da sua vida, no entanto, Alexandra hoje continua a acomodar-se a essa situação e a justificar-se com os pais. Apesar de os pais de Alexandra serem, ainda hoje, muito «possessivos», esta só sai de casa se receber algum convite e não é capaz de nenhuma iniciativa, imaginando que se a investida partir de outra pessoa, a culpa de admitir que quer sair de ao pé dos pais se dissipasse magicamente. Mónica não percebe porque é que ela se sentirá culpada e até volta atrás, achando a “culpa” um termo exagerado, mas, na verdade, é isto que Alexandra sente.

Isolamento Social

Mónica salvaguarda o facto de a família provir do interior para explicar melhor o isolamento como um factor cultural e, adianta que, na sua opinião, o “gap geracional” entre os próximos pais tardios e os seus filhos poderá ser mais ténue pois esta tendência é mais frequente entre os países desenvolvidos, sendo altamente motivada pela instrução mais prolongada. Contudo, acredita que as futuras gerações – e mesmo as actuais – perdem um pouco na qualidade das relações parentais – pela supremacia de outros factores.

Imaturidade Emocional

Ultimamente, Alexandra tem saído mais com a prima e com os amigos desta – mais velhos – e sente-se fascinada pela variedade de coisas que eles conhecem e que ela gostaria de experimentar. Alexandra não conseguirá envolver-se e deixar-se aproximar de alguém tão cedo, dado que ainda se encontra numa fase emocional de alguma imaturidade. A entrada para a faculdade foi um bom ponto de viragem para que os pais a comesçassem a ver de outra maneira, contudo, ainda há “muito a fazer”.

ANEXO H: Lista de Categorías

Lista de Categorias

Legenda: (1,1) = (número da entrevista, número da página)

1. “Crash” Ideológico (1,1) (1,2) (1,4) (1,10) (1b,2) (2,7) (3,11)
2. Aborto (4,1) (6,3) (6,11)
3. Adaptação Difícil à Maternidade (6,1) (6,18)
4. Adaptação Rápida à Maternidade (3b,2)
5. Adopção (5,1) (6,1) (6,18)
6. Ama/empregada (3,4) (6,4)
7. Ama-Mãe (1,2)
8. Angústia de Morte (2,6) (2,12) (3,12) (4,10) (4,14) (6,3) (6,4) (6,19)
9. Ansiedade de Separação (1,3) (1,5) (1,6) (1,8) (1,9) (1,10) (2,3) (2,4) (2,6) (2,9) (4,4) (4,5) (4,10) (4,14) (6,18) (7,2)
10. Ansiedade Filial (1,8) (2,3) (2,6) (5,2) (6,19) (7,1)
11. Ausência de Castigo (1,5) (2,3) (2,7) (2,8)
12. Ausência de Distância e Diferença (3,11) (6,13)
13. Bebê Chorão (1,7)
14. Bebê Sossegado (3,4) (4,5)
15. Casamento Tardio (1,6) (3,2) (3,3) (4,1) (4,13)
16. Cesariana (1b, 3) (4,2)
17. Comparação “Pedagógica” (1,5) (1b,2) (2,13)
18. Comparação com Pares (1,8) (2,2) (2,3) (2,10) (4,6) (6,1) (7,1)
19. Contestação das Regras Familiares (3,10)
20. Decisão de Adiar (3,2)
21. Dependência Parental (1b,3) (2,6) (3,13) (4,13) (5,4) (6,9) (6,13) (6,18) (7,1) (7,2)
22. Depressão (3,14) (3,15) (4,12) (6,8)
23. Desabafos (3,3) (3,12) (4,6) (4,9) (4,10)
24. Des-Adaptação Escolar (1,3) (4,3) (4,4)
25. Desejar Irmãos (1b,3) (1,7) (3,15) (4,10) (5,3)
26. Desejo de Igualdade Parental (3,7)
27. Desejo de Maternidade Tardio (3,2) (3,13) (6,16) (6,17)
28. Desejo de Mudança (1,6) (1,7) (1,9) (3,8)
29. Desnorteamento Escolar (6,7)
30. Distância e Diferença (1,4) (1,8) (2,2) (2,7) (2,11) (5,2)

31. Educar de Forma Diferente (1,6) (1,8) (2,12)
32. Envolvimento Social e Ambiental (6,10)
33. Equilíbrio Escolar (1,3) (3,7) (3,8) (2,10) (6,6)
34. Estilo Autoritário (1,1) (1,5) (1,8) (1,10) (3,2) (3,3) (3,5) (3,6) (3,13) (3,14) (4,6) (4,11) (4,13) (5,3)
35. Estilo Democrático (3,11) (6,16)
36. Estilo Permissivo (6,10) (6,13) (6,17)
37. Explosão (1,4)
38. Falta de Apoio do Marido (3,4) (3,6) (3,7) (3,8) (4,2) (4,3) (4,5) (4,7) (4,8)
39. Família Sobre-Protectora (1,1) (1,3) (1,2) (1,5) (1,7) (1,10) (2,5) (2,7) (3,3) (3,13) (3b,1) (4,5) (4,6) (4,7) (4,8) (5,4) (6,5) (7,1)
40. Fazer de Forma Diferente (ter mais filhos/mais cedo) (1,6) (1,7) (2,5) (2,11) (3,15)
41. Feminino e Materno (1,6) (2,13) (3,2) (4,3) (6,2) (6,4) (6,18)
42. Fertilidade (4,1) (4,2) (4,15) (6,2)
43. Fraca Transmissão Intergeracional (1b,2) (1b,3) (2,12) (3,3) (3b,2) (4,14) (5,4) (6,4) (6,6)
44. Fraco Desejo de Parentalidade (1,6) (1b,1) (2,5) (2,13) (6,17)
45. Fraco Incentivo Cultural/Escolar (1,2) (1,3) (1,8)
46. Funcionamento Individualista (6,2) (6,4) (6,14) (6,16) (6,17)
47. Gravidez Tranquila (3,3) (3,4) (4,1)
48. Idade Real VS Idade Percepcionada (1,10) (3,1) (3,4) (3,9) (6,3) (6,10) (6,12) (6,14) (6,15) (7,2)
49. Identificação ao Masculino (1,1) (1,2) (1,7) (1,11) (2,4) (2,5) (2,8) (2,9) (2,10) (3,2) (3,3) (3,8) (6,5) (6,14)
50. Imaturidade Emocional (6,9) (7,2) (7,3)
51. Independência (2,5) (2,14) (3b,1)
52. Independência Precoce (3,2) (3,13) (4,5) (4,6) (6,6) (6,13)
53. Introejecção da Disciplina (1,1) (1,5) (1,10) (1b,2) (2,3) (2,8) (2,10)
54. Inversão de Papéis (1,8) (1,9) (2,3) (2,14) (3,12)
55. Investimento Cultural/Escolar (1,2) (1,3) (2,8) (3,14) (5,1) (6,9)
56. Isolamento Social (1,1) (1,2) (6,6) (7,2)
57. Jardim-de-Infância (3,4) (4,3)
58. Lar Desequilibrado (3,2) (3,3) (3,6) (3,14) (4,11) (4,12) (6,16)
59. Mãe Auto-Suficiente (3,3) (3,4) (3,8) (3,13)

60. Mãe Faz-Tudo (1,10) (5,3) (7,1)
61. Marido Como Um Filho (3,14)
62. Morte: “Coping” (1,9) (2,6)
63. Motivação Parental (1,6) (4,2) (6,17)
64. Não-Pertença (1,5) (1,7) (2,1) (7,1)
65. Nascimento do Acaso (1,6) (2,1)
66. Orgulho (2,11) (5,2) (6,10)
67. Pais-Avós (1,3) (1,4) (1b,1) (2,11)
68. Papéis Sociais Diferentes (1,2) (2,2) (3,7) (4,12) (5,4) (6,6) (6,11)
69. Parto Normal (3,4)
70. Prioridades Profissionais (1b,1) (3,14) (3b,1) (3b,2) (4,3) (4,11)
71. Problemas Pós Parto (3,4)
72. Proximidade e Similitude (2,2) (2,5) (3b,1) (6,3) (6,9)
73. Rallete Argumentativo (2,3) (2,7) (3,4) (4,13)
74. Rallete e Castigo (3,11) (4,7)
75. Rallete e Palmada (1,5) (3,5) (4,7)
76. Rallete Silencioso (1,6)
77. Recursos Económicos (3,13) (6,1) (6,7) (6,13)
78. Relação Conjugal Desequilibrada (3,6) (3,7)
79. Repressão (1,4) (1,5)
80. Resistência à Independência (3,10)
81. Responsabilidades Parentais Diferentes (1,9) (1b,1) (1b,3) (3,7) (3,8) (3,14) (4,3) (6,1) (6,6) (6,8)
82. Riscos da Gravidez Tardia (conhecimento) (3,4) (4,2)
83. Riscos da Gravidez Tardia (ignorância) (1,7)
84. Simbiose (1,1) (1,7) (1,9) (1,10) (1b,1) (2,3) (2,8) (2,9) (3,7) (3,10) (4,4) (4,5) (4,6) (4,8) (4,9) (5,3) (6,13) (6,15) (7,1)
85. Sub-Auto-Estima (7,1)
86. SuperEgo Severo (1b,2) (1,6) (2,3) (2,4) (2,8) (2,11) (2,12) (3,5) (3b,1) (6,11) (6,19) (7,2)
87. Tabu (1,1) (1,4) (2,3) (2,4)
88. Tarde Para Outro Filho (3,15) (3b,1) (4,2) (4,14) (6,3)
89. Timidez (1,3) (2,9) (3,5) (3,9) (4,6) (5,3) (5,4) (6,12) (7,1)
90. Vergonha (2,11)

ANEXO I: Questões Suscitadas pelo Modelo Teórico

Questões Suscitadas pelo Modelo Teórico

1. A parentalidade tardia ocorre essencialmente por duas vias: como um “acidente” ou uma “surpresa”, ou de forma planeada, em que houve decisão de adiar (casamento tardio).
2. O adiamento do compromisso (casamento) está relacionado com representações débeis do conceito de família, que transmitem um significado pouco positivo da parentalidade. A relação entre o feminino e o materno parece ser desvalorizada pelas mulheres.
3. Os casos de infertilidade psicológica parecem solidificar a ideia de que existem conflitos internos nas mulheres entre o desejo consciente de ter filhos e o desejo inconsciente de não ter.
4. O apelo à maternidade surge em aproximação à deadline para uma mulher ter filhos, evidenciando a existência de um confronto com a própria morte e o desejo de descendência como a motivação essencial para gerar vida.
5. Os pais tardios tendem a exibir comportamentos sobre-protectores, não só por poder ser esse o modelo parental que possuem, mas também pelo receio de perder o único – ou o último – filho, sabendo que não poderão ter mais.
6. O comportamento sobre-protector promove a dependência parental e o isolamento social, contribuindo, a longo-prazo, para sentimentos de “não-pertença” face a contextos extra-familiares e a situações sociais e relacionais, promovendo, em simultâneo, dificuldades de autonomização dos filhos. As dificuldades de separação serão tanto maiores quanto mais intensa for a simbiose entre o filho e um dos pais – geralmente a mãe.
7. Este sentimento de “desenquadramento” parece estar relacionado com alguns problemas de identidade enfrentados pelos filhos de pais tardios. É visível uma ambivalência entre uma imagem mais adaptada à sua geração ou à geração dos seus pais – tentativa de maior proximidade. Assim como, também existirá uma tendência para a estereotipia, com ausência de características singulares que individualizem o sujeito. há ainda, no caso das raparigas, uma preferência por um estilo mais assexuado – semelhante ao percurso das respectivas mães.

8. A distância e diferença entre gerações parece acentuar-se por volta da adolescência, altura em que se dá um “*crash*” ideológico. Os filhos de pais tardios caracterizam os pais mais velhos como “antigos”, conservadores, impertinentes, exagerados e resistentes em compreender outras perspectivas e, imaginam que os pais mais novos são sujeitos mais flexíveis, tolerantes e “modernos” – tal como eles esperam ser um dia.
9. A fraca estimulação da autonomia dos filhos traduz-se em maiores dificuldades para confiar em ambientes estranhos ao familiar, remetendo a criança sobre-protégida para uma timidez que floresce pela adolescência fora, atrasando a aquisição de competências sociais, emocionais e relacionais. Um certo nível de imaturidade emocional é promovido, levando o sujeito por caminhos de evitamento, gerando um ciclo vicioso de acção-reacção em relação ao isolamento social. O conjunto de tarefas psicossociais que assinalam a passagem para a vida adulta são, também, adiadas, alterando a forma como os jovens perspectivam e planeiam o futuro.
10. Os desabafos dos pais tardios sobre a diferença de idades que os separa dos filhos são introjectados por estes como ameaças de abandono, aumentando a sua permeabilidade à angústia de separação.
11. Para se defenderem da angústia de separação vivida na relação com os pais, os filhos vão construindo um superego severo, auto-punitivo, que não permite quaisquer tentativas de afastamento – i.e. independência – dos pais. O superego severo manifesta-se sob o medo de desiludir, de chatear e de evitar sobrecarregar os pais, expresso num discurso hiper-moralizador e disciplinado.
12. A ansiedade filial manifesta-se desde muito cedo – mesmo quando os pais ainda não precisam de ajuda – obrigando os sujeitos a inverter os papéis e a assumir como suas responsabilidades que outrora foram dos seus pais. A ansiedade filial será tanto maior quanto o nível de dependência parental vivida na relação com os pais.
13. A dificuldade de pensar sobre a aproximação da morte inibe a possibilidade de criar um plano (coping). Quanto maior a dependência parental – e a simbiose vivida com um dos pais (geralmente a mãe) – mais difícil se torna pensar na separação. Paralelamente, os sujeitos que mais o temem, são os que acabam por adiar viver as suas vidas por receio de deixar os pais.
14. Nenhum dos filhos de pais tardios deseja repetir a parentalidade tardia.

ANEXO J: Memorandos

O fenómeno da **Parentalidade Tardia** tem-se explicado sobretudo por duas vias, nomeadamente, a **decisão de adiar a gravidez** e/ou o **casamento tardio** (compreendendo os casos de problemas de infertilidade, adopção, etc.) e nos casos em que o **nascimento não foi planeado** (depois da menopausa, etc.). Tanto na decisão de adiar a gravidez como no casamento tardio pode haver intervenção de tratamentos de fertilidade, uma vez que as mulheres já entraram numa idade em que estão menos férteis. Vários autores da área da psicologia debruçaram-se sobre causas e consequências da **infertilidade** e, não sendo contudo possível afirmar que existe um perfil de personalidade da mulher infértil, tem ocorrido com alguma frequência nos estudos um consenso em relação ao sofrimento psíquico resultante do compromisso entre o desejo inconsciente de ter um filho e desejos conscientes contraditórios (Faria, 1990). A decisão de adiar cruza-se muitas vezes com o casamento tardio, aparecendo como consequência deste novo compromisso, como desejo de vivenciar a vida a dois e desfrutar desta o máximo que for possível. A **feminilidade**, nestes casos, não é indissociável da **maternidade**, e “se o parceiro ou ambiente social exercem pressão no sentido ou contra a assunção deste papel social, se isso vai contra os desejos conscientes ou inconscientes da mulher, gera-se um conflito psíquico que se expressa no sintoma somático da infertilidade” (Leal & Pereira, 2005).

De facto, quando a representação do conceito de família é distorcido, as mulheres tendem a apresentar, também, uma representação débil entre o **feminino e o materno**, justificando as suas opções com a igualdade de direitos, assumindo-se como verdadeiras mulheres, em relação à sua natureza, mas, destacando-se das **mulheres dependentes e submissas** da história. O **desejo de ruptura** com uma experiência em primeiro grau deixa-a, contudo, sem modelo para seguir, colando-se a um género de estereótipo de mulher moderna, com uma aparência assexuada e uma identidade muito próximas da masculina. As mulheres que decidiram adiar a gravidez apostando em si, no lazer, ou na carreira, tendem a associar menos a **feminilidade** à **gravidez**, distinguindo um estado do outro, como independentes, como se uma mulher fosse sempre mulher mesmo que não tivesse filhos – talvez por terem estado perto dessa situação (*deadline*). As mulheres cujo padrão de comportamento conjugal se aproxima muito do da sua família de origem, ou seja, mais perto do “tradicional”, em que a diferenciação dos **papéis sociais** é marcada e optando por um estilo mais antiquado do que o comum para sua geração, têm tendência a considerar que uma mulher se sente mais feminina quando está grávida.

Apesar de os casos poderem ser distintos, crê-se que ambas as parentalidades planeadas partilharam de um **lar desequilibrado**, promovendo em excesso, ou em defeito, a **dependência parental**. Este lar desequilibrado é constituído, em regra, por dois pais que encaixam, ou seja, um **pai autoritário** e uma **mãe submissa** ou o inverso, i.e., uma **mãe autoritária** e um **pai submisso**.

A grande maioria das famílias de origem dos pais tardios – especialmente as oriundas do interior do país – remetem-nos para quadros de **isolamento social**, caracterizado pelo contacto privilegiado com os familiares, em que os pais passam a mensagem de que é aceitável (e um comportamento exemplar), negligenciar o contacto com o exterior, como se se tratasse de algo perigoso, pouco digno, ou censurável. A família é, assim, tida como o elemento prioritário na vida das pessoas e a maior e única rede social de apoio - **família sobre-protectora** -, de modo a que as relações de amizade, bem como as actividades de lazer, só são bem-vistas se praticadas entre a família. O comportamento super-protector em relação aos filhos é marcadamente superior quando as mães dependeram da sua família de origem durante muito tempo e manifestaram dificuldades em se autonomizarem. Segundo Ferreira (2002), particularmente nestes casos, o filho é algo extremamente gratificante e idealizado e irá trazer algumas dificuldades, como o excesso de preocupação com a saúde e a dificuldade de separação.

Os sujeitos tendem a apegar-se mais a um dos pais, levando uma vida inteira de “conflito passivo”. Independentemente da figura parental aliada, e do grau de dependência a que estão sujeitos, a representação da família fica distorcida de tal modo que se torna difícil para os sujeitos desejar repetir a (má) experiência para as suas vidas, resistindo por mais tempo a este compromisso. Segundo ??? (???), embora a continuidade geracional aconteça em grande parte dos casos, muitas vezes os filhos estão conscientes da herança social a que foram expostos e podem não querer reproduzir esse padrão de investimentos dos pais nas suas vidas. A procura de formas distintas de comportamento mostra o **desejo (de mudança)** que os sujeitos possuem de proporcionar aos seus descendentes experiências diferentes daquelas vividas por si na família de origem.

Paradoxalmente, nem tudo parece explicar-se pela contraposição e, de acordo com o que é possível constatar a partir dos dados dos participantes desta investigação, o estilo de **família sobre-protectora** é tendencialmente repetido pelos pais tardios, não só por ser, na maioria dos casos, esse o modelo que possuem das suas famílias de origem,

mas porque, o confronto com a impossibilidade de ter mais filhos agrava o medo de perder o único (ou o último) que têm. Por consequência, uma das características fundamentais que marca a família sobre-protectora é a sobre-preocupação com a saúde dos filhos e com o que lhes poderá acontecer que não esteja dentro do seu controlo, como a morte súbita em bebés até 1 ano. Muitos pais acabam por ter comportamentos desadequados, como passar noites acordados para se certificarem que o bebé respira, ou obrigar a criança a dormir no quarto dos pais até uma idade avançada.

Quando os pais tardios têm uma família de origem muito protectora e não há crianças nesta rede mais próxima, emerge um grande **desejo de ter irmãos**, que não é realizado, uma vez que as mães já não podem ou não querem ter mais filhos, deixando um sentimento de incompreensão e solidão.

Também Bowlby (1984) reforça a existência de uma **família sobre-protectora**, em que domina a incitação da **dependência parental**, na qual um dos pais é dominante (geralmente a mãe), promovendo relações “íntimas e intensas” com os filhos, excluindo, com frequência, muitos dos contactos para além do círculo imediato familiar. Segundo Bowlby (1984), os filhos tendem a ser emocionalmente imaturos e a ter maior probabilidade de sofrer de reacções fóbicas quando experimentam realizar a ambição de se transformarem em membros independentes da sociedade.

O **estilo autoritário** de algumas famílias restringe a comunicação livre e a possibilidade de negociar; existem regras para cumprir sem excepções, num só sentido, dos pais para os filhos. O pai representa a figura de autoridade por excelência, desempenhando, frequentemente, um **papel social** diferente da mãe. Esta, por sua vez, mais **passiva**, mais **submissa**, mas controladora, cuida de todos e de tudo em casa (**mãe faz-tudo**), não havendo lugar para segredos. Muitas das vezes é visível uma relação de **simbiose** entre mãe e filha rapariga, em que não há separação possível e ambas partilham tudo. Antigamente, o castigo habitual era dado a partir de punições físicas. Os pais tardios tendem a referir que este é um comportamento que não pretendem repetir na educação dos seus filhos.

A fraca ligação com outras pessoas para além dos membros da família, leva-nos a crer que os filhos – destes pais extremamente protectores – recebem a aproximação de actividades fora de casa, fomentando, gradualmente, a **dependência parental**. Este estilo de família impenetrável pode ser repetido ou combatido pelos filhos, estando este movimento intimamente relacionado com o nível cultural da família. Tal como nos elucidada ??? (???), a cultura e as relações familiares tornam-se no ponto de partida para a

definição de papéis sociais e para a sua orientação em relação ao trabalho e à parentalidade. O facto de alguns destes princípios e valores terem sido apropriados pelos próprios sujeitos, explica melhor a adesão ao estilo de vida que mantêm no presente (objectivos pessoais, profissionais, relacionais, etc.) e a culpa que sentem em separar-se dos pais, na procura de uma vida um pouco mais autónoma. Para além desta explicação, compreendemos que estamos, actualmente, a testemunhar mudanças sociais e culturais particulares, em que há uma tendência à extensão generalizada da escolarização e, posteriormente, dificuldades de funcionamento do mercado de trabalho em relação ao primeiro emprego. Os jovens tendem a ficar, também por estas razões, até mais tarde na casa dos pais, prolongando a fase da adolescência e, conseqüentemente, adiando um conjunto de tarefas psicossociais que assinalam a transição para a fase adulta (????, ???; Charlton, 2007). O alargamento do período de dependência instrumental e emocional em relação à família de origem tem conseqüências na forma como os jovens perspectivam e planeiam o futuro, nomeadamente no estabelecimento de objectivos a longo-prazo, já que as dimensões da identidade associadas ao desempenho de papéis da vida adulta só são desenvolvidas depois dos 30 anos (???, ???).

Nas **famílias sobre-protectoras**, em que as crianças vivem circunscritas ao contacto familiar e não é desenvolvido o contacto com o exterior, momentos de “socialização”, como a entrada para a escola, são mais provavelmente vividos como uma grande **separação**, com experiência de **angústia e ansiedade**. O **isolamento social** parece explicar a dificuldade de adaptação a um lugar e a um contexto a que a criança nunca foi exposta: um grupo de crianças com a mesma idade e, simultaneamente, uma rotina que não contem nenhum elemento familiar. Os sujeitos reconhecem que os sentimentos negativos associados à entrada na escola se relacionam com a privação de contacto com outras crianças durante a infância e com o facto de terem passado demasiado tempo apenas com a mãe, não interagindo com outras crianças no **Jardim-de-Infância**. Já Bowlby (1984) também mencionava o conceito de *fobia de escola*, quando as crianças de recusavam a ir à escola, com sentimentos de grande angústia, acompanhados de sintomas psicossomáticos (náuseas, dores abdominais, sensação de desmaio, etc.). “*Geralmente, trata-se de crianças bem-comportadas, cheias de angústia e inibidas, em geral, vêm de lares estáveis, não têm experiência de longos ou repetidos afastamentos de casa e têm pais que se preocupam com o seu filho e com a sua recusa*”

de frequentar a escola. As relações entre pais e filhos são estreitas, às vezes sufocantes” (Bowlby, 1984).

A **ansiedade de separação** pode ser visível em filhos de pais tardios, sendo caracterizada essencialmente pelo medo de abandonar e de ser abandonado pelos pais. Em criança, o receio maior é o de ser abandonado e, portanto, a ansiedade concentra-se nos momentos de maior ausência parental ou em alterações da rotina, nas quais os pais não estão envolvidos – como a entrada para a escola. Nos casos de maior dependência, as crianças podem sentir níveis de ansiedade acima do que é esperado para estas situações, com angústia, choro, vômitos, “enervação”, sensação de desamparo e desajustamento. Outros relatam a entrada para a escola como algo “horrível”, como cair de pára-quedas num sítio completamente desconhecido. Fica subentendido um medo comum, que se manifesta de maneiras diferentes – medo de ficar preso na escola, medo de ser maltratado por outras crianças, etc. – mas que convergem na mesma angústia fundamental: a separação. O mais importante no estado de angústia é, precisamente, o medo de estar só (Bowlby, 1984).

Tendencialmente, estas crianças são, também, superdependentes, distinguindo-se das outras da mesma idade por serem menos hábeis na execução de tarefas comuns, recorrendo constantemente ao auxílio materno, podendo demonstrar *vinculação com angústia*. As crianças superdependentes provêm, geralmente, de lares estáveis, onde, contudo, estão sujeitas a mães excessivamente protectoras, que tendem a desencorajar os filhos a aprenderem a fazer as coisas por si mesmos. (Bowlby, 1984).

A **des-adaptação escolar** pode surgir, nestas famílias, como manifestação do sentimento de **não-pertença** – percepção clara de ser diferente dos pares e dificuldade em integrar-se ou sentir-se integrado num contexto que não seja o familiar – caracterizando-se, essencialmente, por uma adaptação resistente e relações escassas e insatisfatórias. Na maioria das vezes, os adolescentes filhos de pais tardios **estereotipam** os seus comportamentos e aparência física como forma de se sentirem mais próximos da sua “geração”, copiando o estilo de roupas e objectos banais das tendências da época, sendo, por vezes, visível, a ausência de características pessoais que individualizam o sujeito. Ainda podemos perceber que, no caso das raparigas há uma tendência para a escolha de um estilo mais assexuado – camuflam as formas femininas, optam por roupas “básicas”, não usam acessórios femininos – quer pela indiferenciação dos sexos, quer pela recusa em assumir uma posição e postura femininas. Muitas destas raparigas têm em comum a preferência por amigos no masculino, desde a infância,

assim como escassos relacionamentos que excedam a amizade e o companheirismo com os sujeitos do sexo oposto. O caminho de identificação sexual percorrido por estas jovens deixa perceber que a imagem maternal não era uma fonte de feminilidade. Muitas das mães confessam ter sido em jovens o que vulgarmente chamamos de “Maria-Rapaz”, manifestando uma clara preferência pelas brincadeiras dos amigos rapazes e, sentindo-se de parte, mais tarde, das suas amigas que fantasiavam com o vestido de noiva e com o enxoval.

Quando os filhos são mais crescidos e se aproxima a necessidade natural de se afastarem dos pais, emergem vários sentimentos relacionados com a culpa, entre os quais a impossibilidade de os poder (conseguir) desiludir. Esta atitude expressa a dificuldade que os jovens geralmente sentem em separar-se dos pais, mas, no caso da parentalidade tardia, agravada pela culpa e receio de abandoná-los. A **repressão** aparece como o modo do comportamento dos filhos com maior dificuldade em comunicar – honestamente – com os pais. Segundo estes, o melhor a fazer é nunca dizer o que se pensa ou sente, quando isso é contrário às ideologias dos nossos pais. Os direitos que os sujeitos suspeitam poder ter não são reivindicados, nem existe espaço para manifestar ideias diferentes das dos pais. Ainda que confessem que acabam por perder com isso, estes indivíduos chegam a evitar confrontar-se com os pais, aceitando tudo só para não entrar em conflito. Os sentimentos de injustiça ou de desvantagem em relação aos pais podem ser pensados mas nunca são partilhados com os pais. Esta repressão não é completamente eficaz e, por vezes, estes indivíduos acabam por “**explodir**” num contexto desadequado, acabando por nunca se chatearem pelas “razões certas”. Para além disto, a culpa invade os sujeitos aquando destes ataques, aos seus olhos injustificáveis e completamente ingratos para os pais. Enquanto algumas crianças se sentem invadidas por uma raiva intensa perante a ameaça de abandono feita pelos pais, outras podem não ousar expressar essa raiva, reprimindo-a, com receio de que os pais executem a ameaça. Na adolescência, o jovem que cresceu aterrorizado pela ameaça de abandono pode vir a queixar-se de medo de algumas coisas (fobia, agorafobia). Ainda mais tarde, na fase adulta, os estados de angústia e depressão podem manifestar-se como consequência destas situações – vínculos super-dependentes - vividas na infância, levando à repetição dos estados de angústia e desespero em situações de separação “planeada” da mãe, ou aquando da sua morte (Bowlby, 1984).

Os pais que protegem os filhos em excesso tendem a promover a **timidez** das crianças, particularmente, nos contextos estranhos aos familiares. O excesso de

preocupação dos pais poderá estar, também, relacionado com desafios persistentes relacionados com problemas de fertilidade enfrentados pelo casal, principalmente quando sofreram abortos durante esse percurso. A **dependência parental** é, também, maior, pelo que o sujeito não se autonomiza o suficiente para confiar e arriscar num ambiente estranho e a **timidez** floresce pela adolescência fora. Em fases adultas, percebemos que estes sujeitos preferiram caminhos profissionais em que o contacto com outros indivíduos é diminuto, sendo a informática um dos exemplos. A “timidez” várias vezes referida pelos jovens relaciona-se com sentimentos de ansiedade e incapacidade face a situações sociais e relações interpessoais (menos frequentes e menos satisfatórias), o que está directamente ligado a níveis baixos de auto-estima.

São visíveis muitas expressões e discursos que reconhecemos em pais de filhos esbanjadores. No entanto, nestas famílias, a castração dos pais é tão forte que o **Superego** dos filhos se encarrega de os punir, mesmo quando estes não cometem erros ou excessos. As regras e limites parecem estar implícitas ao próprio sujeito, já que este justifica as suas acções baseando-se nos mesmos princípios familiares. Estas regras e limites são, na maioria, consideradas como razoáveis e compreendidas na perfeição pelo sujeito, como se houvesse uma **introjecção da disciplina**, tornando-se difícil estabelecer as barreiras entre o que é para eles aceitável ou excessivo. Na prática, isto significa que, mesmo nas famílias cujo estilo predominante não é o autoritário, os sujeitos sentem a **ausência de castigo** como algo extremamente repressor, sendo eles próprios responsabilizados por todos os seus actos, louváveis ou punitivos. A necessidade de uma punição exterior conseguiria atenuar a culpa, pois esta estaria finalmente do lado de fora. A introjecção da disciplina aparece frequentemente ao longo das entrevistas acompanhada de indícios de um **superego severo**, que pune o sujeito pelo que este faz, diz ou pensa, com um discurso hiper-moralizador que seria adequado se fossem eles os pais.

A **severidade do superego** tem estreita relação com a **ansiedade de separação** vivida por alguns filhos de pais tardios. O superego assume-se como um ideal do eu, formado na infância, com base nas **introjecções** dos desejos e fantasias dos pais em relação à criança. O medo de desiludir, de chatear, e de evitar sobrecarregar só são entendidos quando temos medo de perder alguém, caso contrário e, regra geral, todos os filhos exigem a total disponibilidade, atenção e compreensão dos pais.

Os filhos de pais tardios crescem a ouvir **desabafos** dos seus pais em relação à diferença de idades. Podemos interpretar estes **desabafos** como uma estratégia para

assumir esta questão, lidando naturalmente com ela, e dando a conhecer, desde cedo, aos filhos da distância que os separa. Na verdade, quando uma mãe se queixa de ser velhota para carregar o seu filho de 6 anos ao colo para o banho passa essa mensagem, mas é ingénuo pensar que a interpretação da criança não vai para além disto. Quando uma criança ouve a sua mãe rindo com as amigas, comparando a entrada do filho na universidade com a sua entrada para um lar, podemos imaginar o que a criança vai sentir. Os próprios pais compreendem que não serão jovens para sempre, deparando-se com a sua própria **angústia de morte**. Os desabaços dos pais são introjectados pela criança, dilatando a sua **angústia de separação**. A criança passa a estar muito mais sensível às **ameaças de abandono** dos pais. Com o passar do tempo, a ansiedade de separação começa a ser manifestada em preocupações reais com a saúde dos pais, evitando desta maneira que algo lhes aconteça e os possa separar. A **ansiedade filial** será tanto maior quanto o nível de **dependência parental** e **simbiose** vivida na relação com os pais e, também, com os problemas de saúde que, inevitavelmente, começam a ocorrer.

A **inversão dos papéis** acontece quando os filhos assumem como suas tarefas que outrora foram responsabilidade dos seus pais. Ainda que vejam algumas destas tarefas como ordens, os indivíduos conseguem relacionar estas responsabilidades com o facto de os pais estarem a envelhecer. O aspecto mais visível desta inversão é a luta contra os efeitos do tempo e as preocupações constantes com a saúde. A dificuldade de pensar sobre a aproximação da morte inibe a necessidade de criar algum plano (*coping*) para quando isso acontecer, quer nos indivíduos mais dependentes do apoio dos pais, quer nos mais autónomos. Nos indivíduos mais dependentes e no caso de haver **simbiose** na relação com algum dos pais, a separação é praticamente impossível de ser pensada. Nestes casos, as separações são vividas como um abandono gravíssimo, provocando um desamparo tão grande que equivale à dissolução do próprio *Self* – a dependência exacerbada de um espelho familiar faz com que a ausência deste reflexo faça desaparecer, também, o sujeito. Por oposição, alguns sujeitos elaboram uma boa estratégia de *coping* para lidar com a situação de forma “natural”, mostrando capacidade para falar sobre isso e conseguindo ver um futuro “para além” dos pais.

Quando os filhos se referem aos pais mais novos dos seus pares, ou do seu imaginário, geralmente atribuem características que apreciam da sua própria personalidade ou geração, como a flexibilidade, tolerância e “modernidade”. Estes atributos buscam na **similitude** uma possibilidade de maior **proximidade** com os

progenitores tardios, e talvez desta maneira se possa explicar que sejam os mais valorizados, e que vão de encontro ao desejo de atenuar a **distância e diferença** sentida pelo peso das duas gerações de intervalo. Muitos dos pais tardios são recorrentemente caracterizados como “antigos”, conservadores, impertinentes, exagerados e resistentes em compreender outras perspectivas, no entanto, é curioso constatar que, os próprios pais consideram que uma das grandes vantagens da parentalidade tardia é ter mais paciência. Nos casos em que os pais têm actividades que os obrigam a estar constantemente actualizados, a distância não se torna um obstáculo.

A **distância e a diferença** começam a notar-se mais a partir da adolescência, fase em que se dá um “*crash*” **ideológico** entre as duas gerações. Este momento é caracterizado pela des-idealização dos pais e pelo aparecimento dos primeiros conflitos de ideias entre pais e filhos. Quanto mais adaptados à sua faixa etária estiverem, mais distantes estarão da outra geração. A compreensão e a tolerância parecem ser a maior salvaguarda nestas famílias. Os temas mais referidos por pais e filhos como constante tema de conflito são a religião (e a tendência dos pais para que os filhos encarem a actividade religiosa como parte da rotina diária), as tarefas domésticas (as limpezas e arrumações parecem ser vistas pelos filhos como uma “doença de mães”), a atitude economizadora perante a vida (especialmente para as famílias mais fechadas, em que se trabalha para comer, e se guarda, em vez de aproveitar), as regras e limites sobre saídas (é o tema em que há maior distância e incompreensão, mesmo nas famílias mais democráticas), muitos filhos queixam-se ainda das sugestões desadequadas sobre actividades que os seus pais julgavam saber escolher (ténis, hipismo, etc.), e, por fim, os planos em família desenquadrados dos interesses dos filhos (como uma viagem a Fátima). A tendência, no futuro – e tendo em conta as mudanças sociais e culturais a que temos vindo a assistir – é para que a relação entre pais e filhos não se estabeleça com tanta firmeza, já que a distância de idades – por vezes de duas gerações – parece forçar as gerações mais novas a divergir das mais velhas nas crenças, valores e comportamentos, permitindo uma adaptação suficientemente flexível aos desafios que lhes são impostos pelas actuais condições de vida (???, ???).

Apesar de reconhecerem que o pai é importante e até essencial na educação dos seus filhos, os pais tardios tendem a repetir um modelo tradicional de relação conjugal em que a assimetria dos **papéis sociais** é muito acentuada, e que se traduz numa diferenciação das **responsabilidades parentais**. Na maioria das famílias esta diferença é apontada pelas mulheres como em grande parte uma falta de apoio dos maridos, nas

tarefas domésticas, bem como na educação e cuidado do(s) filho(s). Alguns dos casais mostraram desejo de equilibrar a balança das responsabilidades, mas confessam que é muito mais trabalhoso “reformatar” o estilo de vida que mantêm ou alterar horários de trabalho do que continuar como estão. Nas famílias mais antiquadas, são os próprios filhos que pensam em introduzir a ideia de dividir mais as tarefas, mas são completamente boicotados pelos pais, e até ridicularizados por tentarem mudar “*a ordem natural das coisas*”.

Quando questionados sobre a sua vez de formar família, os filhos de pais tardios têm uma opinião consensual: não querem repetir a parentalidade tardia. Apesar de compreenderem os factores que levam os pais a adiarem a parentalidade, consideram injusto para os filhos, assumindo que não será uma opção assim tão vantajosa para os mesmos. As raparigas tendem a idealizar a gravidez por volta dos 28 anos, ou 30 no máximo, e todas elas referem o desejo de ter pelo menos dois filhos. Independentemente do que realmente chegam a concretizar, o simples desejo de **fazer de forma diferente** elucida-nos sobre o **desejo de mudança** em relação à sua própria situação. Muitos gostavam de ter tido pais mais novos - ou irmãos para partilhar o “fardo” de ser um pouco diferente dos pares - apontando como principal problema o facto de não poderem contar por tanto tempo como gostariam com o apoio dos pais já velhotes. Apesar de desejarem fazer de forma diferente, os filhos de pais tardios também possuem uma fraca representação do significado da parentalidade, em prol da carreira, à semelhança dos seus pais.

Nas famílias mais modernas, os pais preservam uma aparência jovem e a **idade real** não coincide com a **idade percebida**. Os sujeitos apercebem-se que se comportam de maneira diferente aos indivíduos da sua idade e reconhecem que talvez por isso os filhos não sintam que eles são mais velhos. Confundir os **pais com os avós** é uma situação que ocasionalmente ocorre nestas famílias, contudo, gera maior problema quando os filhos ainda estão na infância e são demasiado novos para compreender o porquê de isso acontecer. Mais tarde, a situação parece ser pacífica e bem aceite.

Uma das lacunas da parentalidade tardia parece ser a **fraca transmissão intergeracional**, já que os avós ou morrem cedo demais, ou sofrem de doenças que não lhes permitem contribuir para relações recíprocas. Os netos guardam apenas vagas memórias dos avós com quem tiveram a sorte de conviver – muitas das vezes os avós morrem antes de estes nascerem – e, apesar de existir transmissão intergeracional, esta fica-se, geralmente, pela infância, não havendo possibilidade para grandes trocas.

A partir do momento em que os filhos iniciam a inversão de papéis, são desencadeados muitos processos que podemos testemunhar habitualmente em cuidadores de idosos. A ansiedade filial é combatida com medidas de protecção, como a ideia de que é necessário trabalhar para suportar as despesas da casa – principalmente num futuro em que os pais já não conseguirem -, bem como a iniciativa de resolver os “assuntos de casa” e a apropriação de responsabilidades como suas, tais como levar os pais ao médico e assegurar o seu transporte para todo o tipo de “serviços sociais”.

Quando os filhos fantasiam sobre o seu futuro, imaginam-se em contacto diário com os pais, num desejo mágico que a sua presença anule possíveis “acidentes” do envelhecimento normal. Os pais, em paralelo, receiam sobre o futuro envelhecimento, principalmente pela observação das escassas condições em que os idosos vivem na actualidade – e receando que os filhos não tenham condições, devido à fraca autonomia financeira que possuem, para cuidar deles um dia mais tarde.

As actividades em família acabam por ser um pouco sacrificadas em prol das prioridades profissionais – maior parte dos pais investe nas suas carreiras mesmo depois de os filhos tardios nascerem. A carreira faz parte da identidade destes pais e pode ser sentido como um grande perda se a mudança, após o nascimento, for radical e prolongada. Pouco tempo depois do nascimento, o espaço e o tempo dedicados às prioridades de cada progenitor são reconquistadas. A simbiose é mais visível em mães que não tornam a trabalhar depois do nascimento do filho e que optam pela vida doméstica, com a justificação de maior disponibilidade para o filho.